FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.813 — SÁBADO, 30 DE OUTUBRO DE 2021 — R$ 5,00

EUA dão aval a Pfizer em crianças de 5 a 11 anos

A agência americana FDA autorizou a vacina da Pfizer contra a Covid para uso emergencial em crianças de 5 a 11 anos —cerca de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária poderão receber o produto. Se o Centro de Controle e Prevenção de Doenças aprovar, como é esperado, elas poderão começar a ser imunizadas no dia 3. Saúde B5

A pandemia em 29.out

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	74,5%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	53,9%
Dose de reforço	3,8%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 328 ↑ 2,6%*

Em 24h: 379

Total: 607.504

Casos ↑ +6,5%* (desacelerado)

*Variação em relação a 14 dias

ICMS sobre combustíveis será congelado por 90 dias

Medida, tomada ante ameaça de greve de caminhoneiros, visa conter preços

Diante de ameaças de greve de caminhoneiros e pressão de outros setores, o Conselho Nacional de Política Fazendária congelou por 90 dias o valor do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) que incide na venda de combustíveis.

A medida busca manter o preço médio cobrado ao consumidor até 31 de janeiro. Com a alta do petróleo e o anúncio de novo reajuste feito pela Petrobras no último dia 25, a gasolina acumula no ano avanço de 74% nas refinarias, e o diesel, de 65%.

O custo do diesel tem alimentado manifestações da categoria, parte da qual promete uma paralisação dia 1º.

Congelar o ICMS, porém, não freia o aumento de preços, pois o imposto, cobrado pelos estados, é só um dos componentes do valor final.

Para Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infraestrutura, a decisão, resposta política dos estados ao projeto no Congresso de fixar o ICMS e às críticas de Jair Bolsonaro, não conterá preços que oscilam com dólar e petróleo. Mercado A24

Karime Xavier/Folhapress

BRUXAS CONTEMPORÂNEAS QUEREM SUPERAR 500 ANOS DE IMAGEM NEGATIVA

A grã-sacerdotista Evani Carrasco, 63; seguidoras da religião neopagã wicca lutam hoje contra a intolerância e a violência de gênero Cotdidiano B2 e B3

Governo deposita último Bolsa Família com Auxílio incerto

Mercado A22

Ato de Aras após CPI é visto com cautela na PGR

Sob anonimato, subprocuradores-gerais da República dizem que o procedimento preliminar para análise do relatório da CPI da Covid, determinado por Augusto Aras, não é garantia de que está disposto a não se omitir. Poder A4

Morre Geraldo Brindeiro, PGR no governo FHC

Poder A8

Itália vê protesto contra homenagem a Bolsonaro

Prefeitura da cidade de Anguillara Vêneta, que homenageará Bolsonaro, amanheceu com esterco na porta. Ativistas planejam atos para sua chegada. A12

Jovens afegãos reencontram tio no Brasil após fuga e espera

Até receberem o visto brasileiro e chegarem ao Rio, quatro afegãos, de 18 a 24 anos, percorreram 4.000 km de Cabul até a Turquia, escapando de tiros e da prisão pela polícia turca de fronteira e dormindo nas ruas em Ancara. A16

Empreendedor Social anuncia os 12 finalistas da edição 2021

Espaços para cuidar de profissionais da saúde, robótica espacial na escola e plataforma que conecta o comércio na vizinhança estão entre as tecnologias sociais que disputam o prêmio, iniciativa da **Folha** e da Fundação Schwab. B4

CCR arremata Dutra e trecho da Rio-Santos

Em leilão, concessionária CCR renovou sua operação na Dutra (BR-116) por mais 30 anos e administrará trecho de 270 km da BR-101, do Rio a Ubatuba. A28

EDITORIAIS A2

Tolerância zero

Sobre as ações do TSE para conter desinformação.

O burro e o confuso

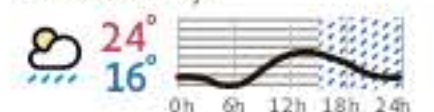
Acerca de embate em torno de recursos para ciência.

Cristina Serra

COP, Bolsonaro e ruína ambiental

O Brasil já foi negociador estratégico em todos os fóruns internacionais. Hoje, se orgulha em ser visto como nanico ambiental e diplomático. Tudo o que Bolsonaro tem a oferecer é pilhagem e florestas reduzidas a cinzas. Opinião A2

ATMOSFERA

São Paulo hoje: 24° / 16°

	Hoje	Amanhã
Rio	18 24	17 26
Brasília	18 30	19 29
Ribeirão	18 32	19 24

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572070 33813

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.
PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)* e Marcelo Machado Gonçalves *(financeiro)*

Marília Marz

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Tolerância zero

TSE promete agir contra mensagens eleitorais enganosas após isentar Bolsonaro por disparos

O Tribunal Superior Eleitoral se comprometeu nesta semana a agir com energia contra todos os que tentarem tumultuar o pleito de 2022 espalhando mentiras nas redes sociais. Antes tarde do que nunca.

Na quinta-feira (28), a corte arquivou as ações que pediam a cassação do presidente Jair Bolsonaro e seu vice, Hamilton Mourão, por causa da disseminação de propaganda enganosa contra seus adversários na campanha de 2018.

Embora tenha sido comprovada a existência de um esquema ilícito para disparar mensagens em benefício de Bolsonaro nas vésperas do segundo turno da eleição, como a **Folha** revelou na época, as provas reunidas foram consideradas insuficientes para cassação.

Ao final do julgamento, o colegiado decidiu que ações desse tipo passarão a ser tratadas como abuso de poder econômico e uso indevido de meios de comunicação. Fixaram-se critérios para avaliar a gravidade dos delitos caso a caso.

As punições dependerão da comprovação da falsidade do conteúdo das mensagens, do seu alcance, do impacto no eleitorado, do envolvimento dos candidatos com sua difusão e da participação de empresas no financiamento da iniciativa.

O ministro Alexandre de Moraes, que assumirá a presidência do TSE no próximo ano, foi enfático: "Se houver repetição do que foi feito em 2018, o registro será cassado, e as pessoas que assim fizerem irão para a cadeia por atentarem contra as eleições e a democracia".

No mesmo dia, o tribunal cassou o mandato do deputado estadual bolsonarista Fernando Francischini (PSL-PR) e o tornou inelegível, por ter divulgado notícias falsas sobre o funcionamento das urnas eletrônicas na campanha de 2018.

É bom que Francischini tenha sido punido, mas é fácil perceber que ele não fez nada muito diferente do que o próprio Bolsonaro fez em julho deste ano, quando atacou as urnas numa de suas infames transmissões semanais na internet —até aqui, impunemente.

Passados três anos desde a revelação dos disparos de mensagens por WhatsApp, o resultado das investigações do TSE não deixa de ser decepcionante. Pistas importantes deixaram de ser seguidas, testemunhas não foram ouvidas e provas valiosas foram ignoradas.

Desprevenido na campanha de 2018, o tribunal parece ter hoje maior compreensão dos riscos que as novas tecnologias criam para o processo eleitoral, mas é preciso também que aperfeiçoe os instrumentos de que dispõe para coibir as práticas ilegais.

Se é bem vinda a disposição da Justiça Eleitoral para deter os que só pensam em sabotar a democracia, é certo também que a força de seu poder dissuasório ainda resta por ser demonstrada.

O burro e o confuso

Bate-boca entre ministros expõe descoordenação no governo e descaso com ciência e tecnologia

Até quem já se acostumou com a incontinência verbal do governo Jair Bolsonaro se espantou ao saber que o ministro da Economia, Paulo Guedes, chamou de burro o da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes, numa reunião com deputados.

A pauta do encontro era a retirada de R$ 600 milhões do orçamento da pasta do astronauta para este ano. Os parlamentares foram a Guedes apelar para que reconstituísse a verba subtraída e ouviram então o ministro criticar o colega.

Pontes é um ministro decorativo, que mais parece orbitar a pasta sem nunca ter nela aterrissado para liderar um setor crucial para o desenvolvimento, sobretudo num governo dado à ignorância.

Em raro rompante na defesa da pesquisa, o ministro disse no início do mês que pensara em se demitir, chateado com a perda dos recursos, mas que a inclinação tinha passado. A ameaça implícita teve parca repercussão. Ainda assim, foi o que bastou para deixar Guedes irritado.

Pontes é irrelevante, mas a comunidade científica tem razão para reclamar. Em 2020, o investimento em ciência e tecnologia foi o menor em 12 anos, segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ligado ao Ministério da Economia.

Em 2013, no pico das verbas do setor, investiram-se R$ 27 bilhões. Em 2020, a cifra retrocedeu para R$ 17 bilhões —isso num ano de pandemia, em que seriam de esperar vultosos dispêndios na pesquisa de vacinas e outras iniciativas.

Pontes, entretanto, preferiu ocupar-se com terrenos na Lua, remédios ineficazes contra a Covid-19 e um spray à base de nióbio para limpar as mãos e combater o coronavírus, que, como todos sabem, se dissemina principalmente pelo ar.

Em agosto, Guedes enviou ao Congresso projeto de lei abrindo crédito suplementar de R$ 690 milhões para o combalido ministério do astronauta, na mesma época em que até a plataforma de currículos acadêmicos Lattes saiu do ar por falta de recursos para manutenção.

Dois meses depois, Economia e Casa Civil decidiram realocar R$ 600 milhões da verba para outras pastas. Segundo Guedes, a medida foi tomada porque Pontes é incompetente e não consegue gastar nem o que seu ministério recebe.

O ministro atacado se defendeu e disse que o colega da Economia talvez esteja confuso, dada a dificuldade para fechar as contas do Orçamento de 2022. Na ausência de diálogo, a investigação científica e tecnológica perdeu mais uma.

Pau no Brasil

Hélio Schwartsman

Espero que o Brasil apanhe bastante na COP26. Não acharei ruim nem se países europeus erguerem barreiras ambientais contra nossos produtos ou se decidirem boicotá-los.

Meu raciocínio é consequencialista. Como brasileiro, tenho interesse em que nossas empresas se saiam bem, o que em tese resulta em mais riqueza para distribuir à população. Mas eu também sou terráqueo e, nessa condição, tenho interesse em que lidemos da melhor forma possível com a emergência climática. O segundo objetivo, creio, prepondera sobre o primeiro. Há muito mais indivíduos (humanos e não humanos) afetados negativamente pelo aquecimento global do que brasileiros beneficiados pelo sucesso do agronegócio.

E o aumento das temperaturas médias no planeta, para o qual o Brasil concorre em boa medida por causa das queimadas e do desmatamento, é só parte do problema. O desflorestamento da Amazônia também afeta o regime de chuvas, em especial nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Menos área verde no Norte significa menos água para os reservatórios e plantações. Alguns cientistas creem que já estejamos perto do ponto em que a savanização da Amazônia se torna irreversível.

Temos, portanto, duas razões vitais para militar em favor da preservação ambiental contra uma, não tão forte, para nos opormos a uma campanha internacional para enquadrar o Brasil. Evidentemente, brios nacionalistas não contam muito no consequencialismo.

E a pressão sobre o país pode trazer resultados? Bolsonaro, é claro, não vai se comover. Ao contrário, como ele é turrão, é possível que vejamos aumentar seu ímpeto antiambientalista. Mas o presidente, dadas suas incompetências, se tornou refém do centrão, o qual é sensível aos interesses do agronegócio. Se os empresários do setor perceberem que vão perder dinheiro pelo fato de o país não ter uma política ambiental decente, há chance de que ela surja. Por isso, pau no Brasil.

helio@uol.com.br

COP, Bolsonaro e ruína ambiental

Cristina Serra

O que o governo brasileiro tem a apresentar na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 26), em Glasgow (Escócia), para conter o aumento da temperatura no planeta? Nada além de um pacote verde de mofo, sem nenhum compromisso com o que deveria ser a nossa maior contribuição: conter o desmatamento.

Bolsonaro empreende uma política de extermínio ambiental que só encontra paralelo em intensidade com o morticínio de brasileiros na pandemia, resultado de conduta igualmente criminosa. Sua guerra contra o meio ambiente é guiada por mentalidade colonizadora, que combina usurpação da terra, assassinato de seus donos originais e destruição de ecossistemas.

O Brasil que chega a Glasgow é um cemitério de defensores da floresta. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) registrou aumento de 61% no assassinato de indígenas, que subiu de 113, em 2019, para 182 em 2020. O maior campo de batalha dessa guerra (mas não o único) é a Amazônia, última e maior fronteira de recursos naturais do planeta. Como proteger esse imenso acervo de informação genética ainda desconhecida pela ciência quando o maior agente da devastação é o presidente?

Bolsonaro enfraqueceu a proteção ambiental, espremeu o orçamento, ameaçou servidores, dificultou a aplicação de multas. Suas ações e seu discurso de estímulo à ilegalidade (como o garimpo em terra indígena) são o combustível mais incendiário da violência contra a floresta e contra quem tenta mantê-la em pé.

As mudanças climáticas são o maior desafio da humanidade neste século depois da pandemia de Covid. O Brasil já foi um negociador estratégico em todos os fóruns internacionais. Hoje, porém, se orgulha em ser visto como nanico ambiental e diplomático. Tudo o que Bolsonaro tem a oferecer é pilhagem, saque e florestas reduzidas a cinzas, porque tudo que floresce —seja gente, seja mata— lhe é estranho. O Brasil de Bolsonaro é ruína de terreno baldio.

Mentiroso até depois de morto

Alvaro Costa e Silva

Não satisfeito em iludir as pessoas em vida, o pastor Huber Rodrigues, de Goiatuba (GO), resolveu que deveria continuar sua missão após a morte. Em 2008, escreveu uma carta afirmando que, quando morresse, ninguém poderia enterrar seu corpo, pois ressuscitaria três dias depois.

"Minha integridade física tem que ser totalmente preservada (...). Meu corpo durante três dias não terá mau cheiro nem se decomporá, pois o próprio Deus terá preparado a minha carne e meu cérebro para passar por essa experiência", dizia a carta.

Huber contraiu Covid e morreu na semana passada. Em conluio com a funerária Paz Universal, a viúva desautorizou o enterro. A cidade viveu em suspense e vigília, como se estivesse dentro de um conto fantástico do goiano José J. Veiga. Até que, na madrugada de terça (26), o caixão do pastor baixou à sepultura aos gritos de "abre, abre". Uma pequena multidão, formada na maioria por fiéis e reforçada por desocupados e gozadores, queria ver se de fato ele estava defunto ou se emanava dele um odor de santidade. O espetáculo, claro, foi filmado e ganhou as redes sociais.

O senador Renan não relacionou essa modalidade —fake news póstuma— no parecer final da CPI. Se o projeto for aprovado, "criar ou divulgar notícia falsa para distorcer, alterar ou corromper gravemente a verdade" passará a ser crime, punido com pena de prisão de seis meses a dois anos. Enquanto isso, num aviso cristalino relacionado às eleições de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral cassou o deputado bolsonarista Fernando Francischini por propagar mentiras sobre a urna eletrônica no dia do pleito de 2018.

Está faltando um. O principal. Não é de hoje que Bolsonaro ataca sem parar as vacinas. O Facebook derruba os vídeos, ameaça suspender a conta, mas a desumanidade continua a circular no abismo das plataformas digitais, igual ao corpo do pastor morto-vivo, fétido e em decomposição.

Gambiarra eleitoreira

Tabata Amaral

Cientista política e astrofísica formada em Harvard, é deputada federal e ativista pela educação. Escreve aos sábados

"O Bolsa Família nada mais é do que um projeto para tirar dinheiro de quem produz e dá-lo a quem se acomoda". "O voto do idiota é comprado com o Bolsa Família". Eis a ironia do destino: o autor de falas tão preconceituosas é quem hoje vê na transferência de renda sua única chance de se manter no poder.

No entanto, ainda que Bolsonaro tenha mudado o discurso após se tornar presidente, suas ações mostram que o desprezo pelo Bolsa Família permanece. O presidente vem trabalhando para desmantelar nossa política social mais eficaz, atropelando no processo o arcabouço fiscal vigente. Tudo isso para viabilizar um programa provisório com motivações puramente eleitoreiras.

A MP 1.061, que cria o Auxílio Brasil, já nasceu com uma série de problemas. A proposta torna a distribuição do recurso desnecessariamente complexa, ao propor outros cinco auxílios e bolsas, com alguns deles comprovadamente ineficazes, como é o caso do Auxílio Criança Cidadã, que nada mais é do que um voucher-creche.

Além disso, a MP não especifica o valor do benefício, apresenta um desenho de difícil operacionalização e ignora o papel fundamental dos municípios. Para receber o Auxílio Rural, por exemplo, o beneficiário precisa doar, em três meses, alimentos para as escolas municipais. Não só a fiscalização e a quantificação disso são inviáveis, como, nesse período de tempo, é impossível produzir muitos dos alimentos.

Por fim, o Auxílio Brasil também não resolve os atuais problemas do Bolsa Família, como a possibilidade de fila e a limitação de cinco beneficiários por família. Não à toa, apresentei 20 emendas ao projeto.

Somam-se a tudo isso as gambiarras que estão sendo feitas na PEC dos Precatórios para custear o novo programa. Precisamos sim rever o teto de gastos para que tenhamos um regime fiscal que nos permita enfrentar momentos de crise como o atual. Um caminho é tratarmos as renúncias fiscais, que, segundo a Unafisco, chegam a R$ 457 bilhões, como despesas primárias, permitindo assim que a sua redução abra espaço para o aumento dos gastos, como propus no PL 1409/2021. Só que essa revisão precisa acontecer de maneira responsável e com um amplo debate, não com remendos sem pé nem cabeça propostos por pura conveniência.

Ampliar o Bolsa Família é um passo urgente, mas o combo Auxílio Brasil e PEC dos Precatórios, da forma como estão, representam um retrocesso. "Nós devemos colocar, se não um ponto final, uma transição a projetos como o Bolsa Família", também disse Bolsonaro, enquanto deputado. Ao que tudo indica, essa é uma das poucas promessas que o presidente pode cumprir se a sociedade não reagir.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A verticalização estimulada pelo Plano Diretor é benéfica para a cidade de São Paulo?

Sim *Selva de prédios e regulação urbana*

Modelo é necessário, desde que contribua para o adensamento da metrópole

Philip Yang
Mestre em administração pública pela Universidade Harvard e fundador do Urbem (Instituto de Urbanismo e Estudos para a Metrópole)

As cidades podem crescer para cima ou para os lados. Ou seja, diante de pressões por crescimento, podem sofrer verticalização ou espraiamento. No município de São Paulo, esse debate vem sendo motivado por duas ordens de questões.

A primeira gira em torno de preferências, legítimas porém particularistas, por lugares menos ou mais aglomerados. Dada a liberdade de escolha, limito-me a registrar, de forma anedótica, que muitos dos oponentes da verticalização e do adensamento são aqueles que admiram, mesmerizados, a beleza de Chicago, conhecida por seus arranha-céus, ou o adensamento de Paris, notória por ostentar um índice de densidade populacional três vezes maior que o de São Paulo e uma paisagem urbana dominada por prédios de seis andares, colados uns aos outros e sem recuo frontal.

A segunda questão tem como motor a pressão do mercado imobiliário, que busca duas mudanças no Plano Diretor Estratégico (PDE) e na lei de zoneamento: 1 - aumentar o tamanho das unidades situadas nos eixos de transporte, limitadas pela regulação conhecida como cota-parte, que visa favorecer a produção de apartamentos menores e induzir o adensamento; e 2 - eliminar o limite de altura nos chamados miolos de bairro.

Se adotadas, as consequências dessas propostas são conhecidas. Nos eixos, o adensamento seria menos intenso, as unidades mais caras e, portanto, menos acessíveis. Nos miolos, a verticalização subverteria a lógica do Plano Diretor do zoneamento ao enfraquecer a desejável hierarquia entre áreas dotadas de infraestrutura e o interior dos bairros, que seriam prejudicados com o impacto do tráfego, da iluminação e ventilação inadequadas e da perda de caráter de vida local.

A verticalização (não necessariamente o adensamento) está acontecendo em lugares com pouca área urbana disponível, como no eixo da Rebouças. Depois da febre do Minha Casa, Minha Vida, que espraiou as cidades, o mercado de capitais agora aloca grande volume de recursos em áreas não periféricas. Novas construções não atendem a demanda de baixa renda, nosso maior problema urbano. Para que e para quem, então, precisamos crescer?

[...]

> Muitos dos oponentes da verticalização e do adensamento são aqueles que admiram, mesmerizados, a beleza de Chicago, conhecida por seus arranha-céus, ou o adensamento de Paris, notória por ostentar um índice de densidade populacional três vezes maior que o de São Paulo

Se queremos evitar o espraiamento e o déficit habitacional, o oportunismo do capital precisa ser moldado pela regulação, dado que a ação livre do mercado acarreta efeitos ambientais e sociais indesejados.

Problemas das cidades são situados numa camada mais profunda do que a da legislação urbana. O capitalismo busca friamente a reprodução do capital. A democracia liberal segue muito mais permeável à captura regulatória pelo mercado do que a pressões da cidadania e do conhecimento científico. Ambos encontram-se em rota de colisão com os interesses maiores da sociedade.

Democracias e capitalismo precisam ser aprimorados por mecanismos que garantam mais transparência, debate, representatividade e por uma regulação de externalidades negativas. Só assim as cidades poderão contar com uma organização espacial que favorece a economia e beneficia a grande maioria da população.

Em 2030, a superfície urbana do planeta deve chegar ao triplo do que era em 2000. Essa expansão cria fricção com mananciais, áreas de preservação e fronteiras agrícolas, além de agravar o risco a espécies em extinção e aumentar o custo ambiental das redes de energia, saneamento e transportes.

Nesse contexto, a verticalização, mais do que desejável, é necessária, desde que contribua para o adensamento da cidade. O Plano Diretor de São Paulo é correto ao estimulá-la, e são nocivas as tentativas de reverter a sua lógica.

Não *Avanço predatório*

Princípio de inclusão social deu lugar à construção de edifícios de alto padrão

Ivan Maglio
Engenheiro civil, doutor em saúde ambiental e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), foi coordenador executivo do Plano Diretor Estratégico (2002) e da Lei de Uso do Solo (2004)

O problema da verticalização estimulada pelo Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014 está na proporção excessiva em que ela foi promovida e pela forma como foram delimitados os chamados Eixos de Transformação da Estruturação Urbana. Trata-se de um zoneamento definido de forma geométrica, sem respeitar a cidade e suas diversidades ambientais, culturais e urbanísticas, e com parâmetros urbanísticos permissivos que valem tanto para lotes de 500 m² como 100 mil m², além da ausência de limites para o gabarito de altura máxima dos edifícios.

Pautada no conceito de adensar e verticalizar a cidade nas áreas de influência das estações de metrô e corredores de ônibus, a delimitação sem planejamento das áreas de influência dos eixos vem causando a demolição gradual da cidade ali existente, levando de roldão um tecido social rico e culturalmente construído, que faz a beleza, a vitalidade econômica e a ambiência de bairros incluídos deliberadamente dentro desses limites.

O princípio de inclusão social estabelecido no PDE —que deveria ser a base das novas edificações para ampliar a oferta de habitação de interesse social e de mercado popular, além de aproximar as populações carentes dos locais de trabalho— foi subvertido para a construção de prédios de alto padrão, que vem promovendo a gentrificação e a expulsão das classes médias que viviam nesses locais.

A implantação automática dos eixos criou múltiplos conflitos urbanísticos e impactos ambientais e de vizinhança no entorno das estações do metrô, especialmente quando há presença de nascentes e córregos, como é o caso da praça das Nascentes, na Pompeia, dos córregos Saracura, na Bela Vista, e do Sapateiro, na Vila Mariana, além de impactos como o assoreamento do córrego das Corujas, na Vila Madalena.

Face a esses estímulos, ocorre a sistemática demolição de vilas para a construção de megaedificações junto a ruas sem saída no entorno das estações, em áreas de alta declividade e com rebaixamento permanente do lençol freático, provocando colapsamento de solo e impactos nos edifícios e sombreamento de parques e áreas verdes, com prejuízos à vegetação —como no caso do Parque da Água Branca.

São pressionados conjuntos arquitetônicos e bens tombados frente a sua inserção em áreas com orientação genérica para adensamento e verticalização. Destaca-se o caso da Chácara das Jabuticabeiras, na Vila Mariana, cujo tombamento está em discussão no Conpresp (conselho municipal de preservação) e foi objeto de reportagem desta **Folha**, que revelou o jogo de interesses que ocorria subjacente à discussão a pretexto de "conciliar" os eixos com a preservação deste relevante patrimônio cultural.

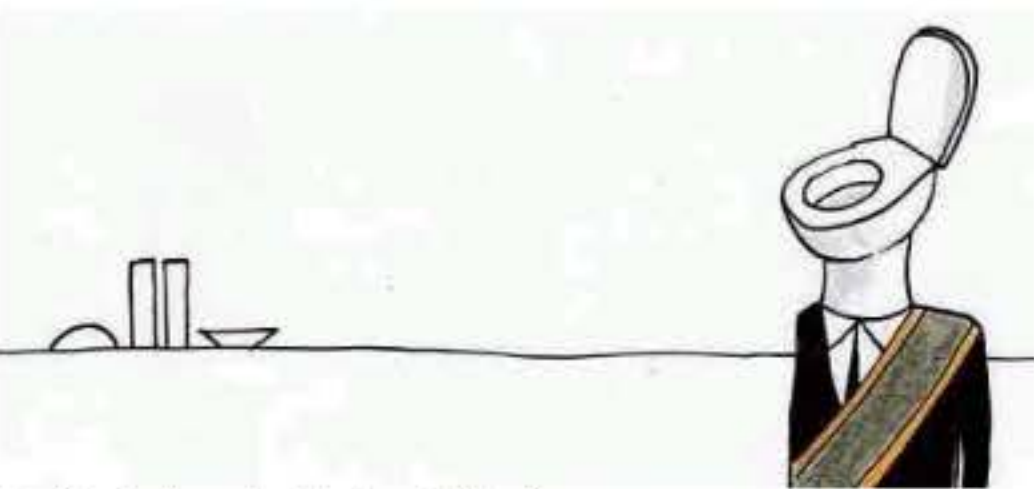
[...]

> A verticalização extremamente permissiva da legislação atual pode ser, à vontade do empreendedor, encontrada em qualquer lugar sem que parâmetros ambientais, de transporte, de qualidade de vida, de sustentabilidade e de preservação de bairros tenham sido previamente estudados

A verticalização extremamente permissiva da legislação atual pode ser, à vontade do empreendedor, encontrada em qualquer lugar da cidade sem que os parâmetros ambientais, de transporte, de qualidade de vida, de sustentabilidade e de preservação de bairros, significativos do patrimônio urbanístico, tenham sido previamente estudados, avaliados e dimensionados na impactada cidade de São Paulo. Felizmente, muitos grupos da sociedade civil, num movimento crescente, vêm resistindo e se mobilizando para alterar esse modelo de urbanismo predatório.

No momento em que escrevo este artigo, recebo a notícia de que o governo municipal e o Conselho de Política Urbana finalmente acolheram o pedido da sociedade civil de adiamento da revisão do Plano Diretor, reconhecendo que não há um diagnóstico consistente dos seus efeitos e resultados, bem como o impacto devastador da pandemia na dinâmica da cidade. Resultado da mobilização da Frente pela Vida, composta por cerca de 500 entidades, da qual participo, para resistir à pressão do mercado imobiliário. Portanto, após um ano de luta, essa é uma vitória retumbante da sociedade civil.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Quadrinho do cartunista Caco Galhardo publicado no caderno Ilustrada em 29.out.2021

Terrivelmente

Parabéns a Caco Galhardo pela charge desta sexta (Opinião, 29/10). Simples, sucinta, inteligente e terrivelmente verdadeira.

Marcos Fortunato de Barros (Americana, SP)

Todo mundo

"'Todo mundo vai jogar pedra' no Bolsonaro, diz Mourão sobre ausência na COP26" (Ambiente, 29/10). Mourão não deixa dúvidas quanto ao caráter do nosso chefe de Estado: um covarde.

Julio Fay (Curitiba, PR)

*

O maior interessado na preservação da Amazônia deveria ser o Brasil e o setor do agronegócio. O racionamento de energia elétrica, as tempestades de poeira, a desertificação do Nordeste.... O pagamento pela preservação da Amazônia virá do consumidor, que preferirá consumir nosso café, nossa carne, nosso açúcar se vir que estamos preservando o ambiente. Além disso, há o softpower, que permitiu que Lula fosse "o cara", que alavancou as exportações e nos trouxe as atuais reservas, que não deixam o país quebrar.

Reinaldo Haas (Florianópolis, SC)

*

Diz o presidente em exercício: "A maioria das pessoas que têm realmente consciência ambiental maior são de esquerda. Então há crítica política embutida nisso aí". Avisem ao digníssimo que o Macron, o Boris Johnson e o Biden são de direita.

Horácio Tostes (Belo Horizonte, MG)

*

Este é o governo que deixou passar uma boiada na frente do futuro do Brasil.

Leonardo Trindade (São Paulo, SP)

Nobre

"Ativistas jogam esterco em prefeitura de cidade da Itália que homenageará Bolsonaro" (Mundo, 29/10). Esterco é material nobre demais para ser desperdiçado com Bolsonaro. Como escreveu o maravilhoso compositor Fabrizio de André, "dos diamantes não nascem nada, do esterco nascem as flores".

Henrique Agreli (São José do Rio Preto, SP)

*

Esse é o cidadão que representa o povo brasileiro.

Oswaldo Casolli Júnior (Campinas, SP)

*

O sujeito vai a quartéis, a programa humorístico, ao programa de TV de Siqueira Júnior... Além disso esse desocupado-presidencial ainda gasta uma fortuna com cartão de crédito. Quem pode achar que um sujeito desses poderia ser um bom presidente? Não vai à COP por quê? Tomara que fique pelo menos em Bangu no futuro.

José Roberto de Oliveira (São Paulo, SP)

Geografia

Sobre a opinião veiculada em "O que aprendi no Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia", de Leandro Narloch, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia entende que aquele evento é o espaço de intercâmbio entre pesquisadores e visa oportunizar a articulação do saber geográfico com enfoque no território brasileiro, defendendo a ciência e o Estado democrático de Direito.

Marco Antônio Mitidiero Júnior, presidente da Anpege (São Paulo, SP)

Imenso Portugal

Adorei a coluna do gerontólogo Alexandre Kalache de 28/10 ("Esta terra ainda vai se tornar um imenso Portugal", Corrida). Até saí cantando, para ver se alguém lá em cima ouve a profecia e nos abençoa com uma Revolução da Longevidade também aqui na "Terra dos Brasis". E não apenas porque faço parte dos 37,7 milhões de idosos hoje vivendo a insegurança de um desgoverno que não está nem aí para os 60+. Mas exatamente porque uma Revolução da Longevidade em nosso país significará que o obscurantismo estará finalmente morto e enterrado. E, então, poderemos festejar.

Andiara Maria (Goiânia, GO)

No Orçamento

Silvio de Almeida, como sempre, nos brinda com mais um texto sensível e inteligente ("Fome de democracia", Poder, 29/10). Concordo inteiramente com ele quando afirma que só existe democracia se o povo é incluído no Orçamento. A partir dessa premissa, fica evidente que foi no governo Lula que o Brasil viveu mais plenamente a democracia, quando a desigualdade declinou significativamente.

Beatriz Telles (São Paulo, SP)

Cidade

Excelente a reportagem de Guilherme Genestreti sobre o bairro de Pinheiros, em São Paulo (Guia Folha, 29/10). Agora o jornal fica nos devendo uma reportagem questionando qual será o futuro das nossas cidades. O mercado imobiliário vai continuar desenhando (e mal) nossos bairros a seu bel-prazer? Lembro que a situação de Pinheiros é a mais grave, mas não a única. O bairro é o exemplo mais paradigmático da explosão de construções de prédios que ocorre em todo o país. Conforme já escreveu Ermínia Maricato, nossas cidades estão sob ataque. É imperativo discutirmos o problema.

Maria Tereza Castillo (São Paulo, SP)

LGBTQIA+

"Parlamentares LGBTQIA+ denunciam Maurício Souza ao Ministério Público de MG" (Mônica Bergamo, 29/10). Sinceramente não vi crime na fala antipática do Maurício; realmente, ele expressou a posição dele. Não ofendeu diretamente nenhum gay, não agrediu fisicamente ninguém e também não incentivou tais atitudes. Mas os patrocinadores têm todo o direito de não querer vincular a marca deles a uma pessoa que tem esse tipo de comportamento.

Arnaldo Nogueira Ferreira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Homofobia e racismo são crimes. Se você não aceita a sociedade contemporânea, cale-se! Como diz Chico Buarque em sua música. Aliás, nos anos 70, tocava na rádio um grande sucesso chamado "Geni e o zepelim". O sucesso passou e nós continuamos nossas vidas, normalmente, em paz.

Paulo Cruz (Belo Horizonte, MG)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (29.OUT., PÁG. B6) O texto "Parque Augusta tem trilhas do século passado e ruínas" grafou incorretamente o nome da socióloga Ana Cláudia Banin.

poder

PAINEL

Camila Mattoso
painel@grupofolha.com.br

Cabo de guerra

Prefeitos e governadores travam uma batalha nos bastidores e tentam pressionar parlamentares a votar em direções contrárias na PEC (proposta de emenda à Constituição) dos precatórios, que tramita na Câmara. Com interesses antagônicos por causa de dois trechos específicos do texto, eles têm ligado para deputados federais de seus partidos e estados e pedido ajuda. Prefeitos têm solicitado votos pela aprovação da proposta, enquanto os governadores falam contra ela.

ARGUMENTOS Governadores reclamam que não receberão tudo a que tem direito porque a proposta estabelece limite de pagamento de precatórios. Já os prefeitos querem que seja aprovada a proposta, na qual foi incluída a renegociação das dívidas dos municípios com a União.

POP A PEC está no centro das atenções no momento porque promove um drible no teto de gastos e abre espaço no Orçamento para o Auxílio Brasil de R$ 400. Cálculos de líderes governistas são divergentes e variam de 220 a pouco mais de 300 votos. São necessários 308 para aprovar a proposta.

PREVISÕES A expectativa é a de que a PEC seja votada no dia 3 de novembro, na semana que vem.

PONTAPÉ... O MDB iniciou nesta sexta-feira (29) o lançamento do nome da senadora Simone Tebet (MDB-MS) como pré-candidata à presidência da República pelo partido.

...INICIAL A sigla decidiu esperar o fim da CPI da Covid para colocar na rua o nome da parlamentar e assim evitar acusações de que ela estaria usando a comissão como palco para se lançar na disputa pelo Planalto.

CARIMBO O presidente do MDB, Baleia Rossi (SP), diz a aliados ter conseguido construir união interna em torno do nome da senadora. Ainda assim, o deputado quer buscar a assinatura de 20 dos 27 diretórios regionais da sigla antes do ato de lançamento oficial do nome de Simone.

AJUDA AÍ Representantes sindicais dos servidores do Tribunal de Contas da União têm procurado ministros da corte para convencê-los a elaborar projeto de lei para que consigam um aumento de seus salários para repor a inflação.

ZERO Os ministros têm respondido que não há chance de sequer iniciar a discussão do tema enquanto houver teto de gastos.

VISTORIA A gestão Ricardo Nunes (MDB) passará a exigir a apresentação de documentação que comprove vacinação contra a Covid-19 antes da nomeação de funcionários para a Prefeitura de São Paulo.

CRITÉRIOS O Comap (Conselho Municipal de Administração Pública), responsável por aprovar ou reprovar as nomeações para cargos da prefeitura a partir da análise de documentação, deverá incluir entre as suas atribuições a checagem do "passaporte da vacina".

FORA Como mostrou o Painel, a prefeitura começou o processo de exoneração de funcionários comissionados que não se vacinaram contra a Covid-19. Servidores públicos concursados serão alvos de processos administrativos.

RECUO O governo João Doria (PSDB) decidiu revogar portaria publicada em 15 de outubro que limitava o uso de bicicletas nas estradas de SP. Como revelou o blog Ciclocosmo, da **Folha**, a instrução proibia comboios de ciclistas de circularem nas rodovias estaduais sem prévia autorização e pagamento de taxa.

DETALHE O documento estabelecia que poderiam fazer uso de estradas e rodovias apenas aqueles que utilizam bicicletas como meio de transporte, e não os que praticam ciclismo como esporte. Pressionada por cicloativistas críticos à possibilidade de que a portaria restringisse atividades de pequenos grupos, a gestão estadual decidiu revogá-la.

INVESTIGAÇÃO A Bancada Feminista, mandato coletivo do PSOL na Câmara Municipal de SP, denunciou Fernando Holiday (Novo) à CPI da Transfobia.

ATAQUE A representação afirma que o vereador compartilhou nas redes sociais um vídeo em que seu assessor, Lucas Pavanato, refere-se a mulheres trans como homens e as associa ao estupro de mulheres. A CPI é presidida por Erika Hilton, também do PSOL.

TIROTEIO

> Paulo Guedes está para a economia assim como Olavo de Carvalho está para a filosofia

De Marcelo Ramos (PL-AM), deputado federal, insinuando que o ministro da Economia está com baixa credibilidade na área

com Guilherme Seto e Julia Chaib

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 742,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 935,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.180,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.269,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.581,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

Subprocuradores veem com cautela 1º passo de Aras sobre relatório da CPI

Segundo eles, procedimento determinado pelo procurador-geral é um ato de organização e não indica se Procuradoria será omissa

O procurador-geral da República, Augusto Aras, durante sua sabatina no Senado Jefferson Rudy - 24.ago.21/Agência Senado

Vinicius Sassine

BRASÍLIA A abertura de um procedimento preliminar para análise dos documentos da CPI da Covid, determinada pelo procurador-geral da República, Augusto Aras, foi apenas um ato de organização dos trabalhos, sem diligências de investigação e sem o significado de que o chefe da PGR (Procuradoria-Geral da República) está disposto a não ser omisso diante do relatório.

Essa é a impressão de subprocuradores-gerais da República ouvidos pela **Folha** sob a condição de anonimato.

Para um desses subprocuradores, a omissão ou não de Aras em relação ao presidente poderá ser medida de verdade quando ele se posicionar em três situações: possibilidade de desarquivamento de representações que acusam Bolsonaro de crimes na pandemia; consideração sobre inclusão de provas de prevaricação no caso Covaxin, objeto de inquérito já em curso no STF (Supremo Tribunal Federal); e aprofundamento de investigações sobre o líder do governo na Câmara, deputado Ricardo Barros (PP-PR).

O procurador-geral determinou a instauração de uma notícia de fato —procedimento que antecede a abertura de um inquérito— na noite de quinta-feira (28). Foi o primeiro ato formal que se tem conhecimento desde o recebimento do relatório da CPI.

O instrumento foi usado para viabilizar a entrada dos documentos, em especial os sigilosos, no sistema da PGR.

Aras foi um pouco além das medidas burocráticas, ao determinar um mapeamento de procedimentos de investigação existentes em relação às 13 autoridades com foro especial listadas no relatório, Bolsonaro entre elas.

O procurador-geral, ao contrário do que integrantes da CPI vêm sustentando, não tem um prazo fixo para informar as providências adotadas diante do relatório final.

Senadores afirmam que esse prazo é de 30 dias, conforme previsto em lei de 2000 que estabelece prioridade nos procedimentos a serem adotados pelo Ministério Público a partir da conclusão de uma CPI.

O STF, porém, julgou em junho uma ação direta de inconstitucionalidade —proposta pela PGR em 2015— e considerou inconstitucional o prazo de 30 dias, previsto na lei, para que o chefe do Ministério Público da União informe as providências adotadas diante do encaminhamento do relatório de uma CPI.

Os ministros do STF também consideraram inconstitucional a necessidade de informar a "justificativa pela omissão", caso medidas não tenham sido adotadas.

Para subprocuradores ouvidos pela reportagem, prazos do tipo não são definitivos nem se impõem para manifestações processuais. O entendimento é que as investigações serão complexas, exigirão análise e confirmação de provas e vão demandar prazos mais largos.

O meio mais tradicional que poderia ser usado por Aras é instauração de inquéritos, a partir de autorizações do STF. Isto garantiria a supervisão de um ministro, um ato importante por envolver o presidente da República.

O procurador-geral, porém, é adepto do método de abertura de procedimentos preliminares, as notícias de fato, cujos desdobramentos ficam ocultos —não há transparência sobre arquivamentos, eventuais diligências e a extensão desses procedimentos.

Uma notícia de fato não é necessariamente uma investigação, mas um instrumento para que se adotem providências sobre a apuração.

Mesmo assim, o fato de Aras ter instaurado uma notícia de fato para análise dos documentos da CPI tem relevância, do ponto de vista processual, segundo subprocuradores ouvidos pela reportagem.

Neste primeiro momento, o procurador-geral emitiu sinais de disposição à investigação, diante do grande volume de provas produzidas pela CPI.

A senadores que fizeram a entrega do relatório final na quarta (27), Aras reconheceu a existência de novidades na investigação parlamentar. Ele prometeu atuar com a "agilidade necessária" para avançar nas apurações sobre crimes atribuídos a autoridades com foro especial.

Os parlamentares temem inação ou arquivamentos automáticos por parte do procurador-geral, em razão de seu histórico de blindagem ao presidente e ao governo federal.

Subprocuradores entendem que um eventual desarquivamento de representação contra Bolsonaro feita por ex-integrantes da cúpula da PGR, entre eles o ex-procurador-geral Claudio Fonteles, seria um sinal de que Aras não está disposto a se omitir.

Auxiliares do procurador-geral cogitam essa possibilidade, caso existam provas robustas no material da CPI.

A representação acusou o presidente de cometer o crime de "favorecer disseminação de epidemia" e pediu atuação da PGR, que decidiu pelo arquivamento. O relatório final da CPI atribuiu a Bolsonaro o crime comum de epidemia com resultado de morte.

O relatório lista nove crimes do presidente, como infração a medidas sanitárias preventivas, emprego irregular de verba pública, falsificação de documentos particulares, crime de responsabilidade e crimes contra a humanidade.

O entendimento de auxiliares de Aras é que o trabalho da CPI não poderá ser desprezado em razão da grande quantidade de material reunido, o que permitiria embasar novos inquéritos envolvendo autoridades com foro especial.

Assim, segundo esses integrantes da PGR, o material da CPI vai além do costumeiramente usado para fundamentar notícias de fato.

Uma representação da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pediu à PGR que Bolsonaro seja punido por mortes e lesões causadas por negligência durante a pandemia.

Integrantes da PGR esperam que essa representação possa prosseguir e resultar numa investigação, diante dos avanços feitos pela comissão.

O relatório da CPI propõe o indiciamento de duas empresas e 78 pessoas, entre elas o presidente e quatro ministros de seu governo: Marcelo Queiroga (Saúde), Onyx Lorenzoni (Trabalho e Previdência), Walter Braga Netto (Defesa) e Wagner Rosário (CGU).

Todas essas autoridades têm foro especial junto ao STF, e a atribuição de investigação criminal é da PGR.

Também têm foro especial dois filhos do presidente que estão na lista de pedidos de indiciamento: o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ) e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP).

A PGR já tem um levantamento de ações e áreas do MPF para onde pretende destinar fatias do relatório da CPI que dizem respeito a investigados sem foro privilegiado.

+ AUTORIDADES COM FORO NA LISTA DA CPI

- **Jair Bolsonaro** presidente da República
- **Marcelo Queiroga** Ministro da Saúde
- **Onyx Lorenzoni** Ministro do Trabalho e Previdência
- **Walter Braga Netto** Ministro da Defesa
- **Wagner Rosário** Ministro da CGU
- **Flávio Bolsonaro** Senador (Patriota-RJ)
- **Eduardo Bolsonaro** Deputado federal (PSL-SP)
- **Carla Zambelli** Deputada federal (PSL-RJ)
- **Bia Kicis** Deputada federal (PSL-DF)
- **Osmar Terra** Deputado federal (MDB-RS)
- **Carlos Jordy** Deputado federal (PSL-RJ)
- **Ricardo Barros** Deputado federal (PP-PR)
- **Wilson Lima** Governador do AM (PSC)

Davi Alcolumbre nega participação em 'rachadinha' e diz que cobrará apuração

Segundo a revista Veja, esquema no gabinete do senador do DEM desviou ao menos R$ 2 milhões

Washington Luiz

BRASÍLIA O senador Davi Alcolumbre (DEM-AP) disse nesta sexta-feira (29) desconhecer o esquema de "rachadinha" em seu gabinete revelado pela revista Veja. Em nota, o ex-presidente do Senado disse não ter envolvimento com as denúncias relatadas.

"Nunca, em hipótese alguma, em tempo algum, tratei, procurei, sugeri ou me envolvi nos fatos mencionados, que somente tomei conhecimento agora, por ocasião dessa reportagem. Tomarei as providências necessárias para que as autoridades competentes investiguem os fatos", diz o texto.

De acordo com a revista, Alcolumbre recebeu pelo menos R$ 2 milhões por meio do esquema. A publicação diz que seis moradoras do Distrito Federal foram contratadas como assessoras do parlamentar, mas que nunca trabalharam para o Senado.

Elas tinham vencimentos de R$ 4.000 e R$ 14 mil, porém, não recebiam os valores de forma integral.

Após serem admitidas, diz a revista, as funcionárias fantasmas abriam uma conta em um banco e entregavam o cartão a uma pessoa de confiança do senador que sacava os salários e benefícios a que teriam direito. Em troca, elas recebiam uma gratificação que, às vezes, não chegava a 10% do salário. Segundo a Veja, a prática começou em janeiro de 2016 e funcionou até março deste ano. O senador presidiu a Casa de 2019 a 2021.

Os relatos à revista foram feitos pelas próprias mulheres. Marina Ramos Brito dos Santos, Lilian Alves Pereira Braga, Erica Almeida Castro, Larissa Alves Braga, Jessyca Priscylla de Vasconcelos Pires e Adriana Souza de Almeida dizem que aceitaram a proposta pois passavam por dificuldades financeiras e estavam desempregadas.

Marina, que diz ter sido exonerada sem aviso prévio quando estava grávida, contou à revista que o convite para participar do esquema foi feito pelo próprio Davi Alcolumbre.

"O senador me disse assim: 'Eu te ajudo e você me ajuda'. Estava desempregada. Meu salário era mais de 14mil, mas topei receber apenas 1350 reais. A única orientação era para que eu não dissesse para ninguém que tinha sido contratada no Senado", relatou.

Além de Marina, Larissa e Lilian foram dispensadas do gabinete durante a gravidez. Elas entraram com uma ação na Justiça contra Alcolumbre, na qual anexaram documentos que mostram o vínculo que tiveram com o gabinete do parlamentar.

Entre os documentos, de acordo com a revista, há extratos bancários que comprovam que alguém realizava os saques das contas das ex-funcionárias assim que o pagamento era creditado. As retiradas eram feitas em um caixa eletrônico que fica a 200 metros do gabinete do senador.

Atualmente, Alcolumbre preside a CCJ (Comissão de Constituição, Cidadania e Justiça), uma das mais importantes do Senado.

Nos últimos meses, ele tem sido criticado por travar a sabatina e a votação da indicação do ex-ministro da Justiça e ex-chefe da AGU (Advocacia-Geral da União) André Mendonça para o STF (Supremo Tribunal Federal).

Na nota, Alcolumbre diz que a reportagem se trata de uma "orquestração por uma questão política e institucional da CCJ e do Senado Federal".

O esquema da "rachadinha", que consiste na prática de um servidor público ou prestador de serviços da administração desviar parte de sua remuneração a políticos e assessores, também já foi denunciada em outros gabinetes, como no caso do senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ), quando era deputado estadual no Rio, e no do vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ).

Davi Alcolumbre (DEM-AP) na época em que era presidente do Senado Pedro Ladeira - 3.mar.20/Folhapress

> Nunca, em hipótese alguma, em tempo algum, tratei, procurei, sugeri ou me envolvi nos fatos mencionados, que somente tomei conhecimento agora, por ocasião dessa reportagem. Tomarei as providências necessárias para que as autoridades competentes investiguem os fatos
>
> **Davi Alcolumbre (DEM-AP)**
> presidente da CCJ do Senado

Denúncia aumenta pressão por sabatina de André Mendonça

Marianna Holanda e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA A denúncia de um suposto esquema de "rachadinha" envolvendo o senador Davi Alcolumbre (DEM-AP) fez auxiliares palacianos e congressistas governistas aumentarem a pressão sobre o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), pela realização da sabatina de André Mendonça para o STF (Supremo Tribunal Federal).

A indicação do ex-chefe da AGU (Advocacia-Geral da União) para a vaga na corte está parada na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado desde julho. O colegiado é presidido por Alcolumbre, que não pautou a sabatina.

Interlocutores de Bolsonaro afirmam que as revelações mostradas pela revista Veja enfraquecem Alcolumbre politicamente e o deixam com menos margem para seguir bloqueando a nomeação.

Aliados do presidente no Congresso dizem, portanto, que devem renovar a pressão sobre Pacheco para que ele cobre de Alcolumbre uma data para que a sabatina de Mendonça ocorra na comissão.

Congressistas favoráveis a Mendonça já tentaram no passado convencer Pacheco a levar a indicação diretamente para o plenário do Senado. O presidente da Casa, no entanto, não atendeu a esses apelos até o momento, em uma manobra que acabou reforçando o poder de Alcolumbre.

Desde meados de outubro, senadores governistas tentam atrair Pacheco para o centro da crise envolvendo a sabatina de Mendonça e afirmam que cabe ao chefe do Senado adotar as medidas necessárias para destravar a situação.

Agora, a avaliação é que possíveis desdobramentos das acusações podem deixar a situação de Alcolumbre insustentável no comando do colegiado. Uma eventual licença do mandato para que senador se concentre em sua defesa, por exemplo, beneficiaria André Mendonça.

Alcolumbre também pode ser alvo de uma representação no Conselho de Ética por algum parlamentar ou partido político. O colegiado é presidido por um aliado do senador, Jayme Campos (DEM-MT).

A representação contra o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ) pelo caso de "rachadinha" no conselho não teve seguimento. Um agravante para o caso de Alcolumbre, segundo técnicos do Senado ouvidos pela reportagem, é que o suposto crime aconteceu durante o atual mandato.

O presidente da Frente Parlamentar Evangélica, deputado Cezinha da Madureira (PSD-SP), afirma que as acusações contra Alcolumbre não estão vinculadas à tramitação da indicação de Mendonça.

O deputado, porém, diz que a responsabilidade para uma solução à situação do ex-AGU é de Pacheco. "Acho que o presidente do Senado tem as condições para resolver essa pauta no Senado a hora que ele quiser", diz. "Ele é o presidente de um Poder. Os líderes evangélicos já estão preparando o foco no presidente do Senado, que é quem tem o poder para resolver essa situação."

Apesar do diagnóstico de que o momento é positivo para Mendonça, auxiliares palacianos decidiram adotar certa cautela. Há um temor de que o episódio respingue em Bolsonaro, uma vez que os filhos do presidente —o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro (Republicanos) e o senador Flávio— também são alvos de investigação sobre "rachadinhas".

Nesta semana, o presidente chegou a abandonar uma entrevista à TV Jovem Pan quando foi questionado pelo comediante André Marinho se quem pratica "rachadinha" deveria ser preso.

Além disso, nas últimas semanas houve uma tentativa liderada por evangélicos —defensores de Mendonça— de recompor a relação entre Alcolumbre e Bolsonaro.

Em 21 de outubro, o presidente chegou a elogiar publicamente o ex-presidente do Senado. "Com Davi Alcolumbre não tive problemas no Senado. Quase tudo o que precisamos aprovamos lá. Eu agradeço o Davi por esses dois anos que ele esteve à frente do Senado", disse Bolsonaro.

Wassef ataca procuradora e chama Coaf de organização criminosa

Catia Seabra

RIO DE JANEIRO Advogado dos Bolsonaros, Frederick Wassef apresentou ao CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público) uma reclamação disciplinar contra a procuradora da República Márcia Brandão Zollinger.

Em junho, Zollinger recomendou o arquivamento do inquérito aberto para apurar possíveis irregularidades na elaboração de um relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) sobre transações financeiras de Wassef, que é amigo do presidente Jair Bolsonaro e de sua família.

Wassef contesta a veracidade do relatório produzido pelo Coaf —para ele, um covil de organização criminosa do qual se diz vítima.

Apesar de a Justiça Federal já ter determinado a continuidade das investigações a despeito da manifestação da procuradora, no dia 8 de outubro Wassef requereu instauração de processo administrativo disciplinar contra Zollinger.

O caso corre em segredo de Justiça. Nem o CNMP nem Zollinger se manifestaram sobre esse pedido.

Na reclamação que assina, Wassef afirma que a procuradora "fez parecer que o Coaf nada fez de errado e agiu dentro da legalidade, o que é vergonhosa mentira e um sofisticado ardil para enganar a todos, com o único e claro objetivo de blindar e proteger a organização criminosa que está infiltrada dentro do Coaf".

"Na contramão do Ministério Público Federal, sem qualquer justificativa ou motivo plausível –além de contrariar frontalmente a ordem do TRF da 1ª Região–, a reclamada pronunciou-se pelo arquivamento extemporâneo e prematuro da investigação, logo em seu nascedouro, no início do inquérito policial sem que houvessem sido iniciados os trabalhos da Polícia Federal em verdadeira interdição da produção de provas, impedindo a ação e os trabalhos da Polícia Federal, obstruindo a Justiça, descumprindo determinação judicial, agindo como se fosse advogada de defesa dos criminosos que estão infiltrados no Coaf", escreveu Wassef.

No documento encaminhado ao corregedor do Ministério Público, o advogado afirma que a procuradora mentiu deliberadamente ao afirmar que existe movimentação financeira atípica em sua conta bancária.

"Essas informações falsas e fraudulentas foram passadas e criadas exatamente pelos mesmos criminosos do Coaf. A reclamada assim procedeu para proteger os criminosos do Coaf e tentar encerrar a investigação, justamente por saber que no curso da investigação ficaria provado que tais informações são falsas e que o reclamante jamais teve conta em tais bancos", repetiu.

Wassef queixa-se ainda da divulgação de peça de inquérito policial, incluindo seus dados pessoais, no site do Ministério Público Federal.

Segundo ele, a notícia disponibilizava link de acesso à manifestação subscrita pela procuradora, na qual havia a transcrição de 34 comunicações relativas a movimentações financeiras que constavam do relatório.

Há um ano, Polícia Federal abriu inquérito para investigar a movimentação financeira de Wassef, a partir de relatório do Coaf. Em janeiro de 2021, o TRF-1 anulou esse relatório que apontava suspeitas nas transações financeiras do advogado, encerrando a investigação.

Em fevereiro o tribunal, determinou abertura de inquérito para investigar irregularidades na elaboração do relatório pelo Coaf. Sem concluir a investigação, a Polícia Federal pediu dilação de prazo para sua realização.

Em junho, a Procuradoria recomendou o arquivamento das investigações. Para o Ministério Público Federal, o Coaf apenas produziu e enviou o documento para órgãos de fiscalização seguindo critérios técnicos e de forma impessoal após receber 34 comunicações de transações atípicas do advogado.

Em agosto, a Justiça Federal em Brasília determinou que a Polícia Federal desse continuidade às investigações. O juiz Francisco Codevila, da 15ª Vara Criminal, negou o pedido de arquivamento, por considerá-lo prematuro.

Em pé de guerra com o Coaf, Wassef decidiu apresentar reclamação contra a procuradora. Cita abuso de autoridade e prevaricação como condutas eventualmente praticadas por ela.

Esquerda universitária

Campo político revela-se incapaz de decifrar suas derrotas

Demétrio Magnoli

Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial". É doutor em geografia humana pela USP

A Câmara de Nova York removeu de suas instalações a estátua de Thomas Jefferson, sob a acusação de que o autor principal da Declaração de Independência era proprietário de escravos —como, aliás, 5 dos 7 "pais fundadores". O banimento derivou da pressão do grupo de legisladores negros e latinos, que pertencem ao Partido Democrata. O degredo de Jefferson explica a força política de Trump.

A revista The Economist (27.out) publicou um gráfico construído por Gethin et al. que sintetiza a mudança nos padrões de voto segundo o nível educacional dos eleitores entre 1950 e 2010.

Em 5 das 6 democracias analisadas (EUA, Reino Unido, Alemanha, França e Nova Zelândia), verifica-se uma tendência histórica implacável: o deslocamento para a esquerda dos mais escolarizados e um deslocamento simétrico dos menos escolarizados. O Canadá figura como exceção parcial à regra, mas apenas porque sua esquerda sempre teve sólidas bases na classe média urbana.

No passado, entre as décadas de 1950 e 1970, os partidos de esquerda e centro-esquerda controlavam majoritariamente o voto da população de menor nível educacional –ou seja, da classe trabalhadora.

Por outro lado, os partidos de centro-direita e direita venciam largamente entre as camadas de maior escolaridade –ou seja, na classe média e na elite. O padrão inverteu-se na década de 1990 e continua a infletir em curva acentuada: o diploma universitário tornou-se o maior indicador estatístico do voto à esquerda.

Marx revira-se, inquieto, no seu túmulo. Atualmente, os partidos à esquerda representam as classes médias urbanas, educadas e cosmopolitas, enquanto os partidos à direita assentam-se nos trabalhadores, na baixa classe média e nas pequenas cidades. O fenômeno ocorre, um pouco atenuado, até no Reino Unido, onde o Partido Trabalhista espelha as organizações sindicais.

Suspeito que a raiz da reversão encontre-se na resposta formulada pela esquerda à queda do Muro de Berlim. Confrontados com o avanço das políticas econômicas liberais, os partidos à esquerda fugiram do campo de batalha central, entrincheirando-se às suas margens, nas agendas identitárias e de valores.

Nos EUA, os democratas redefiniram-se como partido das minorias e adotaram as pautas identitárias oriundas do meio universitário. Na Europa, os social-democratas e seus concorrentes mais à esquerda concentraram-se em temas como os direitos das mulheres, da comunidade LGBT e dos imigrantes. As correntes populistas de direita aproveitaram a oportunidade histórica, apostando nos ressentimentos dos "órfãos da globalização".

A esquerda enxerga a política através das lentes de seus novos dogmas –e, nesse passo, revela-se incapaz de decifrar suas derrotas.

Trump não venceu por entoar o hino "God, guns, gays", mas por iludir os brancos sem diploma universitário com a canção de ninar do nacionalismo econômico.

A direita nacionalista europeia não se nutre de um suposto ódio atávico aos estrangeiros, mas da falsa conexão entre imigração e desemprego. "É a economia, estúpido!": o populismo de direita ocupou cidadelas desertas, abandonadas por uma esquerda que decidiu fechar-se num gueto, dialogando exclusivamente no interior de bolhas culturais.

O Brasil não se encaixa no gráfico dos deslocamentos eleitorais. O PT resistiu às intempéries porque –ao contrário do PSOL– só adotou as pautas identitárias como adereços secundários, usados em dias festivos.

Sob o timão de Lula, persistiu no discurso do Estado-Protetor, agarrando-se aos estandartes do populismo econômico. O lulopetismo nunca confessará, mas sabe que a derrota de 2018 derivou da recessão provocada pelo governo Dilma, não da "guerra cultural" primitiva deflagrada pelo olavo-bolsonarismo.

Os democratas exilaram a estátua de Jefferson. O PT ajoelha-se diante da estátua de Vargas.

| **DOM.** Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG.** Celso R. de Barros | **TER.** Joel P. da Fonseca | **QUA.** Elio Gaspari, Conrado H. Mendes | **SEX.** Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | **SÁB.** Demétrio Magnoli

Míriam Leitão expõe em livro autoritarismo de Bolsonaro

Obra reúne textos da jornalista publicados de abril de 2016 a julho de 2021

A jornalista Míriam Leitão, que lança o livro "A Democracia na Armadilha" Rafaela Cassiano/Divulgação

Naief Haddad

SÃO PAULO "Bolsonaro sabota a saúde do povo brasileiro, estimula comportamentos temerários e perturba a ordem pública. Ele é o pior governante que poderíamos ter numa crise desta dimensão", escreveu a jornalista Míriam Leitão em 9 de junho de 2020 em sua coluna no jornal O Globo.

Àquela altura, o Brasil chegava a 37 mil mortes por Covid-19 e, nos meses seguintes, como se sabe, tudo iria piorar muito.

O país já ultrapassou 605 mil vidas perdidas e o presidente associou, em live na semana passada, a vacina contra o coronavírus à transmissão do HIV, o vírus da Aids, provocando reações enfáticas de comunidades científicas.

Aquela coluna, cujo título é "O Crime da Desinformação", está no recém-lançado "A Democracia na Armadilha - Crônicas do Desgoverno", livro que reúne textos de abril de 2016 a julho de 2021. Além de colunista do Globo, a jornalista mineira de 68 anos é apresentadora da GloboNews e comentarista da rádio CBN.

São 153 colunas ao longo de quase 500 páginas. "Eu tive que fazer escolhas, cortar mesmo na carne para selecionar os textos. O foco principal são as ameaças à democracia, com um panorama do governo em geral", afirma Míriam Leitão.

A fim de mostrar a ação do presidente para enfraquecer as instituições, os textos não se limitam à política partidária. Passam por temas como a forte adesão dos militares ao governo federal, a corrosão da economia sob Paulo Guedes e o descaso com os povos indígenas.

"A Democracia na Armadilha" tem peculiaridades nos recortes que determinam o seu começo e o seu fim.

Uma opção convencional seria iniciar o livro com os textos de janeiro de 2019, ponto de partida deste mandato presidencial.

Mas a jornalista e a equipe da Intrínseca, editora pela qual o livro é lançado, decidiram publicar 12 colunas que antecedem a posse de Bolsonaro para reconstituir o caminho do candidato até a vitória na disputa para o Planalto e, principalmente, para mostrar que o desastre do governo já estava indicado na campanha eleitoral.

"A campanha de Bolsonaro é obscura em todas as áreas, não apenas na econômica", Míriam escreveu em setembro de 2018, três semanas antes do primeiro turno. "Quanto menos Bolsonaro fala, mais ele é poupado do constrangimento de exibir seu enorme vazio de ideias e propostas."

Seria previsível ainda que a autora e a editora aguardassem o desfecho deste mandato para encerrar um ciclo de análises. No entanto, diante das recorrentes ameaças autoritárias do presidente, optaram em concluir o livro com 2 anos e meio de Bolsonaro no poder.

"Decidimos fazer o livro antes do fim do governo Bolsonaro porque o objetivo dele já está dado [o rompimento com a democracia], não temos dúvidas. O livro não vai promover uma mudança, mas pode servir como um alerta", diz ela.

"A Democracia na Armadilha" se insere no que a jornalista chama de "escritos de emergência". "É hora de falar que estão acendendo todas as luzes do painel, e esse avião pode cair. E é preciso dizer isso agora", afirma, sublinhando a palavra "agora" na entrevista à **Folha**.

O senso de urgência é crescente com o correr das páginas, com uma nítida mudança de tom quando o coronavírus chega ao Brasil.

"Quando vem a pandemia, ele se mostra a pior pessoa que podia estar naquele cargo, sem nenhum sentimento. Os ataques à democracia vinham junto dos ataques a quem estava sofrendo com a Covid-19", diz.

Há dezenas de textos sobre a questão ambiental, tema caro à autora e presente em outros livros dela, como "História do Futuro".

Na coluna "A Economia do Desmatamento", de janeiro de 2020, Míriam Leitão escreveu: "É urgente que este governo conclua o período de noviciado e entenda o que se passa na Amazônia para poder deter o aumento do desmatamento".

Passados quase dois anos, a pergunta é inevitável: o governo entendeu? "Sim, entendeu e se aliou aos bandidos, a quem queria destruir. O governo fez uma aliança clara com os grileiros, com os desmatadores, com aqueles que ameaçam os indígenas, com os garimpeiros", responde.

No último texto selecionado para o volume, publicado em julho deste ano, a autora compara o agressor do regime democrático ao agressor da mulher.

"A democracia está sendo agredida. O agressor é o presidente da República. Ele tem ajudantes militares e civis. O maior risco é não ver o perigo porque, como nos casos de violência contra a mulher, o fim pode ser a morte."

Capa de "A Democracia na Armadilha" Reprodução

A Democracia na Armadilha - Crônicas do Desgoverno

Autora Míriam Leitão. Editora Intrínseca (496 págs.). Preço R$ 90 (ebook, R$ 45)

O procurador-geral da República nos anos do governo Fernando Henrique Cardoso, Geraldo Brindeiro Divulgação

Morre Geraldo Brindeiro, PGR durante governo FHC

SÃO PAULO O ex-procurador-geral da República Geraldo Brindeiro morreu nesta sexta-feira (29), em Brasília, por complicações decorrentes da Covid-19. Ele exerceu o cargo de 1995 a 2003, por indicação do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

A informação foi divulgada pela ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República). Brindeiro exercia o cargo de subprocurador-geral da República, para o qual foi promovido em 1989.

A associação destaca que ele foi responsável pela concretização do Ministério Público Federal durante o período em que esteve à frente da instituição.

"Geraldo Brindeiro foi, dentre outras coisas, responsável pela construção da sede atual da Procuradoria-Geral da República, além de ter promovido diversos concursos de ingresso na carreira, ampliando em muito a atuação do MP. Sempre soube respeitar o pensamento diverso, com abertura ao diálogo", diz o presidente da ANPR, Ubiratan Cazetta.

Durante o período em que permaneceu no cargo de PGR, Brindeiro foi apelidado por críticos como "engavetador-geral" pelo fato de a Procuradoria ter arquivado inúmeros inquéritos e representações contra FHC e aliados.

Natural do Recife (PE), ele se formou em direito em 1970. Depois, fez mestrado e doutorado pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Assumiu o cargo de procurador da República em 1975, durante o período da ditadura militar. Brindeiro também foi professor de direito civil e direito constitucional na Universidade do Distrito Federal e na Faculdade de Direito da UnB (Universidade de Brasília).

"Perdemos um valoroso colega, um homem que devotou a vida ao Ministério Público. Geraldo Brindeiro foi um incansável defensor da independência funcional, a própria e a dos colegas", disse Augusto Aras, atual PGR.

O presidente do Supremo, Luiz Fux, também lamentou a morte. Em nota, o magistrado afirma que "Geraldo Brindeiro honrou o Ministério Público. Com sua partida, o Brasil perde um dedicado servidor público, um cidadão respeitável e um defensor da Constituição brasileira. Em nome do Supremo Tribunal Federal e do Poder Judiciário brasileiro, manifesto pesar e deixo um abraço carinhoso aos familiares e amigos".

"Os nossos sentimentos à sua família, amigos e admiradores", afirma nota divulgada pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Com informações do UOL

"Perdemos um valoroso colega, um homem que devotou a vida ao Ministério Público. Geraldo Brindeiro foi um incansável defensor da independência funcional, a própria e a dos colegas

Augusto Aras
procurador-geral da República

Herman Benjamin (2º da esq. para a dir.) participa de audiência sobre a Lei de Improbidade Luis Macedo - 18.set.19 /Divulgação Câmara

Herman Benjamin

Nova Lei de Improbidade cria 'bônus-corrupção' e pode gerar caos na Justiça

Ministro do STJ afirma que projeto aprovado pelo Congresso e sancionado por Bolsonaro beneficia corruptores e gera retrocesso

ENTREVISTA

Felipe Bächtold

SÃO PAULO O ministro do STJ (Superior Tribunal de Justiça) Herman Benjamin diz que a nova Lei de Improbidade Administrativa pode provocar um "caos judicial", com uma série de pedidos de revisão de ações que tramitaram sob as regras anteriores.

A Lei de Improbidade foi flexibilizada na Câmara e no Senado, em tramitação encerrada no início do mês. O projeto foi sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro na terça-feira (26) e já entrou em vigor.

Benjamin, que é ministro da corte há 15 anos, participou de audiências nas duas Casas legislativas para discutir as mudanças. Crítico do texto aprovado, diz que as alterações vão blindar especialmente grandes corruptores, como empresas com contratos públicos.

Os apoiadores do projeto argumentaram ao longo da tramitação que era necessário mudar a lei para evitar abusos que recaíam principalmente sobre gestores de pequenos municípios, afastando da política quadros qualificados que tinham receio de processos.

Para o ministro do STJ, pegou-se carona nessa premissa para criar um conjunto de dispositivos que desmontam o alcance da legislação, criada em 1992. Em entrevista à Folha, ele não poupa palavras para definir as mudanças.

Chama um dos trechos de "bônus-corrupção", afirma que alterações tornam o trabalho do Ministério Público em muitas situações uma "missão impossível" e diz que se abre caminho para a não punição por meio da lei, por exemplo, para tortura policial.

Diferentemente do que ocorre na esfera penal, a Lei de Improbidade não prevê a possibilidade de prisão, mas sim de perda de função pública, suspensão de direitos políticos e de ressarcimento de prejuízos em casos de violação de princípios da administração pública.

Benjamin teve papel importante em desdobramento da Operação Lava Jato, ao relatar no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) processo sobre pagamentos de empreiteiras à chapa Dilma Rousseff-Michel Temer na campanha presidencial de 2014.

Em 2017, essa ação foi julgada e rejeitada —o ministro foi um dos que votaram pela cassação do mandato.

O projeto aprovado, patrocinado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), que é condenado em segunda instância por improbidade, uniu diferentes correntes políticas, como bolsonaristas, petistas e tucanos.

*

Necessidade de alterações
Duas coisas acontecem no dia em que qualquer lei é promulgada, por melhor redigida que seja: ela começa a envelhecer e começamos a descobrir defeitos, pontos que poderiam ser aperfeiçoados. É o caso da Lei de Improbidade.

Mas, no geral, o balanço que se faz é que foi realmente um marco divisor do nosso país. Tanto que é citada pelos organismos internacionais como um modelo para o mundo.

Espaço para reforma havia de sobra. Mas que reforma?

Precisava de atualização, primeiro, para incorporar mecanismos de combate à corrupção sofisticada, hiperorganizada e globalizada.

Segundo, para incorporar aspectos que foram incluídos pela jurisprudência, como nepotismo e ofensa aos direitos humanos.

Terceiro, para corrigir imperfeições que levassem a injustiças, sobretudo em seu artigo 11, que precisava realmente de uma atualização para impedir que ilegalidades simples se transformassem em improbidade. Separar o joio do trigo.

O problema é que, no resultado, essas duas prioridades iniciais que mencionei não foram adaptadas. Foram colocados, sim, mecanismos de proteção para o pequeno administrador, que não conta com assessoria sofisticada.

Em alguns pontos, houve uma espécie de carona das grandes empresas no projeto de reforma [da lei] para dificultar ao extremo a identificação, a investigação e o processo de casos de improbidade.

Blindagem
A blindagem de grandes empresas corruptoras e ímprobas é o que se observa em boa parte.

Está dito o seguinte: "Sócios, cotistas, colaboradores de empresas não respondem pelo ato de improbidade que venha a ser imputado à pessoa jurídica, salvo se, comprovadamente, houver participação e benefícios diretos".

Imagine provar que um presidente de construtora teve benefícios diretos [com uma fraude]. Que benefícios tem? Nenhum. O salário dele continua o mesmo.

Antonio Herman de Vasconcellos e Benjamin, 64

É ministro do STJ desde 2006. Antes, foi promotor e procurador no Ministério Público de São Paulo. De 2014 a 2017, foi ministro do Tribunal Superior Eleitoral. É mestre pela Universidade de Illinois (EUA)

Pode-se retirar a responsabilidade simplesmente porque não recebeu um benefício —que tem que ser direto.

Os exemplos mencionados [pelos apoiadores da nova lei] são sempre o pequeno prefeito e o pequeno vereador. Isso tem alguma relação? Não. É a mão visível e invisível das grandes empreiteiras.

Punição a empresas
Para praticar um ilícito, empreiteiras atuam em consórcio, de forma solidária. Para a responsabilização, será preciso usar fita métrica e de outros instrumentos para identificar a porção [de responsabilidade] de cada uma. Isso é impossível.

Rouba à vista e ressarce a prazo, em modestas 48 prestações. É uma regra que vale da Odebrecht ao pequeno vereador. E atenção: sem juros. Diz apenas: "Corrigida monetariamente". Se não pagar uma multa de trânsito, tem juros. Aqui, não.

Bônus
Há um dispositivo que é uma aberração, não existe em lugar nenhum do mundo, que é o "bônus-corrupção".

[A lei diz:] "O juiz unificará eventuais sanções aplicadas com outras já impostas em outros processos. (...) No caso da continuidade de ilícito, o juiz promoverá a maior sanção aplicada, aumentada de um terço, ou a soma das penas, o que for mais benéfico ao réu."

Ou seja: tudo que for além do "um terço" ou da maior pena aplicada é bônus. [O sentido é:] Pode continuar fazendo, não há sanção. É aberrante.

Ilícitos na pandemia
Como pode uma lei, aprovada em plena pandemia, não ter uma palavra sobre as aberrações de improbidade praticadas durante a pandemia? [Poderia] criar agravantes, novos tipos.

Mas ao contrário: boa parte das investigações que estão sendo feitas agora, na pandemia, na CPI [da Covid], não vai poder ser processada com base na Lei de Improbidade.

Enxugamento
O artigo 11 [da lei original] trata de princípios da administração pública. Enxugaram os dispositivos e saem, por exemplo, casos que já estavam reconhecidos na jurisprudência.

O policial que tortura um preso: o STJ passou a entender nos últimos anos que isso configurava improbidade administrativa.

Agora, como [o texto] ficou limitado, em tese, deixou de ser. O torturador poderá ser julgado no penal, mas não por improbidade. Isso viola a lógica de todo o sistema jurídico.

Outro exemplo: genocídio contra os índios. Quem não entrega medicamentos, não vacina os indígenas, para matá-los.

O intuito foi fechar as hipóteses desse artigo.

É uma calamidade. É tortura, genocídio, exercício impróprio da medicina. Aquele rol da CPI vai ser [processado] no penal, mas dificilmente encontrará assento nesse artigo.

Foi um comportamento gravíssimo a ponto de disparar uma CPI e de levar ao indiciamento de agentes públicos, mas não caracteriza improbidade administrativa?

Partidos de fora
Talvez seja o mais impressionante de todos [o trecho que exclui da Lei de Improbidade os partidos políticos].

Para os servidores públicos, para os corruptos, para as empresas, a lei foi enfraquecida, com vários mecanismos de blindagem. Já no caso dos partidos, haverá um vácuo, que deixa ilicitudes gravíssimas sem punição, exceto a penal.

Vamos ficar com um buraco negro no combate à corrupção: os partidos, com recursos literalmente bilionários, ficam imunes ao sistema legal existente para combater esses comportamentos e atos.

É o oposto do que existe em outros países.

> "Para os servidores públicos, para os corruptos, para as empresas, a lei foi enfraquecida, com vários mecanismos de blindagem. Já no caso dos partidos, haverá um vácuo, que deixa ilicitudes gravíssimas sem punição, exceto a penal. Vamos ficar com um buraco negro no combate à corrupção: os partidos, com recursos literalmente bilionários, ficam imunes

Legalidade da lei
Imagino que vários desses dispositivos novos serão levados ao Supremo Tribunal Federal porque, em uma leitura superficial, incitam questionamentos de natureza constitucional.

Em 1988, pela primeira vez o texto constitucional disse que atacar os cofres públicos é incompatível com o Estado social de Direito. E elevou a probidade administrativa ao patamar constitucional, algo que nunca havia ocorrido.

Considerando as mudanças postas aqui, certamente questões constitucionais serão levantadas.

Dificuldade para investigar
Se uma licitação é fraudada [atualmente], não há necessidade de se elaborar laudo pericial para se identificar dano porque ele é presumido.

Aqui, invertem: para todos os dispositivos relacionados a licitações, o Ministério Público terá que provar "perda patrimonial efetiva" [resultante da irregularidade].

O que se colocou foi a exigência de uma prova diabólica [improvável de ser obtida].

A multa civil foi praticamente inviabilizada como mecanismo de dissuasão de ilícitos.

O policial que parava caminhoneiros e cobrava R$ 50 de cada um, se for pego, será em um caso. A multa civil dele agora será o "acréscimo patrimonial": R$ 50. Isso é um retrocesso inacreditável.

Prescrição
Agora, o prazo de prescrição será de oito anos a partir da ocorrência do dano. Quem melhor esconder seus ilícitos —e sabemos que as grandes empresas são as que têm mais condições— e estiver internacionalizado tem uma grande possibilidade de sair ileso.

Há baques também na prescrição intercorrente, que não ocorre hoje. É a chamada prescrição retroativa, que só ocorre no direito penal —e brasileiro.

O que justifica? Uma coisa é alterar as hipóteses para que pequenas irregularidades ou simples infrações formais não sejam consideradas improbidade. Outra é criar todo um sistema processual de favorecimento dos corruptos e ímprobos.

Casos em andamento
Espero estar errado, mas o que se espera é a instalação do caos. Porque, mesmo nos casos em que não houver o direito, petições serão apresentadas, requerendo benefícios. É o caos para os juízes.

Levamos 20 anos, para a maioria das questões complexas da Lei de Improbidade, para que o Superior Tribunal de Justiça uniformizasse a jurisprudência. Em alguns casos, foi só recentemente.

Agora, vem uma lei que é uma bomba de hidrogênio no sistema atual com alterações que são em número muito maior do que o número de dispositivos existentes na atual.

É uma filosofia não revelada. Quem lê a lei vai ver que proteger o pequeno prefeito e o pequeno vereador que pratica uma ilegalidade formal pode ter justificado o objetivo inicial da lei. Seria justo e legítimo. Mas deixamos esse objetivo lá atrás.

São dezenas de dispositivos que favorecem, com nome e sobrenome, as grandes empresas, conglomerados econômicos.

O presidente dos EUA, Joe Biden, encontra-se com o papa Francisco no Vaticano Vaticano/Reuters

Biden visita papa e busca reparar relação com Macron antes do G20

Pontífice defende que americano continue a receber comunhão; Bolsonaro passeia em Roma

ROMA, SÃO PAULO E BAURU (SP) Na véspera da cúpula do G20, que começa neste sábado (30) em Roma, o presidente americano Joe Biden promoveu uma reaproximação diplomática com o francês Emmanuel Macron e teve uma longa reunião com o papa Francisco. Jair Bolsonaro, por sua vez, conversou com apoiadores e visitou uma loja de embutidos.

O encontro entre Biden e Macron pôs fim —de acordo com os dois líderes— à crise desencadeada pelo acordo americano com Reino Unido e Austrália para a construção de submarinos nucleares.

Batizado de Aukus, o pacto de segurança irritou os franceses porque significou o cancelamento de um contrato bilionário assinado em 2016 com os australianos. Segundo Macron, agora é hora de olhar para o futuro e o encontro foi importante para marcar o início de um "verdadeiro projeto conjunto" com os EUA.

Questionado mais tarde sobre se a confiança em Biden foi completamente restaurada, o presidente francês deu uma resposta que dá a entender que o relacionamento entre as duas lideranças ainda pode conter alguns espinhos. "A confiança é como o amor: declarações são boas, mas provas são melhores."

O líder americano, por sua vez, admitiu que as ações dos Estados Unidos no episódio poderiam ter sido melhores.

"Acho que o que aconteceu foi desajeitado. Não foi feito com muita elegância", disse o presidente dos EUA. "Tive a impressão de que aconteceram certas coisas que não tinham que ter acontecido. Mas quero deixar claro: a França é um parceiro extremamente valioso —extremamente— e um poder por si mesma."

Biden disse que tinha a impressão de que a França já estava ciente de que seu acordo com a Austrália não ia bem na ocasião do anúncio americano. À época, o chanceler francês, Jean-Yves Le Drian, descreveu o Aukus como "uma punhalada nas costas".

Nesta sexta, o democrata procurou encher Paris de elogios, dizendo que os EUA não têm um aliado mais antigo e leal do que a França e que não há lugar no mundo em que os dois países não possam trabalhar juntos. As palavras, diga-se, foram semelhantes às usadas pelo britânico Boris Johnson ao embarcar para a Itália; Reino Unido e França trocaram farpas nos últimos dias por causa de regras pesqueiras.

Esta foi a primeira vez em que Biden e Macron se encontraram pessoalmente desde o início da crise diplomática. O americano se atrasou uma hora e meia, depois de uma longa audiência com o papa, no Vaticano —na qual, segundo Biden, ainda que o aborto não tenha sido um dos temas da conversa, Francisco afirmou que ele deveria continuar recebendo a comunhão.

O apoio do democrata ao direito ao aborto é tema de debate, com lideranças da igreja americana afirmando que ele não deveria ter o direito de receber a comunhão. Segundo Biden, Francisco lhe disse que estava feliz por ele ser um bom católico.

Biden é o segundo presidente católico a ocupar a Casa Branca; ele vai à missa semanalmente e mantém uma foto de Francisco atrás de sua mesa no Salão Oval. Em nível pessoal, ele já manifestou sua oposição ao aborto, com a ressalva de que, como líder eleito democraticamente, não pode impor suas opiniões ao país que governa.

Enquanto esses líderes mantiveram encontros bilaterais, o único compromisso oficial de Bolsonaro em Roma foi uma recepção, à noite, oferecida pelo presidente italiano, Sergio Mattarella. Antes disso, o brasileiro passeou pela capital e não falou sobre suas expectativas em relação ao G20.

Ao chegar à embaixada do Brasil, no histórico palácio Pamphilj, em Roma, onde ficará hospedado, ele cumprimentou sete apoiadores e disse estar feliz por poder visitar, na segunda (1º), a cidade de onde teriam saído seus ancestrais —jornais italianos disseram que isso não está confirmado.

O pequeno grupo era liderado pelo carioca Jorge Ferreira Lima, 49, morador de Roma há dez anos. Segundo ele, os participantes combinaram a homenagem por grupos de WhatsApp que reúnem cerca de 140 pessoas.

Lima, que é evangélico, levava uma bandeira de Israel. Para ele, Bolsonaro, que conquistou a maioria dos votos dos eleitores brasileiros em Roma no pleito de 2018, tem o apoio dos imigrantes porque "defende os valores de família".

Pouco depois, o presidente saiu a pé, pela porta dos fundos, em direção ao Campo de Fiori, ponto turístico de Roma. Um vídeo de 12 segundos publicado nas redes sociais pelo deputado ítalo-brasileiro Luis Roberto Lorenzato mostra Bolsonaro caminhando em uma rua comercial cercado por seguranças e apoiadores.

Sem máscara de proteção contra o coronavírus, o mandatário não seguiu as recomendações sanitárias vigentes na Itália —que pedem o uso do item em ambientes abertos onde não seja possível manter o distanciamento físico.

No passeio, Bolsonaro entrou em uma salumeria (loja de embutidos). Segundo um dos integrantes da comitiva, quando soube que era o presidente brasileiro, o dono da loja ofereceu frios —culatello di Zibello, um presunto cru típico dessa cidade, e spalla cotta, embutido de ombro de porco— e queijo pecorino, feito de leite de ovelha. Para acompanhar, o chefe do Executivo recusou a grappa (aguardente italiana) oferecida e tomou um refrigerante de cola.

Esta é a primeira visita de Bolsonaro a Roma, mas, se valer a superstição, talvez seja a última: o presidente não jogou uma moeda na Fontana di Trevi, aonde foi em seguida. Segundo a lenda, quem não o faz não retorna à capital italiana. Com o presidente estavam também seu filho Carlos, o ministro da Cidadania, João Roma, e o embaixador do Brasil na França, Luís Fernando Serra.

Ana Estela de Sousa Pinto

Com Reuters

Ativistas jogam esterco na prefeitura de Anguillara Vêneta Rise Up 4 Climate Justice/Divulgação

Cidades italianas por onde passará Bolsonaro

Ato usa esterco contra homenagem a presidente brasileiro

Janaina Cesar

ROMA Jair Bolsonaro será recebido na segunda-feira (1º) em Anguillara Vêneta, cidade no norte da Itália onde seu bisavô nasceu, com protestos contrários à concessão do título de cidadão honorário oferecido pela prefeita Alessandra Buoso, ligada ao partido de ultradireita Liga Norte.

O ato está sendo organizado por diversos grupos, entre os quais o Partido Democrático, o Partido da Refundação Comunista e a CGIL —o maior sindicato da Itália—, além de ONGs e da população local.

Enquanto esperam pelo ato de segunda-feira, manifestantes ligados ao grupo ambientalista Rise Up 4 Climate Justice já começaram a agir. O prédio da prefeitura da cidade amanheceu nesta sexta (29) com esterco na porta, e a fachada foi pichada com a frase "Fora Bolsonaro" e manchada com tintas coloridas.

Neste sábado, além da sessão do G20, Bolsonaro terá encontros com o premiê italiano, Mario Draghi, e com o secretário-geral da OCDE e irá a um jantar com líderes da cúpula, oferecido por Mattarella.

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**

nelson.sa@grupofolha.com.br

Com Meta, Zuckerberg responde a Apple e TikTok, não à sociedade

Quando Mark Zuckerberg apresentou os resultados do Facebook para o terceiro trimestre, no início desta semana, o foco não foram os Arquivos ou Papéis do Facebook, apelidos dados às informações vazadas sobre a plataforma ao longo do último mês.

O crescimento da receita, essencialmente publicitária, veio menor do que o projetado por analistas de mercado. E os vilões do CEO na apresentação foram Apple e TikTok.

A primeira passou a exigir dos aplicativos que usam seu sistema operacional, casos de Facebook e Instagram, que perguntem aos usuários se aceitam ser monitorados.

Com isso, os anunciantes agora têm mais dificuldade para alcançar —e saber que alcançaram— o público-alvo. Daí reduzirem gastos publicitários e saírem procurando alternativas, como adquirir veículos de mídia e as suas bases de usuários e assinantes.

Já o TikTok aparece mês a mês como aplicativo mais baixado e está tirando os "jovens adultos" que convergiam para as plataformas de Zuckerberg, hoje tomadas por "pessoas mais velhas" —expressões usadas pelo próprio CEO.

Nenhum dos dois problemas é novidade. Zuckerberg já vinha atacando o TikTok pela origem chinesa, chegando a posar com a bandeira americana, e a Apple com campanha que incluiu anúncio em jornal. Quando começou a ser exigida a anuência dos usuários, foram páginas inteiras de WSJ, New York Times e outros. Num dos enunciados, "Estamos nos erguendo contra a Apple em defesa das pequenas empresas de toda parte".

Nas duas frentes, não deu certo. Mas a resposta maior à Apple e ao TikTok já estava sendo preparada, como se podia perceber no rumor em torno de "metaverso" há meses, na cobertura de tecnologia.

E na quinta Zuckerberg apareceu com a mudança de nome da holding, para Meta Platforms ou só Meta, e sobretudo com novo chamariz para anunciantes e jovens adultos.

Como avisou o WSJ cruamente, é nova roupagem para algo que "já existiu e fracassou", o Second Life. Mas desta vez poderá ser diferente, dados os avanços em tecnologia.

Para o Meta, como a empresa quer ser chamada, o importante é oferecer uma alternativa de futuro, diferente da perspectiva atual de plataformas povoadas por "pessoas mais velhas" e com um modelo de negócios estrangulado pela Apple e pelo Google. Em vez de iOS, seu Oculus. Em vez de TikTok, seu Horizon Worlds.

Nada disso tem relação com o escândalo deste último mês, que avolumou a cobrança por intervenção estatal, seja para ampliar o controle de seu conteúdo, seja para dividir a empresa, que teria que se desfazer de Instagram e WhatsApp.

O problema é que democratas e republicanos têm ideias opostas sobre o que fazer. Projetos de lei apresentados pelos primeiros se concentram em responsabilizar o Facebook pela promoção de desinformação ou conteúdo ligado à violação de direitos humanos.

Já no caso de um projeto do senador republicano Marco Rubio, o Facebook seria responsabilizado por censurar visões políticas, como fez com Donald Trump. Outros, independentes, temem qualquer imposição sobre conteúdo e defendem as ações antitruste.

Nada indica que, no estado atual das instituições americanas, seja possível alcançar consenso. E o agora Meta segue em frente, constrangido ou regulado apenas pela concorrência, de outras Big Techs.

A Índia e suas trilhas no Oriente Médio

País quer aproveitar paz entre Israel e árabes para ampliar presença comercial

Jaime Spitzcovsky

Jornalista, foi correspondente da **Folha** em Moscou e Pequim

Após partir de Mumbai, no oceano Índico, o navio singra para chegar aos Emirados Árabes Unidos e despejar o carregamento de celulares indianos. Em seguida, um trem com a carga corta desertos na Arábia Saudita e na Jordânia e chega a Israel. Uma embarcação, no porto de Haifa, zarpa com as mercadorias rumo à Grécia, para o encontro com os consumidores europeus.

O périplo, planejado a partir de uma lógica geoeconômica em formação, seria impensável poucas décadas atrás. Mas imaginar o percurso joga luzes sobre duas tendências a se solidificarem: a Índia reforçando sua posição como exportadora de produtos industrializados e a cooperação, apoiada nos chamados Acordos de Abraão, entre Israel e ex-inimigos do Oriente Médio, como Emirados Árabes Unidos e Bahrein.

Estudos sobre o novo roteiro comercial calculam em 10 dias a viagem para o celular produzido na Índia chegar à Europa, prazo inferior ao que usa o tradicional canal de Suez. Trata-se, portanto, de mais um capítulo das mudanças na "ordem econômica euro-asiática".

Na semana passada, o ministro das Relações Exteriores da Índia, Subrahmanyam Jaishankar, visitou Israel. E, ao lado do colega israelense Yair Lapid, participou de videoconferência com diplomatas dos EUA e dos Emirados Árabes Unidos, confabulação quadripartite impensável anos atrás.

Na Guerra Fria, Israel e Índia costumavam viver em campos opostos. Enquanto israelenses cultivaram a aliança com os EUA, indianos optaram por laços com a URSS. O colapso soviético, em 1991, correspondeu a um choque de realidade para os governos socialistas de Nova Déli, levando-os à adoção de reformas econômicas pró-mercado e de um realinhamento diplomático modelado pela aproximação com Washington e pelo abandono da cartilha "terceiro-mundista".

O temor do crescimento vertiginoso da vizinha China também impulsionou a Índia a buscar apoio da Casa Branca. E a reconfigurada diplomacia indiana do pós-Guerra Fria, sem abandonar laços com países árabes, se aproximou de Israel por aliança política, econômica e militar.

A decolagem da Índia se apoiou, a partir de 1991, sobretudo no dinamismo do setor de serviços, exemplificado por áreas tecnológicas e pelos famosos call centers. A estratégia, no entanto, não se mostra capaz de resolver um desafio premente: gerar empregos para indianos vivendo na zona rural. Correspondem a 65% da população, ou seja, cerca de 890 milhões de habitantes.

A chave residiria na industrialização como geradora de empregos em larga escala. Nas próximas décadas, a Índia pretende seguir o caminho trilhado pela China nas fases iniciais de sua decolagem: industrializar, gerar postos de trabalho e urbanizar.

Seria uma espécie de troca da guarda. A China decolou, a partir de 1978, como a "fábrica do mundo", em acelerada industrialização e urbanização. Atualmente, o motor principal da economia chinesa passa a ser a construção do maior mercado consumidor do planeta, apoiado numa inédita classe média, com centenas de milhões de pessoas.

Com o slogan "Make in India", o premiê direitista Narendra Modi busca atrair empresas e investimentos estrangeiros, para novo ciclo de crescimento econômico. E, agora, caberia aos indianos o papel de "fábrica do mundo".

Revisões estratégicas da Índia levam em conta as mudanças tectônicas do Oriente Médio, região fulcral para passagem de produtos indianos, por exemplo, a mercados europeus. E, de olho em cenários renovados, os estrategistas de Nova Déli redesenham alianças políticas e rotas comerciais.

| **SEG.** **Mathias Alencastro** | QUI. Lúcia Guimarães | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

Golpe no Sudão é perigo para democracia no mundo todo, diz ativista

Porta-voz de manifestantes vê 'rejeição generalizada' às Forças Armadas; sob pressão, militar pode tentar convencer premiê a voltar

Dani Avelar

SÃO PAULO Para os manifestantes que saem às ruas do Sudão desde a tomada do poder por militares, na última segunda-feira (25), o golpe de Estado no país no norte da África representa um perigo para a democracia no mundo todo. O movimento interrompeu um processo de quase três anos de transição para um poder civil.

"Temo que a comunidade internacional acabe aceitando os militares como representantes legítimos do povo sudanês. Isso passaria uma mensagem muito perigosa não só para o Sudão, mas para o mundo inteiro", diz à **Folha** por telefone, de Cartum, a farmacêutica Samahir Elmubarak, porta-voz da Associação de Profissionais Sudaneses (SPA, na sigla em inglês).

O órgão esteve à frente dos protestos que levaram à deposição do ditador Omar al-Bashir em abril de 2019 e, agora, vem organizando manifestações contra a tomada de poder pelas Forças Armadas. No próximo ato, convocado para este sábado (30), os manifestantes querem "mostrar para o mundo que rejeitam o regime militar de todas as maneiras", segundo Elmubarak.

Nas primeiras horas da madrugada de segunda-feira, forças lideradas pelo general Abdel Fattah al-Burhan detiveram o premiê Abdallah Hamdok e outros integrantes civis do gabinete. A farmacêutica relata que dirigentes da SPA entenderam imediatamente que se tratava de uma tentativa de golpe e fizeram um chamado nas redes sociais para que a população participasse de atos de desobediência civil.

Ao raiar do dia, manifestantes já haviam tomado as ruas e montado barricadas na capital e em outras partes do país. "Havia muita tensão política nas semanas que antecederam o golpe. Estava claro para nós que as Forças Armas estavam apenas aguardando o momento certo para tomar o poder", afirma. "A reação popular é um indicativo muito forte de que há rejeição generalizada ao golpe."

Após o golpe, o Exército bloqueou as telecomunicações por tempo indeterminado.

> **Há duas maneiras de este golpe ser bem-sucedido: reconhecimento local ou externo. Nós, sudaneses, estamos fazendo a nossa parte para rejeitar o regime. Mas fracassaremos se outros países não fizerem nada para reverter este golpe**
>
> **Samahir Elmubarak**
> porta-voz da Associação de Profissionais Sudaneses

Ao menos 11 pessoas morreram em confrontos com as forças de segurança ao longo da semana e 140 ficaram feridas. Segundo a porta-voz da SPA, "é difícil saber o número exato de vítimas, por causa do bloqueio das comunicações".

"Não é a primeira vez que derrubam o acesso à internet, mas desta vez bloquearam também chamadas telefônicas, SMS, canais de TV e emissoras de rádio. Apostam que com isso vão conseguir sufocar nossa mobilização, mas as pessoas encontram outras formas de se comunicar", afirma. Ela conta que organizadores dos protestos passaram a recorrer a comitês de bairros que vão de porta em porta, distribuem panfletos e escrevem mensagens nos muros para divulgar suas ações. "Tudo à moda antiga."

Burhan afirmou que o movimento desta semana, que pôs fim ao acordo de partilha de poder entre militares e civis firmado após a queda do regime de Bashir, visa evitar a eclosão de uma guerra civil no Sudão.

Elmubarak discorda. Para ela, a solução dos problemas do país é permitir que a população participe dos processos decisórios, não concentrar ainda mais poder nas mãos dos militares. "A guerra que levou à separação do Sudão do Sul em 2011, a crise humanitária em Darfur, tudo isso acontece por causa da distribuição desigual de riqueza e poder no Sudão", afirma.

"Existe um consenso de que queremos liberdade, paz, justiça e democracia. Essa convicção profundamente enraizada tem levado as pessoas a sair às ruas ao longo dos últimos três anos, enfrentando de peito aberto as balas do regime."

"Antes desta revolução, minha geração não tinha a oportunidade de conversar abertamente. Mas, hoje, compartilhamos ideias e sonhos", diz.

Em entrevista à **Folha** em 2019 Elmubarak já dissera que as Forças Armadas do Sudão não eram confiáveis. Agora, ela diz acreditar que a população não irá aceitar um retorno à partilha de poder com os militares. "Queremos um governo inteiramente civil, queremos votar nas primeiras eleições livres das nossas vidas."

Na quinta (28), o Conselho de Segurança da ONU emitiu comunicado em que expressou "séria preocupação sobre uma tomada militar no Sudão" e pediu a restauração do governo de transição. Antes disso, diferentes governos — incluindo o dos Estados Unidos e o do Brasil— e entidades como a União Africana haviam pedido a libertação dos membros civis do gabinete.

Mas potências regionais, como o Egito e a Arábia Saudita, sinalizaram que manterão apoio às Forças Armadas sudanesas, o que pode ajudar a dar sobrevida ao regime do general Burhan. Sob pressão, Burhan prometeu anunciar um novo governo em até uma semana e disse que tentaria convencer Hamdok, o premiê deposto, a reassumir o cargo, segundo informou a agência russa Sputnik na sexta (29). "Não iremos interferir na escolha dos ministros".

Elmubarak pede que a comunidade internacional não vire as costas para o Sudão. "Há apenas duas maneiras de este golpe ser bem-sucedido: reconhecimento local ou reconhecimento externo. Nós, sudaneses, estamos fazendo a nossa parte para rejeitar o regime. Mas fracassaremos se outros países não fizerem nada para reverter este golpe."

Raio-X do Sudão

LÍBIA
EGITO
CHADE
SUDÃO
ETIÓPIA
Cartum
QUÊNIA
500 km

Área: 1.861.484 km²
(semelhante ao estado do Amazonas)

População: 46.751.152
(equivalente ao estado de São Paulo)

PIB: US$ 26,1 bi (do Brasil é U$ 1,4 tri)

PIB per capita*: US$ 4.243 (no Brasil é US$ 14.836)

IDH: 170º posição (Brasil é o 84º)

*Considerando paridade do poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

FOTO DE PAI E FILHO FERIDOS NA GUERRA SÍRIA VENCE PRÊMIO

Mehmet Aslan/SIPA Contest

Uma foto que mistura o drama de uma guerra com os sorrisos de pai e filho foi a vencedora do Concurso Internacional de Fotografia de Siena (SIPA). Chamada "Hardship of Life" (a dureza da vida), a imagem do fotógrafo turco Mehmet Aslan mostra o refugiado Munzir al-Nazzal, que teve a perna direita amputada ao ser atingido por uma bomba na cidade de Idlib, no norte da Síria. Ele segura Mustafa, 5, que nasceu sem os membros superiores e inferiores devido a um problema congênito provocado pelas medicações que sua mãe, Zeynep, teve que tomar após ser atingida por gás tóxico em meio ao conflito. A família de Mustafa hoje vive em uma cidade turca na fronteira com a Síria. Foi lá que Aslan tirou a foto, vencedora do concurso que teve dezenas de inscrições de fotógrafos de 63 países.

Jovens afegãos reencontram tio no Brasil após fuga e espera

Apesar de dificuldades para obter vistos, primos vieram da Turquia para o Rio

Flávia Mantovani

SÃO PAULO As fotos no Instagram mostram jovens relaxados, passeando em Copacabana ou na frente do Maracanã. As vidas de Omar, 24, Akbar, 23, Shadaab, 20, e Shahzad, 18, mudaram completamente na última semana.

Até chegarem ao Rio, os quatro jovens afegãos enfrentaram uma dura jornada ao longo de cinco meses, que incluiu percorrer mais de 4.000 quilômetros de Cabul até a Turquia, passando pelo Irã, escapar dos tiros da polícia turca de fronteira e dormir nas ruas em Ancara enquanto esperavam o visto brasileiro.

Eles são primos —Omar e Akbar são irmãos, assim como Shadaab e Shahzad— e vieram encontrar um tio que vive no Brasil. Ahmad Amiri chegou ao país como refugiado há sete anos e é casado há quatro com uma brasileira, a engenheira química Magda Martins, 46.

Os garotos saíram de casa em maio deste ano, três meses antes de o Talibã retomar o poder, quando perceberam que o grupo extremista estava ganhando território. Não contaram para ninguém: os familiares só souberam quando eles já estavam na estrada.

Passaram dias andando, até que chegaram à Turquia. Atravessaram irregularmente a fronteira, foram descobertos pela polícia, mas conseguiram escapar dos tiros e da prisão. Conseguiram emprego e um lugar para morar de aluguel, com o plano de se estabelecerem e levarem a família para lá no futuro.

Mas em agosto, com a piora da crise política no Afeganistão, o governo turco apertou o cerco contra imigrantes dessa nacionalidade, e a população local ficou com medo de represálias. Omar, Akbar, Shadaab e Shahzad foram demitidos e despejados do apartamento onde viviam.

"Deu tudo errado", conta a tia, Magda. "Eles tiveram dias bastante difíceis. Dormiam em um parque a céu aberto, iam até a mesquita para orar e faziam a higiene lá, mas não deixavam eles permanecerem, tinham que voltar para o parque. No final, estavam passando frio."

Enquanto isso, Magda e Ahmad tentavam um jeito de ajudar. Em meados de agosto, o governo brasileiro anunciou que estudava a concessão de um visto humanitário para afegãos, mas a regulamentação do documento só saiu no começo de setembro.

> “
> Eles tiveram dias bastante difíceis. Dormiam em um parque a céu aberto, iam até a mesquita para orar e faziam a higiene lá, mas não deixavam eles permanecerem, tinham que voltar para o parque. No final, estavam passando frio
>
> **Magda Martins**
> tia de jovens afegãos recém-chegados ao Rio

"Ficamos acompanhando de longe, esperando a portaria do visto ser publicada. Quando saiu, achamos que a situação ruim deles ia acabar rapidinho, mas o visto só saiu na semana passada", conta Magda. "A embaixada começou a colocar dificuldades, pedindo uma série de requisitos que não estavam na portaria, o que tornou o visto praticamente inviável."

No fim de setembro, embaixadas habilitadas a emitir os vistos humanitários para afegãos começaram a exigir dos solicitantes que alguma empresa ou organização se comprometesse a bancar para eles uma longa lista de requisitos, incluindo plano de saúde e odontológico, renda mensal, hospedagem, alimentação, transporte, teste de Covid-19 e custos para revalidação de diplomas.

Questionado pela **Folha** na época, o Itamaraty disse que as orientações não são obrigatórias e valem apenas para casos em que o pedido de visto se dê por meio de instituições privadas ou ONGs e envolva grupos numerosos de pessoas a serem acolhidas.

No último dia 13, a Defensoria Pública da União (DPU) enviou um pedido de explicações ao Itamaraty sobre a situação do visto dos sobrinhos de Magda, ressaltando que eles estavam em situação de rua e com medo de serem detidos devido ao status migratório irregular. Na semana seguinte, o visto saiu.

A brasileira afirma que essa foi a primeira viagem de avião dos sobrinhos. A chegada ocorreu na segunda (25), e o reencontro emocionado foi registrado em fotos e vídeos.

Magda diz que, depois de resolvida a documentação, eles vão procurar emprego e aprender português. "Fico preocupada porque virão novos desafios. Viver no Brasil não é fácil. Mas a sensação que me passam é que estão maravilhados, com expectativa de vida nova. Com aquela sensação de 'a gente vai ser feliz'."

A família também está preocupada com os parentes que seguem no Afeganistão. Dois deles já foram sequestrados pelo Talibã e não apareceram mais. Mas o reencontro com os sobrinhos renovou as forças de Ahmad, diz Magda. "Muita gente nos ajudou, as pessoas estão enviando doações, já que eles só chegaram com as roupas do corpo. A vinda desses meninos foi um banho de esperança para nós."

+

Imigrantes colaboram com países mais do que é gasto com eles, diz estudo da OCDE

Imigrantes são um fardo para as finanças dos países que os acolhem? Estudo divulgado nesta quinta (28) pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento), com dados de 25 de seus países-membros em um período de 13 anos, mostrou que as contribuições de imigrantes em taxas e impostos foram maiores do que os gastos dos governos com proteção social, saúde e educação para eles. A OCDE tem 38 membros, entre os quais Alemanha, Chile, Japão e Turquia. A pesquisa mediu o impacto fiscal dos imigrantes em 22 países europeus, além de nos EUA, no Canadá e na Austrália, de 2006 a 2018. O saldo foi positivo em todos eles, com as contribuições de estrangeiros sendo suficientes para cobrir totalmente a parcela de gastos governamentais destinados a eles e, na maioria dos países, até ultrapassando esse valor —ainda que não de forma muito expressiva (em média, 1,56% do PIB).

Ahmad Amiri e Magda Martins com os quatro sobrinhos dele (Omar, 24, Akbar, 23, Shadaab, 20, e Shahzad, 18) que acabam de chegar do Afeganistão ao Rio de Janeiro Lucas Seixas/Folhapress

EUA querem que Brasil reduza vistos humanitários a haitianos

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Para tentar conter a atual crise migratória nos EUA, o governo de Joe Biden passou a defender que o Brasil aumente o rigor na concessão de vistos humanitários e de reunião familiar para haitianos.

Segundo interlocutores, Washington considera que uma eventual redução no número desses vistos tende a diminuir o fluxo de cidadãos do Haiti que cruzam as Américas rumo à fronteira sul dos EUA, já que parte dos detidos tentando entrar de maneira irregular no território americano inicia a jornada no Brasil.

A avaliação é que o fortalecimento de controles migratórios no Brasil e em outras nações latino-americanas, caso do Chile, também apontado como origem dos haitianos, deve desencorajar pessoas que planejam ingressar nesses países apenas com o objetivo de tentar migrar para os EUA pouco depois.

A preocupação de Washington foi manifestada, de forma genérica, pelo secretário de Estado americano, Antony Blinken, durante reunião realizada na semana passada em Bogotá, na Colômbia. Ele não citou o Brasil na ocasião, mas pediu a cooperação de todos os países da região no enfrentamento da atual crise.

"Nós temos de fortalecer o controle das fronteiras, por exemplo, por meio da exigência de vistos e do controle meticuloso da entrada em casos em que a dispensa de permissões estimula, de forma não intencional, a migração irregular", disse. "Nós temos de melhorar os processos de asilo para que as pessoas que têm apelos [por refúgio] válidos possam ser ouvidas rapidamente."

A crise foi evidenciada na semana passada, quando dados do Serviço de Alfândegas e Proteção das Fronteiras (CBP, na sigla em inglês) relativos ao ano fiscal de 2021, encerrado em setembro, foram divulgados, mostrando o recorde de 1,7 milhão de detenções na fronteira com o México.

A cooperação bilateral para enfrentar a situação também foi discutida numa visita a Brasília, na semana passada, da secretária-adjunta de Assuntos Internacionais do Departamento de Segurança Nacional dos EUA, Serena Hoy. Procurado, o Itamaraty negou que os americanos tenham manifestado preocupação com o número de vistos humanitários concedidos pelo Brasil a cidadãos haitianos.

"O governo brasileiro considera que os vistos para acolhida humanitária a cidadãos do Haiti são concedidos com o máximo rigor, em conformidade com os parâmetros estabelecidos pela portaria interministerial número 13, de 2020", disse a pasta, em nota.

A embaixada dos EUA, por sua vez, argumentou que "ajudar a conter o fluxo de indivíduos que procuram utilizar países terceiros como ponto de partida para fazer uma viagem ilegal é um aspecto importante" dos esforços para conter a onda de migração. "A atual situação migratória sem precedentes é um desafio regional que exige que todos nós encontremos novas soluções e novas formas de cooperação, no âmbito das leis de cada país e dos nossos compromissos internacionais."

O Brasil emitiu neste ano cerca de 3.300 vistos de acolhida humanitária para haitianos e 800 de reunião familiar. Em 2018, foram 3.000 vistos humanitários, número que subiu para aproximadamente 5.500 por ano em 2019 e 2020. A comunidade haitiana no país é de 120 mil pessoas, segundo interlocutores no governo. Esse tipo de acolhida é similar à que foi ofertada recentemente a cidadãos do Afeganistão.

Haitianos estão entre as principais nacionalidades de detidos na fronteira dos EUA. Do total de barrados no ano fiscal de 2021 —1,7 milhão—, 608 mil eram mexicanos e, na sequência, entre 367 mil apreendidos de "outras nacionalidades", segundo o CBP, estão cidadãos do país caribenho e brasileiros, entre outros.

O número criou problemas para Biden. Primeiro, com as cenas de milhares de migrantes amontoados em um acampamento sob uma ponte no Texas e, depois, de agentes de fronteira ameaçando pessoas com rédeas de cavalos. O democrata acelerou as deportações, mas enfrentou críticas pelas devoluções feitas ao país mais pobre das Américas —que enfrenta também grave crise política e econômica.

No final de setembro, Blinken pediu ao chanceler brasileiro, Carlos França, que o Brasil aceitasse receber haitianos que tenham vínculo com o país —seja um registro nacional de estrangeiro válido ou filhos brasileiros. Pessoas nessas condições não têm impedimento para ingressar no país.

Segundo interlocutores, a prioridade do Itamaraty no tema é dar assistência a crianças nascidas no Brasil que foram deportadas para o Haiti por não terem documentos que comprovassem a nacionalidade. Elas foram detidas junto aos pais ao tentar atravessar a fronteira pelo México.

Autoridades estimam que haja cerca de 80 crianças brasileiras de pais haitianos na nação caribenha. O trabalho consiste em garantir que as crianças e seus pais tenham os documentos necessários caso queiram voltar ao Brasil.

Plano de saúde sobe acima da inflação em 2021

Neste ano, alta deve ser de 11% e, em 2022, de 13%; elevação é puxada pela retomada de consultas e procedimentos

Daniele Madureira

SÃO PAULO Desde o início da vacinação contra a Covid no Brasil, na segunda metade de janeiro deste ano, pulularam no Instagram e no Facebook fotos de gente com mangas de camisa arregaçadas, empunhando com orgulho a carteirinha do SUS (Sistema Único de Saúde), felizes por terem se imunizado contra o novo coronavírus.

Mas a alegria com a saúde pública termina aí. Hoje, ter um plano privado de saúde é o terceiro bem mais importante para o brasileiro, depois de moradia e educação, segundo pesquisa do IESS (Instituto de Estudos de Saúde Suplementar), divulgada em junho.

Algo acessível para menos de um quarto da população (23%), ou 48,3 milhões de pessoas, segundo a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), que regula o setor.

A restrição se justifica pela natureza do negócio: a maior parte dos planos de saúde hoje no Brasil são coletivos empresariais (68%), ou seja, é oferecido como benefício para quem está empregado. Outros 13% são planos coletivos por adesão, contratados por meio de sindicatos e associações.

Apenas 19% são individuais ou familiares — a maioria dos planos não se interessa por essa categoria porque nela o reajuste é ditado pela ANS.

Neste ano, os beneficiários de planos de saúde empresariais vão sentir uma picada de 11% no aumento do custo do serviço, como um dos reflexos da pandemia. No ano que vem, a dor no bolso vai ser ainda maior: o reajuste deve ficar em 13%, já incluindo a inflação, de acordo com a consultoria Mercer Marsh Benefícios.

> “Em 2020, consultas, exames preventivos e cirurgias eletivas foram postergados por receio de contaminação, mas em 2021, a realidade é inversa, está todo mundo voltando
>
> **Fernanda Rodrigues**
> analista setorial da Lafis Consultoria

“Em 2020, consultas, exames preventivos e cirurgias eletivas foram postergados por receio de contaminação, mas em 2021, a realidade é inversa, está todo mundo voltando”, diz Fernanda Rodrigues, analista setorial da Lafis Consultoria.

“Isso exerce uma forte pressão sobre os custos do setor, que também precisou enfrentar um maior número de internações por Covid este ano em relação a 2020”.

Segundo a FenaSaúde (Federação Nacional de Saúde Suplementar), que reúne as maiores operadoras de planos de saúde do país, em julho do ano passado, para cada 100 mil beneficiários, havia 60 pacientes internados. “Em abril deste ano, o número quase dobrou, para 114”, diz Vera Valente, diretora da FenaSaúde.

“O ano que vem vai refletir o aumento dos custos deste ano, assim como a maior frequência de uso”, diz ela, que também aponta o aumento “absurdo” de insumos médicos, como luvas, máscaras e aventais, que supera em muito a inflação.

Em 2020, segundo dados da ANS apontados em relatório da Lafis, o setor faturou R$ 223,4 bilhões, um aumento de 4,7% na comparação anual, motivado justamente pelo adiamento de procedimentos médicos, por causa da Covid.

As operadoras passam cerca de 85% desse total aos prestadores de serviços (hospitais, clínicas e especialistas), de acordo com a FenaSaúde.

Nos planos de saúde empresariais, existem duas formas de compartilhamento de custos com usuários: por coparticipação (74%), em que o beneficiário paga uma parte do valor do serviço quando usa, e por média de desconto, quando um valor fixo é descontado todo mês da folha de pagamento.

“A fatia da coparticipação vem crescendo ao longo dos últimos anos, porque é uma maneira de aumentar a consciência do usuário: ele não vai fazer qualquer exame por fazer, só vai fazer aquilo que realmente precisa”, diz Mariana Dias Lucon, diretora da consultoria Mercer Marsh Benefícios.

De acordo com a consultoria, o custo total do plano de saúde neste ano por funcionário é de R$ 427,09.

“O plano de saúde representa 13,95% da folha de pagamento, é a segunda maior fonte de custo para as empresas empregadoras, depois do salário”, diz Lucon, que também vê a frequência de uso de planos de saúde aumentando este ano por causa do tratamento das sequelas de quem contraiu Covid.

Principais planos de saúde do Brasil

Participação de mercado, em %

Plano	%
Bradesco Saúde	7,2
Notre Dame Intermédica	6,8
Amil	6,1
Hapvida	5,7
Sul América	3,9
Unimed	3,8
Unimed Belo Horizonte	2,7
São Francisco Sistemas de Saúde	1,6
Unimed Rio	1,5
Outros	60,6

Melhores hospitais do país 2020

Segundo pesquisa global da Newsweek, que considera recomendações de especialistas, pesquisas com pacientes e indicadores de desempenho

Hospital	Pontuação, em %	Número de leitos, em unidades
Hospital Israelita Albert Einstein (São Paulo)	98,8	663
Hospital Sírio Libanês (São Paulo)	94,6	461
Hospital Oswaldo Cruz (São Paulo)	90,1	262
Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (São Paulo)	89,2	2.972
Hospital Moinho dos Ventos (Porto Alegre)	86,1	382
São Luiz Unidade Morumbi (São Paulo)	85,6	203

Fonte: Lafis Consultoria

Operadoras apostam em verticalização para lidar com país envelhecendo

SÃO PAULO O Brasil vai ser um país cada vez mais velho. A mudança na estrutura etária do país é inevitável, segundo estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgado no último dia 13. O levantamento apontou que, em 2010, a população brasileira somava 194,7 milhões de pessoas e, em 2100, deve cair para 156,4 milhões.

No intervalo, a proporção de idosos, que era de 7,3%, pode chegar a 40,3%, e o percentual de crianças e jovens até 15 anos tem chances de cair de 24,7% para 9%.

Aumento da expectativa de vida, menor taxa de mortalidade infantil e a menor taxa de fecundidade contribuem para que essas projeções se tornem realidade. Com isso, os planos de saúde terão que lidar com mais beneficiários que, possivelmente, sofram de doenças crônicas, que exijam atendimento contínuo.

Para José Cechin, superintendente do IESS (Instituto de Estudos de Saúde Suplementar), nesse cenário, é natural a tendência de verticalização dos planos de saúde, com as instituições passando a ser donas de todas as frentes de atendimento médico, como clínicas, laboratórios e hospitais.

“A verticalização aumenta a competitividade”, diz, citando como exemplo a Prevent Senior, que protagonizou um dos escândalos apontados pela CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Covid. Voltada ao público idoso, a operadora ganhou espaço com a venda de planos a preços competitivos (mensalidades a R$ 800).

Mas viu sua imagem desmoronar com as denúncias de administração do “kit Covid” (remédios sem eficácia comprovada para controle da doença) nos pacientes, sem consentimento das famílias, além de fraudes nos registros de óbitos.

Como tem uma estrutura verticalizada, que controla todo o processo, a CPI entende que a transparência neste tipo de operação, verticalizada, é mais difícil. Mas, para o mercado, as fusões dentro do setor são tendência sem volta.

“Em uma estrutura verticalizada, o plano controla a ‘canetada’ do médico” diz Eduardo Nishio, analista da Genial Investimentos. O analista se refere à quantidade de exames que são pedidos por clínicas e especialistas médicos.

Segundo Nishio, a prova de que a verticalização está no foco desse mercado é o recente anúncio de fusão entre dois grandes grupos, GNDI (NotreDame Intermédica) e Hapvida — esta última também alvo da CPI, por conta da subnotificação de mortes por Covid e prescrição de hidroxicloroquina.

“A fusão tende a ser aceita pelo Cade [Conselho Administrativo de Defesa Econômica], porque os dois planos têm pouca sobreposição, concentrada no estado de Minas Gerais”, diz ele.

Com isso, será formado o primeiro grande player nacional, unindo as regiões mais fortes de GNDI (Nordeste e Centro-Oeste), com as da Hapvida (Sudeste e Sul). Eles já operam planos com preços competitivos e vão poder trazer mais usuários do SUS para a sua base”, diz Fernando Ferrer, analista da Empiricus.

Rodrigo Crespi, analista da Guide Investimentos, destaca o conflito de interesses entre um hospital e um plano de saúde. “Para o plano, o ideal é que não ocorra sinistros. Para o hospital, é preciso ocorrer internações para que ele tenha receita.” **DM**

Dinheiro é o maior problema de saúde, mostra pesquisa

SÃO PAULO A healthtech HSPW (Healthy & Safe Place to Work) realizou em setembro, a pedido da **Folha**, uma pesquisa com 70 mil colaboradores de empresas no Brasil que usam a plataforma de mensuração e acompanhamento da saúde integral da companhia.

Por saúde integral, a ferramenta entende os aspectos físico, mental, financeiro e organizacional do funcionário. Pelo resultado do levantamento, o que mais “dói” é o bolso.

Entre os dez diagnósticos mais observados nas equipes, o que vence são os problemas financeiros, comuns a 80% da amostra. Os demais nove diagnósticos apresentados se referem a questões psíquicas e de saúde física (veja abaixo).

“Procuramos ter uma visão holística do indivíduo, porque só assim a saúde pode ser tratada de uma maneira eficaz”, diz Nestor Sequeiros, presidente da HSPW. “Quase todos os diagnósticos, na verdade, têm a situação financeira atrelada”, diz Sequeiros, ressaltando que o problema dispara reações psicológicas ou físicas. **DM**

Os 10 problemas mais frequentes dos profissionais

- **80%** apresentam problemas financeiros;
- **63%** sedentarismo;
- **58%** maus hábitos alimentares;
- **50%** consumo inadequado de álcool;
- **49%** má qualidade do sono;
- **38%** sobrepeso/obesidade;
- **31%** síndrome de burnout;
- **14%** ansiedade;
- **10%** depressão
- **2%** ideação suicida

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Encomenda

FedEx Express e Azul Cargo Express abrem neste mês um acordo para que as lojas da companhia brasileira passem a funcionar também como centros de envio autorizados da gigante internacional. A estratégia desta primeira parceria da dupla é aproveitar a pulverização da rede da Azul Cargo no Brasil para fazer remessas ao exterior por meio dos serviços da FedEx. Mais da metade das 260 lojas da Azul Cargo vai oferecer o serviço de envio para o exterior.

PACOTE A cobertura da transportadora internacional no Brasil será duplicada e terá cerca de 300 pontos de envio por aqui. Nos últimos anos, a FedEx já vinha expandindo sua base no aeroporto de Viracopos e elevando a frequência de voos do Brasil para seu hub global em Memphis, nos EUA.

PNEU Às vésperas da paralisação que os caminhoneiros ameaçam fazer no dia 1º, o gesto anunciado nesta sexta (29) pelo Confaz (conselho de política fazendária) para congelar por 90 dias o ICMS sobre combustíveis não acalmou os motoristas. Para alguns dos líderes da categoria, o que está na pauta do movimento é a mudança da política de preços da Petrobras, não o imposto.

ACELERADOR Plínio Dias, presidente do CNTRC (conselho do transporte rodoviário de cargas), disse que passou o dia em busca de novas adesões. "Conversei com a categoria dos conteineiros, e os portos de Itajaí (SC) e Santos (SP) vão apoiar. Também estamos fazendo reuniões com os motoristas de aplicativos e os taxistas, que dependem do combustível para trabalhar", afirma Dias.

BOLEIA Para José Roberto Stringasci, presidente da ANTB (associação do transporte do Brasil), congelar o ICMS no nível atual dos preços dos combustíveis é "tapar o sol com a peneira". O caminhoneiro não vê perspectiva de mudança após os 90 dias. Marcelo da Paz, representante dos caminhoneiros de Santos (SP), também afirma que nada mudou em relação aos preparativos para as manifestações.

TCHAU Cerca de 5% dos adultos não vacinados contra a Covid nos EUA dizem que deixaram o emprego por causa da obrigatoriedade da imunização, segundo pesquisa feita pela Fundação Família Kaiser com mais de 1.500 americanos.

AGULHA A exigência da vacinação tem crescido no país desde o anúncio do presidente Joe Biden, em setembro, de que tornaria a imunização obrigatória nas empresas com 100 ou mais funcionários. O texto da medida ainda está em revisão nos EUA.

FLOR Após mais de 600 mil mortes pela pandemia, os cemitérios devem receber no Dia de Finados deste ano um número de visitantes superior ao de 2019, segundo o Sincep, que reúne cemitérios e crematórios particulares. "Vivemos dois anos com um número elevado de óbitos, então, há um contingente de enlutados muito maior", diz Gisela Adissi, presidente da entidade.

LEMBRANÇA As estruturas com tendas e banheiros serão expandidas. E as programações devem ser mais espaçadas para diluir o fluxo de pessoas, segundo Adissi. Será o primeiro Dia de Finados em formato híbrido. Em 2020, a tradicional missa realizada na data foi transmitida online.

LUTO Nos cemitérios do Grupo Cortel, a programação presencial será retomada, mas com transmissão pela internet. A empresa está organizando missas, música ao vivo e feira de adoção de animais. Já o Cemitério Parque das Cerejeiras, de SP, optou só por atividades presenciais.

VOZ O caso do áudio com orientações para evitar a contratação de candidatos gordos, gays e com piercing para vagas de emprego, que envolve uma funcionária da rede de farmácias São João, avançou nesta semana. A profissional confirmou à Polícia Civil de Imbé (RS) que enviou o áudio.

PRECONCEITO Em depoimento, ela disse estar arrependida e alegou sobrecarga de trabalho e problemas pessoais, segundo a polícia. A funcionária afirmou que não foi orientada pela empresa a discriminar candidatos. A princípio, a São João disse que o conteúdo era falso, mas depois voltou atrás e divulgou um comunicado afirmando que o áudio foi enviado por uma funcionária sem o conhecimento da rede.

ÁGUA O conselho de administração da Simpar, que controla Movida, Vamos e BBC Leasing, aprovou a proposta de compra da empresa de saneamento Ciclus Ambiental. O movimento, anunciado nesta sexta (29), ocorre por meio da incorporação da controladora da Ciclus, a CS Infra, que reunirá as concessões da Simpar.

com Mariana Grazini e Andressa Motter

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona

CIFRAS & LETRAS

Mulher passeia com seus cães dentro de carrinho em Londres Tolga Akmen - 22.jan.21/ AFP

Licença cãoternidade leva longe demais o boom dos pets da pandemia

Solicitações de tempo para cuidar de animais de estimação adquiridos no lockdown chocam quando milhões ainda não têm licença parental

Pilita Clark

FINANCIAL TIMES Um terço dos trabalhadores do Reino Unido pensaria em trocar de emprego a dividir o espaço de trabalho com um colega não vacinado, segundo uma pesquisa de opinião pública que saiu nesta semana.

Mas e se o colega tivesse garras? E uma tendência a babar, rosnar e roubar almoços que fiquem desprotegidos?

Se você achava que as regras que permitiam levar cachorros ao escritório já eram irritantes antes da Covid-19, prepare-se. A explosão na propriedade de animais de estimação causada pela pandemia deve afetar os locais de trabalho de maneiras que antes pareceriam inimagináveis.

Permita-me afirmar que eu não tenho bichos de estimação, mas sou profundamente pró-animais. Se minha casa em Londres fosse maior, eu seria um dos 3,2 milhões de britânicos que adquiriram um bicho de estimação desde que os lockdowns começaram, de preferência um cachorro ou gato — ou, idealmente, um de cada.

Antes da pandemia, eu encarava de maneira muito positiva as regras para animais adotadas por empresas como a Ben & Jerry's e a Amazon, em cuja sede, em Seattle, 7.000 trabalhadores vão ao escritório acompanhados por seus bichos de estimação.

Nos últimos 18 meses, assisti com inveja a vídeos de colegas expulsando os gatos de perto dos teclados de seus computadores, em reuniões via Zoom. Agora que os escritórios estão começando a reabrir, é perfeitamente compreensível que as hordas de novos proprietários de animais de estimação estejam sofrendo alguma ansiedade diante da perspectiva de abandonar seus companheiros peludos.

Considerando a escassez de mão de obra que existe em muitos lugares, é igualmente compreensível que multidões de empregadores estejam planejando uma reabertura de escritórios à "au-autura".

Pelos menos metade dos 500 gestores americanos pesquisados por um grupo de hospitais veterinários planeja permitir a presença de animais de estimação nos escritórios, quando estes reabrirem. A maioria deles disse que a decisão tinha sido tomada para atender a pedidos dos subordinados, e em boa parte para ajudar a convencer os trabalhadores a voltar ao escritório.

Para pessoas como eu, essa é uma notícia excelente.

Mas e se você não gosta de bichos, é alérgico a eles ou rejeita o conceito de dividir seu espaço com criaturas que não são brilhantes na conversação, têm mau hálito e não são famosas pela disciplina sanitária?

Não admira que uma empresa britânica de serviços para animais de estimação tenha lançado o Petiquette, um serviço cujo objetivo é ajudar os empregadores a adotar regras que facilitem a presença de cachorros sem irritar demais as pessoas que prefeririam não tê-los por perto.

Francamente, não estou convencida de que uma empresa precise de assessoria sobre "estabelecer horários para alimentação e brincadeiras que não interrompam os outros". Mas a ideia é sensata, em termos gerais.

No entanto, enquanto lia as bobagens de relações públicas da Petiquette, percebi uma coisa: a Pets at Home, a empresa que desenvolveu o serviço, também oferece aos seus empregados uma "licença cãoternidade". Os empregados ganham um dia de folga quando adotam um novo animal de estimação, para ajudar a criatura a se acomodar.

Benefícios como esse não são novidade. A BrewDog, uma fabricante escocesa de cerveja artesanal, desde o começo de 2017 permite que seu pessoal tire uma semana de licença 100% remunerada se o empregado adotar um animal ou um cão de resgate.

Isso não impediu que dezenas de empregados da BrewDog assinassem uma carta aberta este ano na qual acusam a empresa de ter "uma cultura podre" e "atitudes tóxicas".

Empresas demais, especialmente nos Estados Unidos, não oferecem licença maternidade ou licença paternidade pagas.

Mas a ideia de licença cãoternidade decolou durante a pandemia, à medida que a posse de animais de estimação disparava.

Algumas semanas atrás, Roger Wade, presidente-executivo da Boxpark, uma empresa britânica de restaurantes "pop-up" e venda de alimentos, postou uma pesquisa em mídias sociais perguntando o que seus leitores achavam de um trabalhador que tinha lhe pedido licença cãoternidade para cuidar de um cachorro adotado.

Meu dedo hesitou sobre o teclado, quando chegou a hora de votar. Quanto mais homens tiverem licença-paternidade, melhor. O enrosco surgido nos Estados Unidos este mês quando Pete Buttigieg, secretário federal do Transporte, tirou uma licença para cuidar de seus gêmeos recém-nascidos foi tão desagradável quanto previsível.

Também compreendo por que qualquer pessoa que tenha um cachorro novo queira uma licença, e por que pode fazer sentido que uma empresa ofereça grandes benefícios e, crucialmente, licenças maternidade e paternidade generosas para seus empregados.

Mas um número excessivo de companhias não o faz, especialmente nos Estados Unidos, o único país rico que não garante licenças remuneradas para as pessoas que acabam de ter filhos. No final do ano passado, só 21% dos trabalhadores americanos tinham acesso a licenças remuneradas quando se tornam pais.

Foi pensando em estatísticas como essa que fiz como 61% dos respondentes da pesquisa e votei contra a concessão de uma licença cãoternidade ao empregado de Wade. Em um mundo mais justo, concedê-la poderia ser razoável, mas por enquanto é um passo grande demais para qualquer pata.

Tradução de Paulo Migliacci

+ O QUE SABER ANTES DE ADOTAR UM CACHORRO

- **Tenho tempo?** Animais precisam de atenção. Cães gastam energia com brincadeiras e passeios e alguns não ficam bem sozinhos
- **E espaço?** Área para ele se desenvolver e brincar é importante. Filhotes crescem! Se a casa for pequena, será fundamental passear duas vezes ao dia
- **Posso bancar os custos?** Boas rações não são baratas. Também é preciso levar em conta gastos com tapete higiênico, além de gastos com vacinas, castração, banhos, antipulgas e veterinário
- **Terei paciência?** Cães adultos podem latir e uivar. Leva tempo até eles se sentirem seguros e adaptados à nova família
- **Vou cuidar até ficar idoso?** Cães vivem, em média, 15 anos. Pense se você está disposto a cuidar deles até o fim de suas vidas

Traições e ausências minguam apoio à PEC dos precatórios

MDB foi majoritariamente contra, e PL rachou em votação-teste na quarta-feira

Ranier Bragon, Thiago Resende e Danielle Brant

BRASÍLIA A votação preliminar que testou o apoio do plenário da Câmara à PEC (proposta de emenda à Constituição) dos precatórios mostrou a dificuldade do governo em conseguir apoio para aprovar a medida que amplia gastos em ano eleitoral e viabiliza o Auxílio Brasil.

A análise do mapa de votações de um requerimento na quarta-feira (27) para que o texto fosse retirado de pauta —e que foi usado como teste de apoio ou rejeição ao mérito da medida— revelou traições e ausências de deputados de siglas da base do presidente Jair Bolsonaro (sem partido).

O PL, da ministra Flávia Arruda (Secretaria de Governo) e comandado por Valdemar Costa Neto, que tenta filiar Bolsonaro à legenda, foi um desses exemplos.

Foram 16 ausentes, 2 traições e 25 votos em linha com o governo. Como as ausências contaram, na prática, como posição contrária à PEC, a bancada do PL praticamente rachou.

O partido lidera, ao lado do PP, o centrão, bloco de sustentação política de Bolsonaro.

Com a sinalização ruim, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), chegou a se reunir com Flávia e os ministros Ciro Nogueira (Casa Civil) e João Roma (Cidadania) na noite de quarta para tentar viabilizar a votação da PEC ainda na (28) quinta —mas isso fracassou. A insegurança sobre a aprovação empurrou a análise da proposta para a próxima semana.

Para que uma PEC seja aprovada, é necessário o voto de ao menos 308 dos 513 deputados. No requerimento-teste, o apoio à medida chegou apenas a 256, ou seja, 52 votos a menos do mínimo necessário.

Interlocutores de Bolsonaro culpam a decisão de Lira, que quis retomar nesta semana as votações na Câmara pelo sistema presencial. O governo calcula que cerca de 50 deputados da base não estavam em Brasília na quarta.

PP, PL, Republicanos e PSC formam o bloco de partidos mais ligados ao governo —três deles têm ministério. Mas o número de ausentes nesse grupo chegou a 32 deputados.

Para alcançar os 308 votos necessários para aprovar a PEC, o governo terá de mobilizar bancadas que tendem a ser menos fiéis que o núcleo duro da base governista.

De acordo com integrantes do PL, vários pontos pesaram na postura do partido, entre eles pressão de professores, que perderam recursos com a medida, e pressão para maior agilidade do governo na liberação de recursos para as emendas apresentadas pelos parlamentares ao Orçamento.

"Há uma insatisfação com a forma como o governo vem tratando os deputados do partido", afirmou o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PL-AM).

Ele disse ter apresentado uma proposta de mudança ao governo para que os professores sejam contemplados.

O PTB de Roberto Jefferson, até pouco tempo um ferrenho apoiador de Bolsonaro, teve maioria contrária ao dispositivo que acelerava a votação da PEC.

> Há uma insatisfação com a forma como o governo vem tratando os deputados do partido
>
> **Marcelo Ramos (PL-AM)**
> vice-presidente da Câmara

> No fundo, o que não se quer —a oposição especialmente— é que o presidente Bolsonaro pague o Auxílio Brasil, que ele possa socorrer essas pessoas que estão necessitadas neste momento
>
> **Ricardo Barros**
> líder do governo na Câmara

Outro partido importante que se colocou contra a PEC foi o MDB —20 deputados ficaram contra e 5 se ausentaram. Só 8 manifestaram intenção de apoiar a medida.

O líder da bancada, Isnaldo Bulhões (AL), também afirmou que um conjunto de fatores pesou na decisão da legenda. Ele foi procurado durante toda a quarta por governistas e ministros na tentativa de que o partido mudasse de opinião, mas não houve sucesso.

O PSDB, que atua em linha independente, também rachou. Foram 19 a favor da medida e 12 contra (incluindo ausentes).

O Cidadania, outro integrante do bloco independente, só deu um voto a favor da PEC. O Novo, sigla com 8 cadeiras na Câmara, votou integralmente contra a proposta.

A falta de apoio desse grupo (MDB, PSDB, Cidadania e Novo) é outro entrave para o avanço do texto na Casa.

Integrantes da oposição e de legendas do centro querem aprovar apenas a parte que assegura o Auxílio Brasil de R$ 400 a partir de dezembro. Dizem que abrir margem para outros gastos, como a engorda de emendas parlamentares em 2022, só ajudará eleitoralmente a base governista.

De acordo com aliados do governo, o único objetivo dos opositores da PEC é antecipar o debate eleitoral do próximo ano.

"No fundo, o que não se quer —a oposição especialmente— é que o presidente Bolsonaro pague o Auxílio Brasil, que ele possa socorrer essas pessoas que estão necessitadas neste momento. Então, é uma questão política", disse o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR).

Na quarta, Roma chegou a sugerir a aliados que Lira recuasse na decisão sobre as votações presenciais. Até a semana passada, a Câmara tinha permitido que deputados votassem por um sistema remoto por causa da pandemia da Covid-19.

Um dos pontos de divergência em relação à PEC trata da garantia do pagamento de dívidas de repasses do Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério).

Há cerca de R$ 15,6 bilhões em precatórios desse tema para Bahia, Pernambuco, Ceará e Amazonas. A oposição usa isso como discurso de que professores perderão recursos se a PEC dos precatórios for aprovada.

Diante da resistência, inclusive em partidos de centro e da base do governo, o relator da proposta, deputado Hugo Motta (PB), que é líder do Republicanos, passou a avaliar retirar essa verba do teto de gastos —regra que impede o crescimento das despesas acima da inflação.

A tese é que o dinheiro para o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) não é considerado no cálculo do limite de gastos federais.

Governo faz último pagamento do Bolsa Família, e Auxílio Brasil começa em novembro

BRASILIA Após 18 anos, o Bolsa Família será encerrado a partir de novembro. O calendário da última parcela do programa termina nesta sexta-feira (29). Agora entra em cena o Auxílio Brasil, criado pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido).

Bolsonaro tentou, desde o primeiro ano de mandato, lançar um substituto para o Bolsa Família. Na avaliação de assessores do presidente, o programa que acaba nesta sexta era relacionado aos governos petistas.

Por isso, o Palácio do Planalto se empenhou em tirar do papel mudanças no formato da transferência de renda para a população mais carente e, com isso, trocar o nome do principal programa social federal.

O Auxílio Brasil foi criado por MP (medida provisória) editada em 10 de agosto. O texto já previa que o programa entraria em vigor após 90 dias. Para não perder a validade, uma MP precisa do aval do Congresso em 120 dias, mas, durante esse período, já tem força de lei.

Mesmo sem a aprovação do Congresso, a MP, portanto, tem o poder de revogar o Bolsa Família e dar início ao novo programa social de Bolsonaro.

De acordo com o Ministério da Cidadania, o Auxílio Brasil começará a ser pago em 17 de novembro. O calendário seguirá as datas usuais do Bolsa Família, que divide os depósitos ao longo de dez dias de acordo com o cadastro dos beneficiários.

Além do modelo de pagamento, o Auxílio Brasil também segue o mesmo padrão de inscrição que o Bolsa Família. A pessoa precisa fazer parte do Cadastro Único (que reúne os dados de beneficiários de programas sociais).

As bases do Auxílio Brasil seguem o formato do Bolsa Família. Quem já está no programa criado na gestão do PT será automaticamente transferido para a versão de Bolsonaro. Famílias que já estavam na fila de espera do Bolsa Família devem ser incluídas no Auxílio Brasil.

O novo programa mantém as premissas do antecessor ao atender famílias em situação de extrema pobreza (renda mensal de até R$ 89 por pessoa, segundo o padrão atual do governo) e pobreza (entre R$ 89 e R$ 178).

Essas faixas, que não são corrigidas desde 2018, devem subir para R$ 93 e R$ 186, respectivamente. O reajuste, porém, não compensa a inflação do período. Quanto maiores esses limites, mais pessoas podem se cadastrar.

O programa de Bolsonaro altera a forma de calcular o benefício de cada família. Ao todo, serão nove tipos de benefícios que, ao final da conta, serão reunidos no valor a ser recebido. Técnicos do governo afirmam que houve avanço nessa mudança de categorias de benefícios, que passam a ser mais ligados à composição familiar.

No entanto, a principal diferença entre o Auxílio Brasil e o Bolsa Família é a intenção do governo de ampliar a verba para o programa.

De olho nas eleições de 2022, Bolsonaro foi aconselhado por aliados a destinar mais recursos para essa área.

A popularidade dele subiu no auge do auxílio emergencial, mas agora segue em queda —mesmo com o aumento do orçamento do Auxílio Brasil, o novo programa ainda estará longe de alcançar a cobertura de famílias carentes que o auxílio emergencial teve.

O plano do governo é colocar um orçamento de aproximadamente R$ 85 bilhões para o Auxílio Brasil em 2022. Nos últimos anos, a verba do Bolsa Família ficou perto de R$ 35 bilhões. Mas, para conseguir essa expansão dos recursos na área social, o governo precisa aprovar projetos no Congresso, além da MP que cria o Auxílio Brasil.

Nesta semana, o Palácio do Planalto sofreu um revés ao ver um dos pilares dessa estratégia não ser votado no plenário da Câmara —a PEC (proposta de emenda à Constituição) dos precatórios.

Essa PEC permitirá que os gastos do governo sejam ampliados por meio de duas medidas. Uma delas é um drible no teto de gastos, com o objetivo de elevar o limite de despesas federais. A outra é a criação de um valor máximo a ser pago em precatórios, que são dívidas da União já reconhecidas pela Justiça —o que estiver acima desse valor máximo deve ser pago em outros anos.

A ampliação do orçamento do Auxílio Brasil deve viabilizar o plano do governo de elevar o benefício médio das famílias. Hoje, o Bolsa Família paga, em média, cerca de R$ 190. Bolsonaro quer pagar, no mínimo, R$ 400 até dezembro de 2022.

Além disso, o governo quer que 17 milhões de famílias estejam no Auxílio Brasil. Hoje, o Bolsa Família atende a 14,7 milhões, mas já há pelo menos 1,2 milhão na fila de espera.

A PEC deve ser votada na próxima semana na Câmara. O ministro da Cidadania, João Roma, disse nesta quinta-feira (28) que, para pagar os R$ 400 do Auxílio Brasil a partir de dezembro, é preciso que a PEC seja aprovada pelas duas Casas do Congresso até a segunda semana de novembro.

O TCU (Tribunal de Contas da União) deve abrir caminho para que a discussão sobre a prorrogação do auxílio emergencial, retomada pelo governo após as dificuldades enfrentadas no Congresso, tenha prosseguimento. **TR**

Indígenas fazem fila para sacar valores do Bolsa Família em lotérica em São Gabriel da Cachoeira (AM) Eduardo Anizelli - 24.abr.18 / Folhapress

Proposta eleva previsão de rombo de 0,5% para 1,4% do PIB em 2022

BRASÍLIA O aumento de despesas previsto na PEC (proposta de emenda à Constituição) dos precatórios elevou a previsão de rombo nas contas públicas do próximo ano de 0,5% para 1,4% do PIB (Produto Interno Bruto).

A estimativa do déficit primário —resultado entre receitas e despesas do governo federal— foi divulgada nesta sexta-feira (29) pelo Ministério da Economia, que tem apoiado a medida.

Segundo o ministério, a PEC deve abrir um espaço de R$ 91,6 bilhões nas despesas de 2022. Esses recursos, de acordo com a pasta, deverão prioritariamente ser usados para bancar despesas obrigatórias que precisam ser reestimadas diante da alta da inflação, como aposentadorias e pensões, além de financiar o Auxílio Brasil.

O programa social, lançado por Jair Bolsonaro, irá substituir o Bolsa Família. O presidente quer ampliar o benefício médio pago às famílias carentes e ampliar o número de beneficiários. Em 2022, ele deve concorrer à reeleição.

Para isso, o Planalto precisa aprovar a PEC dos precatórios, mas, diante da dificuldade em conseguir votos na Câmara, a votação foi adiada três vezes nesta semana.

O aumento de despesas públicas contraria o discurso liberal de Guedes. Mesmo assim, o ministro passou a defender a proposta.

Nesta sexta, os secretários da pasta Esteves Colnago (Tesouro e Orçamento), Paulo Valle (Tesouro) e Ariosto Culau (Orçamento) apresentaram as estimativas de efeito da PEC e sustentaram a aprovação da medida, apesar da ampliação da estimativa de rombo nas contas.

"O importante é a trajetória [das contas] e a trajetória está mantida", disse Colnago, se referindo à tendência de queda no rombo ao longo dos anos. "Temos que ter um olhar sobre aquilo que a sociedade nos demanda".

Valle afirmou que o déficit de 1,4% do PIB em 2022 "é um nível equivalente ao da pré-pandemia". Em 2019, o rombo foi de 1,3% do PIB. **TR e Fábio Pupo**

Após 6 meses em queda, dívida pública cresce em setembro

BRASÍLIA Após seis meses em queda, a dívida bruta do governo cresceu 0,3 ponto percentual em setembro e foi a 83% do PIB (Produto Interno Bruto). Os dados foram divulgados pelo Banco Central nesta sexta-feira (29).

Segundo o BC, o resultado se deu em especial por causa da incorporação de juros ao montante, que puxaram a dívida em 0,5 ponto percentual para cima, e da alta do dólar de 5,76% no mês, 0,3 ponto.

Além disso, o governo aumentou a emissão de títulos para financiamento da dívida, o que contribuiu com 0,2 ponto percentual para a alta.

Na comparação anual, porém, houve redução de 6,2 pontos percentuais na dívida bruta em relação ao PIB. Ao todo, a dívida bruta somou R$ 6,9 trilhões em setembro. Considerando o valor em reais, a dívida manteve trajetória de crescimento. Em agosto, o montante somava R$ 6,84 trilhões e R$ 6,79 trilhões em julho. A comparação é feita em relação ao PIB para mostrar se a dívida do governo é sustentável.

Segundo expectativas do mercado coletadas pelo BC, os economistas consultados projetam que a dívida encerre o ano em 81,8% do PIB e volte a crescer nos anos seguintes, chegando a 85,5% em 2027.

Em movimento oposto, a dívida líquida, que desconta os ativos do governo, teve queda de 0,8 ponto percentual em setembro e chegou a 58,5% do PIB. De acordo com o BC, a alta do dólar no mês puxou 0,9 ponto para baixo.

Pela metodologia do BC, o governo teve superavit de R$ 12,9 bilhões em setembro. Nos últimos 12 meses, no entanto, o setor público acumula resultado negativo de R$ 52,9 bilhões (0,63% do PIB). **Larissa Garcia**

mercado

ICMS sobre preço dos combustíveis permanecerá congelado por 90 dias

Medida foi aprovada no conselho que reúne governo federal e secretários de Fazenda da União

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária), colegiado que reúne governo federal e secretários de Fazenda dos estados e do Distrito Federal, aprovou nesta sexta-feira (29) o congelamento, por 90 dias, do valor do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) cobrado nas vendas de combustíveis, informou o Ministério da Economia.

Segundo a pasta, o objetivo é colaborar para a manutenção dos preços nos valores vigentes em 1º de novembro de 2021 até 31 de janeiro de 2022.

A decisão foi anunciada em meio à ameaça de greve dos caminhoneiros. Parte da categoria promete paralisar os serviços de transporte de mercadorias na próxima semana, a partir de 1º de novembro, e o custo do óleo diesel é uma das reclamações dos motoristas.

Hoje, a alíquota de ICMS cobrada pelos estados incide sobre o PMPF (Preço Médio Ponderado ao Consumidor Final) dos combustíveis. Esse valor é coletado a partir de pesquisa de preços praticados nos postos a cada 15 dias.

Quanto mais caro o combustível na bomba, maior o valor cobrado pelos Estados.

O presidente do Comsefaz (Comitê Nacional dos Secretários de Fazenda dos Estados e do Distrito Federal), Rafael Fonteles, disse em nota que o congelamento demonstra a "disposição dos estados para contribuir com o controle dos preços dos combustíveis, que já aumentaram mais de 50% só este ano, sem qualquer alteração na alíquota do ICMS".

Ele ressalvou que isso é insuficiente para impedir novos reajustes e que os estados querem abrir canal de diálogo com a Petrobras para discutir a política de preços.

"É preciso ficar claro que o ICMS é apenas um componente dos preços, e, como não houve alteração da alíquota nos últimos anos, não há como associar os reajustes dos combustíveis ao imposto estadual", afirmou ele.

"Esses aumentos se devem à política da Petrobras que atrela seus preços ao mercado internacional do petróleo e ao câmbio. Como está sujeita à volatilidade do mercado internacional, é bastante provável que, havendo aumento do barril de petróleo lá fora, esses reajustes sejam repassados aqui", acrescentou.

A estratégia da companhia agrada ao mercado financeiro, que vê uma tentativa de garantir o equilíbrio das finanças da estatal por meio da paridade internacional.

> “
> É preciso ficar claro que o ICMS é apenas um componente dos preços, e, como não houve alteração da alíquota nos últimos anos, não há como associar os reajustes dos combustíveis ao imposto estadual
>
> **Rafael Fonteles**
> presidente do Comsefaz

Na segunda (25), a Petrobras anunciou novos reajustes nos preços da gasolina e do diesel. Com a medida, a gasolina passou a acumular, no ano, alta de 74% nas refinarias da companhia. No diesel, o avanço chegou a cerca de 65%.

Com petróleo e combustíveis em alta, a Petrobras lucrou R$ 31,1 bilhões no terceiro trimestre de 2021 e decidiu dobrar o valor dos dividendos aos acionistas, que irão a R$ 63,4 bilhões no ano.

No mesmo dia, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) defendeu um "viés social" para a Petrobras e disse que a empresa deveria lucrar menos.

Além dos caminhoneiros, operadoras de ônibus urbanos também criticaram os preços dos combustíveis.

Na quinta, a NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos), que representa o setor, emitiu um posicionamento no qual afirmou que o "preço do diesel mostra que governo quer ônibus lotado e serviço ruim".

"A omissão do governo federal frente aos sucessivos reajustes do óleo diesel, insumo que representa em média 26,6% do custo do transporte público coletivo, está forçando a insolvência das empresas operadoras e o colapso dos sistemas de transporte público organizado em todo o país", disse a NTU.

Na nota, a NTU disse que, com a alta do combustível, "operadoras não terão opção além de acionar cláusulas de reajuste tarifário e reequilíbrio dos contratos de concessão para evitar a suspensão da prestação dos serviços".

Os governadores têm trabalhado para evitar a votação de proposta aprovada pela Câmara dos Deputados e que está no Senado, que torna fixo o ICMS sobre os combustíveis por um ano. Eles alegam que os estados vão perder R$ 24 bilhões se ela entrar em vigor.

O texto obriga estados e DF a especificarem a alíquota de cada produto por unidade de medida adotada, que pode ser litro, quilo ou volume, e não mais sobre o valor. Na prática, torna o ICMS fixo em relação a variações do preço do combustível ou de mudanças do câmbio.

Greve de caminhoneiros na rodovia Castelo Branco (SP) Danilo Verpa - 05.mar.2021 /Folhapress

Caminhoneiros tentam nova paralisação nesta segunda-feira

Thiago Bethônico

BELO HORIZONTE Líderes de organizações de caminhoneiros tentam fazer uma nova greve na próxima segunda-feira (1º). No entanto, após uma série de tentativas frustradas de paralisação neste ano, a adesão ainda é incerta. Segundo alguns motoristas, uma parte só deve aderir caso os atos ganhem força pelo país. A insatisfação entre eles, porém, é generalizada.

Eles reivindicam a revisão da política de preços para os combustíveis, o cumprimento do piso mínimo do frete e aposentadoria especial a partir de 25 anos de contribuição.

A paralisação foi anunciada no último dia 16, após assembleia organizada por três entidades representativas.

Segundo Wallace Landim, o Chorão, que foi um dos líderes da greve de 2018 e atualmente é presidente da Abrava (Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores), os caminhoneiros estão mais organizados hoje do que há três anos, quando a greve de 2018 paralisou o país.

"Nós viemos de um trabalho de unificação da pauta da categoria e, com certeza, cada dia que passa está crescendo mais [o engajamento], porque não está ruim só para o transportador, está ruim para todo mundo, a nossa família também está sofrendo", diz.

Segundo ele, a principal reivindicação dos motoristas é em relação ao preço do combustível. "Se o governo não sinalizar nada até dia 31 [domingo] agora, no dia 1º [segunda-feira] estamos na rua, porque agora é uma pauta de sobrevivência", afirma.

Na última segunda-feira (25), a Petrobras anunciou novos reajustes nos preços da gasolina e do diesel em suas refinarias. Este foi o segundo reajuste dos dois produtos em menos de um mês. Segundo a estatal, os aumentos refletem a elevação das cotações internacionais do petróleo e da taxa de câmbio.

Para Carlos Alberto Litti Dahmer, diretor da CNTTL (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transporte e Logística), o congelamento do ICMS pelos estados não resolve a questão e a paralisação está confirmada.

"O ICMS é parte do problema, mas o principal é a política de preço de paridade. É importante baixar [o imposto], mas o governo federal tem que fazer a parte dele também", afirma.

Segundo ele, o país tem todas as condições para fazer uma greve aos moldes da que aconteceu em 2018.

Essa percepção, porém, não é unanimidade na categoria. Para Daniel de Oliveira, conhecido como Queixada, a paralisação não deve se equiparar às que aconteceram durante o governo de Michel Temer.

"Não acredito que vai ser tão grande igual a 2018, primeiro porque teve muita empresa envolvida. Já nem sei se aquilo foi uma greve em prol da categoria ou se foi apenas para derrubar um partido e abrir as portas para outro concorrer a eleição", afirma.

Queixada é caminhoneiro em Minas Gerais e integrou um grupo ativo durante a greve daquele ano. Ele diz que deve aderir à paralisação e, pelo que tem visto entre seus colegas e nos grupos de WhatsApp, acha que a maioria está disposta a parar. "O povo está revoltadíssimo, a gente não aguenta mais." Apesar disso, ele acredita que boa parte dos motoristas deve esperar o movimento ganhar força antes de aderir.

Joelmis Correia, do Movimento GBN (Galera da Boleia da Normatização Pró-Caminhoneiro), também acha que os atos não serão iguais aos de 2018. Segundo ele, a posição do movimento é de neutralidade em relação à paralisação, que não será suficiente para resolver os problemas da categoria.

"O problema do caminhoneiro se resolve nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, participando dos pleitos de normas, regras, leis, PLs [projetos de lei] para resolver. É preto no branco. Mas a categoria é levada ao confronto de pista e, infelizmente, nós não vamos para confronto de pista", afirma.

Na última terça-feira (26), o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) sugeriu que os caminhoneiros aumentem o preço do frete como forma de repassar o reajuste nos combustíveis. A fala foi criticada por alguns motoristas.

Colaborou Paula Soprana, de São Paulo

'Governo quer ônibus lotado e serviço ruim', dizem operadoras

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A alta do preço do óleo diesel virou motivo adicional de preocupação para as operadoras de ônibus urbanos, que amargaram queda na demanda durante a pandemia.

Na quinta-feira (28), a NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos), que representa o setor, emitiu um posicionamento criticando o governo federal e a política de preços dos combustíveis em vigor no país.

"Preço do diesel mostra que governo quer ônibus lotado e serviço ruim", afirma o comunicado.

"A omissão do governo federal frente aos sucessivos reajustes do óleo diesel, insumo que representa em média 26,6% do custo do transporte público coletivo, está forçando a insolvência das empresas operadoras e o colapso dos sistemas de transporte público organizado em todo o país", diz a NTU.

Procurado, o Ministério da Economia afirmou que não vai se manifestar sobre o assunto.

Segundo a entidade, o setor amarga prejuízo acumulado de pelo menos R$ 17 bilhões na pandemia, refletindo as restrições sociais.

"A situação é de calamidade", disse o presidente-executivo da NTU, Otávio Cunha, à **Folha** na segunda-feira (25).

Conforme a entidade, houve redução de 51,1% na quantidade de viagens realizadas por passageiros pagantes em 2020 frente a 2019, considerando as médias dos meses de abril e outubro de cada ano.

Além disso, o preço do diesel engatou a escalada no país. O reajuste mais recente, de 9,1%, foi anunciado pela Petrobras na segunda. O combustível acumulou alta neste ano de cerca de 65% nas refinarias.

"A política de preços dos combustíveis está ajudando a asfixiar o paciente que é o transporte público", disse Cunha.

No comunicado, a NTU diz que, em razão da alta no diesel, "as operadoras não terão outra opção além de acionar as cláusulas de reajuste tarifário e reequilíbrio dos contratos de concessão para evitar a suspensão da prestação dos serviços".

"Tal suspensão representaria grave prejuízo para toda a população, que seria privada dos serviços públicos", alerta.

Diesel alto e pandemia abalam ônibus urbanos

Empresas do setor têm prejuízo de R$ 17 bi na crise sanitária

Preço do diesel
Média por litro nos postos brasileiros, em R$

5
4
3
3,628
4,983
26 dez.2020
23 out.2021

Viagens realizadas por passageiros pagantes
Em sistemas de ônibus urbanos do país (dados em milhões)*

Abril
Outubro
400
300
200
100
0
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
92,4
189,8

*Capitais analisadas: Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Rio, Salvador e São Paulo | Fontes: ANP e Anuário NTU

Gasolina sobe 3,1% nos postos com alta de terça

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO O preço médio da gasolina subiu 3,1% nas bombas esta semana e já há postos vendendo o produto por R$ 7,889 em Bagé (RS), segundo a pesquisa semanal de preços da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

De acordo com a agência, o preço médio do combustível no país chegou a R$ 6,562 por litro, reflexo de repasses do último reajuste promovido pela Petrobras, de 7%, na terça-feira (26). O valor é um novo recorde desde que a ANP começou a compilar os preços semanais, em 2002.

Também reajustado na segunda, em 9,1%, o preço do diesel subiu 4,5% nos postos brasileiros esta semana, chegando a uma média de R$ 5,211 por litro. A pesquisa da ANP detectou o maior valor em Cruzeiro do Sul (AC), onde o produto foi encontrado a R$ 6,420 por litro.

A pesquisa da ANP detectou também aumentos nos preços do etanol hidratado, que subiu 3,9% na semana, para R$ 5,066; Já o preço do botijão de gás se manteve praticamente estável, fechando a semana em R$ 102,04.

Criticada pelo próprio presidente Jair Bolsonaro (sem partido) pelos elevados ganhos, a companhia defendeu nesta sexta (29) que seu lucro retorna à sociedade sob a forma de impostos, investimentos e dividendos para a União, seu maior acionista, que tem direito a R$ 23,3 bilhões do total anunciado.

Seguindo a recuperação das cotações internacionais do petróleo e a desvalorização do real frente ao dólar, a Petrobras já promoveu 13 reajustes no preço da gasolina em 2021, com alta acumulada de 74%. O preço do diesel na refinarias subiu 65% no ano.

Segundo o Observatório Social da Petrobras, o preço de bomba da gasolina bateu recorde no país na semana passada, superando os R$ 6,25 por litro vigentes em fevereiro de 2003, em valor corrigido pela inflação. Os preços do diesel e do botijão de gás já haviam batido recordes durante o ano.

mercado

'Swing de preço foi sem precedentes', diz executivo da Vale ao explicar resultados

Lucas Bombana

SÃO PAULO Embora a Vale tenha registrado crescimento de 33,6% do lucro líquido no terceiro trimestre, em bases anuais, se comparado com o resultado do trimestre imediatamente anterior, a mineradora sofreu uma queda de quase 50% em seu lucro.

Os resultados estão ligados à variação do preço do minério de ferro nesses períodos. Em teleconferência com analistas sobre os resultados do terceiro trimestre, o vice-presidente executivo de finanças e de relações com investidores da Vale, Luciano Siani, disse que, no início do trimestre, a cotação do minério de ferro por tonelada era de US$ 207 (R$ 1.161).

Com as mudanças em curso na China, o preço da commodity caiu a US$ 117 (R$ 656,58) no final de setembro, uma variação, portanto, de US$ 90 (R$ 505,06) em apenas três meses. "Esse trimestre foi sem precedentes, pelo swing de preço", afirmou Siani.

Presidente da mineradora, Eduardo Bartolomeo disse que tem feito analogia com uma maratona nas conversas com investidores sobre o momento da empresa.

"Commoditie é cíclica, temos de estar preparados para o inverno e para o verão", afirmou o executivo.

Segundo Bartolomeo, o programa de recompra de até 200 milhões de ações anunciado na véspera evidencia a "confiança no potencial de geração da Vale".

Com base no fechamento das ações na quinta-feira (28) de R$ 23,70, o programa pode girar cerca de R$ 14,7 bilhões.

"A perspectiva é de fato uma freada [da China] no fim do ano para bater a meta de energia, tem ainda as Olimpíadas de Inverno no começo do ano, mas sem dúvida depois uma retomada", disse o vice-presidente de ferrosos, Marcello Spinelli.

De toda forma, frente à maior volatilidade esperada à frente por conta das mudanças na economia chinesa, Spinelli afirmou também que o nome do jogo neste momento é priorizar a qualidade da matéria-prima.

"Há uma gradual redução da produção chinesa sim, mas um aumento relevante da participação de produtos de qualidade, onde a gente tem vantagem competitiva grande em relação à concorrência", afirmou o vice-presidente de ferrosos da mineradora. "Não acho que deixou de ser sexy a indústria. Ela está passando por um ajuste."

Bolsa perde 6,7% no mês e Petrobras cai por Bolsonaro

Queda na sexta-feira foi de 2,09%, pior resultado mensal desde novembro

Clayton Castelani

SÃO PAULO A Bolsa de Valores brasileira caiu 2,09% nesta sexta-feira (29), encerrando o mês com 103.500 pontos. É o pior fechamento mensal desde novembro de 2020.

Outubro também acumula uma baixa de 6,74%, refletindo o nervosismo do mercado com o aumento do risco fiscal. Em 2021, as perdas chegam a 13,04%.

O dólar subiu 0,28% nesta sexta, a R$ 5,6420. No mês, a moeda americana alcançou uma valorização de 3,72% em relação ao real.

A percepção do mercado sobre o desequilíbrio nos gastos públicos piorou significativamente na semana passada, quando o governo Jair Bolsonaro (sem partido) revelou sua intenção de driblar o teto de gastos para ampliar o novo Bolsa Família, o Auxílio Brasil, no ano eleitoral de 2022.

O governo também não conseguiu até o momento avançar com a PEC (proposta de emenda à Constituição) do precatórios, apresentada pelo Planalto como solução para acomodar parte dos gastos extras para fechar o Orçamento do próximo ano. Os seguidos adiamentos das discussões no Congresso aumentam o clima de incerteza.

Os resultados desta semana para Bolsa e dólar no Brasil denotam, segundo analistas, a perda de confiança na capacidade do Banco Central de fazer o necessário para conter o processo inflacionário, mesmo após a autoridade monetária ter elevado a taxa Selic para 7,75% ao ano na última quarta-feira (27).

"Além do pano de fundo macro, acredito que o movimento do mercado mostra uma clara perda de confiança no BC, que vem atrás da curva no processo de alta de juros e deveria ter explicitado um tom mais duro em seu comunicado após a decisão de alta de 1,5 ponto percentual na taxa Selic", escreveu Dan Kawa, da TAG Investimentos.

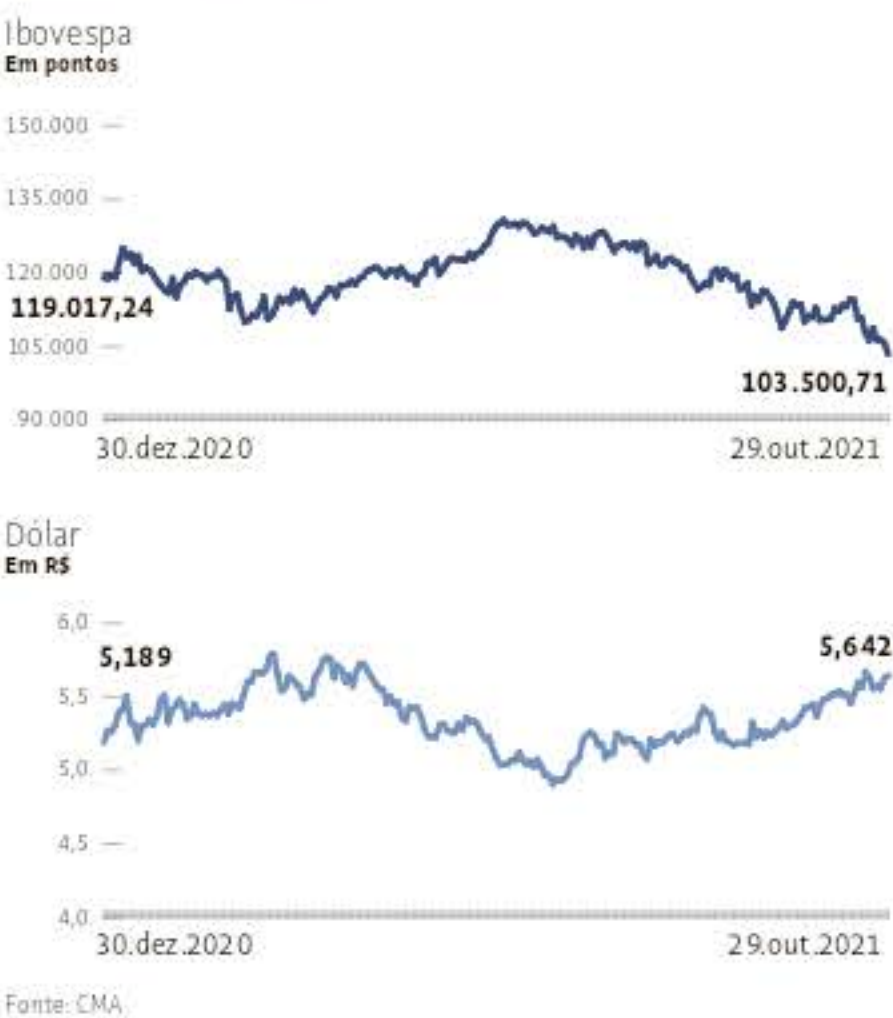
No pregão desta sexta, o Ibovespa, índice de referência da Bolsa, foi puxado para baixo pelo desempenho ruim da Petrobras e dos setores de mineração e metalurgia.

As ações preferenciais (PETR4) e ordinárias (PETR3) afundaram 5,90% e 6,49%, respectivamente, apesar do lucro de R$ 31,1 bilhões no terceiro trimestre de 2021 e da decisão de dobrar o valor dos dividendos distribuídos aos seus acionistas anunciados pela companhia na véspera.

O lucro foi criticada por Bolsonaro na véspera. Sofrendo impactos do aumento de preços dos combustíveis em sua popularidade, ele disse que a estatal "tem que ser uma empresa que dê um lucro não muito alto como tem dado".

Bolsa e dólar em 2021

Ibovespa
Em pontos
150.000
135.000
120.000
119.017,24
105.000
103.500,71
90.000
30.dez.2020
29.out.2021

Dólar
Em R$
6,0
5,189
5,642
5,5
5,0
4,5
4,0
30.dez.2020
29.out.2021

Fonte: CMA

Analistas disseram que as declarações do presidente elevaram o temor de investidores sobre uma intervenção do governo na política de preços da companhia, sobretudo em um cenário de dólar e petróleo em alta.

"O mercado gostou bastante dos resultados da Petrobras, mas a declaração do presidente de interferir de alguma forma na política de preços assusta o mercado", diz Romero Oliveira, head de renda variável da Valor Investimentos.

O petróleo Brent, referência desse mercado, subiu 0,06% nesta sexta, a US$ 84,37 (R$ 476,04).

Os preços da commodity se recuperaram ao longo do dia, apoiados pela expectativa de que não haverá aumento na produção pela Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), Rússia e seus aliados.

O desempenho fraco das ações de empresas ligadas à siderurgia reforçou a queda da Bolsa nesta sexta, com destaque para a Vale (VALE3), que caiu 2,84% e figurou entre as mais negociadas do dia.

A mineradora divulgou crescimento no terceiro trimestre de 33,6% na comparação com o mesmo período do ano passado, mas, em relação ao trimestre imediatamente anterior, houve queda de 48,7% no resultado.

A empresa vem perdendo ganhos com a desvalorização do minério de ferro ante a desaceleração econômica da China, principal compradora da commodity produzida pela brasileira.

Na véspera, houve desvalorização de 4,25% no preço do minério de ferro com 62% de pureza negociado à vista no porto de Qingdao, na China. Os contratos futuros do insumo também recuaram.

Entre os papéis mais negociados, destaque para a Suzano, que fechou em alta de 0,65%. A empresa apresentou aumento no resultado operacional do terceiro trimestre e expansão de cerca de 11% na capacidade da futura fábrica em Ribas do Rio Pardo (MS).

Nos Estados Unidos, os índices Dow Jones, S&P 500 e Nasdaq avançaram 0,25%, 0,19% e 0,33%, respectivamente.

A alta poderia ter sido maior em Wall Street, onde os resultados frustrantes dos balanços de Apple e Amazon pressionaram negativamente. Mesmo assim, o S&P 500, referência para o mercado americano, e o Nasdaq, que concentra as empresas de tecnologia, acumularam ganhos mensais de 6,91% e 7,27%, respectivamente.

Com Reuters

Estatal argumenta que lucro retorna à sociedade

RIO DE JANEIRO Após críticas do presidente Jair Bolsonaro aos elevados lucros da Petrobras, o presidente da estatal, Joaquim Silva e Luna, defendeu que o resultado da empresa beneficia toda a sociedade, com a distribuição de dividendos à União, pagamento de impostos e investimentos.

Nesta quinta-feira (28), a Petrobras anunciou a distribuição de mais R$ 31,8 bilhões em dividendos, dobrando o montante que havia sido previsto para 2021.

Já nesta sexta-feira (29), a direção da companhia disse que nova parcela de dividendos pode ser distribuída após o encerramento do quarto trimestre, dependendo do desempenho nos últimos meses do ano.

"A Petrobras não persegue o lucro pelo lucro", afirmou Silva e Luna nesta sexta (29). "Nosso objetivo é retornar valor para nossos acionistas e para a sociedade por meio de impostos, dividendos e investimentos, que dentro do contexto da transição energética devem ser acelerados."

O presidente da Petrobras argumentou que, como maior acionista da empresa, a União receberá R$ 23,3 bilhões dos R$ 63,4 bilhões que a companhia já aprovou distribuir em 2021.

"São recursos que ajudam a sustentar políticas públicas para todos os brasileiros e que beneficiam principalmente os mais vulneráveis", defendeu. "Quanto mais saudável a companhia, mais recursos ela distribui para a sociedade."

Os altos dividendos entraram no alvo da oposição ao governo.

Educação demais

Bem formados, coreanos disputam uns poucos bons empregos

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shangai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ

Na série "Round 6" e no filme "Parasita", que ganhou o Oscar, a Coreia é pintada como uma sociedade desigual, onde pobreza é comum e pessoas estariam dispostas a lutar até a morte por um prêmio milionário. Mas os dados macroeconômicos do país contam outra história. O país cresceu muito nos últimos 70 anos, extinguiu a extrema pobreza, e a desigualdade de renda não é alta. O coeficiente de Gini, indicador de desigualdade que vai de 0 a 1 —sendo que quanto menor, melhor— é de cerca de 0,34. Esse valor é basicamente o mesmo de Austrália, Itália, e Japão (todos com 0,33) e bem abaixo dos Estados Unidos (0,39), México (0,42), Chile (0,46) e Brasil (0,53).

O que explica a desconexão entre a percepção social e os dados econômicos? Em parte, a resposta está em um paradoxo: as políticas de educação da Coreia do Sul deram tão certo e as pessoas trabalham tanto, e tão bem, que a economia atingiu seu potencial e não tem como crescer muito mais.

Parece estranho, ainda mais no Brasil, onde o nível educacional é muito baixo, que seja possível políticas educacionais serem muito bem-sucedidas, mas essa é a realidade coreana. O país, cuja renda per capita era menor que a da Índia e menos de 50% da brasileira em 1950, enriqueceu por investimentos maciços em educação. O percentual dos adultos entre 25 e 34 anos com graduação completa é de 70%; o Canadá vem a seguir, com distantes 62% (nenhum país escandinavo bate 50% e, no Brasil, os valores são de 27% para mulheres e 20% para homens).

A competição para entrar nas melhores universidades coreanas é brutal. A sigla SCY é usada para se referir às três principais instituições do país, as universidades de Seul, da Coreia e de Yonsei. Se formar em uma delas é garantia de emprego em uma grande empresa. Todavia, o problema não é só conseguir uma vaga. Depois, é difícil subir na empresa.

A cultura coreana (e asiática de forma geral) premia o número de horas trabalhadas e não o esforço individual. Isso significa que os coreanos são os que mais trabalham entre os países ricos, uma média de 1.908 horas por ano, de acordo com a OCDE (nos EUA, a média é de 1.767 horas por ano e, em Portugal, 1.613). Até pouco tempo, contratos podiam ter 68 horas de trabalho por semana. Há inclusive um termo para quem morre de tanto trabalhar: gwarosa.

O misto de culturas de trabalho e competição pelos melhores cursos universitários faz com que as famílias se considerem como ratos em esteiras motorizadas, correndo cada vez mais rápido para ficar no mesmo lugar.

É óbvio que os problemas coreanos são, literalmente, problemas de primeiro mundo. Quem dera o problema das famílias brasileiras fosse ter filhos estressados porque estão estudando demais. Mas a ansiedade das famílias coreanas com o futuro é real. Vejo algo similar na China, onde 11 milhões de estudantes fizeram o Enem do país, o gaokao, e 3,77 milhões o exame nacional para pós-graduação, em 2021. O maior medo de um jovem é não conseguir entrar em uma boa faculdade e, portanto, estar fadado a um subemprego.

Medimos sucesso não só pelo tamanho da conta bancária, mas em comparação ao que vemos ao nosso redor. Nos países asiáticos, o que as pessoas veem é uma montanha de gente bem qualificada, e um número reduzido de bons empregos. O sonho é um prêmio milionário que traga liberdade; mesmo que para isso seja preciso passar por cima dos outros.

| **DOM.** Samuel Pessôa | **SEG.** Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **TER.** Michael França, Cecilia Machado | **QUA.** Helio Beltrão | **QUI.** Cida Bento, Solange Srour | **SEX.** Nelson Barbosa | **SÁB.** Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

CCR arremata via Dutra e um trecho da Rio-Santos

Companhia ofertou 15,31% de desconto no pedágio e outorga de R$ 1,77 bi

Paula Soprana

SÃO PAULO A CCR venceu nesta sexta-feira (29) o leilão do sistema rodoviário Rio de Janeiro-São Paulo Presidente Dutra, que compreende os trechos da BR-116 e da BR-101 nos dois estados, renovando assim a sua operação na Dutra por mais 30 anos. A companhia já vem operando a rodovia desde 1996.

O certame foi realizado às 14h na B3, Bolsa de Valores, em São Paulo.

A empresa ofertou 15,31% de desconto na tarifa de pedágio e outorga de R$ 1,77 bilhão.

A outra competidora do leilão, a Ecorodovias, havia apresentado uma proposta de 10,90%, e sem previsão de outorga.

Além do pagamento, a previsão de investimentos nas próximas três décadas de administração para a CCR é de R$ 14,8 bilhões, com custos operacionais de cerca de R$ 11 bilhões.

O leilão desta sexta-feira é considerado o maior da história do setor, agregando a concessão da Dutra e da rodovia Rio-Santos (BR-101, compreendendo São Paulo e Rio). Metade do PIB (Produto Interno Bruto, a soma das riquezas do país) brasileiro passa pelo sistema da via Dutra.

A extensão do total do sistema rodoviário é de 625,8 km. O trecho da Dutra corresponde a 355,5 km. Trata-se da principal ligação entre as regiões metropolitanas de Rio de Janeiro e São Paulo, além de conectar o Nordeste e o Sul do país.

Já o trecho da BR-101 compreende 270,3 km. Liga o Rio de Janeiro ao litoral sul fluminense, seguindo até o município de Ubatuba, no estado de São Paulo.

Entre os investimentos mais importantes previstos pela CCR estarão a implantação da nova Serra das Araras, com traçado mais moderno de extensão de 16,2 km, e duplicação de 80 km da BR-101, segundo o edital da ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres).

Outra característica da licitação é a adoção do sistema de pedagiamento chamado free flow, que permite a cobrança sem interrupção do tráfego e a presença de cabines de cobrança.

Segundo a ANTT, novas praças de pedágio serão localizadas na BR-101, no Rio. A ANTT adotou uma tarifa sazonal: durante a semana, o valor é 66% inferior ao praticado nos fins de semana e feriados. O preço dos trechos de via única será menor do que os de via dupla.

Também estão previstos investimentos em faixas adicionais, novas vias marginais, passarelas, pontos de parada para caminhoneiros, acessos, rotatórias, retornos e paradas de ônibus.

O grupo CCR atua nos segmentos de concessão de rodovias, mobilidade urbana, aeroportos e serviços. Tem 26 ativos em oito estados brasileiros. A companhia é responsável pela gestão e manutenção de 3.955 quilômetros de rodovias.

Presente no evento, Tarcísio de Freitas, ministro da Infraestrutura, disse que os avanços em infraestrutura no Brasil não têm precedentes. Afirmou que tornará o Porto de Santos no maior do Hemisfério Sul e citou que o investidor tem interesse no país porque o governo entrega.

Ele aproveitou dar uma resposta sobre a iminência de paralisação de caminhoneiros, prevista para 1º de novembro.

"Aos caminhoneiros que podem perguntar o que o governo está pensando para nós? Isto: R$ 15 bilhões de investimento, segurança, quatro postos de parada de descanso, que serão operados pela concessionária, 35% de redução de tarifa. É isso que estamos fazendo", afirmou.

Maior leilão rodoviário do país

Metade do PIB brasileiro passa pela Dutra

Extensão total do sistema rodoviário 625,8 km

Concessão 30 anos

Investimento R$ 14,8 bilhões

Fonte: ANTT

O empresário Abílio Diniz Bruno Santos - 19.dez.19/Folhapress

Abílio Diniz leva quase R$ 900 milhões com venda de ações da BRF

Lucas Bombana

SÃO PAULO O empresário Abílio Diniz embolsou R$ 898,6 milhões com a venda de uma participação de 3,8% em ações da BRF que detinha na carteira do fundo Aspen à Marfrig, segundo documentos enviados à SEC (Securities and Exchange Commission), órgão regulador do mercado financeiro nos EUA.

Foram vendidas cerca de 31,2 milhões de ações a R$ 28,75. Nesta quinta-feira (28), as ações fecharam a sessão cotadas a R$ 22,75.

As partes estabeleceram no contrato um mecanismo de ajuste de preços, em que a Marfrig pode ter de desembolsar um valor adicional, a depender do desempenho das ações da BRF nos 60 dias precedentes, e 30 seguintes, à assembleia geral da empresa, em abril de 2022.

O analista do Bradesco BBI, Leandro Fontanesi, aponta em relatório que o mandato dos atuais conselheiros da BRF também expira em abril 2022. Para ele, a cláusula pode beneficiar o empresário em eventuais discussões sobre a fusão entre Marfrig e BRF às vésperas do encontro no ano que vem.

"[O acordo no contrato] indica que o vendedor da participação de 3,8% – presumivelmente pertencente ao sr. Abílio Diniz – vê uma probabilidade de pelo menos 50% de um negócio acontecer no curto prazo", diz Fontanesi.

Não seria a primeira vez que as empresas tratam de uma possível fusão – em 2019, conversas chegaram a ocorrer, mas não avançaram.

O documento enviado à SEC diz que o fechamento do acordo entre o Aspen e a Marfrig se deu em 22 de outubro, após o Tribunal do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) confirmar decisão prévia que aprovou a aquisição pela Marfrig.

A operação ocorreu no âmbito de uma investida iniciada há alguns meses pela Marfrig, que no dia 21 de maio informou a aquisição de ações da BRF correspondentes a cerca de 24,23% do seu capital social. Poucos dias depois, em 3 de junho, a Marfrig informou ter aumentado a participação para 31,66%.

Fontanesi estima que a participação tenha subido a 33,2%, com a compra das ações do empresário, se aproximando do nível necessário para que a Marfrig possa fazer proposta pela rival.

A Marfrig reportou lucro líquido de R$ 1,67 bilhão no terceiro trimestre, uma expressiva alta de 148,7% ante o mesmo período do ano passado, em meio a fortes resultados da operação da empresa na América do Norte, conforme balanço divulgado nesta terça-feira (26). A BRF divulga seus resultados do terceiro trimestre no dia 10 de novembro.

Há, contudo, a análise pendente de um recurso apresentado pelo Instituto Brasileiro das Relações de Consumo sobre a operação. Na prática, a análise do recurso impede que a Marfrig exerça direitos sobre as ações que adquiriu sem aval prévio do órgão.

O recurso foi apresentado pela entidade que representa os interesses dos consumidores e afirma que a compra da BRF pela Marfrig tem "potencial fechamento do mercado".

Ex-diretor de Veja é o novo diretor de Jornalismo do Grupo Estado

Nelson de Sá

SÃO PAULO João Caminoto, 60, diretor de Jornalismo do Grupo Estado, que publica o jornal O Estado de S. Paulo e produz o sistema de notícias em tempo real Broadcast, está deixando o cargo. Será substituído no dia 10 pelo ex-diretor de Redação da revista Veja Eurípedes Alcântara, 63.

A mudança foi anunciada na manhã desta sexta (29), à equipe do jornal, duas semanas depois de uma ampla reforma que reduziu o tamanho do jornal paulista de standard para berliner ou germânico.

Alcântara deixou a Veja em 2016, após 35 anos, e atuava como diretor-presidente na Inner Voice Comunicação, além de escrever uma coluna semanal para O Globo, do Rio.

Em nota, o presidente do Grupo Estado, Francisco Mesquita Neto, afirma que, "após liderar com sucesso as Redações do grupo Estado desde dezembro de 2015, João Caminoto encerra seu ciclo na empresa, deixando como legado importantes transformações no processo de produção jornalística e no formato dos produtos noticiosos em diversas plataformas". E faz um histórico de Alcântara "na liderança da revista Veja por 35 anos".

GM suspende turno de produção por falta de peça no interior de SP

SÃO PAULO A fábrica da General Motors em São José dos Campos (a 90 km de São Paulo) paralisará o segundo turno de produção da picape S10 a partir do dia 8 de novembro. A suspensão do trabalho é necessária devido à escassez mundial de semicondutores e será feita por meio de lay-off (suspensão temporária dos contratos de trabalho).

A proposta da GM foi aprovada em assembleia realizada nesta sexta (29) no pátio da empresa. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, os contratos de cerca de 700 operários serão suspensos por um período de dois a cinco meses.

No lay-off, a empresa mantém os recolhimentos ao FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e pode pagar um complemento sem natureza salarial. Parte dos salários é pago com recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

O acordo fechado entre a montadora e os metalúrgicos prevê que os trabalhadores continuarão recebendo o valor correspondente aos seus salários líquidos —ou seja, combinados o complemento e o recurso do FAT, eles ainda terão a mesma remuneração atual.

No período de suspensão, os metalúrgicos em lay-off não poderão ser demitidos. A estabilidade no emprego foi um dos pontos centrais das negociações entre o sindicato e a GM.

Segundo a entidade que representa os trabalhadores, a empresa também se comprometeu em efetivar 300 pessoas que tinham contratos temporários e que seriam dispensadas nos próximos meses.

A GM diz, em nota, que o lay-off permitirá proteger empregos e a sustentabilidade do negócio.

Incorporadoras separam torres e entradas em prédios mistos

Lançamentos com estúdios e plantas maiores buscam individualização de ambiente para atrair públicos distintos

Ana Luiza Tieghi

SÃO PAULO Desde o Plano Diretor, de 2014, e a lei de zoneamento, de 2016, ficaram mais comuns em São Paulo os empreendimentos que misturam estúdios de 20 metros quadrados a apartamentos de mais de 100 metros quadrados.

A legislação indica que, em regiões bem servidas de infraestrutura de transporte, um terreno de mil metros quadrados, por exemplo, deve receber ao menos 50 unidades. Essas deverão ter, em média, 80 metros quadrados, explica Eduardo Della Manna, arquiteto e diretor do Secovi-SP na área de assuntos legislativos e urbanismo metropolitano.

Mas, em bairros valorizados da cidade, há demanda por imóveis maiores do que isso. A saída é "puxar" a área para algumas unidades, enquanto se reduz a de outras.

O mesmo acontece com a garagem. O Plano Diretor visa a reduzir o número de vagas em empreendimentos próximos ao metrô ou a corredores de ônibus, mas a indústria não vai vender um apartamento de mais de cem metros quadrados sem estacionamento. Um estúdio, ao contrário, aceita essa condição. Assim, a vaga do estúdio é "puxada" para o apartamento maior.

Essa dinâmica é incentivada também porque o Plano Diretor permite que até 20% das unidades do empreendimento sejam não residenciais. Dessa forma, os estúdios já são criados para a locação de curta temporada.

A mudança atingiu tanto a própria indústria imobiliária como o consumidor. "Foi um desafio grande porque sempre fizemos o mesmo projeto, um bom três dormitórios, mas fomos nos adaptando", explica Rodrigo Mauro, diretor-geral da construtora REM.

Para tornar essa diversidade de unidades mais palatável ao comprador, o que as incorporadoras fazem é dividir o empreendimento em duas partes.

A divisão pode resultar em torres separadas ou em porções de um mesmo prédio dedicadas a cada tipo de imóvel.

Imóvel decorado de 144 m² no Alta Romana, empreendimento da REM com plantas maiores...

...e o estúdio decorado de 20 m² do REM ID, que fica no mesmo terreno Fotos Divulgação

O Bothanic, da Cyrela, lançamento no Campo Belo (zona sul), é dividido entre dois condomínios, o Residences —com apartamentos de 111 e 135 metros quadrados— e o Aparments, com unidades de 30 a 42 metros quadrados. Há duas entradas no empreendimento e as áreas de lazer são exclusivas para cada condomínio, de modo que os moradores não se cruzem.

"O cara do apartamento de 200 m² não vai querer morar com o cara que comprar apartamento de 25 m² e colocar no Airbnb", diz Orlando Pereira, diretor comercial da Cyrela.

A empresa tem outros lançamentos nessa mesma linha, como o Moema by Yoo, com unidades de 25 a 270 metros quadrados, em duas torres.

Conseguir atingir essa separação total dos moradores das unidades é um objetivo declarado da indústria. No lançamento da REM na Vila Romana, em um mesmo terreno são comercializados o Alta Romana e o REM ID. O primeiro tem unidades de até 144 m² e o segundo é composto por estúdios de 20 m².

Segundo o diretor-geral da REM, o "pulo do gato" para esse tipo de empreendimento é comprar terrenos em esquinas ou que tenham saídas para duas ruas, para garantir entradas bem separadas.

Esse tipo de projeto também permite adaptar outro ponto incentivado pelo Plano Diretor: a fachada ativa, que significa ter comércio na base do prédio.

A REM aproveitou a rua mais movimentada do REM ID, a torre com os estúdios, para colocar a loja, enquanto manteve o Alta Romana, de plantas maiores, em uma via mais calma e sem comércio.

Continua na pág. A30

mercado imobiliário

Incorporadoras separam torres e entradas em prédios mistos

Continuação da pág. A29

A You,Inc também tem lançamentos nessa linha, e enxerga na divisão das áreas um fator essencial para garantir a atratividade dos projetos. No Casa Jardins, por exemplo, há imóveis de R$ 4 milhões e mais de 140 m², com estúdios de 23 m², enquanto o Alto by You, na rua Estela, tem unidades de R$ 2,5 milhões —que vão até 130 m²— e estúdios de 25 m².

"É como se não fosse no mesmo empreendimento", diz Abrão Muszkat, diretor-executivo da incorporadora.

Segundo ele, o melhor é fazer torres separadas, quando possível. "Temos feito prediinhos de quatro, cinco andares, acoplados ao prédio principal, porque o pessoal que compra os apartamentos de 100, 110 metros quadrados fica um pouco arisco quando tem apartamentos pequenos embaixo, é uma mistura que não é muito bem recebida pelo público comprador", afirma.

É a mesma opinião de Rodrigo Cagali, diretor financeiro da incorporadora Mitre. Pela experiência da empresa, clientes de classe média e média alta aceitam a mistura de unidades, mas para o segmento de alto padrão, quanto mais dividido, melhor.

"Fazer torre separada é importante, ou fazer a entrada do prédio normal para uma rua e a de compactos para outra. São detalhes que fazem diferença", afirma Cagali.

Essa aceitação dos consumidores é um processo em andamento. "Há três ou quatro anos, tínhamos que explicar muito mais para vender um prédio desse, hoje as pessoas estão mais acostumadas."

A segregação entre os espaços é bem vista por Della Manna, do Secovi. "Desejar uma cidade múltipla não quer dizer que todo mundo tenha que entrar por um mesmo local. Os modos de vida são diferentes, isso às vezes gera atrito, então acho que essa divisão de acessos não atrapalha."

Alberto Ajzental, coordenador do curso de Negócios Imobiliários da FGV, diz que os prédios com unidades mistas são "Frankensteins". "Sou obrigado a ter unidades pequenas nos andares baixos, sem vagas, para poder criar unidades grandes com vaga. Não fica bom nem para um lado, nem para o outro."

Ele vê ainda uma falha na superoferta de estúdios. "Haja estudante rico ou casal recém-casado para comprar tanto apartamento de 40 m²."

Comportamento dos maiores e menores imóveis em São Paulo

■ Menos de 30 m² ■ Mais de 131 m²

Milhares de unidades lançadas — 2018, 2019, 2020, 2021*

Participação no total de lançamentos, em % — 2018, 2019, 2020, 2021*

Milhares de unidades vendidas — 2018, 2019, 2020, 2021*

Participação no total de vendas, em % — 2018, 2019, 2020, 2021*

*De janeiro a setembro
Fonte: Secovi-SP

> O pessoal que compra os apartamentos de 100, 110 metros quadrados fica um pouco arisco quando tem apartamentos pequenos embaixo
>
> **Abrão Muszkat**
> diretor-executivo da You,Inc

Empresas investem em retrofit de edifícios no Centro de São Paulo

Imobiliárias aproveitam alta procura na Santa Cecília para reformar construções antigas dos arredores

SÃO PAULO Região com os prédios mais antigos de São Paulo e nos arredores de bairros com grande apelo entre os compradores mais jovens, o centro da capital paulista tem chamado a atenção de empresas que querem investir na reforma e comercialização de edifícios degradados.

A plataforma Yuca, que trabalha com coliving e aluguel de apartamentos, comprou um prédio residencial na rua General Júlio Marcondes Salgado, no bairro dos Campos Elíseos, que será inteiramente reformado. O local ficará com 19 apartamentos de um quarto para aluguel, e as obras devem terminar no primeiro trimestre de 2022.

A previsão da empresa é que a locação do imóvel mobiliado, com contas de água, luz e internet incluídas, custe entre R$ 2.500 e R$ 2.700 mensais.

Segundo Rafael Steinbruch, diretor de real estate da Yuca, a plataforma já mapeou outros 13 prédios no centro que poderiam passar pelo processo, mas a maior parte deles é comercial, e a lentidão para aprovar projetos de conversão de uso ainda é um entrave.

Steinbruch analisa que o bairro Campos Elíseos tem as mesmas características que fizeram seu vizinho Santa Cecília cair no gosto do mercado imobiliário e de jovens moradores. "Vemos um movimento natural, porque é um bairro mais barato do que Santa Cecília e com praticamente a mesma qualidade de acesso."

Ele defende que o Minhocão, a via suspensa que separa os dois bairros, seja demolido. "Acho que ele é uma barreira física que limita o desenvolvimento do Centro", diz.

A região central da cidade é a aposta também da Ilion Partners, que faz retrofits em São Paulo desde 2014.

Eles estão vendendo um prédio ao lado da Praça das Bandeiras, na região do centro histórico, com apartamentos grandes, de 140 metros quadrados. Cada metro quadrado sai por cerca de R$ 3.000.

"Estamos vendendo muito bem, para pessoas do bairro, famílias de classe média baixa, e eles estão encantados pelo que estamos oferecendo", diz Maxime Barkatz, fundador da empresa.

Ele conheceu o centro paulistano no início dos anos 2000 e se diz interessado pelas características dos imóveis antigos, como a arquitetura e as proporções mais amplas. "Posso criar imóveis que a construção nova não consegue fazer hoje", diz.

Sua empresa já trabalhou com 14 prédios, no Centro —entre eles, dois ao lado do Minhocão— e em bairros próximos, como Cambuci e Vila Clementino.

A escolha pelo Centro é um gosto pessoal, mas também um imperativo para se trabalhar com retrofit. "É normal que a região mais antiga da cidade tenha mais oportunidades do que um bairro como o Brooklin", explica.

Outro fator que atrai para a região é a maior prevalência de edifícios com apenas um proprietário, essenciais para facilitar a viabilidade da compra e da reforma.

A estratégia da Ilion é alterar pouco a estrutura do prédio, apenas fazendo os consertos e ajustes necessários. "Gosto de quando entro em um prédio nosso e entendo que é um prédio antigo", afirma.

A estratégia ajuda a diminuir também o custo com reforma, o que torna a revenda mais rentável, e também agiliza as aprovações necessárias por parte da prefeitura.

A dificuldade para aprovar projetos de reforma é um dos entraves principais para a atividade, apontam os empresários. Prédios antigos, ao passarem por retrofit, ficam sujeitos às mesmas características exigidas de empreendimentos novos, o que é inviável em muitos casos. Edifícios de outras épocas, por exemplo, não terão os recuos ou medidas para escadas que são pedidos atualmente.

"Já recebemos um Comunique-se sobre um prédio que falava que tínhamos que recuar o edifício", conta Barkatz.

A prefeitura aprovou em julho a primeira fase do programa Requalifica Centro, que trata de incentivos fiscais ao retrofit na região e apoia que haja fachadas ativas nos prédios, com comércio no térreo.

"Os incentivos fiscais são bem-vindos, mas não eram 100% necessários", diz Steinbruch. Segundo ele, o que o setor precisa mais é de uma esteira de aprovação na prefeitura específica para as reformas, com regras claras.

De acordo com a Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, a segunda fase do programa vai tratar dessas questões, mas ainda não há prazo para sua votação.

Olivar Junior, sócio da VBD Advogados, que atende investidores do segmento de reformas, reforça a importância de se ter regras diferenciadas para uma região de prédios antigos, mas afirma que o Requalifica já trouxe resultados. "Desde que saiu essa norma, o apetite por retrofit no centro de São Paulo foi multiplicado 20 vezes", diz.

Por outro lado, o aumento da taxa Selic, atualmente em 7,75% ao ano, traz incerteza para o setor. Steinbruch afirma que essa alta faz com que ativos alternativos percam espaço para renda fixa. "Acaba limitando um pouco, fizemos um FII [fundo de investimento imobiliário] no ano passado e, para as próximas captações, provavelmente os volumes que vamos conseguir serão menores", diz.

Ele analisa que os investidores ainda estão disponíveis para apostar no modelo da empresa, mas em volume menor do que há um ano.

É a mesma impressão de Barkatz, da Ilion Partners. "Há um ano, [o apetite dos investidores] estava muito claro. Recebemos muitos investidores mais tradicionais que estão começando a procurar ativos mais exóticos, mas agora tem subida de juros que pode atrapalhar essa demanda".

O retrofit é uma atividade atrai quem busca retorno financeiro, e por isso é vista em alguns casos como instrumento de gentrificação dos bairros, porque encarece o preço de venda ou o aluguel.

Barkatz afirma que sua intenção não é fazer isso e rebate a crítica argumentando que o risco de gentrificação não pode ser usado como desculpa para manter edifícios malcuidados, que precisam de reformas e colocam a vida de moradores em risco.

"Prédios caídos não têm acessibilidade e representam risco de morte, não dá para defender isso, tem que pensar para cima, em ferramentas que consigam trazer as pessoas com menor poder aquisitivo para comprar ou alugar em regiões mais nobres, inclusive, e em prédios com boas condições", afirma.

A Ilion está desenvolvendo um estudo, com ajuda de acadêmicos de urbanismo, para entender o impacto das reformas no entorno dos edifícios.

Ana Luiza Tieghi

Ao lado do Minhocão, no Centro de São Paulo, os edifícios Marajó e Juliana Torres antes (ao lado) e depois (acima) do processo de retrofit feito pela Ilion Partners, entre 2018 e 2019

Fotos Divulgação

Bruno Gama (esq.), Caio Alfano, Alexandre Borges e Flávio Fortes na sede da CrediHome, em São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

Financiamento fica mais digital e atrai novos negócios

Empresas de compra e venda de imóveis passam a oferecer ou facilitar crédito

SÃO PAULO O ano de 2021 tem registrado recordes na concessão de crédito imobiliário. Segundo dados da Abecip (Associação das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança), de janeiro a setembro, o montante financiado pelo SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo), que usa recursos da caderneta de poupança, foi de R$ 154,69 bilhões. O valor é 96,3% maior do que no mesmo período de 2020, e representa empréstimos para 663.250 imóveis.

O aumento do interesse pela tomada de crédito vem do aquecimento das vendas de imóveis e no valor historicamente mais baixo das taxas de juro do financiamento, em relação a anos anteriores.

O financiamento imobiliário não está atraindo apenas o consumidor, mas também as empresas que trabalham com compra e venda de imóveis.

Em agosto, a plataforma Loft adquiriu a intermediadora de crédito imobiliário CrediHome e o QuintoAndar comprou a Atta, que realiza assessoria jurídica para financiamentos. "Poderíamos desenvolver soluções próprias, mas a aquisição da Atta incorpora uma expertise de forma rápida", afirma Rafael Catelli, vice-presidente de produtos financeiros do QuintoAndar.

Em setembro, em movimento inverso, foi a vez do banco Santander adquirir uma plataforma imobiliária, a Apê11.

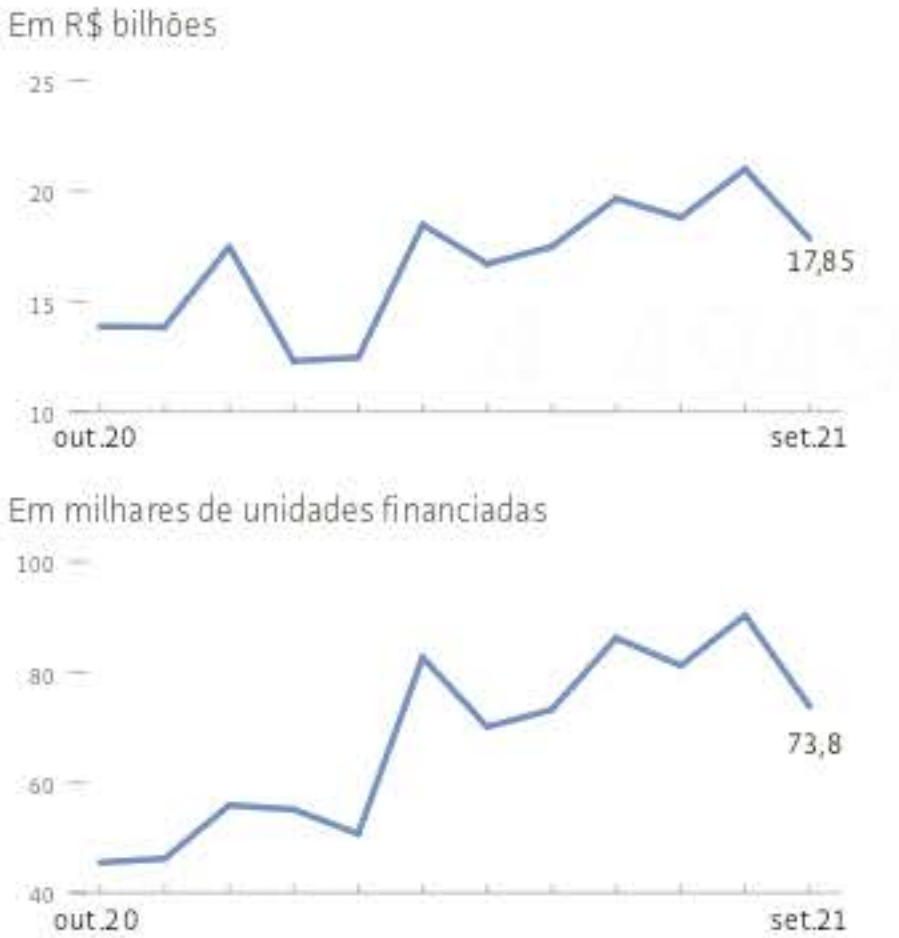
Segundo Sandro Gamba, diretor de negócios imobiliários do Santander, a compra visa a criação de novos produtos para o ecossistema imobiliário da marca.

"As imobiliárias digitais e proptechs, que estão investindo em marketplace de compra e venda de imóveis, enxergaram que não dá para fazer esse movimento desvinculado de uma transação de crédito super eficiente, senão o consumidor pode demorar pra encontrar financiamento, aí o dono da propriedade desiste da venda", afirma Bruno Gama, fundador e diretor-executivo da CrediHome.

A empresa não revela o valor da transação com a Loft.

Há ainda empresas que decidiram prestar mais atenção ao segmento.

A Xaza, que ajuda clientes a encontrar o imóvel ideal e também presta assessoria jurídica na transação, não interferia no financiamento dos imóveis até cerca de 10 meses atrás. Foi quando seu fundador, Fernando Nekrycz, que é advogado especializado em imóveis, percebeu que estavam perdendo dinheiro.

"Quando um cliente me ligou e falou que estava com problema no financiamento, percebi que meu conhecimento como advogado possibilitava um tráfego melhor junto às instituições financeiras", afirma. Nesse período, a Xaza já intermediou mais de R$ 20 milhões em contratos de financiamento.

A plataforma Kzas Krédito nasceu sem crédito no nome e com a proposta de ajudar clientes a encontrar o imóvel certo. Depois de dois anos de operação, seus fundadores perceberam que era no segmento de crédito que deveriam concentrar as atividades.

"Entendemos que nossa máquina de análise de crédito e avaliação de poder de compra estava funcionando muito bem, e decidimos que o melhor caminho era dizer para a pessoa qual o melhor crédito para resolver seu problema e trabalhar com incorporadoras e imobiliárias como parceiras", diz Eduardo Muszkat, cofundador e diretor financeiro da empresa.

Eles criaram uma ferramenta que permite aos corretores fazerem pelo WhatsApp simulações de financiamento imobiliário durante a visita dos clientes aos imóveis, o que possibilita ao consumidor visualizar melhor o valor que pode gastar na aquisição.

Ao intermediar a contratação do financiamento, as empresas recebem uma comissão sobre o montante do crédito. Além do resultado financeiro direto, participar da tomada de financiamento também ajuda a agilizar a concessão desse dinheiro e, consequentemente, a fechar negócio mais rápido.

As empresas de intermediação ajudam o consumidor a pesquisar as taxas e as condições oferecidas pelos bancos, a entender todos os encargos envolvidos no processo do financiamento e a juntar os documentos necessários. Um pedido de financiamento, que pode demorar de 30 a 60 dias para ser concedido, diz Nekrycz, dessa forma consegue ser finalizado em apenas 15 ou 20 dias. O recorde da Xaza foi uma semana.

A CrediHome tem a meta de concluir uma transação do tipo em apenas cinco dias, em um futuro próximo. "A ideia é que você peça crédito imobiliário na segunda e tenha na sexta, enquanto há alguns anos isso levava de quatro a seis meses", afirma Bruno Gama.

Veterano no setor, o grupo Lopes, de imobiliárias, lançou há 13 anos uma joint venture com o Itaú para fazer intermediação e também concessão de crédito, a CrediPronto.

O negócio registrou R$ 3 bilhões em financiamentos no primeiro semestre de 2021, ultrapassando todo o montante de 2020, que já era um ano recorde. A receita foi de R$ 30,8 milhões no segundo trimestre do ano.

Cyro Naufel, diretor institucional da Lopes, ressalta que o segmento de crédito imobiliário é relativamente recente e está em fase de amadurecimento. Ele começou a se desenvolver mais em 1997, quando foi aprovada a lei que instituiu a alienação fiduciária, que facilita a retomada do imóvel em caso de inadimplência.

Se antes o financiamento imobiliário era um ônus para os bancos, agora o comprador de imóvel é o "melhor cliente que tem", diz Naufel. "O banco olha e fala 'posso emprestar dinheiro para esse cara e vou ficar com ele por 30 anos, posso colocar cartão de crédito e seguros', descobriu que é um cliente altamente lucrativo."

Para Gama, esse é um setor que vem evoluindo rapidamente. Há cerca de cinco anos, por exemplo, as transações eram em papel, enquanto hoje já é possível fazer todo o processo pela internet.

As mudanças na área, que tende a ser cada vez mais tecnológica, e a demanda crescente por financiamento permitem que o setor cresça, na visão dos empresários.

"O mercado no Brasil tem cinco bancos competindo e meia dúzia de empresas na intermediação. Tem espaço para todo mundo, mas vai absorver mais quem tiver a melhor experiência para o consumidor e a aprovação de crédito mais rápida", diz Matheus de Souza Fabrício, diretor-executivo da rede Lopes.

Após chegar a uma mínima de 2% ao ano, no segundo semestre do ano passado e início de 2021, a taxa está hoje em 7,75%, e a previsão é que termine 2021 em 8,75%, chegando a 9,75% ao longo de 2022.

Ainda que indiretamente, esse aumento chega às taxas de financiamento imobiliário. Segundo o Banco Central, a taxa média cobrada hoje é de 7,93% ao ano.

"Estamos vendo muita antecipação de compra. Se você precisa comprar imóvel, é melhor acelerar a compra agora do que esperar o ano que vem, a cada reunião do Copom que você financiar antes, vai ter economia", diz Fabrício, da Lopes.

Gamba, do Santander, afirma que as linhas de crédito atreladas à TR (taxa referencial, hoje zerada) não apresentam movimento de alta sempre que a Selic sobe.

"Mesmo com os aumentos recentes que foram feitos nas taxas, tem bastante oportunidade no mercado", avalia.

Naufel, da Lopes, analisa que o aumento da concorrência no setor de financiamento pode trazer como benefício justamente evitar com que os bancos repassem integralmente o aumento da Selic para as taxas do financiamento imobiliário.

"É um produto muito importante do ponto de vista estratégico, que está sendo atacado pelas fintechs e bancos digitais", diz Gama, da CrediHome. **Ana Luiza Tieghi**

Financiamento imobiliário com recursos da poupança no último ano

Em R$ bilhões

25
20
15
10
out.20 set.21
17,85

Em milhares de unidades financiadas

100
80
60
40
out.20 set.21
73,8

Fonte: Abecip (Associação das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança)

> É um produto muito importante do ponto de vista estratégico, que está sendo atacado pelas fintechs e bancos digitais
>
> **Bruno Gama**
> fundador e diretor-executivo da CrediHome

Plataformas facilitam acesso a casas retomadas por bancos

SÃO PAULO Em um momento de economia com juros e inflação em alta, comprar imóveis com descontos que vão de 15% a até 50% pode parecer um milagre, mas é o que promete o mercado de imóveis em situações especiais.

O termo é usado para se referir àquelas unidades que foram retomadas pelos bancos por falta de pagamento de financiamento imobiliário ou outro empréstimo no qual a casa era a garantia, e também para imóveis envolvidos em ações judiciais, como disputas familiares e trabalhistas.

Antes restrito às empresas de leilão, esse mercado tem se tornado mais acessível por meio de plataformas virtuais, que facilitam a entrada de pequenos investidores ou até de quem deseja comprar um imóvel desse tipo para morar.

A Resale é uma delas. Existe desde 2015, mas ganhou escala nos últimos três anos, segundo Igor Freire, diretor de receitas da empresa. Eles têm exclusividade sobre o estoque de imóveis retomados do Banco do Brasil e também publicam ofertas do Santander, consórcio Embracon e BTG —que virou sócio do negócio.

A plataforma já fez a venda de imóveis retomados em 450 cidades do país, e as unidades são de todos os perfis: de um terreno de R$ 8.000 e casas populares de R$ 50 mil até residências de R$ 1 milhão e fazendas de R$ 35 milhões.

Os imóveis estão em leilão ou para venda direta, o que pode ser feito depois que dois leilões são realizados e a propriedade não é arrematada.

Do total do estoque, cerca de 65% estão ocupados por moradores no momento da venda. São esses imóveis que recebem mais desconto, já que o novo proprietário vai ter que se encarregar de esvaziar a propriedade, por meio de um acordo ou ação na justiça.

Freire enxerga o despejo como uma forma de manter o sistema de financiamento imobiliário operando. "Estamos fazendo com que esse ciclo econômico aconteça, porque se o banco não consegue retomar, ele para de emprestar dinheiro", diz. "Muita gente acha chato retomar o imóvel de uma família, mas alguém precisa fazer esse trabalho."

Wanderley Gavassoni, 58, investidor imobiliário de Serra (ES), já comprou 13 imóveis pela Resale, para depois vender ou alugar, e conhece bem as dificuldades de um processo de desocupação. O mais rápido que conseguiu foi desocupar o imóvel em 60 dias, depois de oferecer dinheiro ao morador para que se mudasse, mas também já esperou um ano, quando os residentes tentaram anular a venda do local na justiça.

Enquanto aguarda a desocupação, o novo proprietário já é responsável pelas contas de condomínio. Antes de comprar um imóvel assim, é preciso levar em conta esse gasto em potencial, além de honorários de advogados e o custo do tempo em que o imóvel ficará parado, sem poder ser locado ou vendido, enquanto a desocupação não acontece.

Gavassoni, que costuma comprar as propriedades com desconto de 30% sobre o preço da avaliação, tem sentido o aumento do interesse por esse tipo de propriedade. "Tem alguns imóveis muito disputados, cresceu muito a procura, mais gente veio investir em imóveis porque é algo seguro, que não se deteriora fácil".

A Rooftop é outra plataforma que vende esse tipo de imóvel, mas funciona com um sistema um pouco diferente. Eles compram as propriedades e já resolvem as questões jurídicas, como impostos atrasados e desocupação, antes de revender. Os descontos chegam a 15%.

Apesar do deságio menor, o cliente não corre o risco de ter sua compra contestada pelo antigo proprietário, nem precisa arcar com outros custos tradicionais desse mercado, explica Daniel Gava, fundador e diretor-executivo.

A Rooftop tem também o programa InCasa, em que compra casas de pessoas que estão com dívidas, coloca os antigos proprietários para morar de aluguel na residência e depois dá a eles a opção de recompra. Nas duas modalidades, os recursos para comprar os imóveis vêm de um fundo imobiliário.

Para quem quer comprar, é importante olhar com cuidado a documentação.

Marcelo Valença, advogado especializado em imóveis, aconselha a pesquisar o antigo proprietário, olhar o cadastro de devedores da Justiça do Trabalho, e puxar o cadastro do imóvel na prefeitura, para ter certeza sobre o motivo pelo qual a propriedade foi à leilão e se há dívidas de qualquer natureza.

Ele alerta ainda que se o proprietário deixou de arcar com o financiamento é possível que também não estivesse cuidando da manutenção da propriedade. "O preço é sempre em função do risco, se o valor está baixo, o imóvel pode estar ruim", diz.

Quem quiser investir em imóvel retomado não precisa contratar advogado, diz Valença, mas é bom ser assessorado por um profissional que conheça o sistema, como um corretor imobiliário. **ALT**

Entenda o que são as COPs, reuniões do clima da ONU, e seus resultados

COP26, no Reino Unido, ocorre sob pressão para que países acelerem combate à crise climática

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS De 196 países virão mais de 25 mil pessoas no final deste mês para uma única cidade: Glasgow, na Escócia. Lá, de 31 de outubro a 12 de novembro, elas terão a tarefa de encontrar caminhos para combater a crise climática, numa reunião chamada COP26.

Geralmente anual, o encontro deste ano acontece depois de um hiato provocado pela pandemia de Covid-19. A conferência ocorre sob pressão para oferecer metas mais ambiciosas e maior esforço dos países para cumpri-las.

Isso porque o relatório mais recente do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima), divulgado há poucas semanas, mostrou que a janela para segurar o aquecimento global como prometido por seus participantes está praticamente fechada.

O evento promete atrair a atenção, a presença e manifestações de grupos de ativistas ambientalistas, nos quais se destacam correntes mais jovens, como a Fridays For Future, liderada pela sueca Greta Thunberg, 18.

Mas o que é, afinal, uma COP? Quais os principais conflitos? Que resultados já produziu? Tire aqui algumas dessas dúvidas.

*

O que é uma COP?
É uma conferência de 156 países, mais a União Europeia, para discutir as regras práticas da Convenção do Clima, um acordo firmado no âmbito das Nações Unidas para combater a mudança climática.

A sigla significa Conferência das Partes da Convenção do Clima, e ela acontece anualmente. Em 2020, por causa da pandemia, foi adiada.

Desde quando acontecem as COPs?
Desde 1995, ano seguinte à entrada em vigor da Convenção do Clima. O objetivo é acertar regras para implementar o combate à crise climática e atualizar os resultados desses esforços.

Nessa primeira COP os signatários concordaram em negociar um instrumento legal —um protocolo— para implementar a convenção.

Como funcionam as COPs?
Negociadores discutem em grupos temas específicos, como transparência, finanças ou adaptação, com o objetivo de entregar uma proposta de texto consensual. Essa etapa costuma durar uma semana ou se estender por mais alguns dias.

Na metade da segunda semana, ministros, que têm mandatos dos governos, se reúnem para tentar resolver pontos em que não houve consenso e concluir negociações.

No último dia da reunião, é apresentado o texto de consenso, ou acordo, além de outras decisões que tenham surgido ao longo da COP.

Quais os principais blocos nas negociações?
União Europeia: o grupo mais agressivo nas metas e medidas de descarbonização.

Umbrella (guarda-chuva): formado por EUA, Japão, Nova Zelândia, Austrália, Rússia e Noruega, costumam bloquear iniciativas que façam muitas concessões a países emergentes. A Noruega, porém, embora grande produtora de petróleo, tem proposto metas ambiciosas e financiado países mais pobres.

Integridade Ambiental (EIG): formado por países da OCDE que não estão nem na União Europeia nem no Umbrella: México, Coreia, Suíça, Lichtenstein e Mônaco. Pretende ser uma ponte entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

G77 + China: formado por 133 nações em desenvolvimento, entre elas o Brasil, a África do Sul e a China. Seu foco é obter maior financiamento dos países desenvolvidos. Dentro do G77 há ao menos oito subgrupos mais atuantes, além de outros menores:

Basic: subgrupo do G77 formado pelos emergentes Brasil, África do Sul, Índia e China.

Pequenas ilhas: 40 nações que correm o risco de desaparecer por causa da elevação do nível do mar; defendem metas mais ambiciosas e pressionam por compensação por perdas e danos irreversíveis.

LDCs: 48 países menos desenvolvidos, da África, Sudeste Asiático e Oceania.

Like-Minded Developing Countries: inclui Arábia Saudita, Belarus, Filipinas, Egito, Paquistão, Venezuela, Cuba, Nicarágua e outros e advoga que a imposição de compromissos ambientais aos países mais pobres é imperialismo dos mais ricos.

Quais decisões marcantes já foram tomadas em COPs?
A mais importante até hoje foi a de 2015, na França, que produziu o Acordo de Paris: um projeto para reformar a estrutura da economia mundial, para sustar as mudanças climáticas e evitar as catástrofes que elas podem produzir.

Outras COPs, porém, produziram avanços antes de Paris.

Na de Bali (Indonésia), em 2007, a China concordou em negociar metas voluntárias que fossem mensuráveis, e na de Cancún (México), em 2010, foi criado o Fundo Verde do Clima e definido o objetivo de manter o aquecimento global em no máximo 2°C acima da temperatura da era pré-industrial.

A COP de Durban (África do Sul), em 2011, foi o evento em que se formalizou a necessidade de metas obrigatórias para todos os países, e na de Lima, em 2014, se acertaram vários dos pontos aprovados depois em Paris.

A COP26 pode entrar para a história como marcante?
O principal resultado prático desta COP será acertar as regras do mercado de carbono, para colocá-lo em funcionamento.

Outro objetivo político é obter dos países metas mais ambiciosas de redução das emissões de gases causadores de efeito estufa e planos mais concretos de como acelerar a transição para uma economia mais verde, incluindo condições de financiamento.

Greta Thumberg durante manifestação em Londres, nesta sexta Tolga Akmen/AFP

Principais avanços das cúpulas

1995 COP1 - Berlim (Alemanha) - Produziu um mandato de negociação de um instrumento legal para implementar a Convenção do Clima

1997 COP3 - Kyoto (Japão) - Estabeleceu-se o princípio de que todos os países têm responsabilidade de combater a crise climática, mas os que se desenvolveram antes têm responsabilidade de arcar com maiores custos

2007 COP13 - Bali (Indonésia) - Produziu o Mapa do Caminho de Bali: países da Convenção do Clima que não participavam do Protocolo de Kyoto, como a China, concordaram em negociar metas

2010 COP16 - Cancún (México) - Foi criado o Fundo Verde do Clima, principal mecanismo de financiamento climático

2011 COP17 - Durban (África do Sul) - Formalizou-se a necessidade de um acordo universal, com metras obrigatórias de corte de emissões de gases de efeito estufa para todos os países do mundo

2012 COP18 - Varsóvia (Polônia) - Foi lançado um mecanismo internacional de perdas e danos, que compensaria países mais vulneráveis

2015 COP21 - Paris - O Acordo de Paris estabelece compromisso de estabilizar o aquecimento global "bem abaixo de 2 º Celsius"

2019 COP25 - Madri (Espanha) -Brasil mais uma vez bloqueou acordo sobre o mercado de carbono

Fontes: Observatório do Clima; UNFCCC

Entenda cinco mitos sobre mudança climática que não fazem sentido

PARIS | AFP Na véspera da COP26, que acontecerá em Glasgow, a AFP revisa algumas afirmações frequentes que questionam a mudança climática provocada pela atividade humana.

*

1 - Plano ou complô
Alguns pensam que a crise climática é uma ideia criada por cientistas para justificar o financiamento da ciência. Outros acreditam que é um complô dos governos para controlar a população. Algo para o qual seria necessário um plano de uma complexidade nunca antes vista, coordenado por governos sucessivos de diferentes países com a cumplicidade de um exército de cientistas.

Mas, ao contrário, o consenso quase unânime sobre a existência da mudança climática de origem antropogênica foi construído com dezenas de milhares de estudos. Além disso, como forma de transparência, trabalhos como os do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) estão abertos a todos os países da ONU.

Criado em 1988, vencedor do Nobel da Paz em 2007, o IPCC reúne centenas de cientistas voluntários que revisam o estado do conhecimento a partir de um método e de referências públicas.

Seu relatório mais recente, publicado em agosto, com 3.500 páginas, foi redigido por 234 autores de 66 países, e aprovado pelos delegados de 195 Estados.

2 - O clima sempre mudou
O planeta Terra registra desde sua origem a alternância entre períodos muito frios e mais quentes, com uma idade do gelo mais ou menos a cada 10 mil anos. Portanto, o atual período de aquecimento não pode ser considerado mais uma etapa deste ciclo que já dura um milhão de anos?

Para os especialistas a resposta é clara: não. A velocidade, magnitude e caráter global do aquecimento que estamos vivenciando é excepcional.

"Desde 1970, a temperatura mundial aumentou mais rápido que em qualquer período de 50 anos nos últimos dois milênios", destaca o IPCC, a partir de registros meteorológicos (desde que existem), estudos de sedimentos, mostras extraídas do gelo (testemunhos) e outros elementos para as épocas mais recentes.

3 - Influência humana não está comprovada
Apesar do acúmulo de provas do aquecimento, muitos questionam se é provocado pela atividade humana, como as emissões de gases do efeito estufa, que aumentaram desde a revolução industrial pelo uso de energias fósseis. O IPCC desenvolveu uma modelagem para medir o impacto de diferentes fatores. "Não há dúvida de que a influência humana aqueceu a atmosfera, os oceanos e a terra", escreve o IPCC.

4 - Alguns graus a mais não podem ser algo ruim
"Boa parte do país está sob uma enorme quantidade de neve e sofre temperaturas frias recordes... um pouco do velho aquecimento global não seria ruim."

> Desde 1970, a temperatura mundial aumentou mais rápido que em qualquer período de 50 anos nos últimos dois milênios
> trecho de relatório do IPCC

Em 20 de janeiro de 2018, Donald Trump, então presidente dos EUA e cético da mudança climática, fez essa publicação no Twitter.

A evolução do clima, no entanto, é observada a longo prazo, enquanto os fenômenos meteorológicos têm seus próprios mecanismos, mais imediatos, inclusive porque podem ser agravados pela mudança climática.

E que certas regiões do mundo registrem aquecimento, como a Sibéria, não é uma boa notícia. O permafrost, camada de solo congelada permanentemente, captura grandes quantidades de gases do efeito estufa que seriam liberados na atmosfera em caso de derretimento.

Um mundo com +2°C na comparação com a era pré-industrial provocaria um aumento de meio metro do nível do mar.

5 - Alguns cientistas questionam a crise climática
Embora existam cientistas que expressam dúvidas em artigos públicos, em geral são pessoas não especializadas em clima. Historicamente, o conhecimento científico é construído na controvérsia.

Quanto à mudança climática, o consenso é grande. De acordo com um estudo da Universidade de Cornell (EUA), mais de 99% dos artigos sobre mudança climática publicados desde 2012 em revistas científicas (revisadas por pares) concordam com a atribuição do fenômeno à ação humana.

Vão jogar pedra no Bolsonaro, diz Mourão sobre ausência

BRASÍLIA O presidente em exercício, Hamilton Mourão (PRTB), disse nesta sexta (29) que Jair Bolsonaro (sem partido) não participará da COP26, conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, para evitar levar "pedradas".

O evento que reúne lideranças mundiais começa neste final de semana e vai até 12 de novembro, em Glasgow (Reino Unido). Mourão assumiu interinamente a presidência da República porque Bolsonaro embarcou na quinta-feira para a reunião do G20, em Roma, que ocorre também neste fim de semana.

"É aquela história, você sabe que o presidente Bolsonaro sofre uma série de críticas, então ele vai chegar num lugar que todo mundo vai jogar pedra nele, né", justificou Mourão, ao ser questionado no Palácio do Planalto sobre a ausência do mandatário no encontro.

O presidente em exercício disse que haverá uma equipe robusta em Glasgow, "com capacidade para levar adiante a estratégia de negociação [do Brasil]". Está prevista a participação dos ministros Joaquim Leite (Meio Ambiente), Fábio Faria (Comunicações) e Bento Albuquerque (Minas e Energia) na COP26.

O Brasil chega à conferência sob pressão da comunidade internacional para apresentar resultados no combate ao desmatamento e queimadas. Para Mourão, o país é alvo de críticas por dois motivos, por ser um governo de direita e por uma questão de disputa econômica.

"A maioria das pessoas que têm realmente consciência ambiental maior são de esquerda. Então há crítica política embutida nisso aí", disse.

"Tem a questão econômica, né, sempre uma busca de uma barreira em relação ao nosso agronegócio, querendo dizer que ele provém de área desmatada da Amazônia, o que não é verdade."

Na última segunda (25), Mourão afirmou que Bolsonaro manterá a postura combativa durante a conferência, na qual renovará seu pedido aos demais países para que paguem o Brasil pela preservação da Amazônia.

O Brasil defenderá o que considera um interesse nacional-chave com as "armas da diplomacia", declarou Mourão, que também chefia o Conselho da Amazônia, órgão responsável pelas políticas de combate ao desmatamento.

Na última Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas, a COP25, em 2019, o Brasil foi um dos responsáveis por bloquear as negociações climáticas.

Concessionária quer formalizar ambulantes do Ibirapuera

Regularização no parque será feita por meio de franquias e exigirá repasse de 7% sobre as vendas

Victoria Damasceno

SÃO PAULO A Urbia, empresa responsável pela gestão do Parque do Ibirapuera, quer formalizar os vendedores autônomos que trabalham no local. Os ambulantes, porém, temem perder renda quando concluída a regularização.

Essa é uma das formas que a empresa encontrou para cumprir o que está determinado no contrato de concessão do parque, que determina o "cadastro, regularização e integração" dos ambulantes, 169 à época.

A proposta da concessionária é transformar os carrinhos de coco e bebidas em uma franquia de impacto social, onde os trabalhadores terão que fazer um repasse mensal de 7% do valor bruto das vendas.

Atualmente a organização dos vendedores é feita por meio de duas cooperativas que não recebem porcentagem sobre o faturamento.

O diretor da Urbia, Samuel Lloyd, afirma que antes de tomar a decisão, a empresa realizou pesquisas durante um ano. O objetivo, diz ele, é conseguir associar melhor a experiência dos visitantes a produtos de boa rentabilidade para os vendedores.

O diretor afirma que existe demanda por alimentos e bebidas de mais qualidade no parque. '"Nós estudamos diversos modelos [de negócio] possíveis em que a gente privilegiasse a história dessas pessoas, a formalização do trabalho dessas pessoas e a experiência do usuário do Ibirapuera."

A empresa oferecerá aos franqueados a substituição dos carrinhos por modelos novos; modernização dos equipamentos; cursos e capacitações; e a administração dos resíduos recicláveis e orgânicos.

A Urbia encara a mudança como uma oportunidade de negociação dos ambulantes com grandes empresas e parceiros. Mas para conseguir receita, a concessionária tem fechado patrocínios que já obrigam os trabalhadores a vender só produtos da Ambev, por exemplo.

A **Folha** foi até o parque conversar com os vendedores para entender os benefícios e prejuízos do modelo oferecido pela concessionária. Por medo de retaliação, os trabalhadores não aceitaram dar entrevistas, mas compartilharam como se sentem diante da proposta. O maior receio é pela diminuição da renda e pela perda do ponto caso não aceitem fazer parte da franquia.

Os vendedores serão obrigados a se tornar um MEI (microempreendedor individual) e assinar a carteira de trabalho de seus funcionários, normalmente filhos ou cônjuges, o que pode aumentar custos de operação.

Os seus horários deixarão de ser flexíveis, o que significa que terão que ter equipe para cobrir todo o horário de funcionamento —a ser definido pela franquia— e ir todos os dias, mesmo em dias chuvosos e sem movimento, quando consideram que as vendas não superam os custos.

Há também uma grande preocupação em relação aos trabalhadores idosos. Muitos deles trabalham apenas aos finais de semana, como complemento da aposentadoria, e temem ser deixados de lado pelo novo modelo.

Os vendedores dizem ainda que estão sem opção e que precisam aceitar a proposta para se manter no parque, pois a empresa é a única autorizada a explorá-lo comercialmente. Muitos afirmam que não têm informações sobre como será o negócio, uma vez que a comunicação é feita por meio das diretorias das cooperativas.

Por outro lado, veem como positiva a modernização dos carrinhos e equipamentos, que vai permitir que os vendedores não tenham que se deslocar com materiais de trabalho de suas casas —muitas vezes na periferia da cidade ou na Grande São Paulo— até o Ibirapuera.

A renovação também vai ajudar a manter os cocos, principais fontes de renda, gelados. É um desafio para os vendedores conseguir mantê-los em uma temperatura agradável. A saída, na maioria das vezes, é vender sua água engarrafada.

Em resposta aos questionamento dos vendedores, a Urbia afirma que o modelo de negócio eliminará despesas que permitirá que os trabalhadores se dediquem mais às vendas, como o descarte dos cocos, que, segundo a empresa, representava cerca de 10% do seu custo. Além disso, o valor repassado será revertido em investimentos, manutenção e melhorias das condições logísticas.

Sobre a falta de flexibilidade, a concessionária afirma que está fazendo um mapeamento que cruze as necessidades dos usuários com os desejos dos ambulantes, mas que será necessário cumprir os horários acordados em contrato. Os novos carrinhos não serão doados, mas emprestados gratuitamente.

Lloyd afirma que a expectativa é que o processo de formalização seja gradual, com término no final de 2022. "Não é um trabalho rápido de ser feito, é um trabalho que consome tempo, consome muita conversa, para que essas pessoas sejam de fato integradas de forma autônoma."

A Urbia também tem planos de cobrar uma tarifa das empresas, treinadores e assessorias esportivas que promovem atividades físicas no local.

Ainda não há um modelo de cobrança definido, mas é provável que as empresas esportivas passem a preencher uma autodeclaração indicando o número de alunos, o valor cobrado e, sobre esta quantia, faça um repasse entre 3% e 5% à concessionária. A expectativa é que as cobranças comecem no início de 2022.

"Mas esse modelo está em discussão, nós não temos nenhum modelo estabelecido. Nós chegamos a conclusão que temos que ter modelos híbridos, pois para algumas [empresas] pode fazer sentido pagar por alunos, outras pagar por espaço", diz Lloyd.

Bruxas contemporâneas desejam superar os 500 anos de imagem negativa

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO A bruxa está solta. "Estão por toda parte", diz a maquiadora e modelo Ádria Dasi, 38, parte desse grupo.

A imagem da bruxa, contudo, continua presa a estereótipos e preconceitos que, séculos atrás, levaram milhares de mulheres à fogueira da Santa Inquisição. Mulheres como Ádria, Marília, Tânia, Evani e Marcia querem fazer deste domingo (31) de Dia das Bruxas um espantalho para a intolerância que até hoje esbarra com violência de gênero —mulheres eram a imensa maioria das vítimas da igreja.

O "Malles Maleficarum", manual de caça às bruxas escrito no século 15 por um monge dominicano, descrevia o apetite sexual insaciável de mulheres que transavam com demônios. Assim seriam "capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina", diz o livro-bússola dos inquisidores.

Para parte dessas feiticeiras contemporâneas, bruxaria é religião —a neopagã wicca. Outras veem como filosofia de vida. Não que os intolerantes façam essa distinção.

Ádria trabalha numa empresa evangélica, e já sabe: "Para eles, é pacto com o demo". Não sai revelando por aí esse lado seu. Por cautela. "A maioria das pessoas com quem convivo são católicas ou evangélicas, algumas espíritas. Todas repudiam."

No passado, mesmo mulheres que nunca se enxergaram na feitiçaria estavam a perigo, afirma a maquiadora. "Uma jornalista como poder de transmitir uma informação e causar revoluções seria considerada bruxa, por ter o dom do conhecimento."

A má impressão que em tempos medievais fazia mulheres arderem ecoa até hoje, e Hollywood tem seu dedo nisso. "Sempre usam a bruxa como maligna."

Como em qualquer crença, os mal-intencionados existem, claro. Mas Evani Carrasco, 63, vê ao seu redor gente que se leva pelo lema "fazer o bem sem olhar a quem".

Com o título de grã-sacerdotista, ela se iniciou na prática por dica de uma pombagira, entidade da umbanda representada por uma mulher de aura sedutora. Evani chegou à religião afrobrasileira como "uma branca universitária magrinha" e logo percebeu o impulso em abraçar fés simultâneas, conta.

A intolerância externa lhe é evidente há décadas, mas ultimamente ela tem notado "certa resistência" no próprio círculo wiccano, sobretudo de mulheres mais velhas.

"A wicca é muito modinha. Muita jovenzinha está mais para conto de fadas, Harry Potter, esse lado mais lúdico", diz. "A bruxaria que a gente faz é mais espiritual mesmo, focada na realidade."

Neta e bisneta de ciganos, Tânia Gori, 50, aprendeu desde pequena artes como a leitura de tarô. "Só não sabia que o nome disso era bruxaria."

Aprendeu e, 25 anos atrás, fundou a Casa da Bruxa, no ABC Paulista. "Lógico que vão existir alguns termos [pejorativos]. Foram 500 anos de propaganda negativa, com pessoas falando que eram mulheres horrendas, do mal."

Se lhe chamarem de bruxa para ofender, ela veste a carapuça com prazer. E é no Halloween que os sentidos afloram, de acordo com a bruxa de Santo André.

Um dia, segundo ela, em que a energia de um mundo invisível se faz presente, e sentimos com mais força "a presença de fadas, os gnomos e os duendes". Tânia tem receitas para realizar desejos, como o bolo dos duendes, de canela e maçã, e o ponche da harmonia, mix de vinhos com frutas.

"Hoje continuamos sendo ameaça, mas não é mais cabível o termo bruxa [de forma depreciativa]", diz Ádria. "A sociedade começou a raciocinar mais. Um tiquinho mais."

Bolsonaro gargalha

As instituições não funcionam quando aparentemente funcionam

Luís Francisco Carvalho Filho
Advogado criminal, presidiu a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos (2001-2004)

A Justiça Eleitoral inibe a prática de abusos de poder político ou econômico durante as eleições, mas não é capaz de remover o presidente da República que cometeu abusos de poder político ou econômico durante as eleições.

É o que se depreende do tardio julgamento do Tribunal Superior Eleitoral que arquivou o pedido de cassação da chapa Bolsonaro-Mourão, eleita em 2018.

Havia motivos jurídicos para a solução extrema, da mesma maneira que havia motivos jurídicos para a cassação da chapa Dilma-Temer, eleita em 2014, mas a anulação da vontade do eleitor, expressa pelo voto, por um seleto grupo de sete magistrados (bem ou mal-intencionados, iluminados ou não), seria invariavelmente arriscada para os anseios democráticos.

Para conciliar esta impotência política (de cassar no tapetão o presidente eleito) com a austeridade técnica que se espera de um tribunal, a falta de provas é o argumento de sempre.

No caso de Jair Bolsonaro, a maioria do TSE reconhece o (ilegal) disparo em massa de mensagens na internet, com propaganda e inverdades, mas não encontra nos autos prova de sua interferência no resultado da eleição. Admite que disparos teriam beneficiado a candidatura de Bolsonaro, mas não encontra nos autos prova de que o candidato Jair Bolsonaro estivesse pessoalmente envolvido na trama.

E para que esta decisão não transmita para a opinião pública uma mensagem de tolerância, desgoverno ou fragilidade, o Tribunal Superior Eleitoral evoca a canção de Erasmo e Roberto: "daqui pra frente, tudo vai ser diferente".

"Nós sabemos o que ocorreu, nós sabemos o que vem ocorrendo e não vamos permitir que isso ocorra", advertiu o futuro presidente do TSE, Alexandre de Moraes. A decisão de hoje é "para o futuro", salienta o atual presidente do TSE, Luís Roberto Barroso.

Mas será que a Justiça Eleitoral terá vontade política de cassar o registro da candidatura de Jair Bolsonaro em 2022, por conta, por exemplo, de outro ataque ardiloso à segurança das urnas eletrônicas, e desta forma frustrar a vontade de uma parcela relevante e mobilizada do eleitorado?

Tão grave como afastar o presidente eleito é impedir alguém de se eleger presidente.

Bolsonaro sabe das limitações intrínsecas da Justiça Eleitoral e tem motivos para gargalhar.

Além da indisfarçável boa vontade da Procuradoria-Geral da República e do apoio irrestrito e corrupto do centrão, que o protege das acusações de crime comum e de responsabilidade, o presidente agora está também formalmente desonerado pela Justiça Eleitoral, insuspeita por ser dirigida por "adversários".

Não há mais tempo para ilusões e atalhos. Bolsonaro vai até o fim. Quanto mais se aproxima a eleição, mais distante é o impeachment. O relatório da CPI sobre atrocidades acontecidas na pandemia não modifica o quadro político.

Só o eleitor pode remover Jair Bolsonaro da Presidência da República.

As instituições não funcionam quando aparentemente funcionam. Nas vésperas do julgamento de sua chapa pelo TSE, Jair Bolsonaro sentia-se suficientemente seguro e blindado para lançar novos e atrevidos desafios: difundiu, pela internet, a ideia criminosa de relacionar com Aids a vacina contra Covid-19 e visitou um garimpo ilegal em terras indígenas, em Roraima.

A reeleição seria uma tragédia para o Brasil.

Mais alarmante que as próprias mentiras proferidas por Bolsonaro é o torpor político de quem as aceita como verdade.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Feira da Madrugada de SP é investigada por suspeita de cobrança indevida

José Marques

SÃO PAULO Anunciado como "o maior centro popular de compras das Américas", o espaço que abrigará comerciantes da Feira da Madrugada, no Brás (região central de São Paulo), se tornou alvo de uma auditoria que irá apurar suspeitas de cobranças indevidas e de eventuais prejuízos aos cofres municipais.

A medida foi determinada pelo TCM (Tribunal de Contas do Município), que abriu procedimento no último dia 20 sobre o chamado Circuito de Compras, concedido à iniciativa privada em 2015.

O espaço estava previsto para ser inaugurado em setembro deste ano, o que não aconteceu. Em 2019, quando o então prefeito Bruno Covas (PSDB) esteve presente no início das obras, a promessa era de que o shopping teria três pavimentos com capacidade para 4.000 boxes e cerca de 1.000 lojas, abertas das 2h às 22h.

Inicialmente, o Circuito de Compras era uma promessa da gestão de Gilberto Kassab (PSD), que pretendia organizar os polos de comércio popular da região central da cidade: Brás, Bom Retiro, Santa Ifigênia e 25 de Março.

Como a área onde será construído o shopping popular pertence à União, o terreno foi cedido sob guarda provisória ao município. Foi condicionado, porém, que a prefeitura estimularia o comércio popular na região, e que parte dos recursos arrecadados iria para o governo federal.

O contrato acabou firmado pela gestão Fernando Haddad (PT). Incluiu a construção do shopping e de um hotel popular. Em troca, o consórcio terá a exploração econômica do espaço por um período de 35 anos, renovável.

O consórcio teria que pagar R$ 50 milhões à prefeitura e mais parcelas anuais referentes a 5% da receita bruta, que foi estimada em R$ 1,5 bilhão durante todo o período.

Mas advogados contestaram no TCM e na Justiça Federal esse valor previsto de receita, e dizem que ele desconsidera parte dos ganhos do consórcio. Afirmam que o valor arrecadado será quase dez vezes maior e que os termos do contrato atual podem causar prejuízos aos cofres públicos.

A auditoria irá checar se houve um eventual "subdimensionamento de receitas da concessão, com impactos na parcela referente à compensação a ser paga pela concessionária".

Além disso, irá averiguar se a prefeitura deixou de aplicar sanções por eventuais inadimplências em transferências que o consórcio devia fazer ao município.

Procurado, o consórcio do Circuito de Compras não se manifestou. A prefeitura foi questionada a respeito da não aplicação de sanções, mas disse apenas que "quando receber o ofício dará as informações necessárias ao TCM".

4

1 A grã-sacerdotista Evani Carrasco, 63, em Mogi das Cruzes (SP) 2 e 3 Neta e bisneta de ciganos, Tânia Gori, 50, na Casa da Bruxa, espaço que fundou no ABC Paulista 4 A maquiadora e modelo Ádria Dasi, 38 Fotos Karime Xavier/Folhapress

Empreendedor Social anuncia os 12 finalistas da edição 2021

Pelo segundo ano, respostas à Covid são reconhecidas por Folha e Schwab; Escolha do Leitor está aberta à votação

EMPREENDEDOR SOCIAL

Eliane Trindade e Cristiano Cipriano Pombo

SÃO PAULO Espaços para cuidar dos profissionais da saúde, robótica espacial na escola e plataforma que conecta o comércio na vizinhança são tecnologias sociais que nasceram na pandemia e estão entre as 12 iniciativas finalistas da 2ª edição do Prêmio Empreendedor Social do Ano em Resposta à Covid-19, correalizada por **Folha** e Fundação Schwab, uma das comunidades irmãs do Fórum Econômico Mundial.

A maior premiação da América Latina chega à sua 17ª edição, as duas últimas focadas no enfrentamento à pandemia.

Em 2021, o concurso selecionou os destaques do ano entre 317 inscritos em quatro categorias: Emergência Sanitária, Inclusão Social e Produtiva, Inovação para a Retomada e Soluções Comunitárias.

Em Inovação para a Retomada os finalistas são Adriana Mallet (Telemedicina SAS Brasil), que aperfeiçoou plataforma para atendimento médico na periferia; Alex Roger Wytt (Robótica Espacial nas Escolas), que ensina alunos de escolas públicas a prototiparem robôs; e Suzana e Reinaldo Pamponet (NoonApp - Renda e Inclusão Digital), que desenvolveram aplicativo que cria chances de trabalho e renda para uso da rede social com propósito, inclusão e saúde mental.

Entre os selecionados na categoria Emergência Sanitária encontram-se Bianca Russo e Daniela Giffoni (Arquitetos Voluntários), que reformaram instalações em hospitais para cuidar dos profissionais na linha de frente da Covid-19; Leonardo Letelier (Fundos Filantrópicos contra Covid-19), gestor de mecanismos de captação e distribuições de recursos para beneficiar hospitais e ações emergenciais; e Luciana Quintão (Brasil sem Fome), à frente da iniciativa que cresceu para fazer frente ao aumento da insegurança alimentar.

Em Inclusão Social e Produtiva, os destaques são uma plataforma que une pequenos negócios e consumidores por geolocalização, criada por Alice Freitas (Pertinho de Casa); os "parças", egressos do sistema penitenciário qualificados em tecnologia de ponta sob a condução de Alan Almeida e Carla Cristina (Aceleradora dos Parças); e uma iniciativa que apoia afroempreendedores e mães negras solo, capitaneada por Nina Silva e Alan Soares (Movimento Black Money).

Já Soluções Comunitárias traz ações inspiradoras como os quintais agroecológicos plantados no semiárido nordestino por José Carlos Brito e Karla Fernanda Torres (Instituto Novo Sertão); a metodologia estruturante para mulheres da favela no Morro dos Macacos, no Rio, criada por Stella Maris (Mãe e Muito+); e as "fazendeiras" do Jardim Colombo, que, ao se prepararem para o mercado da construção civil, mudaram a vida da comunidade e reformaram as próprias casas sob a batuta da arquiteta Ester Carro (Fazendeiras).

"O papel dos inovadores sociais na crise da Covid no Brasil tem sido crucial e, por isso, nosso reconhecimento ao trabalho excepcional de empreendedores sociais para buscar soluções e minorar os problemas socioambientais e emergenciais na crise sanitária em 2021", diz François Bonnici, diretor-executivo da Schwab.

Para Sérgio Dávila, diretor de Redação da **Folha**, o conjunto de finalistas é a expressão da força do terceiro setor, representado por 8 ONGs, e do setor dois e meio, com 4 negócios de impacto social. "São 12 iniciativas que mostram a potência do trabalho em campo e na ponta de empreendedores sociais que responderam com inovação e rapidez aos novos desafios postos pela Covid ao país, sejam por meio de ações de grande porte ou aquelas comunitárias, todas de impacto comprovado", diz Dávila.

Entre as lideranças finalistas, 11 são mulheres, e 6, homens. Diversidade que também está presente com nove autodeclardos negros ou pardos.

Os vencedores em cada categoria serão escolhidos por júri composto de especialistas e personalidades. O anúncio dos ganhadores será em 30 de novembro, em cerimônia virtual transmitida pela TV Folha.

Os 12 finalistas concorrem ainda na categoria de voto popular, a Escolha do Leitor, desta sexta (29) até 29 de novembro. Além de votar em folha.com/escolhadoleitor_2021, é possível doar a partir de R$ 5 para as iniciativas. O anúncio dos vencedores, um por número de votos e outro por volume de doações, será feito na cerimônia virtual.

Na edição anterior, a Escolha do Leitor arrecadou R$ 207 mil para projetos sociais. A plataforma é mais uma vez feita em parceria com Doare, Movimento Arredondar e PagBank PagSeguro.

A edição 2021 do Empreendedor Social do Ano tem patrocínio de Gerdau, Ambev, Sesi/Senai, Coca-Cola e Vedacit. E tem parceria estratégica de Ashoka, ESPM, Fundação Dom Cabral, Pacto Global, Prosas e UOL.

Finalistas do Prêmio Empreendedor Social 2021

Categoria	EMERGÊNCIA SANITÁRIA		
Iniciativa	**Brasil sem Fome**	**Coletivo Arquitetos Voluntários**	**Fundos Filantrópicos contra Covid-19**
Organização	Banco de Alimentos	Arquitetos Voluntários	Sitawi Finanças do Bem
Empreendedor	Luciana Quintão	Bianca Russo e Daniela Giffoni	Leonardo Letelier
Atuação	A experiência de 23 anos de atuação no combate à fome e ao desperdício serviu para a ONG atuar na pandemia com 270 polos de doações. Levou 6 milhões de quilos de alimentos a cinco estados, mobilizando parceiros e recursos	Arquitetos voluntários reformaram instalações em hospitais para cuidar dos profissionais na linha de frente da Covid-19. Com ajuda de 250 doadores, a rede impactou 20 mil heróis da saúde na pandemia	A Sitawi geriu R$ 160 milhões em 14 fundos filantrópicos dedicados ao enfrentamento da crise sanitária, apoiando iniciativas na Amazônia, hospitais e comunidades vulneráveis, impactando 2,8 milhões de brasileiros

Categoria	INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA		
Iniciativa	**Aceleradora dos Parças**	**Movimento Black Money**	**Pertinho de Casa**
Organização	Parças Developers School	Movimento Black Money	Rede Asta
Empreendedor	Alan Almeida e Carla Cristina	Nina Silva e Alan Soares	Alice Freitas
Atuação	Aceleradora de jovens talentos que passaram por privação de liberdade, a startup promoveu formação de 850 egressos para o mercado de tecnologia da informação na pandemia com metodologia que usa linguagem da quebrada	O movimento atuou em duas frentes para mitigar os efeitos da pandemia: marketplace para conectar pequenos negócios e consumidores e projeto de transferência de renda para afroempreendedores e famílias lideradas por mães negras solo	Plataforma digital que conecta empreendedores e consumidores beneficiou 11 mil pequenos negócios na pandemia, fomentando o comércio justo e a economia solidária em rede que conta com 1.300 artesãs e 84 grupos produtivos

Categoria	INOVAÇÃO PARA A RETOMADA		
Iniciativa	**NoonApp - Renda e Inclusão Digital**	**Robótica Espacial nas Escolas**	**Telemedicina SAS Brasil**
Organização	Itsnoon Tecnologia	BeByte Tecnologia Educacional	SAS Brasil
Empreendedor	Reinaldo Pamponet e Suzana Pamponet	Alex Roger Wytt	Adriana Mallet Toueg
Atuação	O NoonApp cria oportunidades de trabalho e renda ao redesenhar a interação de usuários e estimular uma economia digital, inclusiva e descentralizada, além de contribuir para a saúde mental nas redes sociais	Edutech leva robótica espacial para escolas públicas para que alunos aprendem a desenhar, modelar e fazer protótipos de robôs pelo celular ou tablet, com a missão de preparar 1 milhão de jovens para o futuro	ONG aperfeiçoou plataforma de telemedicina para atendimento médico e psicológico online em periferias, beneficiando 40 mil pessoas na pandemia com triagem e agendamento pelo WhatsApp e em cabines autoesterelizáveis

Categoria	SOLUÇÕES COMUNITÁRIAS		
Iniciativa	**Fazendeiras**	**Mãe e Muito+**	**Quintais Produtivos Agroecológicos**
Organização	ONG Fazendinhando	ONG Anjos da Tia Stellinha	Instituto Novo Sertão
Empreendedor	Ester Carro	Stella Maris Moraes (Tia Stellinha)	José Carlos Brito Filho e Karla Fernanda da Silva Torres
Atuação	Além de assistência emergencial aos 18 mil moradores do Jardim Colombo em SP, movimento cria projeto para qualificar mulheres para a construção civil, gerando renda e melhoria nas casas das próprias beneficiárias	Mãe e Muito+ nasceu na pandemia em favela carioca para oferecer ferramentas para que as mulheres pudessem construir emancipação financeira, social e emocional; metodologia de apoio replicada em outras comunidades	Em Betânia do Piauí, 2º menor IDH do estado, ONG incentiva a autossuficiência no semiárido e capacita famílias a plantar produtos orgânicos em seus quintais, com o excedente da produção vendido em feiras para gerar renda na pandemia

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Amável e prudente, destacou-se no direito e no magistério

HERMES PINOTTI (1931-2021)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Hermes Pinotti construiu uma carreira no direito com base na educação e na gentileza. Pelas qualidades, foi admirado dentro e fora do judiciário paulista.

Durante décadas, e concomitantemente com seu trabalho público, Hermes deu aulas em faculdades privadas, além de ter sido por décadas professor na APMBB (Academia de Polícia Militar do Barro Branco).

O juiz Ronaldo João Roth foi seu aluno em 1977, quando era cadete da PM, na disciplina Introdução à Ciência do Direito.

"Ele foi um professor que se destacava por sua sabedoria, prudência e exemplo. Particularmente, foi pelas aulas do Professor Dr. Hermes Pinotti que despertei para o direito, levando-me a aprofundar os estudos nessa área e logo depois me formar bacharel, sendo determinante para minha carreira como magistrado da Justiça Militar", conta.

De acordo com informações do Tribunal de Justiça de São Paulo, Hermes Pinotti nasceu em Matão (a 305 km de SP). Em 1955, se formou em Direito pela PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo. No ano seguinte, ingressou no Ministério Público de São Paulo e, em 1978, como procurador de Justiça, integrou o Conselho Superior do órgão.

Em 1979, foi nomeado juiz do 2º Tribunal de Alçada Civil e em 1983 promovido ao cargo de desembargador. Em 1984, exerceu o cargo de vice-presidente do Tribunal Regional Eleitoral e, no final desse mesmo ano, foi eleito 4º vice-presidente do TJ-SP para o biênio 2000/2001, cargo no qual se aposentou. Hermes morreu em 7 de outubro, aos 90 anos.

URIEL LEVY SPACH Aos 52, casado com Ivana. Sexta (29/10). Cemitério Israelita do Butantã, Jd. Educandário, São Paulo (SP)

1 ANO

CLAUDETTE HAJAJ GONZALEZ Sábado (30/10) às 18h, Paróquia Assunção de Nossa Senhora, Jardim Paulista, São Paulo (SP)

EM MEMÓRIA

ALEXANDRE MAGALHÃES VAZ DE MELLO Neste domingo (31/10) às 18h, Igreja de São João Evangelista, Belo Horizonte (MG)

saúde

607.504 mortes
379 entre quinta e sexta

21.791.761 casos
11.287 infecções em 24 horas

Adolescente de 16 anos é vacinado com o produto da Pfizer em Los Angeles, na Califórnia, nesta sexta Robyn Beck/AFP

EUA liberam vacina da Pfizer para crianças de 5 a 11 anos

Especialistas temem resistência dos pais em vacinar os filhos contra a Covid

WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES A Agência de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (FDA, na sigla em inglês) autorizou nesta sexta-feira (29) a vacina da Pfizer-BioNTech contra a Covid-19 para uso emergencial em crianças com idade de 5 a 11 anos.

Cerca de 28 milhões de crianças nessa faixa etária poderão receber um terço da dose adulta, em duas injeções com três semanas de intervalo. Se o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) aprovar, como é esperado, a vacinação pode começar na próxima quarta-feira (3).

O governo Biden prometeu que as vacinas infantis serão facilmente encontradas em consultórios pediátricos, centros de saúde comunitários, hospitais infantis e farmácias, com 15 milhões de doses prontas para envio imediato.

Os estados começaram a pedir doses na semana passada, segundo uma fórmula baseada em quantas crianças eles têm nessa faixa etária. Como o ano letivo já em andamento, a dose pediátrica chega a tempo das férias de fim de ano, dando mais tranquilidade às famílias que desejam reunir os mais velhos e os mais jovens pela primeira vez desde os primeiros meses de 2020.

"É uma ferramenta extremamente importante para o retorno à normalidade", disse Larry Corey, especialista em vírus do Centro de Pesquisa de Câncer Fred Hutchinson e líder da Rede de Prevenção à Covid-19. "Saber que seu filho está protegido e que não vai ficar gravemente doente por ir à escola é um alívio psicológico incrível."

Em um ensaio clínico, a vacina demonstrou gerar proteção significativa em crianças contra o vírus. Mas não está claro se isso ajudará substancialmente a conter a pandemia. Nesta semana, 8.300 crianças com idades entre 5 e 11 anos foram hospitalizadas com Covid-19 nos EUA, e pelo menos 94 morreram, de mais de 3,2 milhões de hospitalizações e 740 mil mortes no total, de acordo com o CDC.

O maior determinante de quantos casos mais da doença e mortes ainda haverá é se os mais de 60 milhões de adolescentes e adultos que já deveriam ter tomado a vacina irão se vacinar, disse Jennifer Nuzzo, pesquisadora de saúde pública no Centro de Recursos para Coronavírus da Universidade Johns Hopkins.

Alguns especialistas em vacinas alertam que as mesmas desigualdades que prejudicaram a vacinação adulta no início deste ano poderão prejudicar a das crianças.

"Não podemos repetir o que houve nas primeiras fases da vacinação para adultos, em que pessoas favorecidas e com posses descobriram uma maneira de ser as primeiras da fila", disse James EK Hildreth, presidente do Meharry Medical College, uma instituição historicamente negra.

Crianças negras e hispânicas têm menor probabilidade de fazer o teste do vírus, mas são mais propensas a se infectar, ser hospitalizadas e morrer de Covid-19 do que crianças brancas, de acordo com a Kaiser Family Foundation.

As taxas de hospitalização na faixa etária de 5 a 11 anos são três vezes mais altas para crianças negras, hispânicas e nativas americanas do que para crianças brancas, de acordo com o CDC.

> “
> É uma ferramenta extremamente importante para o retorno à normalidade. Saber que seu filho está protegido e que não vai ficar gravemente doente por ir à escola é um alívio psicológico incrível
>
> **Larry Corey**
> líder da Rede de Prevenção à Covid-19

Na faixa etária de 5 a 11 anos, mais da metade são crianças não brancas e quase 4 em cada 10 vêm de famílias com renda abaixo de 200% do nível de pobreza federal, de acordo com Kaiser.

No Hospital Nacional de Crianças, em Washington, as autoridades desenvolveram um plano para garantir que famílias e crianças em maior risco tenham acesso imediato às injeções, disse Lee Ann Savio Beers, diretora-médica do hospital para saúde comunitária e defensoria e presidente da Academia Americana de Pediatria.

O hospital pretende notificar sobre as vacinas seus pacientes de maior risco, com base no diagnóstico médico e no bairro onde residem, entrando em contato diretamente com os pais, disse ela.

Uma pesquisa da Kaiser Family Foundation divulgada na quinta-feira (28) revelou que 27% dos pais de crianças de 5 a 11 anos estão ansiosos para vaciná-las imediatamente, enquanto um terço disse que esperaria para ver como transcorre a vacinação.

A aplicação entre adolescentes tem sido mais lenta do que os especialistas em saúde pública esperavam: a vacina da Pfizer foi disponibilizada para crianças de 12 a 15 anos em maio, mas menos da metade dessa faixa etária está totalmente vacinada, em comparação com 69% dos adultos.

As autoridades de saúde estaduais e locais se preparam não apenas para mais hesitação em relação às vacinas, mas também para possíveis disputas sobre a ordem de vacinação nas escolas.

"Acho que a controvérsia que vimos sobre a questão da máscara tende a perder importância diante do que veremos sobre a ideia da vacinação obrigatória" de crianças em idade escolar, disse Jessica Snowden, chefe da divisão de doenças infecciosas no Hospital Infantil de Arkansas.

Em uma reunião esta semana do painel consultivo de especialistas em vacinas da FDA, vários membros se manifestaram com veemência contra a ordem de vacinação escolar.

Um estudo do CDC sugere que 42% das crianças entre 5 e 11 anos de idade têm anticorpos contra o coronavírus de uma infecção anterior, o que levou alguns assessores da FDA a perguntar se uma dose seria suficiente para as crianças. O uso desse estudo foi questionado por alguns cientistas.

Os membros do painel da FDA também perguntaram se apenas as crianças com condições médicas de alto risco, como obesidade, deveriam receber a vacina, uma vez que elas são mais vulneráveis a ter casos graves de Covid-19.

Autoridades do CDC disseram, entretanto, que seria difícil restringir a elegibilidade, e o painel consultivo da FDA endossou a oferta da dose pediátrica para toda a faixa etária por uma votação de 17-0, com uma abstenção.

Snowden disse que a variante delta eliminou qualquer ideia de que as crianças seriam imunes ao vírus. No auge do pico mais recente, disse ela, o Hospital Infantil de Arkansas estava tratando até 30 crianças por dia para Covid, incluindo algumas com pais totalmente vacinados. Embora esse número tenha diminuído, ainda não voltou ao que era antes da delta.

Espera-se que grande parte do peso da vacinação em crianças recaia sobre pediatras e médicos de família. Sterling Ransone, presidente da Academia Americana de Médicos de Família e médico na zona rural de Deltaville, na Virgínia, disse que manterá seu consultório aberto até tarde nos dias de semana e aos sábados para atender à demanda por vacinas pediátricas.

Victor Peralta, pediatra em Queens (Nova York), disse que a vacinação será aceita e acabará ajudando a retardar a transmissão do vírus. "Não tenho dúvidas de que isso fará uma diferença, não só para os que já estão preocupados", disse ele.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Diretores da Anvisa são ameaçados caso aprovem imunização

Raquel Lopes e Mateus Vargas

BRASÍLIA Os cinco diretores da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) foram ameaçados de morte caso ocorra a aprovação de vacina contra a Covid-19 para crianças de 5 a 11 anos.

A ameaça foi feita por email na manhã de quinta-feira (28). Ela não foi anônima, mas a agência não tem certeza se o nome utilizado é o verdadeiro.

Fazem parte da diretoria Antonio Barra Torres (diretor-presidente), Meiruze Sousa Freitas (segunda diretoria), Cristiane Rose Jourdan Gomes (terceira diretoria), Rômison Rodrigues Mota (quarta diretoria) e Alex Machado Campos (quinta diretoria).

Além dos diretores, também constam como alvo das citadas ameaças de morte instituições escolares do Estado do Paraná.

Na mensagem, a que a Folha teve acesso, a pessoa diz que havendo aprovação da Anvisa para vacinação em crianças, o filho seria imediatamente extraído da escola e não retornaria.

"Estou tomando a difícil atitude de retirá-lo do ambiente escolar para preservar a segurança do meu filho. Deixando bem claro para os responsáveis, de cima para baixo: quem ameaçar, quem atentar contra a segurança física do meu filho será morto", diz o texto.

"Isso não é uma ameaça. É um estabelecimento. Estou lhes notando por escrito porque não quero reclamações depois", continua.

A Anvisa disse, por nota, que oficiou imediatamente às autoridades policiais e ao Ministério Público, nos âmbitos federal, estadual e distrital, para adoção das medidas cabíveis.

Ainda não há pedidos na Anvisa para que libere a aplicação de doses da vacina contra a Covid-19 em crianças. A Pfizer informou que deve solicitar à agência reguladora a aplicação da vacina ComiRNAty em crianças no mês de novembro.

"A submissão do pedido junto à Anvisa para a aprovação do uso da vacina ComiRNAty, da Pfizer/Biontech, para crianças entre 5 e 11 anos deve ocorrer ao longo do mês de novembro de 2021", disse em nota.

O Ministério da Saúde planeja vacinar crianças contra em 2022 caso a Anvisa aprove a imunização.

esporte

Leitura e novos hábitos levam Glover Teixeira, 42, à luta por cinturão do UFC

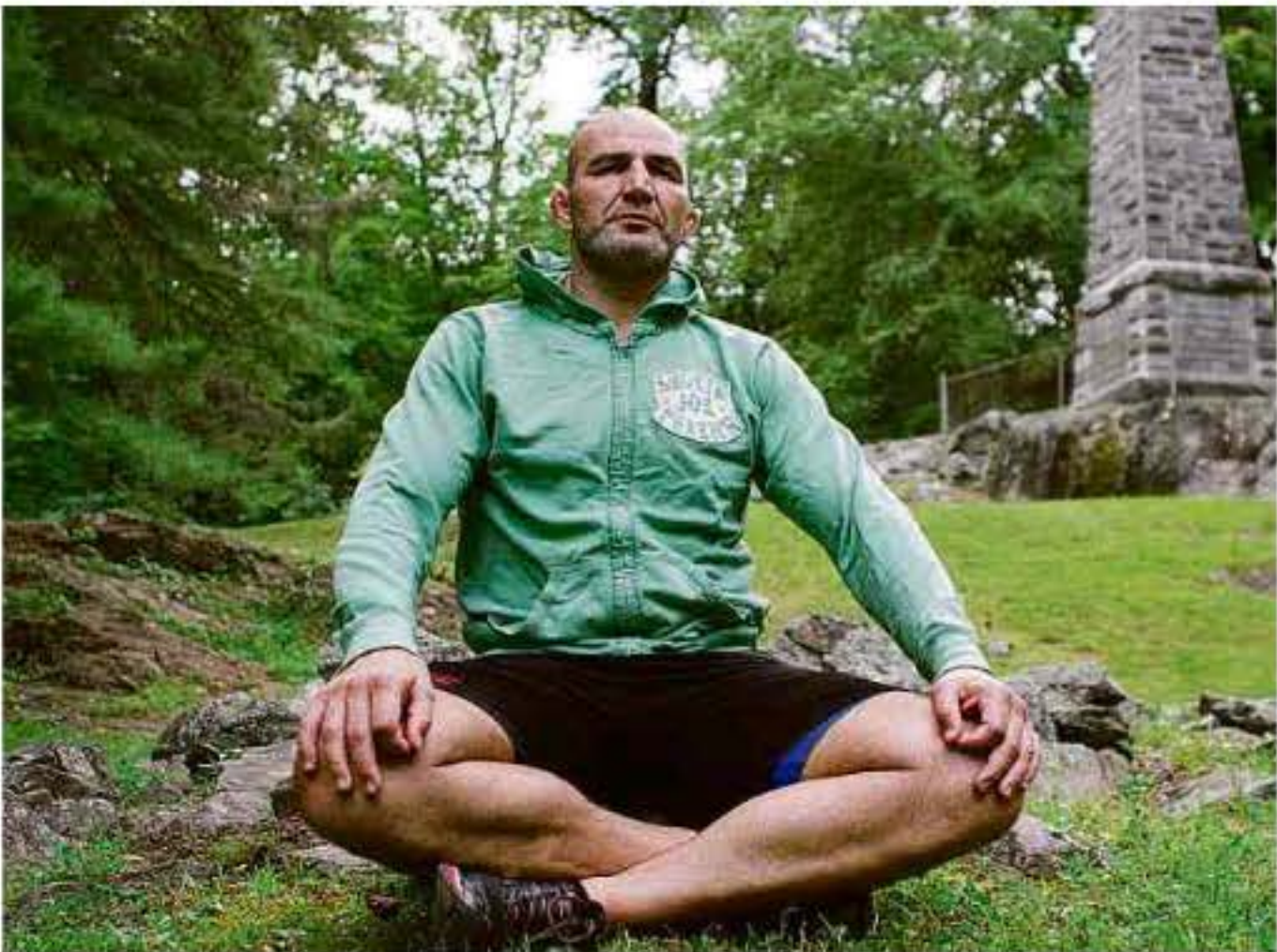
Brasileiro disputa título dos meio-pesados contra o polonês Jan Blachowicz neste sábado (30)

Luciano Trindade

SÃO PAULO Durante os meses que antecederam a luta em que Glover Teixeira, 42, possivelmente terá a última chance de conquistar um cinturão no UFC, o lutador se dividiu entre treinos e leituras, uma combinação de hábitos que ele incorporou a sua rotina durante o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

A "Autobiografia de um Iogue", escrita por Paramahansa Yogananda (1893-1952), um indiano que difundiu a ioga nos EUA na primeira metade do século 20, esteve na cabeceira do brasileiro durante este mês em que ele vai enfrentar o polonês Jan Blachowicz, 38, em uma disputa válida pelo cinturão meio-pesado do UFC, neste sábado (30), em Abu Dhabi —o canal Combate exibe o card principal a partir das 15h.

Será a segunda oportunidade para o brasileiro ser campeão da categoria de até 93kg. Em 2014, ele perdeu a primeira chance ao ser derrotado pelo americano Jon Jones. Passados sete anos, o mineiro acredita que a experiência acumulada depois daquela derrota somada à mudança de hábitos poderão ser decisivas para o seu sucesso.

"Quando veio a pandemia, eu tive de parar de treinar, fiquei isolado naquele tédio e foi aí que eu comecei a ler. Eu percebi que a gente não tem o controle de nada nesta vida e comecei a mudar o meu astral, relaxei e me dediquei à reflexão sobre a vida", diz Glover à **Folha**.

Glover Teixeira mudou hábitos e a preparação para lutas durante a pandemia Divulgação UFC

Foi assim que o brasileiro chegou à conclusão de que era necessário mudar a sua postura em relação aos treinos para conseguir se manter em alto nível após os 40. O lutador completou 42 anos na quinta (28).

"Acredito que perdi algumas lutas por causa de muito treino, por ter passado o limite, que é o overtraining. Tenho certeza que tive alguns problemas com isso", afirma Glover. "Agora, eu consigo treinar melhor e me focar mais. Com a leitura, eu tiro todos aqueles pensamentos sem pé nem cabeça, que vão e voltam."

Mas algo ainda permeia os pensamentos do mineiro: conquistar o inédito cinturão dos meio-pesados. Por outro lado, agora isso não é mais o que determina o sentimento de realização pessoal dele. "Agora, eu curto mais a jornada, eu curto o treino, o dia a dia, eu curto o descanso. Antes, eu ficava o tempo todo com o cinturão na cabeça e treinava pensando nisso. Isso atrapalha o atleta", reconhece.

> "Percebi que a gente não tem o controle de nada nesta vida e comecei a mudar o meu astral, relaxei e me dediquei à reflexão sobre a vida

A experiência profissional também o fez mudar o volume dos treinamentos. Na época em que lutou contra Jon Jones, ele chegava a fazer até nove treinos por semana em alta intensidade. Atualmente, para preservar seu corpo, alterna entre três treinos fortes e três com exercícios mais leves.

Há ainda um cuidado maior com a alimentação e, sobretudo, com os períodos de descanso. Disciplina é a palavra que ele mais gosta de enfatizar, inclusive para os alunos da academia que ele montou em Danbury, no estado de Connecticut, nos EUA, onde ele mora desde 1999, quando chegou lá como imigrante em situação irregular.

Glover recorda que tinha entre 17 e 18 anos quando decidiu deixar a cidade de Sobrália, a cerca de 300 km de Belo Horizonte, em Minas Gerais, rumo aos Estados Unidos. Na época, ele entrou no país atravessando a fronteira pelo México, com ajuda de "coiotes", que vendem a travessia ilegal.

Depois de deixar a terra natal, ele passou pela Colômbia, viajou até a Guatemala, de onde partiu de carro para cruzar o México até a cidade de Tijuana, local em que ficou 13 dias esperando a neblina baixar para conseguir passar pelo deserto.

"Eu demorei quase dois anos para pagar essa conta. Foi aí que eu comecei a trabalhar na construção civil. Passei um perrengue legal. Comia muito pão de forma com salame porque o salame aqui é barato. Nessa época, eu comia mal para caramba", recorda-se.

Em 2008, o lutador perdeu a chance de assinar um contrato com o Ultimate por sua condição irregular no país. Ele acabou sendo deportado quando as autoridades locais tiveram conhecimento da situação dele.

De volta ao Brasil, ficou três anos em Sobrália, até o fim de 2011, período que durou o trâmite burocrático, incluindo o pagamento de uma multa, até conseguir o green card, visto que permite a estrangeiros residir e trabalhar permanentemente nos EUA.

Com a situação regularizada, o brasileiro, enfim, pôde assinar contrato com o UFC. Hoje, o cartel dele tem 32 vitórias e 7 derrotas —Jan Blachowicz, o detentor do título na categoria, tem 28 vitórias e 8 derrotas.

No caminho para ter essa nova chance de lutar pelo cinturão, Glover emendou cinco vitórias consecutivas: Karl Roberson, Ion Cutelaba, Nikita Krylov, Anthony Smith e Thiago Marreta, de 2019 a 2020. Quando encarou Jon Jones e perdeu a chance de conquistar o topo dos meio-pesados, também vinha de cinco vitórias seguidas.

O 33º triunfo seria a maior coroação da carreira de Glover Teixeira. "Sei que essa é uma chance derradeira, eu estou fazendo o melhor possível."

ESPORTE AO VIVO

9h **Elche x Real Madrid**
Espanhol, ESPN BRASIL

13h30 **Leipzig x Eintracht Frankfurt**
Alemão, BAND

13h30 **Tottenham x Man. United**
Inglês, ESPN BRASIL

16h **Ponte Preta x Vitória**
Série B, SPORTV

16h **Lyon x Lens**
Francês, ESPN BRASIL

16h **Barcelona x Alavés**
Espanhol, STAR+

19h **Flamengo x Atlético-MG**
Série A, PREMIERE

19h15 **Juventude x Bahia**
Série A, TNT SPORTS

21h **América-MG x Fortaleza**
Série A, PREMIERE

@sls no Instagram

5 BRASILEIROS VÃO ÀS FINAIS DO MUNDIAL DE SKATE STREET

Cinco skatistas do Brasil avançaram às finais da etapa de Lake Havasu (EUA) da Liga Mundial de Skate Street nesta sexta (29). No classificatório feminino, Rayssa Leal e Pâmela Rosa garantiram a primeira e a segunda colocação, respectivamente, e Gabriela Mazetto completou o trio de brasileiras na decisão, neste sábado, a partir das 15h50 (SporTV 2 transmite). Já no masculino, Felipe Gustavo conseguiu um 9,3, a nota mais alta do dia, para se classificar em segundo, atrás do americano Nyjah Huston que obteve soma maior. Lucas Rabelo avançou em sétimo para a disputa final, a partir das 18h30, com transmissão do SporTV 3.

Histórias para contar

Situações como de Josh Cavallo mostram o poder de influências positivas

Marina Izidro

É jornalista e vive em Londres. Cobriu cinco Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University College

Há 31 anos, o inglês Justin Fashanu foi o primeiro jogador de futebol profissional a assumir que era gay. A reação foi a pior possível. Fashanu se mudou para os Estados Unidos, foi acusado de estuprar um menor de idade e, em 1998, cometeu suicídio. Deixou uma carta dizendo que era inocente e não teria um julgamento justo porque era homossexual.

A história trágica ainda é usada como referência na Inglaterra sobre o que pode acontecer se um atleta fala sobre sua homossexualidade. Mas essa percepção está mudando.

Nesta semana, um jovem de 21 anos começou o que pode ser uma mudança definitiva no esporte. Josh Cavallo, meio-campo do Adelaide United, da Austrália, tornou-se o único jogador de futebol em atividade em uma liga de elite nacional a assumir que é homossexual. No vídeo publicado nas redes sociais, respirou fundo, disse que tinha medo de ser tratado de maneira diferente, mas que era exaustivo ter uma vida dupla. Desta vez, o apoio foi total.

Gerard Piqué escreveu: "Obrigado por ter dado esse passo. O mundo do futebol está muito atrás, e você está nos ensinando a progredir". Zlatan Ibrahimovic, Marcus Rashford, David de Gea, Jordan Henderson, Antoine Griezmann, Liverpool, Juventus, Barcelona e Arsenal também se manifestaram.

Cavallo nasceu um ano depois que Fashanu tirou a própria vida. Desde então, esporte e sociedade evoluíram. O casamento entre pessoas do mesmo sexo é permitido por lei na Inglaterra desde 2013. Atletas britânicos que tornaram pública a própria orientação sexual receberam apoio, como o campeão olímpico de saltos ornamentais Tom Daley e o ex-capitão da seleção de rúgbi do País de Gales Gareth Thomas.

No futebol inglês, cantos homofóbicos estão banidos há quase 15 anos. Há torcidas ligadas à comunidade LGBT+ e campanhas como o Rainbow Laces —"cadarços cor do arco-íris"— promovem o debate. Mesmo assim, ainda não há um jogador assumidamente gay na Premier League.

Conversei com o jornalista e escritor Jon Holmes, fundador do Sports Media LGBT+, grupo baseado em Londres que luta por inclusão no esporte e no jornalismo. Para Holmes, ainda existe o medo de reações negativas, aliado à pressão por resultados no futebol. Mas ele é otimista. Acredita que com as campanhas educativas a linguagem homofóbica nos vestiários diminuiu, que há a compreensão de que é algo ofensivo e que pode refletir na saúde mental de um jogador.

Holmes, que é homossexual, critica a forma sensacionalista como tabloides britânicos tratam o assunto, como a manchete deste mês no The Sun sobre um "jogador misterioso gay com medo de assumir-se".

"Não temos um jogador profissional gay ou bissexual no Reino Unido. Então, esse medo é amplificado, mas, na minha experiência e no meu entendimento, os vestiários são um lugar inclusivo. Há jogadores que apoiariam se um companheiro assumisse sua homossexualidade. Embarcamos muito rapidamente em narrativas de medo e angústia", disse Holmes.

Ele lembra a importância do jornalismo em estimular a inclusão. Saber o que aconteceu com Fashanu deixou Cavallo preocupado, mas o australiano se inspirou em outro caso, com final feliz: o do jogador inglês Thomas Beattie, que assumiu a homossexualidade em 2020 ao se aposentar. Existem histórias positivas de atletas que foram aceitos e se sentiram acolhidos. Só é preciso contá-las.

Um dia depois de dar uma lição de coragem para o mundo, Cavallo concedeu uma entrevista sorridente, dizendo-se confiante, aliviado e pronto para ser um atleta melhor. Pode ter certeza: ele vai continuar sendo um bom jogador e ajudando seu time. Só vai ser mais feliz.

| **DOM.** **Juca Kfouri, Tostão** | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

Cinco anos após tragédia, Chape deve R$ 120 milhões e está perto da Série B

Presidente busca soluções para a equipe, que faz uma das piores campanhas dos pontos corridos

Alex Sabino

SÃO PAULO O rebaixamento não está confirmado, mas a Chapecoense já jogou a toalha. Com apenas 13 pontos em 28 rodadas, a probabilidade de queda para a Série B é de 99%.

"Neste ano ainda há alguma chance, mas é bem remota. A gente tem de ser realista", afirma o presidente Gibson Sbeghen.

Em campo ou fora dele, o clube ainda não se recuperou da queda do avião que levava o time para a final da Copa Sul-Americana de 2016, nos arredores de Medellín, na Colômbia. Foram 71 mortos, entre eles, 19 jogadores, 14 integrantes da comissão técnica e nove dirigentes.

A tragédia completará cinco anos no próximo dia 28.

A Chapecoense estava em ascensão no futebol brasileiro e chegava à primeira final continental de sua história. Depois disso, os problemas se acumularam. A agremiação não tinha um centavo de dívidas em 2016. Hoje, está no vermelho em R$ 120 milhões.

> A volta para a Série A em 2020 foi uma surpresa. Nossa prioridade era não cair para a Série C
>
> Gibson Sbeghen, presidente da Chapecoense

A equipe foi rebaixada para a Série B em 2019. No ano seguinte, chegou a correr risco de queda da primeira divisão do Campeonato Catarinense. Conseguiu voltar à elite nacional na temporada passada, mas uma queda agora é iminente.

A campanha na atual Série A é uma das piores do torneio na era dos pontos corridos, iniciada em 2003. Os 13 pontos conquistados representam 15,4% de aproveitamento. É pouco superior ao América-RN do Brasileiro de 2007, dono do pior percentual, com 15%.

Nesta segunda (1º), a Chapecoense visita o Corinthians às 21h30, na Neo Química Arena.

"A volta para a Série A em 2020 foi uma surpresa. Nossa prioridade era não cair para a Série C. Subir foi algo inesperado", define Sbeghen.

O presidente reconhece que os problemas da Chapecoense não foram causados apenas pela tragédia, embora seja um fator relevante. O clube perdeu, na queda do avião, quase todo o seu elenco profissional e a diretoria responsável por administrar o projeto que colocara o time no mapa do futebol sul-americano.

Técnicos e jogadores que passaram pela equipe nos últimos cinco anos disseram à **Folha** que a mudança aconteceu também no modelo de administração e na filosofia de contratações. A tentativa de recapturar os resultados do passado fizeram diretorias darem passos maiores do que as pernas.

O atual presidente, no cargo desde janeiro deste ano, admite que dois treinadores com passagens por Chapecó em 2019 ainda recebem salários, resultados de acordos trabalhistas.

Nomes que conhecem como a Chape era administrada no passado e poderiam colaborar mais têm sido pouco aproveitados, na avaliação de pessoas que conhecem a agremiação. Sobrevivente do acidente e ex-zagueiro, Neto se considera cada vez mais alijado das decisões, apesar de estar no cargo de superintendente.

A gestão do futebol estava concentrada no vice-presidente Mano dal Piva, que se afastou em agosto, quando a situação já era caótica. Ele acumulou poder porque foi considerado responsável por montar o elenco que obteve o retorno à Série A, em 2020.

A estratégia de buscar jogadores não aproveitados em grandes do país, mas com possibilidade de crescer na Chapecoense, foi abandonada.

A equipe será comandada nesta segunda por Felipe Endres. É o quinto treinador do time na temporada.

Em janeiro deste ano, o elenco se recusou a treinar por causa de salários atrasados. Em setembro, a Chape encerrou uma vaquinha virtual que tinha meta de arrecadar R$ 300 mil para aliviar a situação financeira. Foram obtidos R$ 15.525.

Sbeghen precisa pensar agora também na queda de arrecadação dos direitos de transmissão. Se na elite são recebidos entre R$ 40 milhões e R$ 50 milhões, na Série B o número cai para cerca de R$ 8 milhões.

> Além de tudo, nós tivemos anos atípicos. Em 2017, contamos com a ajuda de outros clubes [que emprestaram jogadores para a Chape montar um elenco]. Em 2020, a pandemia foi muito ruim para as finanças. Este ano também é atípico porque a temporada é mais curta. Existem restrições orçamentárias
>
> Gibson Sbeghen, presidente da Chapecoense

Ainda há disputas judiciais com familiares de vítimas do acidente. Nesta quinta-feira (28), a Justiça do Trabalho de Chapecó condenou o clube a pagar R$ 14 milhões para os herdeiros do zagueiro William Thiego. A quantia se refere a danos morais, materiais e outras pendências financeiras.

"Além de tudo, nós tivemos anos atípicos. Em 2017, contamos com a ajuda de outros clubes [que emprestaram jogadores para a Chapecoense poder montar um elenco]. Em 2020 aconteceu a pandemia, que foi muito ruim para as finanças. Este ano também é atípico porque a temporada é mais curta. Existem restrições orçamentárias", explica o presidente.

"Mudamos uma estratégia que vinha dando certo. Era uma fórmula de pessoas voluntárias, em um modelo mais associativo. Quando aconteceu o acidente, perdemos a experiência e o know-how dessas pessoas. Estamos voltando a isso para reerguer a Chape", completa.

A próxima cartada pode ser a transformação em sociedade anônima. A Chapecoense montou uma comissão para avaliar o assunto.

"É uma nova era para o futebol brasileiro. Para nós, é um dos caminhos", diz Sbeghen, ao reconhecer que 2022 também deverá ser um ano difícil.

Santos enfrenta Athletico para respirar e mudar de objetivo

ATHLETICO
SANTOS
17h, na Arena da Baixada
Na TV: TNT

SÃO PAULO Representou grande alívio a vitória por 2 a 0 do Santos sobre o Fluminense, na última quarta (27), resultado que tirou o time alvinegro da zona de rebaixamento do Brasileiro. Agora, o plano é se afastar do grupo dos quatro últimos e começar a pensar em metas maiores do que simplesmente permanecer na primeira divisão.

Para afastar o risco e passar a almejar classificação aos torneios continentais, a equipe de Fábio Carille busca mais um bom resultado neste sábado (30). Ainda na perigosa 16ª colocação, com 32 pontos, ela poderá dar um salto na tabela se vencer o Athletico, que soma 34 e está em 12º lugar. O duelo será na Arena da Baixada, em Curitiba.

O adversário vem embalado por um triunfo por 3 a 0 sobre o Flamengo, no Rio de Janeiro, que o colocou na final da Copa do Brasil. Superá-lo promete ser um desafio complicado para o Santos, que só levou a melhor fora de casa uma vez no Brasileiro. Bateu a lanterna Chapecoense, empatou seis vezes e perdeu sete, com 21,4% de aproveitamento como visitante.

O índice ajuda a explicar as dificuldades do time na competição, mas a atuação diante do Fluminense deixou Carille otimista. "Foi um jogo de entrega, de determinação. Os jogadores estão dedicados demais. É um grupo que faz o seu melhor. Esperamos que a mudança possa ter começado", afirmou.

Ele não poderá, no entanto, contar com aquele que foi um dos grandes nomes do triunfo. O meio-campista Vinicius Zanocelo está suspenso e deverá dar lugar a Carlos Sánchez. No ataque, o jovem Ângelo, de apenas 16 anos, é o favorito a ficar com a vaga de Marinho, outro que cumpre gancho automático em Curitiba.

No Athletico, finalista da Copa do Brasil e também da Copa Sul-Americana, o objetivo é ao menos atingir a primeira metade da tábua de classificação. O técnico Alberto Valentim relacionou todos os seus principais atletas, porém é possível que alguns comecem a partida no banco de reservas, por causa do desgaste.

PSG VIRA COM GOLS DE MARQUINHOS E DI MARIA O time de Paris saiu atrás no placar contra o Lille, em casa, pelo Campeonato Francês, gol de Jonathan David; o capitão do PSG Marquinhos empatou e Di Maria virou aos 42 do segundo tempo com assistência de Neymar Franck Fife/AFP

Tite e o filho, Matheus Bachi, auxiliar da seleção brasileira Pedro Martins - 13.nov.2016/MoWA Press

Filho de Tite curte postagens de Maurício Souza e incomoda CBF

SÃO PAULO A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e Tite repudiaram nesta sexta (29) o comportamento de Matheus Bachi, 32, auxiliar da seleção brasileira e filho do técnico, nas redes sociais.

O profissional curtiu no Instagram uma série de postagens com conteúdos contra os movimentos feminista e LGBTQIA+, além de críticas à imprensa profissional. O filho do treinador, inclusive, interagiu com postagens de Maurício Souza, jogador de vôlei que teve o seu contrato com o Minas Tênis Clube rescindido por publicar posts homofóbicos —até às 17h40 desta sexta, o atleta tem 1,5 milhão de seguidores. Antes da polêmica ganhar o noticiário, o central tinha pouco mais de 500 mil contas adeptas.

Outra postagem curtida por Matheus Bachi é a da notícia da absolvição de um homem acusado de estuprar a influencer Mariana Ferrer, em Santa Catarina. A legenda da imagem traz a seguinte frase: "Ela recorreu e tomou pau de novo". Outros posts curtidos pelo auxiliar trazem conteúdos contra o isolamento social, de apoio às armas e de defesa do fechamento do Supremo Tribunal Federal, o que é inconstitucional.

Ao jornal O Globo, a CBF afirmou que "tomou conhecimento dos fatos e conversou diretamente com o funcionário citado, que reconheceu seu erro ao curtir o post, pois não compartilha de tal opinião".

"A Confederação reforça seu compromisso com um futebol livre de qualquer preconceito ou discriminação", afirmou em outro trecho do comunicado. Procurada pela **Folha**, a entidade não respondeu os questionamentos até a conclusão desta edição.

Nesta sexta (29), durante a convocação da seleção brasileira para os duelos contra Colômbia e Argentina, nos dias 11 e 16 de novembro, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2022, Tite foi questionado sobre o comportamento do filho. Ele manifestou apoio ao posicionamento da CBF.

"Todo preconceito não deve existir. Estamos em processo de igualdade, cor, raça, sexo. Quem pode olhar na sequência o que foi manifestado pela entidade pode ter um complemento em cima da pergunta", disse o treinador.

Juninho Paulista, coordenador de seleções, também se manifestou sobre o tema e reforçou o comunicado da entidade. "A CBF soltou ontem um comunicado e isso retrata bem aquilo que a gente pensa. Diz assim: 'todos iguais'. E realmente é aquilo que a gente pensa. A CBF faz campanha já há mais de uma década em relação a isso, defende o esporte solidário, então, cores, origens, crenças, gêneros, ou condições físicas... isso não tem que existir. É da maneira que a gente pensa", afirmou.

Vale lembrar que um dos motivos que levaram à demissão de Maurício Souza do Minas Tênis Clube foi a pressão de patrocinadores, entre eles a Fiat, que também patrocina a seleção. Em nota sobre o caso do jogador de vôlei, a montadora repudiou "toda e qualquer expressão de cunho homofóbico, considerando inaceitáveis as manifestações movidas por preconceito".

Treinador convoca seleção com apenas um que atua no Brasil

SÃO PAULO Com apenas um jogador que atua no Brasil, o goleiro Gabriel Chapecó, do Grêmio, Tite convocou nesta sexta (29) a seleção para os próximos dois jogos das Eliminatórias para a Copa do Mundo.

No dia 11 de novembro, a equipe receberá a Colômbia na Neo Química Arena, em São Paulo. Quatro dias depois visita a Argentina, em San Juan.

A seleção brasileira poderá garantir a classificação para o Mundial no Qatar, em 2022, já no próximo jogo. Para isso, terá de vencer a Colômbia e esperar que o Uruguai não derrote a Argentina, em Montevidéu.

Por causa da qualificação bem encaminhada, clubes do país pediram à CBF que jogadores de suas equipes não fossem chamados. As duas partidas das Eliminatórias acontecerão entre as rodadas 31, 32 e 33 do Campeonato Brasileiro.

+ Lista de convocados para as Eliminatórias

GOLEIROS
- **Alisson** Liverpool-ING
- **Ederson** Manchester City-ING
- **Gabriel Chapecó** Grêmio

LATERAIS
- **Danilo** Juventus-ITA
- **Alex Sandro** Juventus-ITA
- **Renan Lodi** Atletico de Madrid-ESP
- **Emerson** Tottenham-ING

ZAGUEIROS
- **Thiago Silva** PSG-FRA
- **Marquinhos** PSG-FRA
- **Éder Militão** Real Madrid-ESP
- **Lucas Verissimo** Benfica-POR

MEIO-CAMPO
- **Casemiro** Real Madrid-ESP
- **Fabinho** Liverpool-ING
- **Fred** Manchester United-ING
- **Lucas Paquetá** Lyon-FRA
- **Gerson** Olympique de Marselha-FRA
- **Philippe Coutinho** Barcelona-ESP

ATACANTES
- **Raphinha** Leeds United-ING
- **Antony** Ajax-HOL
- **Roberto Firmino** Liverpool
- **Matheus Cunha** Atlético de Madrid-ESP
- **Neymar** PSG-FRA
- **Gabriel Jesus** Manchester City-ING

CLASSIFICAÇÃO DAS ELIMINATÓRIAS SUL-AMERICANAS

1º	Brasil	31 pts
2º	Argentina	25 pts
3º	Equador	17 pts
4º	Colômbia	16 pts
5º	Uruguai	16 pts
6º	Chile	13 pts
7º	Bolívia	12 pts
8º	Paraguai	12 pts
9º	Peru	11 pts
10º	Venezuela	7 pts

As desigualdades da medicina no Brasil

Não há diversidade na medicina brasileira, sobretudo em cargos de liderança

Antonio José Pereira

Engenheiro civil e doutorando pela FGV, é superintendente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP desde 2014

A Pesquisa Demografia Médica 2020, realizada pela FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) em parceria com o CFM (Conselho Federal de Medicina), constatou que o Brasil já alcançou a impressionante marca de 500 mil médicos, recorde histórico, com média de 2,38 profissionais a cada 1.000 habitantes —o maior quantitativo e a maior densidade de médicos já registrada.

Segundo o levantamento, o mais recente disponível sobre o setor, nas últimas cinco décadas a quantidade de médicos aumentou 11,7 vezes no Brasil, enquanto a população cresceu 2,2 vezes. Um cenário que parece positivo para a Saúde, mas só parece. Hipoteticamente, há médicos suficientes para atender toda a população brasileira, mas na prática eles estão mal distribuídos, o que dificulta o acesso da população.

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) aponta a média de 3,5 médicos por 1.000 habitantes no mundo hoje, mas as capitais brasileiras, especialmente as do Sul e do Sudeste, atingem impressionantes 5,65 por grupo de mil moradores. Como sabemos, regiões mais afastadas dos grandes centros sofrem com carência de profissionais da saúde, e seria necessário implementar políticas públicas de incentivo para obter homogeneização desse cenário.

A Demografia Médica de 2020 também já apontava algo que facilmente vemos em corredores de centros médicos e de hospitais, e que foi comprovado em recente pesquisa focada em gestores: a maioria dos profissionais é homem branco e jovem. Não há diversidade na Medicina brasileira, sobretudo em cargos de liderança.

No início de outubro, a jornalista Mônica Bergamo, colunista deste jornal, publicou o resultado de um levantamento feito pelo CBEXs (Colégio Brasileiro de Executivos de Saúde). Focado em gestores da área —gerentes, diretores, presidentes, sócios, supervisores, coordenadores ou superintendentes—, seu estudo consultou 1.532 profissionais para identificar que 56% são homens, 40% têm entre 36 e 45 anos de idade, 78% são brancos e 51% estão no estado de São Paulo, que concentra pouco mais de 20% da população brasileira.

Ou seja, as pessoas que lideram decisões e trajetórias da Saúde, que planejam, contratam, decidem compras como as de medicamentos e equipamentos e definem quais informações serão compartilhadas com a sociedade não representam a demografia da sociedade brasileira.

Mais do que isso, nem estão presentes em todo o território nacional.

Naturalmente, essa desigualdade é consequência da história brasileira, que carrega seu provincianismo adiante e cultiva características patriarcais, machistas e racistas. Os caminhos são dificultados e a portas são fechadas muito antes dos não privilegiados disputarem uma vaga de emprego.

A coluna Desigualdades da **Folha** *reforçou que, "ainda que 54% da população brasileira seja negra, apenas 46% dos alunos do ensino superior se declaravam pretos ou pardos em 2019. Ou seja, as universidades brasileiras, inclusive as públicas, continuam sendo mais restritas, mais brancas e elitizadas do que deveriam."*

Divulgada em junho deste ano, pesquisa do Cempre (Cadastro Central de Empresas) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) apontou que as mulheres fecharam 2019 ganhando e ocupando menos espaço que os homens: 44,8% dos assalariados eram mulheres. E enquanto eles receberam, em média, R$ 3.188,03, o salário delas somou R$ 2.713,92, ou seja, as mulheres receberam cerca de 85% do salário médio dos homens.

No HCFMUSP, desde sempre, as mulheres têm tido iguais oportunidades de avançar, e muito provavelmente este seja um dos segredos do sucesso da instituição.

Dos nossos quase 21 mil colaboradores, 60% são mulheres e dentre os cargos de alta direção —Diretores Executivos, Diretores de Núcleos e Diretores de Corpo Clínico—, temos uma taxa superior a 55% de mulheres. Não é uma questão de gênero; é, sim, privilegiar a competência de forma irrestrita.

Este comprometimento deve, necessariamente, continuar. Devemos buscar continuamente um melhor posicionamento e igualdade de chance.

PLANTA DE ENERGIA HIDRELÉTRICA SECA CHAMA ATENÇÃO PARA PROBLEMA DE FORNECIMENTO NA ALBÂNIA

Chuvas irregulares afetaram disponibilidade de água e país passou a precisar importar eletricidade, sujeita à alta de preços em países da Europa Gent Shkullaku/AFP

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 30.out.1971

Chanceler brasileiro sugere união dos países em desenvolvimento

O chanceler brasileiro, Mário Gibson Barboza, abriu os debates da reunião dos 95 países em desenvolvimento do chamado "Grupo dos 77", na noite desta sexta-feira (29), em Lima, no Peru.

Ele fez um apelo à união e uma proposta para adoção de uma estratégia realista e ambiciosa ante as grandes potências industriais.

"Nós, os 77, constituímos uma associação única e sem precedente na história da humanidade", declarou.

Para o atual momento de crise mundial, Gibson sugeriu que é preciso enfrentar as dificuldades de cooperação e não simplesmente abrir "perspectivas ilusórias".

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Há 100 anos não é publicado hoje devido a não circulação do jornal nesta data em 1921

COZINHA BRUTA

Marcos Nogueira
folha.com/cozinhabruta

O Brasil da margarina, do macarrão mole e do café queimado

Tenho colossal preguiça de prêmios publicitários e pesquisas encomendadas para bajular anunciantes, como a Top of Mind —feita pelo Datafolha e divulgada pela **Folha** na quinta-feira (28). O que eu ganho ao conhecer a marca de papel higiênico que conquista corações e bundas dos brasileiros médios?

Mas preciso confessar que, mesmo sem ganhar patavina, não resisto a olhar as marcas mais lembradas na categoria Top Alimentação. A pesquisa escancara o que há nas despensas de um Brasil que nós, profissionais e diletantes da gastronomia, fingimos não ver.

Entre o Brasil do pão de fermentação natural e o Brasil que revira o lixo para comer, há um gigantesco universo de pessoas que consomem margarina, macarrão mole e café queimado.

Compra-se tanta margarina que a Top of Mind reserva uma subcategoria só para ela.

A ciência já demoliu o mito da margarina saudável, embora ainda insistam nele como ardil marqueteiro. Na gastronomia, a margarina sempre foi abominada.

A indústria, que bem sabe desse asco, o que faz? Usa o poder de peruaão para convencer um chef francês respeitado e famoso a ser garoto-propaganda de margarina. O povo que vê TV cai feito um patinho.

> **[...]**
>
> Entre o Brasil do pão de fermentação natural e o Brasil que revira o lixo para comer, há um gigantesco universo de pessoas que consomem margarina, macarrão mole e café queimado

Não é só uma questão de grana. Tá assim de bacana que come margarina, salgadinho sabor chulé e gelatina verde-fukushima.

No outro lado, o universo da gastronomia é um recorte social que vai além da classe. Há os ricos entediados, os alpinistas sociais, os hipsters presunçosos, os influencers deslumbrados, os trabalhadores estudiosos. E há os jornalistas, que também podem se encaixar nas definições anteriores.

Nós, jornalistas, somos iludidos pelo teatrinho da relação repórter-fonte. Recebemos convites e ganhamos brindes. Circulamos sem pagar pela vida dos ricos e acabamos pensando que aquela é a nossa vida.

Isso se reflete nos hábitos de consumo, que obviamente são pagos. Esquecemos que o Brasil real ainda janta macarrão mole.

Como mostra a pesquisa Top of Mind, todas as oito marcas de macarrão citadas espontaneamente são nacionais, feitas com farinha comum, que se desmancham se cozidas um tico além do ponto.

No Brasil gourmet, o macarrão mole acabou em 1990, quando Collor liberou as importações. O macarrão italiano de trigo duro chegou para ficar, e jamais se ouviu falar novamente em massa com ovos industrial.

Processo semelhante está em curso com o café queimado e amargo, uma instituição nacional desde o século 19 e rejeitada pela tchurminha gastrô.

Saltamos das cápsulas suíças para o café de terroir, com torra média, moído em casa e coado num filtro japonês que custa o dobro do quilo da marca de pó mais lembrada na Top of Mind.

Nossos patrícios gostam de café preto-petróleo, feito de grãos defeituosos, torrados nas chamas do Inferno até carbonizar e, se vacilar, misturado com açúcar antes de ser coado e servido no copo americano num boteco pé-sujo.

Esse é o Brasil, e quem não concorda que vá para Portland ou Copenhague.

O QUE VAI SER PUBLICADO

Ed. Relicário
'Escrever'
'Hiroshima, Meu Amor'
'Moderato Cantabile'
'O Verão de 80'
'Olhos Azuis, Cabelos Pretos'
'A Puta da Costa da Normandia'
'O Homem Atlântico'
'O Homem Sentado no Corredor'
'Destruir, Disse Ela'
'Emily L.'

Ed. Bazar do Tempo
'A Dor'
'A Vida Material'
'Yann Andréa Steiner'

Escrever para não morrer

Marguerite Duras, que confundia sua vida com a literatura, tem explosão de novas edições no Brasil

A escritora francesa Marguerite Duras Marguerite Duras/MD

Walter Porto

SÃO PAULO "Não sei o que é um livro. Ninguém sabe. Mas sabemos quando ele existe", escreve Marguerite Duras. "E, quando não há nada, sabemos, do mesmo modo como sabemos que estamos vivos, que ainda não morremos."

Talvez Duras seja a autora para quem escrever mais se confundia com viver. É quase impossível desembaraçar ficção de autobiografia na sua obra, de um tom confessional que soa como se ela estivesse narrando tudo para você de uma poltrona logo ao lado.

O crítico literário Alain Vircondelet já disse que Duras "escrevia para não morrer", o que bem define o fervor que a impelia a pôr palavras no papel e antecipa que a escrita continuaria a manter seu coração batendo — a Relicário lança agora uma coleção que editará ao menos dez livros da autora, morta há 25 anos.

O primeiro da leva é "Escrever", de onde saiu o trecho lá do começo e no qual Duras se propõe a explicar algo de seu processo criativo — da maneira torta que lhe é possível, já que em meio ao texto ela enlaça novas tramas e se detém, por exemplo, na reflexão sobre a morte de uma mosca.

"Escrever era a única coisa que preenchia minha vida e a encantava. Foi o que fiz. A escrita jamais me abandonou", narra a autora. "Posso dizer o que quiser, mas jamais vou saber por que escrevemos e como não escrevemos", diz, mais adiante, abandonando qualquer pretensão didática.

Tamanho ressurgimento de Duras no Brasil pressupõe que sua obra ainda encontre forte eco em leitores e escritores.

"A autoficção está em voga em muitos autores e autoras brasileiras, e Duras é uma das desbravadoras desse território", afirma Maurício Ayer, que ensina literatura francesa na Universidade de São Paulo.

"Há muita atualidade no enfoque que ela dá à questão da mulher, da exploração, da colonização", aponta Cristina Kuntz, que realizou doutorado sobre a escritora, assim como Ayer. "E Duras vai fundo no íntimo, mostra as chagas do nosso momento sem usar um discurso grandiloquente."

A escritora Adriana Lisboa, que colabora com o projeto da Relicário, identifica "uma musicalidade muito grande" na narrativa de Duras, que reitera palavras e expressões. "Essa repetição traz tanto a sonoridade musical da palavra quanto a ideia de se repetir para fazer sentido de algo que nunca vai fazer sentido."

"Ler Duras é sempre como ler o livro do momento", afirma Lisboa, que também é doutora em literatura comparada. "Existe uma exploração tão funda de questões tão essenciais, como o desejo, a morte, a impossibilidade da própria escrita, que, no entanto, vai sendo feita mesmo assim."

O professor Maurício Ayer afirma que "cada vez mais Duras faz da experiência do escrever o material da sua escrita". Uma de suas obras de maturidade, "Emily L.", observa uma poeta que parou de escrever pelos olhos de outra escritora, uma narradora que revela ter muito em comum com Duras. "Escrever é também não saber o que se faz, ser incapaz de julgar, há certamente uma parcela disso no escritor, um clarão que cega."

Continua na pág. C3

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

MUITO AMIGOS

O presidente Jair Bolsonaro foi salvo de uma cassação pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no julgamento de disparos em massa de fake news também porque seus eventuais sucessores, o vice Hamilton Mourão e o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), não moveram uma palha para ocupar o cargo no lugar dele.

AMIGOS 2 A avaliação é de magistrados de cortes superiores, que admitem que um julgamento dessa magnitude não é apenas técnico, mas também político.

LINHA Neste contexto, o TSE se limitou a reconhecer que houve os disparos criminosos —mas manteve Bolsonaro no cargo com o argumento de que não havia prova da gravidade dos atos.

LINHA 2 O fato de Mourão e Lira permanecerem impassíveis, sem qualquer tipo de articulação para derrubar Bolsonaro, surpreendeu magistrados. Um deles afirma que não seria possível tirar um presidente do cargo sem ter outro disposto a ocupar seu lugar —o que enfraqueceu a possibilidade de cassação.

TIME A possibilidade de o candidato a vice na chapa de Lula em 2022 ser um empresário já não é vista como a mais provável dentro do PT. O próprio ex-presidente preferiria um outro perfil, de uma pessoa de centro, ou centro-direita, mas com um olhar generoso para as políticas sociais.

TIME 2 O mais seguro, no cenário de hoje, é que a vaga de vice seja ocupada por alguém indicado pelo PSB, com quem Lula voltou a ter um diálogo próximo.

DE LONGE Outras alianças com legendas que poderiam reivindicar a vice são vistas até agora como improváveis: o PL de Valdemar Costa Neto migrou para o bolsonarismo. E o PSD de Gilberto Kassab insiste em candidatura própria.

ELE, NÃO O PSD teria uma dificuldade adicional para fazer aliança com Lula já no primeiro turno: parte de suas lideranças regionais se declara antipetista.

OLHO O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de SP, Emidio de Souza (PT), entrou com uma representação contra o deputado Frederico d'Avila (PSL) junto à Procuradoria-Geral de Justiça de SP, por incitação e apologia do crime.

PALANQUE No dia 14 deste mês, d'Avila usou a tribuna da Alesp para atacar movimentos do campo, citando nominalmente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). "Vocês são bandidos que só conhecem duas linguagens: o cacete e a bala! E é assim que nós vamos encontrar vocês e vamos enfrentar vocês", disse o parlamentar.

LIMITAS Emidio de Souza afirma que seu colega "claramente conclamou fazendeiros à violência no campo". "A imunidade parlamentar, em especial a inviolabilidade contra palavras, opiniões e votos, não pode servir de blindagem ao cometimento de crimes", diz.

ME LIGA

Cauã Reymond vive dom Pedro 1º no cinema em "A Viagem de Pedro", da diretora Laís Bodanzky. O ator estará presente na estreia do filme sobre o primeiro imperador brasileiro na 45ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo em sessão aberta ao público, neste sábado (30), às 19h30, no vão livre do Masp Fabio Braga

À LUZ A Rede D'or vai abrir uma nova maternidade na cidade de São Paulo, em março de 2022. A Maternidade Star, como será chamada, terá 173 leitos —entre eles, 58 de UTI—, e capacidade para até mil partos por mês.

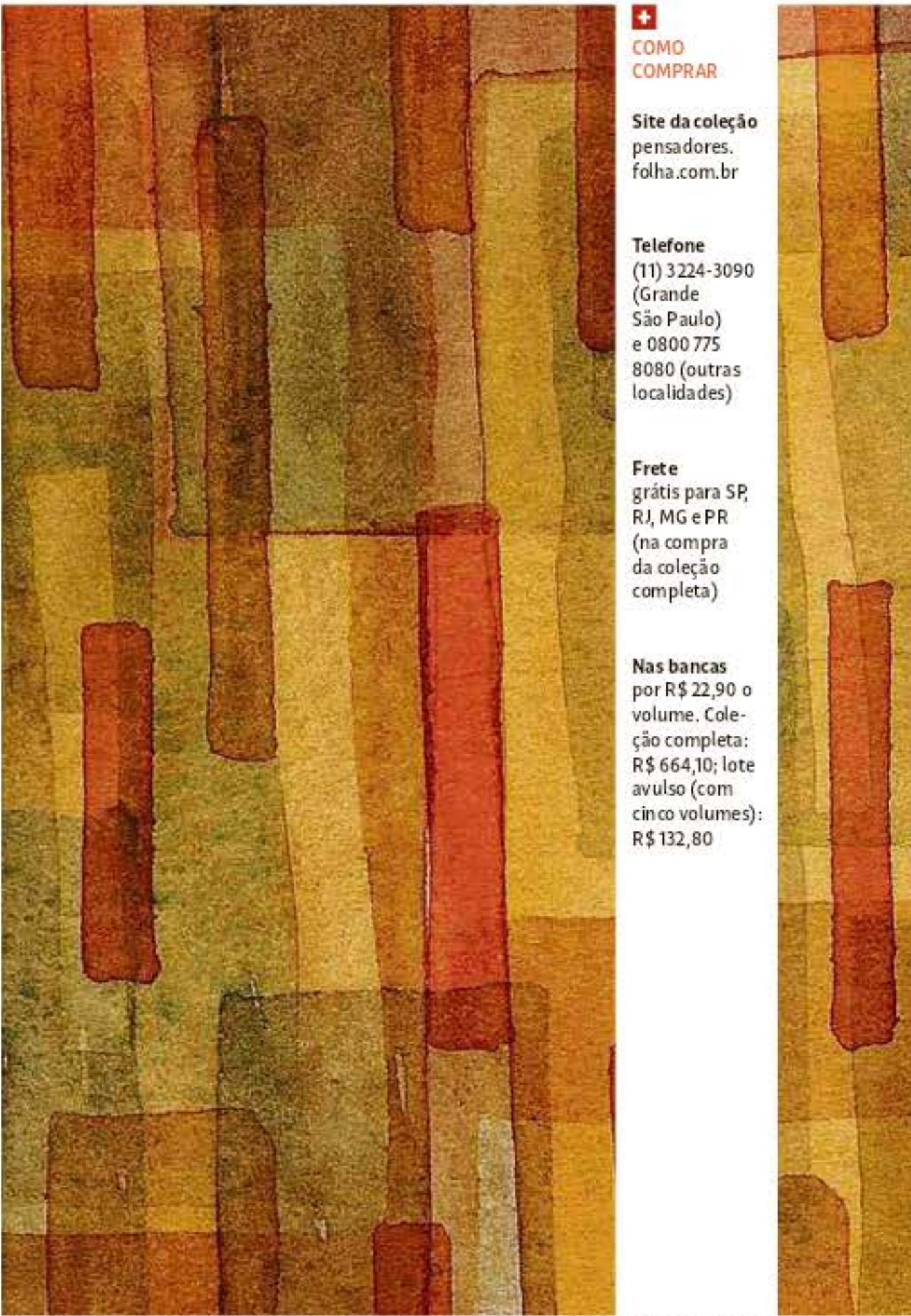
EXPANSÃO A unidade ocupará um novo edifício de 27 pavimentos e 33,6 mil metros quadrados de área construída. Este será o terceiro serviço ligado à bandeira Star na capital paulista, após as inaugurações da clínica OncoStar, em 2018, e do Hospital Vila Nova Star, em 2019, ambos na zona sul.

DANOS O número de pacientes que tiveram complicações após realizar procedimentos estéticos na região dos olhos cresceu 20% com a crise da Covid-19 —período marcado pelo aumento na procura por intervenções. É o que afirma o oftalmologista André Borba, do Hospital das Clínicas da USP, um dos autores do livro "Oculoplástica e Oncologia Ocular", lançado no dia 22.

TELA O médico cita aumento de 40% na procura de procedimentos estéticos na pandemia, devido ao que classifica de "efeito zoom", quando as pessoas passaram a prestar mais atenção à aparência por causa das reuniões em vídeo.

PIPOCA A Mostra Nicho de Novembro abre sua edição com exibição do filme "Libório", de Nino Martínez Sosa, no vão livre do Masp no dia 5.

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Detalhe da aquarela de Cris Eich para a capa do livro de bell hooks na Coleção Folha Reprodução

COMO COMPRAR

Site da coleção pensadores.folha.com.br

Telefone (11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 775 8080 (outras localidades)

Frete grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas por R$ 22,90 o volume. Coleção completa: R$ 664,10; lote avulso (com cinco volumes): R$ 132,80

Coleção Folha destaca livro de bell hooks que remete a Paulo Freire

'Ensinando a Transgredir' é uma autobiografia intelectual da pensadora americana, que rememora a sua educação

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A autora é americana, mas o livro tem muito a ver com o pensamento crítico brasileiro. Terceiro volume da Coleção Folha Os Pensadores, "Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade", de 1994, com tradução de Marcelo Brandão Cipolla, não é uma obra conceitual, mas uma autobiografia intelectual de bell hooks, em diálogo combativo com as ideias do educador pernambucano Paulo Freire.

Nascida em 1952, em Hopkinsville, cidade rural do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos, a negra Gloria Jean Watkins adotou seu pseudônimo (com inciais em minúsculas) em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. Premiada autora de mais de 30 livros, abordando raça, classe, gênero, arte, história, sexualidade, meios de comunicação de massa e feminismo, ela parte, em "Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade", de sua experiência pessoal.

Logo na introdução do livro, ela conta como o "êxtase" de ser aluna de uma escola negra se transfigurou com a integração racial. "Levados de ônibus a escolas de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como uma ameaça à autoridade branca."

O resultado? "De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer ou de êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender."

Em sua busca por reagir ao "tédio e apatia" que enfrentava nas aulas, ela reconhece duas influências fundamentais. "Paulo Freire e o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh são dois 'professores' cuja obra me tocou profundamente. Quando entrei na faculdade, o pensamento de Freire me deu o apoio de que eu precisava para desafiar o sistema da 'educação bancária', a abordagem baseada na noção de que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la."

Ela afirma que o asiático, em sua obra, "sempre compara o professor a um médico ou curador". "Sua abordagem, como a de Freire, pede que os alunos sejam participantes ativos, liguem a consciência à prática. Enquanto Freire se ocupa sobretudo da mente, Thich Nhat Hanh apresenta uma maneira de pensar sobre a pedagogia que põe em evidência a integridade, uma união de mente, corpo e espírito."

Mas o pernambucano acaba aparecendo com maior destaque. Já a epígrafe do livro é dele. "Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser."

E o quarto capítulo da obra se chama "Paulo Freire". É um diálogo entre Gloria Watkins e sua voz de escritora, bell hooks, refletindo sobre o legado do pensador. Embora o tom geral seja de reconhecimento carinhoso, há também críticas à linguagem sexista do autor.

"O sexismo de Freire é indicado pela linguagem de suas primeiras obras, apesar de tantas coisas continuarem libertadoras. Não é preciso pedir desculpas pelo sexismo. O próprio modelo de pedagogia crítica de Freire acolhe o questionamento crítico dessa falha na obra", ela diz. Porém, enfatiza que "questionamento crítico não é o mesmo que rejeição".

Hooks assinala que "é o pensamento feminista que me dá força para fazer a crítica construtiva da obra de Freire" e faz questão de observar que encontrou "Freire quando estava sedenta, morrendo de sede (com aquela sede, aquela carência do sujeito colonizado, marginalizado, que ainda não tem certeza de como se libertar da prisão do status quo) e encontrei na obra dele (e na de Malcolm X, de Fanon etc.) um jeito de matar essa sede".

"Encontrar uma obra que promove a nossa libertação é uma dádiva tão poderosa que, se a dádiva tem uma falha, isso não importa muito."

Emmanuelle Riva e Eiji Okada em cena de 'Hiroshima, Meu Amor', de Alain Resnais, com roteiro de Marguerite Duras Divulgação

Escrever para não morrer

Continuação da pág. C1

Quase tudo o que a própria Marguerite Duras viveu foi traduzido em sua literatura, que alcançou ápice de popularidade justamente no seu momento mais autobiográfico, com "O Amante", vencedor do prêmio Goncourt de 1984.

Ali, ela relatava o amor proibido que viveu por um homem rico e mais velho na Indochina de sua juventude, enquanto sua família experimentava a mais trágica miséria.

É um jeito rasteiro de resumir um livro enganosamente simples, que empilha diferentes temporalidades e planos narrativos, como em uma sinfonia musical.

Numa história que revela muito de sua visão criativa, Duras ficou tão revoltada com as simplificações na versão cinematográfica de "O Amante", dirigida por Jean-Jacques Annaud em 1992, que escreveu um novo livro em resposta, "O Amante da China do Norte".

Os dois livros, aliás, estão disponíveis em edições recentes no Brasil. O primeiro pela Tusquets e o segundo pela Nova Fronteira, que também publicou "Emily L." agora. A Bazar do Tempo embarca na autora no ano que vem com "A Dor", seu relato pungente sobre a espera pelo marido na guerra, e a série de ensaios "A Vida Material".

O projeto mais ambicioso é o da Relicário, que prepara no próximo ano "Moderato Cantabile", considerado um ponto de virada na carreira da autora; a coletânea de crônicas "O Verão de 80"; e uma edição com o roteiro de "Hiroshima, Meu Amor", filme agora também em exibição na Bienal de São Paulo, que alavancou sua fama no final dos anos 1950.

O longa de Alain Resnais é talvez a maior prova de que o derramamento de Duras em palavras não tinha sempre o mesmo formato — sua ligação umbilical com o cinema rendeu uma ousada carreira como cineasta a partir da década de 1970, de "India Song", sobre a mulher de um diplomata vivida por Delphine Seyrig, a "Le Camion", um filme-ensaio com Gérard Depardieu.

Luciene Guimarães, especialista em Duras que traduziu "Escrever", diz que essa intermidialidade é chave para entender a obra durasiana. Seus textos são muito visuais e seus filmes, muito literários. "É difícil pensar a obra dela só como literatura, só como cinema ou teatro. Está tudo muito imbricado."

"O Deslumbramento de Lol V. Stein", por exemplo, era uma encomenda de peça, virou um projeto de filme e, enfim, um livro que arrebatou seu amigo Jacques Lacan, que o considerou um estudo psicanalítico em forma de literatura.

A confusão de formatos está contida na origem do próprio "Escrever" — que é oral. O livro surgiu de uma entrevista em vídeo concedida pela autora, em sua casa, ao cineasta Benoît Jacquot.

Há ainda no país, segundo os pesquisadores, uma demanda reprimida pela literatura de Duras, que segue amplamente estudada dentro e fora do Brasil e foi editada de forma esparsa por aqui desde sua explosão nos anos 1980.

Um levantamento feito pela tradutora Denise Bottmann para um colóquio no centenário da francesa, em 2014, registra que ela teve 22 obras traduzidas naquela década. Em 1985, foram impressionantes dez reedições de "O Amante" em apenas seis meses.

É difícil apontar com precisão por que esse best-seller cativou tanta gente, mas a escritora Adriana Lisboa levanta algumas hipóteses.

É um livro que parece brotado na página sem pensar, de chofre, "muito libertador de um beletrismo anterior". "Duras definitivamente foi uma mulher que não teve censura para escrever nem para falar suas opiniões políticas e literárias", aponta a escritora.

"Creio que o que condeno nos livros é, de modo geral, o fato de não serem livres", anota Duras no ensaio que abre "Escrever". "Isso se vê através da escrita. Eles são fabricados, organizados, regulamentados, adequados, eu diria. O escritor se torna então seu próprio policial."

Já ela se recusava a fazer isso. "Nunca menti em um livro", escreve. "Nem na vida. Exceto para os homens."

Livro de sonetos investe no amor em tempos de Tinder e Grindr

Poemas de Gregorio Duvivier versam sobre xaveco a distância, 'matches', 'likes' e troca de nudes pela internet

Pedro Martins

RIBEIRÃO PRETO Camões já teve sua vez, Vinicius de Moraes também. Agora, cabe a Gregorio Duvivier lançar seus "Sonetos de Amor e Sacanagem", uma reunião dos poemas que vem escrevendo na última década sobre amor e sexo em tempos de Tinder, Grindr ou qualquer que seja o aplicativo de relacionamento da vez.

Versos como "o amor é fogo que arde sem se ver" e "de tudo, ao meu amor serei atento" estão entre os grandes da nossa poesia. Parece não haver forma melhor do que o soneto para falar da paixão.

Quatro estrofes, dois quartetos seguidos de dois tercetos. Catorze versos, cada um com dez sílabas poéticas — aquelas que se contam a partir da sonoridade. É uma estrutura que, desde que foi aperfeiçoada no século 14, não para de inspirar poetas.

"Encaixar o que tenho a dizer num soneto é como jogar Sudoku, mas também é libertador, me obriga a encontrar saídas criativas. A poesia sempre periga cair na mesmice. O desafio é soar original, o que é ainda mais difícil ao escrever sobre amor, o tema preferido dos poetas", diz o ator e humorista Duvivier, também colunista deste jornal.

Sua originalidade talvez venha mesmo da forma. Após ter ensaiado escrever sonetos, ele agora se insere de vez na tradição, ao mesmo tempo que rompe com o cânone usando a comicidade que atravessa sua carreira, seja no grupo Porta dos Fundos, que ajudou a criar, seja no "Greg News", seu programa na HBO.

Apesar do título, "Sonetos de Amor e Sacanagem" também versa sobre política, pandemia e até suicídio. Seu forte, no entanto, são os poemas sobre flertes a distância, a troca de nudes e os aplicativos de relacionamento, um universo no qual Duvivier diz nunca ter mergulhado, mas que faz parte da vida de muitos leitores.

"Os algoritmos viraram o novo cupido, e a poesia também tem que falar disso. Não sou purista. Os aplicativos têm benefícios, principalmente para quem é tímido. Mas também são assustadores, porque as pessoas se tornam dependentes do 'like'. Elas querem mais ganhar o 'match' do que encontrar quem deu o 'match'. É mais uma forma de desencontro que de encontro", diz.

Vejamos se não é uma pensata que, formatada em soneto, soa mais atrativa. "Há quem goste mais de homem, de mulher / de animal, de cadáver, de apanhar,/ e há quem goste, como esse meu affair,// de manter relação com avatar./ Só me resta pensar: 'fiz o que pude'./ Torcer pra, ao menos, receber um nude", diz o "Soneto do Amor Virtual".

"Repare nas pessoas conversando:/ não é um bate-papo, é uma luta. Todos querem pra si o olhar do bando./Ninguém se entende nem sequer se escuta", Duvivier escreve no "Soneto Fático". "Falar só serve pra fazer barulho./ Esse poema, mesmo, é um entulho./ Nada muda —mas ao menos rima."

Carregados de irreverência, os poemas não se propõem a serem levados tão a sério, nem quando atravessam assuntos densos, mas menos quando se dedicam ao álcool, à maconha, aos peidos ou ao mau cheiro das genitálias.

"Mahatma se amarrava numa glande,/ Leonardo pra mais de 20 dava./ Thomas Mann desmamou depois de grande. Não descartes um pau, René pensava", diz o "Soneto da Quinta Série". "Há quem diga: só falas de cacete?/ Se quiseres falamos sobre Goethe,/ que, aliás, adorava uma piroca."

Sonetos de Amor e Sacanagem
Autor: Gregorio Duvivier. Ed.: Companhia das Letras. R$ 39,90 (112 págs.); R$ 27,90 (ebook)

O ator e humorista Gregorio Duvivier Divulgação

Ainda pouco conhecida, Olga Savary une poesia e erotismo com ecos de Hilda Hilst

LIVROS
Coração Subterrâneo: Poemas Escolhidos
★★★★☆
Autora: Olga Savary. Ed.: Todavia. R$ 54,90 (128 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Luisa Destri
Doutora em literatura brasileira pela USP e coautora de 'Eu e Não Outra - A Vida Intensa de Hilda Hilst'

Esta antologia parece ter como objetivo oferecer um panorama sem mediações de uma das líricas mais singulares da literatura brasileira do século 20. Tomando como título o de uma composição extraordinária, "Coração Subterrâneo" colhe excelentes exemplos da trajetória poética de Olga Savary, passando pela tendência mais abstrata, os haicais, o amor e, como não poderia deixar de ser, o erotismo —vertente que a notabilizou entre os leitores.

Capazes de capturar sobretudo pelo encantamento com que revestem os sentimentos, os poemas de fato têm força própria, especialmente quando o assunto é a própria poesia ou o desejo —mais ainda, talvez, quando se trata da união desses dois temas.

"É Proibido Jogar Comida aos Animais", que chama atenção desde o título, se encerra, por exemplo, com a seguinte confissão "olho no olho o bicho que me espreita,/ ponho-me nua para ser domada/ e o coração do magma eu atiro à fera". Ao mesmo tempo que encerra uma cena possivelmente de encontro entre amantes no poema, a imagem serve como exemplo da intensidade buscada por Savary.

Essa intensidade se mostra mesmo em relação a símbolos da poesia, como os que surgem na primeira estrofe de "Acomodação do Desejo I". "Quando abro o corpo à loucura, à correnteza,/ reconheço o mar em teu alto búzio/ vindo a galope enquanto cavalgas lento/ meu corredor de águas."

"Nome I" —"Amor é com que me deito e deixo montar minhas coxas em forma de forquilha"— e "Frutos" —"tendo minhas pernas coroando suas ilhargas"— se somam para mostrar como a afirmação do desejo em Savary recusa a distinção entre passividade e atividade como propriedades dos gêneros para os enquadrar como lugares que os amantes podem ocupar de forma alternada.

Se parece um dado já incorporado à poesia brasileira que se escreve hoje, a liberdade no encontro amoroso foi uma reivindicação de poetas da mesma geração de Olga Savary —como a paulista Hilda Hilst, por exemplo, de quem a paraense se aproximou provavelmente no fim da década de 1970, como alguns de seus poemas deixam entrever.

Esse é apenas um dos dados envolvendo a produção da autora, que, tendo atuado intensamente como jornalista —foi uma das fundadoras de O Pasquim— e tradutora, lutou pelo reconhecimento de sua poesia, pela qual recebeu uma dezena de prêmios, no entanto permanecendo desconhecida por um público mais amplo e afastada do interesse da crítica acadêmica, com raras exceções.

Essa situação se reflete na dificuldade de acesso à sua obra e na má qualidade das informações disponíveis a seu respeito. Um dos mais óbvios exemplos é a causa de sua morte, atribuída à Covid, mas desmentida por este jornal.

Quando se trata de pôr em circulação uma poesia que se pretende também de algum modo reabilitar, seria importante oferecer aos leitores algum tipo de material capaz de guiar e amparar a descoberta. Nesse sentido, a antologia, que conta com posfácio de Laura Erber, poderia ser uma contribuição ainda mais decisiva para o reencontro do leitor com Savary.

A poeta Olga Savary Folhapress

DECLARAÇÃO DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

MUSEU BRASILEIRO DA ESCULTURA E DA ECOLOGIA — MuBE

CONSIDERANDO que as evidências científicas não deixam dúvidas que o clima mudou desde o período pré-industrial e que as atividades humanas são a principal causa dessa mudança;

CONSIDERANDO que os sinais da mudança do clima são cada vez mais aparentes em escala global, regional e local, principalmente sobre o oceano;

CONSIDERANDO que a mudança do clima representa uma séria ameaça à estabilidade global e à vida humana no planeta;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), temos um curto espaço de tempo para zerar as emissões de gases de efeito estufa e, assim, reduzir os riscos futuros e permitir alguma adaptação aos impactos projetados;

CONSIDERANDO que os vários cenários de mudança do clima para o país indicam que o Brasil está sob risco de impactos adversos significativos, incluindo, entre outros, extremos de chuva, ondas de calor e frio, e o aumento do nível do mar;

CONSIDERANDO que o desmatamento em larga escala da Floresta Amazônica prejudica a capacidade daquele ecossistema de contribuir para a regulação do clima global e para o regime de chuvas na América do Sul, podendo a floresta alcançar um ponto de colapso nas próximas décadas se o desmatamento não for revertido;

CONSIDERANDO que a Constituição Federal de 1988 garante expressamente o direito de todos a um meio ambiente equilibrado;

CONSIDERANDO que a Política Brasileira de Mudança do Clima indica que todas e todos têm o dever de atuar, em benefício das presentes e futuras gerações, para a redução dos impactos decorrentes das interferências antrópicas sobre o sistema climático;

CONSIDERANDO ainda que o desenvolvimento sustentável é a condição para enfrentar a mudança climática e é imprescindível conciliar o atendimento às necessidades das populações, incluindo povos indígenas e comunidades tradicionais, e da proteção da biodiversidade e dos biomas;

CONSIDERANDO que arte e cultura contribuem como potências para se imaginar e propor mudanças nas maneiras como nos relacionamos, de modo diverso e inclusivo, uns com os outros e com o mundo, em nossos valores e comportamentos;

CONSIDERANDO que os museus são instituições que contribuem para a guarda e circulação de um tanto de nossa memória e que estimulam engajamentos políticos por meio da arte e da educação, capazes de colocar as questões globais em perspectiva;

CONSIDERANDO que a proteção e restauração do bioma Mata Atlântica - onde o MuBE está localizado - é crítica para o enfrentamento da mudança do clima, como,Patrimônio Nacional e também casa de 2/3 da população brasileira;

CONSIDERANDO que, como um museu que nasceu com arte e ecologia em seu nome, no MuBE natureza e cultura podem ser vistas como atividades indissociáveis, e que essa conexão deve ser reforçada neste momento em que há um imperativo coletivo, moral e ético de agir;

CONSIDERANDO que, de 30 de outubro de 2021 a 30 de janeiro de 2022, o MuBE apresentará a mostra coletiva Por um sopro de fúria e esperança;

CONSIDERANDO que, paralelamente à realização da 26a Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudança do Clima, o MuBE será inundado para hospedar a referida exposição, como forma de ilustrar a realidade deste mundo mais quente e de clima mais instável;

DECLARAMOS:

- Reconhecer o estado de emergência climática global e seus impactos.

- Reconhecer ainda que há uma oportunidade de reverter esta crise, mas que a velocidade e a forma das respostas serão fundamentais para determinar nosso sucesso.

- Ao reconhecer a emergência climática global e a oportunidade de ação imediata, o Museu e as signatárias e os signatários deste manifesto se comprometem a promover o diálogo e a expressão de arte e cultura sobre como essa crise climática afetará toda a população brasileira e estimular, por meio da arte e da cultura, mudanças necessárias.

- Por fim, comprometemo-nos a trabalhar para apoiar, convocar e estimular a sociedade brasileira a lidar com esta emergência, e convidamos outras instituições culturais a fazerem o mesmo.

Natalie Unterstell
José Marengo
Carlos Afonso Nobre
Andrea Santos

Adriana Ramos
Beto Veríssimo
Leandra Gonçalves
Márcia Hirota
Ricardo Cardim

Roberto Klabin
Flavia Velloso
Galciani Neves

Ana Carmen Longobardi
Antonio Wever
Beatriz Vicente de Azevedo
Cleiton de Castro Marques
Cleusa Garfinkel
Daniela Villela
Daniela Cerri Seibel
Elisabete Arbaitman
Fernando Pires Martins Cardoso
Heloisa Samaia
Jayme Vargas
Jorge Frederico Magnus Landmann
June Arruda
Luiz Mussnich
Marcelo Orlando
Marcos Chaves Madeira
Neide de Moraes
Nilo Cecco
Patricia Verderesi
Paulo Proushan
Renata Daré
Roberto Teixeira da Costa
Rodolfo Vianna
Rodrigo Monteiro de Castro
Samira Branco Peres
Sonia Grosso

Diretoria MuBE

PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto
walter.porto@grupofolha.com.br

José Olympio, 90, resgata antigas coleções da casa

Uma das mais tradicionais editoras brasileiras, a José Olympio, chega em novembro aos 90 anos abrigada pelo grupo Record, que prepara uma série de lançamentos na data.

O primeiro é a "Seleta" de Marcelino Freire, projeto que se propõe a convidar o autor para selecionar o melhor de sua obra, ao estilo do que o editor Paulo Rónai fazia na década de 1970. Com capa do xilogravurista Ciro Fernandes, a obra sai já no próximo mês.

A casa também resgatará títulos da coleção Rubaiyat, celebrada na década de 1940, com um esforço de recuperar o mesmo projeto gráfico que foi veiculado na época.

Além disso, a José Olympio tem voltado a apostar em autores contemporâneos e, nessa linha, destaca a coletânea de contos inéditos "Dias de Domingo", que reunirá grandes nomes em atividade como Noemi Jaffe, Sérgio Rodrigues e Giovana Madalosso. Devem ser ao todo 15 livros para celebrar a editora nonagenária.

ÁGUA E FOLHA DA AMAZÔNIA A Flip anuncia dois novos convidados para sua festa temática de plantas. A coreana Han Kang, que publicou o elogiado "A Vegetariana" e o mais recente "Atos Humanos" pela Todavia, é uma das presenças confirmadas. E o americano Kim Stanley Robinson, da ficção científica sobre o aquecimento global "Nova York 2140", da Planeta, também participará.

O CHEIRO DOS LIVROS... Em mais um lançamento que antecipa o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, a Nova Fronteira publica textos sobre os modernistas que, em sua maioria, saíram na imprensa e nunca foram publicados em livro. Há, por exemplo, um de Mário de Andrade sobre Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, assim como de Rubem Braga e Walmir Ayala sobre o próprio Mário. Sai em dezembro pela coleção Biblioteca Diamante.

...DESESPERADOS E o selo Trama, do mesmo grupo, publica em novembro uma antologia de releituras de contos de fadas em tom de terror. Entre os 20 autores com textos em "Maldição", que tem projeto gráfico caprichado, estão Neil Gaiman, Catriona Ward, Tim Lebbon e Margo Lanagan.

A FLOR DA PRIMEIRA MÚSICA São Paulo está para ganhar mais uma livraria de rua. A Livraria do Brooklin foi criada pela jornalista e historiadora Victoria Mantoan, que, ao se mudar para o bairro na zona sul, sentiu falta de um espaço de convivência como esse. Por isso, além de vender livros, a casa num sobrado reformado dará prioridade ao conforto dos visitantes, com sofás para leitura, mesas de trabalho e um café. Vai abrir no próximo sábado, na rua Hollywood, 275.

APRENDENDO A ANDAR DE NOVO
Dave Grohl, do Foo Fighters, foi confirmado no Lollapalooza em 2022 — e revelará seu lado escritor com 'O Contador de Histórias', que sai em janeiro pela Intrínseca Divulgação

José Simão
A coluna não é publicada hoje excepcionalmente.

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Gabriela Prioli entrevista Anitta na estreia de seu talk show próprio

À Prioli
CNN Brasil, 21h45, livre
A advogada e influenciadora Gabriela Prioli, que ganhou evidência depois de participar de diversos programas da CNN Brasil, passa a comandar seu próprio talk show. A primeira temporada terá oito episódios e a lista de convidados inclui nomes como Djamila Ribeiro, Douglas Ramos, Giulia Be, Lázaro Ramos e Preta Gil. Na estreia, Prioli conversa com a cantora Anitta.

Vai que Cola
Multishow e canal Humor Multishow no YouTube, 21h30, 12 anos
Para marcar o aniversário do comediante Paulo Gustavo, morto em maio, o programa faz pré-estreia de sua nona temporada. O elenco agora também conta com Nany People, Jennifer Nascimento e Nando Rodrigues.

Vigiados
HBO, 22h, 16 anos
Dois casais alugam uma casa de praia e logo suspeitam de estarem sendo espionados pelo proprietário do imóvel.

Sobreviva ou Morra Tentando
Telecine Premium, 22h, 16 anos
Um grupo armado invade uma escola, mata alguns alunos e faz outros de reféns. Mas somente uma garota lutará contra os assassinos.

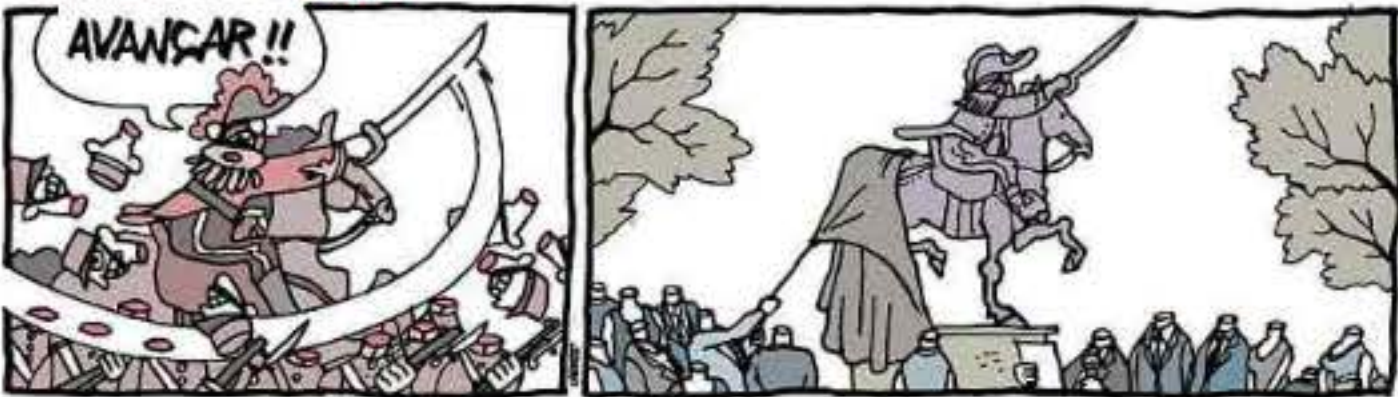
Futuro Ex-Porta
YouTube do Porta dos Fundos
O canal Porta dos Fundos faz seu primeiro reality show, que irá selecionar o mais novo membro do grupo. Dois episódios já estão disponíveis.

Cena Instrumental
TV Brasil, 23h30, livre
Em homenagem a Letieres Leite, maestro que morreu na última quarta, o programa reprisa uma entrevista e uma apresentação do músico com a Orkestra Rumpilezz.

Alienígenas do Passado
History, 23h25, 10 anos
Estreia da 13ª temporada do programa que corre atrás de evidências arqueológicas de visitantes extraterrestres. Com Giorgio Tsoukalos.

It – A Coisa
Globo, 2h20, 16 anos
A emissora jogou para a madrugada do Halloween a estreia na TV aberta de um dos filmes de terror de maior bilheteria de todos os tempos, baseado num livro de Stephen King.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

MÉDIO

	7				4		3	
		8				2		
	5			7		8		6
6	4				7		1	8
7	2		3				9	4
1		7		5			6	
		2				3		
	9		2				5	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	7	6	5	8	4	9	3	1
4	1	8	6	9	3	2	7	5
3	5	9	1	7	2	8	4	6
6	4	3	9	2	7	5	1	8
9	8	1	4	6	5	7	2	3
7	2	5	3	1	8	6	9	4
1	3	7	8	5	9	4	6	2
5	6	2	7	4	1	3	8	9
8	9	4	2	3	6	1	5	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Do osso do joelho **2.** Sinal colocado no início do pentagrama e que determina os nomes das notas musicais / Tribunal de Contas da União **3.** Baixar / Renato Russo (1960-1996), músico **4.** Protetor, defensor **5.** Um fio de cabelo branco / Um jogo disputado com 28 pedras **6.** Equivocado **7.** Sen em trigonometria / Carta do baralho que é simbolizada por um Q **8.** Médicos Sem Fronteiras / Negócio que aluga quartos para encontros amororos **9.** Cidade amazonense na região de Juruá **10.** Tracinhos de arremate em certas letras / Ronnie Von, cantor **11.** Calor forte, intenso / Uma ave que possue plumagem colorida e brilhante **12.** Golpe com bordão de pastor **13.** Cachaça, pinga / Crisântemo, lilás ou papoula.

VERTICAIS
1. Pessoa com Deficiência / Que se verifica no espaço interplanetário (fem.) **2.** Nascida em Bonn ou Hannover / Adubo animal **3.** A moeda de Bangladesh / Empacotar **4.** O ator Mesquita, ex-integrante da banda "Blitz" / Famosa marca de macarrão instantâneo **5.** O cliente da livraria / Cidade de Santa Catarina, no norte do estado **6.** Mulher que pratica canoagem / A UF dentro de GO **7.** Rabindranath Tagore (1861-1941), escritor indiano, prêmio Nobel de 1913 / Aquele que instrui / O composto usado com azeite e vinagre para temperar saladas **8.** Delimitado com rigor ou exagero o tempo de duração de uma atividade **9.** (Pop.) De pouca inteligência / Diminuir de intensidade, abrandar.

HORIZONTAIS: 1. Patelar, **2.** Clave, TCU, **3.** Decair, RR, **4.** Mantedor, **5.** Cã, Dominó, **6.** Errado, **7.** Seno, Dama, **8.** MSF, Motel, **9.** Itamarati, **10.** Cerifa, RV, **11.** Ardor, Sai, **12.** Cajadada, **13.** Goró, Flor. **VERTICAIS: 1.** PCD, Cósmica, **2.** Alemã, Esterco, **3.** Taca, Enfardar, **4.** Evandro, Miojo, **5.** Leitor, Mafra, **6.** Remadora, DF, **7.** RT, Didata, Sal, **8.** Cronometrado, **9.** Burro, Aliviar.

Bruna Barros

É fogo

O ambientalismo se baseia num consenso teórico, mas mais divide do que une

Mario Sergio Conti
Jornalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

A Conferência do Clima em Glasgow, que começa na próxima segunda-feira, se dará sob o signo da extinção e da divisão. Da extinção de milhões de indivíduos, sejam eles animais, vegetais ou humanos.

E da divisão entre países ricos e pobres, classes dominantes e dominadas, povos cosmopolitas e autóctones, globalização e soberania. Apesar do consenso teórico de que a Terra corre perigo, a ecologia divide.

Ter consciência de uma catástrofe não a atenua. Sabe-se que 82% da riqueza mundial fica com 1% da população. E o que se faz contra isso? Nada. Não, nem isso é verdade.

A verdade é que se acelerou a concentração da renda nas mãos dos Zuckerberg, dos Gates, dos Bezos —e dos Esteves, dos Safra, das Magalu, dos Moreira Salles, dos JBS. Eles ficaram 15% mais ricos nos últimos dois anos. Num único dia, Elon Musk acrescentou US$ 36,2 bilhões à sua fortuna.

Os nababões são ambientalistas. Suas empresas fazem marketing ecológico e, queimando CO_2 a bordo de jatinhos, eles se dizem horrorizados com o aquecimento do planeta, abraçam árvores, se enternecem com micos-leões dourados, tão fofos.

Eles não são apenas hipócritas. Primeiro porque a catástrofe climática permeia o ar do tempo, e quem não a reconhece está sujeito a boicotes.

A segunda razão está no recém-publicado "Abundância e Liberdade", do filósofo Pierre Charbonnier (Boitempo, 367 págs.). O livro analisa as relações entre as sociedades e a natureza, começando com Locke e vindo até Marcuse.

Na mira da sua crítica está a ideologia do progresso, que não vê barreiras para a exploração da natureza. Para derrubá-las, seria preciso que a produtividade do trabalho, liberada da propriedade individual, ficasse de fato ilimitada. Não foi o que ocorreu e o progresso entrou em pane.

"Abundância e Liberdade" é uma crítica da esquerda. Não trata, tão somente, de constatar que o internacionalismo operário, que levaria ao socialismo, entrou em parafuso. O internacionalismo que restou, o burguês, segue a lógica do lucro, em si competitiva e destrutiva.

O livro admite que a finitude dos recursos, bem como do incremento deles por meio da tecnologia, gerou um lento apocalipse. Porque o motor da economia mundial é a expansão contínua, que leva à exaustão de solos, rios, mares, a um oceano de detritos e, por fim, ao desequilíbrio planetário.

Foi um processo histórico. Na sua aurora, a globalização foi uma parceria público-privada dos impérios europeus com a Companhia das Índias —empresa à época maior que, somadas, Amazon, Google, Microsoft, as multinacionais do petróleo, os maiores bancos e a Meta.

A dinâmica do processo era mercantil: a extração de matérias primas e produtos para o mercado europeu. Nas Américas, o sistema produtivo provocou, do norte do Canadá à Terra do Fogo, a extinção de milhões de pessoas e de milhares de espécies vegetais e animais.

Extração e extinção continuam. Lá, cá e alhures. Lá: Charbonnier nota que a maior revolta na França desde 1968, a dos coletes amarelos, foi provocada por uma medida ecológica, o aumento da taxação dos combustíveis para diminuir a circulação de carros.

Cá: dizendo-se sensível à ecologia, o PT, em aliança com a escumalha, perpetrou Belo Monte e incrementou o pré-sal, onde dorme uma energia fóssil e imunda. A sua exploração explodiu porque a Odebrecht e similares corromperam, a fundo e a rodo, dirigentes partidários e da Petrobrás.

Alhures: em sete anos, a ditadura chinesa tirou 100 milhões de pessoas da miséria, uma velocidade sem paralelo na história. Mas acabou com o igualitarismo e criou o país mais poluente do mundo. Indiretamente, a China devasta biomas brasileiros, importando soja e carne de latifúndios onde antes floriam o cerrado e a Amazônia.

Charbonnier diz que a resistência ao cataclisma climático se dá nas comunidades que se insurgem contra a espoliação predatória. No entanto, os exemplos da resistência ao progresso são poucos e pequenos.

Ei-los: regiões zapatistas de Chiapas, no México; a ZAD, Zona a Defender, de Notre-Dame-des-Landes, na França, que impediu a construção de um aeroporto e se diz autossustentável; comunidades mantidas por indígenas da América do Sul e do Alasca.

Difícil imaginar que tais territórios possam dar origem a uma federação que sirva de alternativa ao desastre climático. Em que pese a crise da esquerda, a tomada de poder em países-chave parece mais realista. Mas os novos socialistas teriam de ser progressistas contra o progresso.

SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER.** João Pereira Coutinho | **QUA.** Marcelo Coelho | **QUI.** Fernanda Torres, Drauzio Varella | **SEX.** Djamila Ribeiro | **SÁB.** Mario Sergio Conti

guiafolha

Festa Gambiarra, em registro feito antes da pandemia; evento vai retornar no dia 7 de novembro no Open Bar Club Jefferson Coppola/Folhapress

Baladas e shows reabrem pistas em SP e voltam a ter aglomeração

Com autorização da prefeitura e do governo para retorno da vida noturna na pandemia, confira agenda de festas

Guilherme Luis e Vitória Macedo

SÃO PAULO Foram cerca de 600 dias sem festas —ao menos oficialmente. Nos últimos meses, pessoas até puderam voltar às baladas e casas de show de São Paulo, mas em mesas distribuídas na pista e ouvindo música sentadas em cadeiras. Mas o cenário vai mudar.

No domingo, quando os relógios indicarem meia-noite e a madrugada paulistana entrar na segunda-feira, dia 1º de novembro, as mesas e cadeiras das casas noturnas poderão ser enfim guardadas —e todo mundo poderá se levantar, dançar e aglomerar mais uma vez, como em 2020.

É no dia 1º que o governo paulista afrouxa ainda mais as restrições sanitárias e dá aval para a fase mais branda da quarentena em São Paulo, autorizando que baladas e casas de show possam reabrir suas pistas e permitir aos convidados que fiquem de pé, dançando colados uns aos outros. E, com isso, os espaços já começam a se movimentar.

O afrouxamento é o passo final de um processo que já está adiantado na capital. Em um decreto publicado na edição desta quinta-feira (28) no Diário Oficial da Cidade, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) revogou todas as restrições de ocupação, horário de funcionamento e distanciamento mínimo em estabelecimentos públicos e privados da capital.

De acordo com a prefeitura, o decreto permite que espaços que agitam a noite já passem a funcionar com sua capacidade total e pessoas em pé. O texto mantém a obrigatoriedade do uso de máscaras e institui que eventos com mais de 500 pessoas exijam obrigatoriamente o comprovante de vacinação.

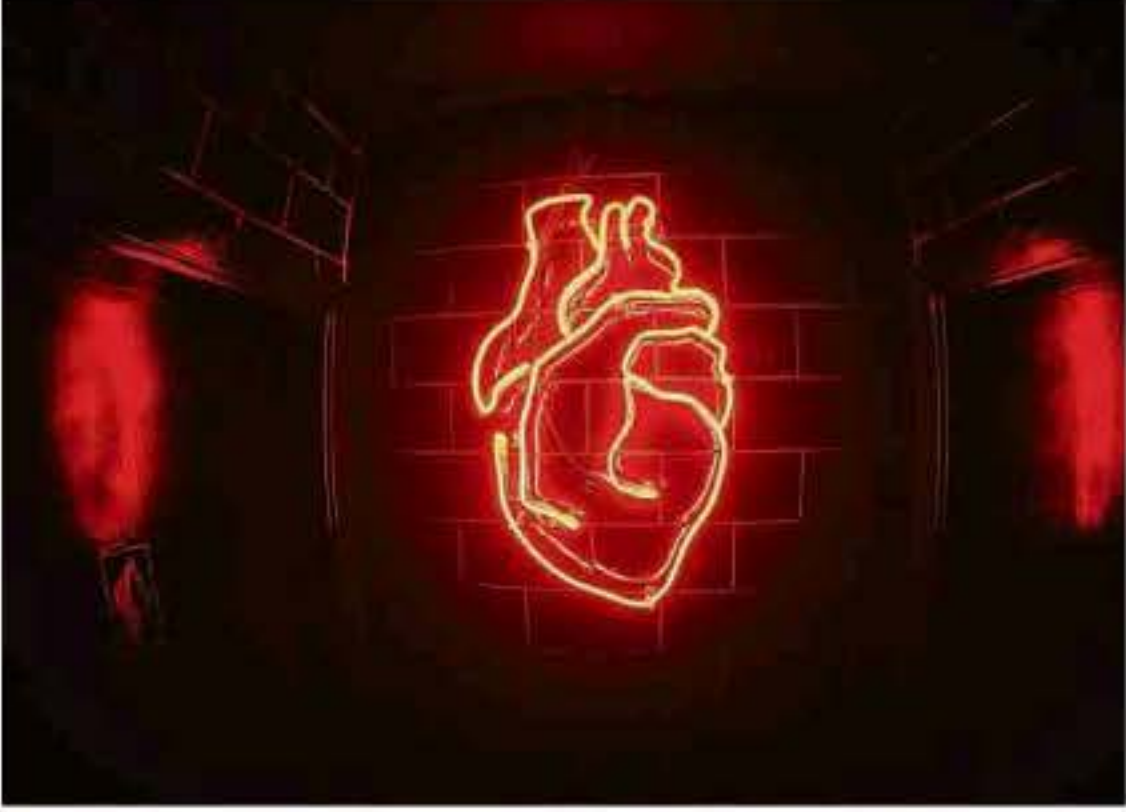
Apesar disso, muitas casas noturnas e festas só vão entrar no clima de "liberou geral" a partir de segunda-feira, dia 1º, quando o governo de João Doria (PSDB) afrouxa a quarentena em todo o estado.

Assim como o decreto municipal, a nova regra estadual também corrói diretamente as normas de distanciamento. Eduardo Aranibar, subsecretário de Competitividade da Indústria, Comércio e Serviços do governo de São Paulo, diz que a distância de um metro entre desconhecidos passa a ser uma recomendação —e não mais uma obrigatoriedade. Aranibar também afirma que as casas devem ter álcool em gel disponível para todos os presentes.

A fiscalização dos protocolos de segurança ficam na conta da Secretaria de Estado da Saúde. Procurada pela reportagem, a pasta disse em nota que "a Vigilância Sanitária segue atuando em campo para fiscalizar o cumprimento das normas sanitárias de prevenção e combate à Covid-19".

Para quem não via a hora de poder se reunir, beber e dançar com desconhecidos, a seguir há dez eventos marcados em São Paulo nos próximos dias. Se for encarar a aglomeração, veja algumas dicas para se cuidar ao lado.

Balada Selva, na rua Augusta, que retoma a pista na segunda (1º) Divulgação

Festa Lunática, que tem show de drag queens Fotos Victor Vivacqua/Divulgação

Detalhe da decoração do Club Jerome, que também volta a ter pista em SP

É SEGURO IR A FESTAS?

Para onde ir? Escolha lugares com boa circulação de ar, com sistema de exaustão, com áreas abertas ou que aparentem ter os filtros dos aparelhos de ar-condicionado em dia. Além disso, deve haver álcool em gel

Qual máscara? Use máscara o tempo todo. Só tire a proteção quando estiver, de fato, consumindo bebida ou alimento. Se estiver em um lugar onde não vai comer nem precisar mexer muito na máscara, o recomendado é usar a PFF2. Se for a locais em que haverá manipulação da proteção na hora de se alimentar ou beber, é recomendável usar uma descartável com três camadas de filtragem. Leve sempre uma reserva. Pode também ser utilizada a de pano, desde que tenha duas camadas. Nariz e boca devem ficar cobertos.

Distanciamento Se possível, fique 1 m longe dos outros

Fontes: Evaldo Araujo, infectologista da Sociedade Paulista de Infectologia, e Ivan França, infectologista do Hospital Oswaldo Cruz

Audio
A casa de shows retoma com o grupo É o Tchan em uma apresentação de Halloween no domingo, dia 31, a partir das 21h —mas já com a pista liberada para dança.
Av. Francisco Matarazzo, 695, Barra Funda, zona oeste. Instagram @audio. Halloween da San com É o Tchan - dom. (31), às 21h. Ingr.: R$ 180 (inteira) e R$ 90 (meia). Vendas p/ bilheteria física ou no ticket360.com.br

Club Jerome
Na segunda, dia 1º, a casa promove a festa Reabertura da Pista, que tem início às 21h e atravessa a madrugada, com encerramento só às 5h. O espaço funciona como um bar até as 23h. Depois, a pista de dança é aberta aos presentes.
R. Mato Grosso, 398, Consolação, região central. Instagram @club.jerome. Reabertura da Pista - seg. (1º), às 21h. Ingr.: R$ 40. Convites somente na porta, sem venda antecipada

Club Yacht
Na programação deste domingo (31), há a festa Halloyacht, que começa às 20h30 e vai até às 5h do dia seguinte. É na virada do dia que as pistas serão liberadas, com hits do pop lançados na pandemia.
R. Treze de Maio, 703, Bela Vista, região central. Instagram @clubyachtsp. Halloyatch - dom. (31), a partir das 20h30. Ingr.: R$ 60, mas há valores promocionais a partir de R$ 30 c/ nome na lista p/ bit.ly/Halloyacht2021

Galeria Café
O espaço faz a abertura da pista na segunda, dia 1º, com a festa Start, e já tem agenda para a próxima semana, com eventos nos dias 5, 6 e 7.
Prç. Benedito Calixto, 103, Pinheiros, zona oeste. Instagram @galeriacafesp. Start - seg. (1º), a partir das 19h. Ingr.: R$ 20 até à meia-noite; depois, R$ 30. Ingr. p/ sympla.com.br

Gambiarra
Queridinha do público, a tradicional festa retorna às pistas. Há edições marcadas para os domingos, nos dias 7, 14 e 21 de novembro, no Open Bar Club, em Pinheiros —em novo horário, das 20h às 5h.
Open Bar Club - r. Henrique Schaumann, 794, Pinheiros, zona oeste. Ingr.: a partir de R$ 30, p/ sympla.com.br

Festa Lunática
O evento teve adaptações durante a pandemia, transformando os shows de drag queens em um ballroom com mesas. A volta tem pistas embaladas por pop e funk.
Fabrique Club - r. Barra Funda, 1.071, zona oeste. Festa Lunática - sex., dias 5 e 19/11, a partir das 19h. Ingr.: a partir de R$ 40. Vendas antecipadas p/ sympla.com.br

Mundo Pensante
Com a liberação das pistas a partir de novembro, a programação cresce por lá. Marcando a volta das pistas, os DJs Mary G e EB comandam o som da casa na segunda (1º).
R. Treze de Maio, 830, Bela Vista, região central. Instagram @mundopensante. DJs Mary G e EB - seg. (1º), às 21h, c/ ingr. a R$ 10 até 22h; depois, R$ 20

Novo Cine Joia
A casa não funciona desde que a quarentena começou em São Paulo. Facundo Guerra, proprietário do local, diz que o espaço físico se deteriorou enquanto esteve parado —por isso, teve que reformar o ambiente, que deve ser reaberto para o público em 21 de novembro, ainda sem programação revelada.
Prç. Carlos Gomes, 82, Liberdade, região central, tel. (11) 3101-1305. Mais informações p/ Instagram @cine_joia

Selva
Na programação de novembro, os toca-discos são comandados exclusivamente por mulheres. Os ingressos para segunda, dia 1º, já estão esgotados —mas a casa, na rua Augusta, recebe a festa Batidão Tropical pouco depois, no dia 6, sábado.
R. Augusta, 501, Consolação, região central. Instagram @selva.011. Batidão Tropical - Sáb. (6), a partir das 22h. Ingr. a partir de R$ 40 p/ sympla.com.br (lotes anteriores já estão esgotados)

Santo Forte
A festa de brasilidades comandada por Tutu Moraes há 16 anos está de volta a São Paulo com novidades da cena independente brasileira.
Fabrique Club - r. Barra Funda, 1.071, zona oeste. Evento em 6/11, à meia-noite. Ingr.: de R$ 50 a R$ 70, antecipado p/ sympla.com.br

folhinha

Achar que os gatos pretos dão azar não passa de preconceito

Historiador explica lendas e veterinária fala da sorte que é ter gatos em casa

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO

Marcella Franco

SÃO PAULO Olhe bem para esse gatinho aqui ao lado, com seu pelo escuro como a noite, seus olhinhos amarelos e essa carinha irresistível (as asinhas de morcego são de mentira porque ele está fantasiado para o Halloween, mas finja que não percebeu senão ele fica magoado).

Pois dá para acreditar que alguém possa machucar um animal assim? Isso acontece —e acontece muito— com gatos pretos ao longo de todo o ano, mas especialmente em épocas que envolvem superstições e misticismo, como é o caso do Dia das Bruxas, em 31 de outubro, e quando acontece uma sexta-feira 13.

Ninguém sabe ao certo quando na história o preconceito com os gatos pretos começou, mas o fato é que ele dura até hoje. E, por causa dele, gatos dessa cor não só são os menos procurados por quem quer adotar um animal de estimação, como também chegam ao extremo de sofrer violência nas ruas.

"Tem gato que chega aqui com lesão na coluna e nunca mais consegue andar, fica paraplégico porque alguém deu um chute nele, por exemplo. Furam os olhos deles, cortam o rabo, fazem barbaridades que nem se pode imaginar", relata a veterinária Luciana Deschamps, presidente da ONG Felinos do Brasil, e titular da clínica Sr. Gato.

O professor doutor Ricardo da Costa, do Departamento de Teoria da Arte e Música da UFES (Universidade do Espírito Santo), fala sobre possíveis origens da ideia de que gatos pretos dão azar a humanos.

"As antigas culturas célticas das ilhas britânicas consideravam o gato preto sagrado tanto positiva quanto negativamente", exemplifica. Ele também lembra Cath Palug, um gato preto monstruoso da mitologia galesa, na qual se acreditava que Cath era filho de uma grande porca branca chamada Henwen.

De acordo com essa lenda, quando nasceu, o gato preto foi jogado no mar, mas nadou e acabou encontrado e criado até virar um gato adulto e passar a assombrar a Ilha de Anglesey. "Dizem que ele matou 180 guerreiros até ser caçado por Sir Kay, irmão adotivo do Rei Arthur", completa o professor Ricardo.

Outro mito importante, conta Ricardo, foi o de Cat-sith, uma grande gata-fada preta com uma mancha branca no peito, e que vivia na Escócia. "Ela não fazia mal a humanos, só se a provocassem. Os escoceses acreditavam que ela roubava a alma das pessoas. Ela podia ser uma bruxa que tinha o poder de se transformar em gato nove vezes."

O professor acredita que este preconceito todo se resumia ao medo. "Era um medo da noite, do escuro, dos barulhos da noite, sapos, grilos, besouros. O preto era associado à noite, à escuridão, e isso é muito comum em culturas antigas, em que qualquer coisa que acontecia na natureza provocava medo, trovões, tempestades, eclipses...".

E isso tudo é muito curioso porque, conforme explica a doutora Luciana, na vida real os gatos pretos estão bem distantes destas figuras assustadoras. "Os pretinhos são brincalhões e extremamente carinhosos, adoram colo."

Diferentemente do que acontece com felinos de pelagem tricolor, que são exclusivamente fêmeas, os gatos pretos podem ser tanto meninos quanto meninas. Eles nascem com o pelo assim todo pretinho por conta de um elemento chamado melanina.

A cor dos seus olhos pode variar. "Vai depender da cor do olho da mãe e da cor do olho do pai, qual predomina mais. Normalmente eles têm olhos esverdeados ou amarelos, mas já vi até gato preto de olho azul", lembra.

Doutora Luciana conta que, ao pensar sobre o que gostaria de ser quando crescesse, ainda tinha muito medo de precisar dar injeções e fazer cirurgias nas criaturas que ela mais amava —os gatinhos.

Ela, então, foi estudar filosofia e música, e só depois se formou veterinária. "Os gatos vinham atrás de mim e não teve mais como fugir", brinca.

Seu primeiro gato, que ela teve aos três anos de idade, se chamava Bilu e era preto e branco. Atualmente, ela hospeda dez gatos na clínica, que recebem os clientes que chegam para as consultas. E, no seu apartamento, Luciana diz que tem mais "alguns" gatos, sem dar o número exato.

Ela recomenda que agora, durante o Halloween, os donos de gatos pretos redobrem os cuidados para que seus animais não tenham acesso à rua.

"O maior sonho de um gato é dormir com seu dono. Eles precisam ter amor e carinho, banheiro limpinho, comida e água. Essa é a felicidade deles."

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO
Ofereça este texto para uma criança praticar a leitura autônoma

Ilustração Luciano Veronezi

Algumas curiosidades sobre os gatos

- A vida média de um gato que more com seus donos em segurança é de 14 anos e meio.
- Os gatos têm 230 ossos no corpo.
- Eles podem passar até 16 horas por dia dormindo.
- Normalmente, um gato tem 12 fios de bigode em cada bochecha.
- A gestação de uma gata fêmea dura de 58 a 65 dias.
- Eles não sentem o sabor doce e costumam gostar de leite.
- O hábito de "fazer pãozinho", quando gatos afofam as coisas, acontece porque eles se lembram de quando faziam o mesmo gesto para mamar na mamãe.

Aprenda a fazer três maquiagens diferentes para o Halloween

Os vampiros têm dentes e 'sangue' Fotos Eduardo Anizelli/Folhapress

As abóboras, símbolo do Halloween, são ótimas fantasias

Para virar uma caveira assustadora, foque nos olhos e boca

Vampira
Ana Vieira, 8 anos

A Tia Zuzú, da Contos & Companhia Eventos, criou três maquiagens especiais para os leitores da Folhinha. Além de um pincel grosso, um fino e uma esponja, ela usou tinta líquida e tinta pastosa próprias para maquiagem em crianças, ambas da marca Colormake, e pancake preto e branco da mesma marca, e sangue falso, vendido no Armarinhos Fernando, em São Paulo.

- Com a esponja úmida, passar pancake branco no rosto todo.
- Com o pincel fino úmido e o pancake preto, fazer os dentes e depois cobrir a sobrancelhas, deixando-as mais grossas e arqueadas.
- Com o pincel fino, fazer dois riscos embaixo dos olhos e depois esfumar com a esponja úmida limpa.
- Com um pincel, passar tinta pastosa vermelha na boca e colocar glitter.
- Usar o sangue falso ou tinta pastosa vermelha para fazer o sangue nos dentes e nos olhos.

Abóbora
Danilo Oliveira, 6 anos

- Fazer um triângulo deitado nos olhos com a tinta branca para marcar.
- Com a esponja seca, passar a tinta líquida abóbora na metade do rosto.
- Com o pincel grosso úmido e pancake preto, fazer um 'zig zag' na boca pintando tudo.
- Com o mesmo pincel, pintar o olho com o pancake preto onde não há maquiagem.
- Fazer um triângulo de cabeça para baixo no nariz.
- Com o pincel fino, usar o pancake preto e fazer um risco do lado da boca que não está pintado, e pequenos riscos na horizontal.
- Com o pincel fino, usar o pancake preto para contornar a parte laranja, fazendo um 'zig zag' e pequenos riscos na horizontal, para representar os gomos da abóbora.
- Com o pincel fino, usar o pancake branco para fazer contorno nos olhos, na boca e nos riscos laterais.

Caveira
Lucas Oliveira, 9 anos

- Com o pincel fino, contornar os olhos com a tinta branca para marcar.
- Com o auxílio da esponja úmida, passar o pancake branco no rosto todo.
- Pegar o pincel grosso úmido, passar o pancake preto nos olhos onde não tem maquiagem.
- Agora, com o pincel fino, usar o pancake preto para fazer um triângulo de cabeça para baixo no nariz.
- Com o pincel fino, fazer um risco de cada lado da boca.
- Agora é hora de fazer pequenos riscos na horizontal, para representar os dentes.
- Passar tinta pastosa preta como se fosse batom.

A maquiadora Tia Zuzu lembra que o mais importante não é fazer uma maquiagem perfeita, mas, sim, se divertir durante o processo. "Você pode seguir o passo a passo para criar sua própria maquiagem horripilante e brincar bastante", sugere.

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS PERDIZES

Hora de treinar

Na rua, na escada ou no parque, Perdizes convida o morador a cuidar do corpo Pág. 3

Pet feliz

Dicas para um ambiente agradável e seguro para os animais em apartamentos Pág. 4

Vínculo

Como aproveitar a casa com a família e criar momentos inesquecíveis Pág. 6

Avenida Sumaré

perdizes antenada

Um dos bairros mais queridos e completos de São Paulo proporciona um estilo de vida alinhado com o das melhores e mais badaladas metrópoles do mundo

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Keiny Andrade/Estúdio Folha

Ciclovia da Av. Sumaré

cada vez mais completa

Perdizes é um bairro vibrante, com diversas opções de compras, gastronomia e lazer, além de contato com o verde, tudo em localização privilegiada

Perdizes é um bairro vibrante, em constante transformação. Uma região repleta de atrações para quem busca comodidade e contato constante com a cultura, a gastronomia e o lazer.

Ao mesmo tempo, proporciona um estilo de vida tranquilo, com contato com a natureza, marcado pela tranquilidade e pelo bem-estar, com a possibilidade de resolver todas as questões do dia a dia a pé, ganhando tempo e qualidade de vida.

A oferta de comércio e serviços é excelente. O bairro e seus arredores abrigam supermercados como Pão de Açúcar, St Marche, Sonda, Dia e Mambo, bancos, farmácias, empórios, academias e pet shops, entre outros serviços.

As padarias são uma atração à parte, com bufês completos de café da manhã, ampla oferta de pães, bolos, doces, lanches e refeições.

Para cuidados com a saúde, o bairro oferece hospitais como Albert Einstein e São Camilo, além de estar próximo ao Hospital das Clínicas. Perdizes abriga ainda filiais de laboratórios como Fleury, Delboni Auriemo e Femme, entre outros.

A região é referência em educação, com o campus principal da PUC-SP e colégios como Pueri Domus, Santa Marcelina, São Domingos etc.

COMPRAS E LAZER

O Bourbon Shopping é o principal centro de compras do bairro. Ele oferece um mix completo de lojas, além de restaurantes, salas de cinema do Espaço Itaú e o teatro Bradesco, um dos mais modernos da América Latina.

Perdizes também permite acesso rápido e fácil aos shoppings Villa Lobos e Higienópolis.

Nos últimos anos, o bairro tem se consolidado como um excelente destino gastronômico de São Paulo.

Restaurantes como Petí Gastronomia, Ecully, Des Cucina —premiados com selo Bib Gourmand do "Guia Michelin"—, MiCi e Bráz Pizzaria, entre outros, apresentam diversos estilos culinários.

A região é também referência em cerveja artesanal na cidade, com bares como Trilha, Aimbeer 850 Pub, Montanha Tap House, Capitão Barley, Bamberg Express e Maestria, entre outros.

Na área cultural, o bairro abriga o teatro Tuca, um dos mais charmosos e importantes de São Paulo, além de casas menores, como o Viradalata e o teatro do Sesc Pompeia, que também recebe exposições e shows musicais.

O Allianz Parque é um dos principais destinos de bandas e cantores nacionais e internacionais na cidade. Outra casa de shows importante da região é o Espaço das Américas.

Para os momentos de relaxamento e contemplação ou prática de esportes, a região oferece o parque da Água Branca, um dos mais charmosos de São Paulo.

LOCALIZAÇÃO

Se o morador precisar sair do bairro, Perdizes também oferece ótimas alternativas.

Localizado próximo às marginais Tietê e Pinheiros, é servido por avenidas importantes como Sumaré, Pompéia, Dr. Arnaldo, Pacaembu e Francisco Matarazzo e pelas ruas Cardoso de Almeida, Heitor Penteado e Alfonso Bovero, que permitem o deslocamento para diversas áreas da cidade.

O bairro também está próximo ao eixo da avenida Paulista e ao centro da cidade.

Atualmente, o morador pode acessar o metrô pelas estações Sumaré (2-verde) e Barra Funda (3-vermelha), as mais próximas. No entanto, terá duas estações próprias com a instalação da linha 6-laranja (Perdizes e PUC-Cardosos de Almeida).

Quem prefere se deslocar em duas rodas pode usar a ciclovia da avenida Sumaré ou alguma das diversas ciclofaixas espalhadas pelas ruas do bairro.

Sesc Pompéia

EstúdioFOLHA APRESENTA

Keiny Andrade/Estúdio Folha

corpo em ação

Escadaria Sumaré

Bairro de Perdizes convida ao movimento ao ar livre; veja treinos para começar a entrar em forma

Perdizes convida a uma vida mais saudável. O bairro é repleto de locais em que é possível se exercitar ao ar livre, mantendo a forma, cuidando da saúde e aumentando a sensação de bem-estar.

Uma das mais charmosas áreas verdes da cidade, o parque da Água Branca, com seu estilo de fazenda e árvores exuberantes, é o principal deles.

O local atrai muito os adeptos da caminhada e da corrida, que podem apreciar a paisagem enquanto se exercitam por seus 1,3 km.

Apesar de ser um percurso curto para quem corre, o terreno irregular, com várias alterações de relevo, proporciona opções de trajetos mais desafiadores, com subidas e descidas, quebrando a monotonia.

Praticantes de ioga, tai chi chuan e lian gong, atividades que ajudam a equilibrar o corpo e a mente, são assíduos frequentadores do parque da Água Branca.

Perdizes tem uma agradável ciclovia na avenida Sumaré. Protegida pelas árvores, ela se estende por 2,7 km. É frequentada tanto por ciclistas como por corredores ou pessoas em busca de um passeio a pé.

Próximo à ciclovia, na altura da praça Irmãos Karmann há um escadão que se tornou ponto de encontro badalado de quem quer manter a boa forma.

A apresentadora Sabrina Sato e a influenciadora fitness Gabriela Pugliesi já fizeram treinos por ali.

São 162 degraus que proporcionam um treino excelente para o fortalecimento da musculatura das pernas, do core e dos glúteos, além de ajudar no equilíbrio e na capacidade cardiorrespiratória.

Seja qual for o estilo do morador, ele encontrará uma opção de atividade física agradável para fazer ao ar livre em Perdizes.

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Parque da Água Branca

CONFIRA DICAS DE TREINOS PARA FAZER NA ESCADA

O exercício: subir escadas ajuda no fortalecimento muscular (core, glúteos e pernas) e também no treino cardiorrespiratório. Na descida, há impacto, então é preciso estar atento para não sobrecarregar os joelhos.

• Consulte um especialista em saúde antes de começar a se exercitar

• Respeite seus limites. Se necessário, comece fazendo apenas alguns exercícios e vá acrescentando os demais conforme for ganhando condicionamento (estão listados em ordem crescente de dificuldade)

• Faça os exercícios em escada com pelo menos dez degraus

• Descanse de 30s a 45s entre um exercício e outro

1. SUBIDA ACELERADA
Suba de um em um degrau em velocidade acelerada. Desça devagar.

2. SUBIDA COM AVANÇO
Suba pulando um degrau, sem agachar. Desça devagar.

3. AVANÇO COM AGACHAMENTO
Suba pulando um degrau e fazendo movimento de flexão das pernas. Desça devagar.

4. SALTO COM AGACHAMENTO
Com os dois pés paralelos alinhados na largura do quadril, salte um degrau e aterrisse no seguinte fazendo movimento de agachamento. Continue até o fim da escada, tirando os dois pés do chão de uma vez. Desça devagar.

5. SUBIDA PULANDO
Com os pés paralelos alinhados na largura do quadril, suba a escada saltando de degrau em degrau com os dois pés juntos. Desça devagar.

Consultoria
Lucas Assis, personal trainer
@lucasassiscoach

EstúdioFOLHA APRESENTA

pet feliz

Dicas de cuidados para tornar o apartamento um lar aconchegante e seguro para os bichos de estimação

Shutterstock

Pets são companheiros amorosos e fiéis que alegram o dia a dia de qualquer família. E como os demais moradores da casa precisam de carinho, atenção, espaços confortáveis e rotinas que os ajudem a manter a saúde e o bem-estar.

Ter um pet em um apartamento pode ser um desafio. Mas com pequenas adaptações e cuidados é possível proporcionar uma vida tranquila e cheia de atividades para os bichinhos.

1. EM MOVIMENTO

Nenhum pet terá uma vida feliz fechado em áreas de serviço ou varandas. Eles precisam de espaço e exercícios. Gatos se beneficiam com o acesso a diferentes áreas da moradia, onde possam circular. Brinquedos que os façam correr atrás de algo ou escalar também são bem-vindos. A marcenaria do apartamento, por exemplo, pode ser planejada de modo a conter espaços e nichos em que o gato possa subir.

Já os cachorros precisam de mais exercícios. É importante consultar um veterinário para determinar a quantidade de estímulo para cada tipo de cachorro. Condomínios que possuem pet place são uma ótima alternativa para o lazer dos animais, visto que a qualidade de vida deles depende de espaços e ambientes apropriados para se divertir.

Os cachorros também gostam de passeios na coleira. Quando for possível, leve seu cachorro também para brincar em parques e praças. Nos dias mais quentes, no entanto, é melhor evitar passeios entre 10h e 16h. Outras atividades interessantes para cachorros são natação, canicross (corrida em parceria com um tutor feita em terreno rústico) e agility (prova de obstáculos que ajuda na queima de gordura e na capacidade cardiorrespiratória).

2. MEU CANTINHO

Mesmo que o animal possa andar pela casa toda, é importante que ele tenha um cantinho só seu. É preciso estar atento às preferências do animal antes de escolher sua caminha. Se ele gosta de espaços maiores, uma casinha mais tradicional pode ser uma boa opção. Alguns preferem locais cobertos e aconchegantes. Nesse caso, por que não investir em uma cabaninha lúdica? Ou comprar pufes e bancos que já vêm com o espaço do pet na parte de baixo e são uma peça multiuso para a decoração? Se o pet dorme no quarto, é possível adaptar a marcenaria da mesa de cabeceira para receber uma caminha embutida. Tecidos presos embaixo de mesas de jantar, mesinhas de canto ou de centro podem formar uma 'rede' para gatos ou cachorros pequenos descansarem.

Os potes de comida e água podem ser colocados perto da caminha, mas isso não é uma necessidade. Já o 'banheiro' deve estar um pouco distante.

3. SEGURANÇA

Janelas de apartamentos com pet devem ter telas de proteção. Mas não são apenas as quedas que podem proporcionar risco aos bichinhos. As plantas que trazem alegria e frescor à decoração também podem ser vilãs. Algumas espécies são tóxicas para os pets, como comigo-ninguém-pode, costela-de-adão, jiboia, espada-de-são jorge, bico-de-papagaio, azaleia, filodendro, folha-da-fortuna, copo-de-leite, cheflera, primavera, lírio, hortênsia e coroa-de-cristo, entre outras.

Entre os sintomas de intoxicação por plantas estão irritação na boca, língua e garganta, excesso de saliva, náusea, vômito e diarreia, tremores e convulsões, entre outros. Se o pet teve contato com plantas tóxicas, é importante levá-lo ao veterinário.

4. HIGIENE

Pets são adoráveis, mas soltam pelo e podem deixar um cheiro incômodo pela casa. Tapetes higiênicos são a melhor opção para os cachorros fazerem suas necessidades —gatos se dão melhor com caixa de areia. Tapetes descartáveis são práticos, têm fita adesiva para fixá-los no chão e podem ser trocados diariamente. Cães mais velhos, que já estão treinados, podem usar a opção lavável, mais ecológica.

Mas e se mesmo com todo o cuidado o cheiro pela casa persistir? Confira dicas para eliminar esses odores com produtos não-tóxicos para os bichinhos:

Acidentes

1 litro de água, 2 limões espremidos e 2 colheres de sopa de bicarbonato de sódio. Misture e passe no piso no local em que o pet fez xixi.

Cheiros persistentes

1 litro de água, 1/4 de xícara de álcool, 1 colher de amaciante e 1/2 copo de vinagre branco. Misture e aplique com borrifador nos locais em que o pet esteve. Pode ser aplicado em tecidos, sofás e pisos.

Desinfetante natural

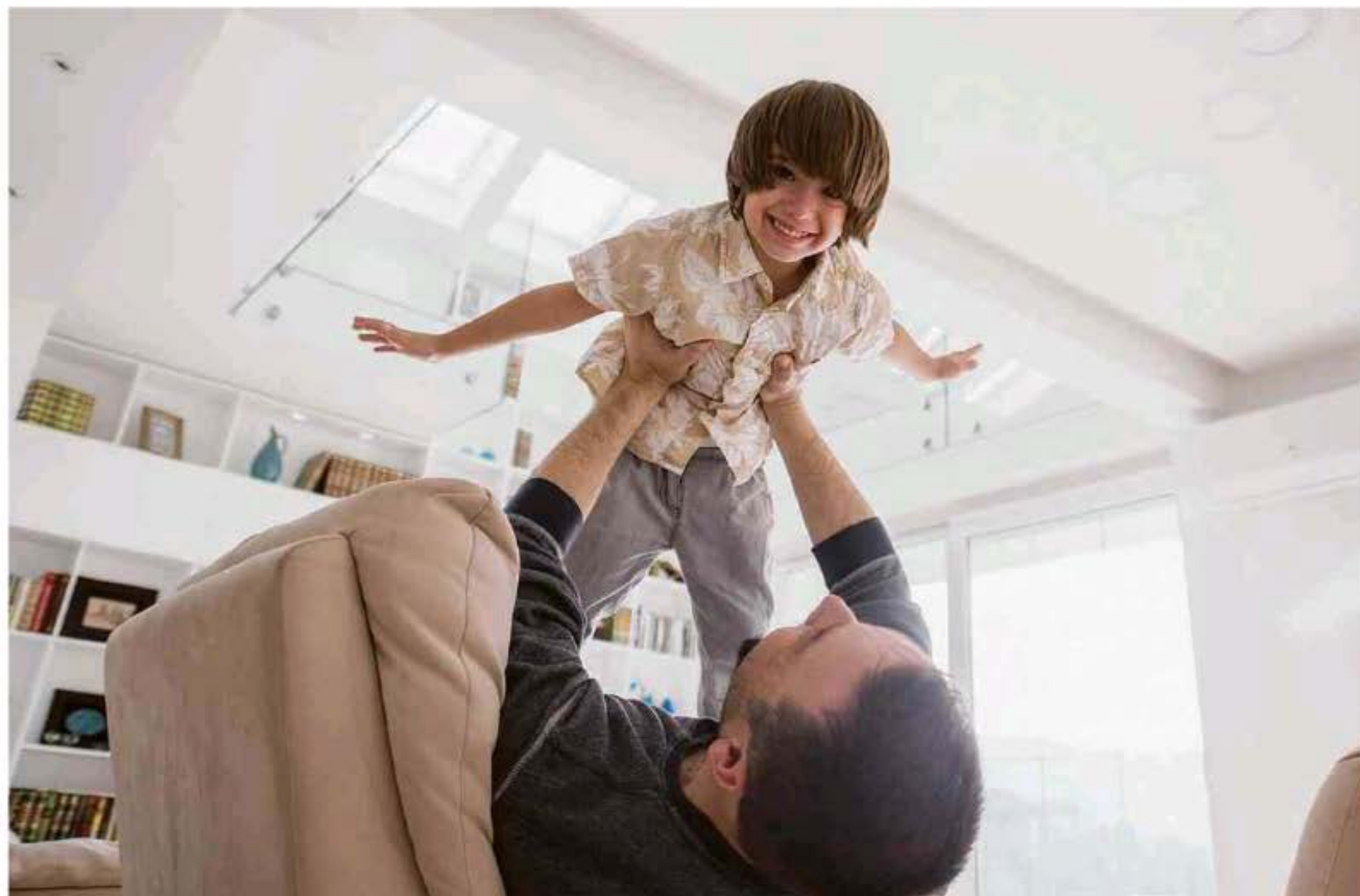
200 ml de água e 200 ml de vinagre de álcool. Misture e aplique com borrifador para substituir desinfetantes que podem ser tóxicos.

5. TREINAMENTO

Educar o cachorro é importante para que a casa funcione melhor, para que o animal esteja mais seguro e para evitar aborrecimentos com e para os vizinhos. A técnica de recompensa funciona muito bem. Mostre ao animal o que deve ser feito (necessidades no tapetinho, esperar ao lado do dono, sentar, não latir quando a campainha tocar etc) e faça festa, carinho e dê um petisco sempre que ele acertar. O resultado pode demorar, e o processo exige paciência. Gritos só irão assustar o animal. Consulte um profissional se achar necessário.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Shutterstock

Momentos de descontração em casa podem transformar atividades corriqueiras em vivências inesquecíveis para fortalecer os laços em família

união

Trabalho, estudo, trânsito, prazos, horários, celulares, telas. A correria do dia a dia nos puxa para fora, separa, dificulta a comunicação e esgarça os vínculos.

Em um mundo em que as pessoas estão cada vez mais concentradas com o externo, é importante criar momentos em que o lar seja um lugar de encontro, de busca pela conexão consigo mesmo e com os outros, reforçando a ligação entre os membros da família.

Atividades simples do dia a dia, que parecem banais, podem se transformar em momentos inesquecíveis de convivência e aprendizado.

JANTARES TEMÁTICOS

Planejar uma refeição especial é sempre divertido. Escolher um tema pode ajudar a colocar todos na mesma sintonia para definir a comida que será servida e planejar um cenário. Vale criar tendas com cangas, fazer piquenique na sala, usar uma mesa baixa para uma refeição oriental, caprichar na louça, nos talheres e nas velas para um jantar sofisticado. A imaginação é sem limites. Os membros da família podem receber tarefas específicas: alguns cozinham, outros montam a decoração, alguém cria uma playlist temática etc.

NOITE SEM TELAS

Desconectar-se é um dos principais desafios da atualidade. Mas vale a pena. Deixar de lado celulares, tablets, computadores e TVs por pelo menos uma noite na semana obrigará a família a buscar mais conexão e diversão. Além de fazer a refeição em conjunto, é possível criar a rotina de jogar cartas e jogos, brincar de concurso de talentos, cantar no karaokê ou apenas conversar, o importante é estar junto.

DEGUSTAÇÃO

Comprar vários tipos de vinhos ou cervejas e fazer uma degustação pode ser um programa muito divertido. Os participantes provam as bebidas, dão notas e tecem comentários, que serão compartilhados por todos no final para eleger os melhores. As crianças podem ser incluídas com uma degustação de sucos naturais. Queijos variados ajudam a tornar a brincadeira ainda mais saborosa.

CINEMA EM CASA

Esse é um dos programas familiares mais praticados no mundo. Todo o processo de escolha do filme já pode ser feito de forma a criar mais engajamento: a cada semana um membro da família tem a função de escolher o filme e explicar o porquê; noites temáticas; revisitar clássicos de cada geração da família; votação a partir de uma lista etc. É possível incrementar o programa planejando as roupas, os petiscos e as bebidas de acordo com a temática do filme.

ACAMPAMENTO

Não é preciso sair do apartamento para acampar. Essa é uma das atividades que mais faz sucesso com a criançada e também pode ser muito divertida para adultos. Armar a barraca na sala ou na varanda, deitar em sacos de dormir e imaginar a floresta lá fora é mágico. Luzes da casa apagadas e lanternas do lado de dentro criam um clima ainda mais especial.

CLUBE DO LIVRO E/OU CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ter uma leitura em comum pode ser uma boa forma de aproximar a família. O clube do livro pode ter as regras que mais se adequem ao cotidiano da casa, o importante é que todos leiam a mesma história e possam trocar ideias sobre ela. Com crianças pequenas, é possível criar um clube de contação de histórias em que a família se reúne todas as semanas e ouve a história contada ou lida por um dos membros do grupo.

Fotos Exto/Divulgação

Perspectiva ilustrada da fachada do Upper East Side

viva nova york

O estilo de vida elegante e sofisticado do Upper East Side chega ao vibrante e plural bairro de Perdizes em novo empreendimento da EXTO, com qualidade e cuidado em cada detalhe

O lifestyle sofisticado de Nova York aliado à pluralidade de Perdizes. Dessa união surgiu o Upper East Perdizes, novo empreendimento da construtora e incorporadora EXTO, que atua em São Paulo há mais de 30 anos e possui mais de 80 empreendimentos entregues.

A inspiração é o Upper East Side, região a leste da ilha de Manhattan, ao lado do Central Park, uma das mais elegantes da metrópole norte-americana.

É uma área sofisticada que respira cultura, com alguns dos principais museus do mundo, repleta de lojas refinadas e edifícios clássicos, cortada pela icônica Quinta Avenida.

A EXTO usou essa referência para criar um empreendimento aliado aos desejos e ao lifestyle da família contemporânea, com o que há de mais notável em arquitetura, paisagismo e lazer.

O Upper East Perdizes une elegância, conforto e comodidade em uma torre residencial única, com fachada contemporânea inspirada em Nova York, em um terreno de 1.450 m².

As áreas residenciais para viver em 142 m² têm opções que podem ser adaptadas às necessidades de cada família, como espaço para home office com acesso direto pelo hall, sem a necessidade de passagem pela área familiar.

O piso do terraço será nivelado ao da sala, as bancadas serão de quartzo branco e os dormitórios serão equipados com tomada USB.

Haverá ainda infraestrutura para a instalação de ar-condicionado no living, nas suítes e nos dormitórios, de churrasqueira a gás no terraço e de triturador na cozinha.

Outro diferencial são as áreas comuns que serão entregues equipadas e decoradas, além de contar com estrutura para wi-fi, piscina, fitness, coworking, espaço beauty, pet play e brinquedoteca. O empreendimento terá um local de espera exclusivo para táxi e uber, sala para recebimento de encomendas e entregas e lojinha 24 horas.

O lançamento também apresentará soluções sustentáveis para reduzir o uso de energia elétrica e zelar pelo meio-ambiente, como sensor de presença nas áreas comuns, controle de vazão nas torneiras e bacias, sistema de reúso de águas pluviais, infraestrutura para sistema de aquecimento solar e previsão de coleta seletiva, entre outras.

Essas medidas são resultado de um compromisso que a EXTO tem com a sustentabilidade em suas obras, sede e empreendimentos.

O Upper East Perdizes tem uma localização privilegiada na rua Minerva, a poucos metros da avenida Sumaré, do parque da Água Branca e do Bourbon Shopping. O morador estará a uma caminhada ou a uma pedalada de áreas verdes, centros de compras, transporte, cultura, ensino, saúde, gastronomia e serviços.

A EXTO tem uma forte atuação e conhecimento sobre Perdizes. Prova disso são os mais de 30 empreendimentos construídos no bairro e entregues no mais alto padrão de qualidade. Com foco em excelência nos seus projetos, a incorporadora e construtora segue firmando sua história em Perdizes.

O Upper East Perdizes chega para oferecer a privacidade familiar e a liberdade para vivenciar um bairro que oferece experiências e infraestrutura que refletem essa forma de viver.

Perspectiva ilustrada da piscina

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO

NOS BAIRROS
ALTO DA BOA VISTA

Com estilo

Dicas de decoração que valem para apartamentos amplos e pequenos

Pág. 3

Alto padrão

Região do Alto da Boa Vista une elegância, ampla oferta de comércio e serviços e localização privilegiada

São Paulo Golf Club

Luisa Dörr/Folhapress

Bem-estar

Práticas simples e novos hábitos podem ajudar a espantar o estresse

Pág. 4

Casa inteligente

Automação deixa vida mais prática e residências mais seguras e econômicas

Pág. 6

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Tesouro paulistano

Alto da Boa Vista une excelente localização e mobilidade ao charme e às facilidades de uma região de alto padrão

Via Mobilidade/Divulgação

Estação Alto da Boa Vista

Parque Severo Gomes

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Localização é a palavra chave de quem busca qualidade de vida em uma grande cidade. Quando isso vem acompanhado de elegância, ampla oferta de comércio, serviços e lazer, a escolha está feita.

Na região do Alto da Boa Vista, o morador encontra todas essas qualidades. A harmonia perfeita entre ruas arborizadas, empreendimentos de alto padrão, mobilidade e o burburinho de uma área repleta de opções para tornar o cotidiano mais cômodo.

Nos últimos anos, as opções de transporte se multiplicaram, e hoje é possível acessar diversas áreas da cidade com conforto e rapidez.

A região é servida por três estações de metrô da linha 5-lilás (Alto da Boa Vista, Borba Gato e Adolfo Pinheiro), que proporciona integração com as linhas 1-azul e 2-verde.

Corredores de ônibus em grandes avenidas, ciclovias e ciclofaixas ampliam o leque de opções para quem quer deixar o carro na garagem.

Se a opção é veículo particular, a região oferece diversas rotas de deslocamento, como as avenidas Washington Luís, Roque Petroni, Vicente Rao, João Dias, Santo Amaro e Vereador José Diniz, entre outras, além da marginal Pinheiros.

Os bairros estão a cerca de 15 minutos do aeroporto de Congonhas, sendo extremamente convenientes para quem viaja muito a negócios ou a lazer.

O morador da região pode resolver diversas tarefas do dia a dia sem usar o carro. Ele tem à disposição uma vasta gama de supermercados (Pão de Açúcar, Extra e Dia), hortifrúti, padarias, lojas de artigos para pets (Petz e Cobasi), academias, hospitais, laboratórios e bancos, entre outras facilidades.

Alguns dos principais colégios de São Paulo estão localizados nessa área da cidade e em seu entorno.

O Colégio Santa Maria foi eleito pela School Advisor como um dos melhores da cidade em infraestrutura. O Spinosa, por sua vez, destaca-se no ranking com um dos mais bem preparados corpos docentes. A Chapel (EUA) e The British College of Brazil (Inglaterra) oferecem ensino bilíngue.

COMPRAS E ENTRETENIMENTO

Além de um variado comércio de rua, esses bairros privilegiados de São Paulo estão localizados a poucos quilômetros de alguns dos principais centros de compras da cidade.

O shopping Morumbi apresenta 483 lojas de marcas nacionais e internacionais. A poucos metros dali, o Market Place oferece boa diversidade de lojas, restaurantes e cinema.

Localizado ao lado de uma estação de metrô da linha 5-lilás, o shopping Ibirapuera é outra excelente opção de compras para os moradores da região.

O Alto da Boa Vista é cercada por diversas opções de lazer para toda a família.

O parque Severo Gomes oferece contato com a natureza e alternativas para práticas saudáveis. O Clube Hípico de Santo Amaro é referência para quem gosta de cavalos, tanto para assistir a eventos quanto para praticar. O São Paulo Golf Club, por sua vez, permite acesso a um dos esportes mais exclusivos do programa olímpico.

Casas de shows como Tom Brasil, Credicard Hall e Teatro Alfa proporcionam acesso a shows e espetáculos de artistas nacionais e internacionais.

Uma gama completa de opções que tornam o cotidiano mais animado e aumentam a sensação de viver bem.

Sem limites para o estilo

Dicas para decorar apartamentos amplos e compactos e ambientes charmosos e acolhedores

Shutterstock

Decorar o apartamento com carinho e estilo transforma a experiência de morar. Móveis, cores e objetos têm o poder de despertar sensações e sentimentos, criando ambientes que acolhem e inspiram.

Algumas escolhas podem ser usadas tanto em apartamentos grandes, com espaços para toda a família, como em moradias compactas, que trazem praticidade para o dia a dia.

O primeiro passo para decorar um apartamento é definir o estilo que irá guiar a decoração (moderna, rústica, retrô etc, ou até uma combinação de dois estilos). Essa escolha será o fio condutor do processo de design dos ambientes, amplos ou compactos.

INTEGRAÇÃO

Tendência forte na decoração contemporânea, a integração de ambientes pode ser aplicada em apartamentos com alta metragem ou até mesmo em studios.

Nos espaços menores, ela aparece como recurso para criar mais fluidez e sensação de amplitude. Uma das principais tendências é unir a cozinha à sala de estar. Em apartamentos pequenos, por exemplo, uma bancada pode ser utilizada como área de refeições e, ao mesmo tempo, delimitar a divisão entre os espaços. Outra boa opção é integrar a varanda ao restante do apartamento.

O mesmo pode acontecer em plantas maiores. Cozinhas integradas à sala de jantar ou de estar criam ambientes amplos que facilitam a circulação e permitem novas experiências de convivência entre a família e na hora de receber amigos.

Nivelar o piso do terraço ao da sala, integrando os dois ambientes, também amplia as possibilidades de uso dos dois cômodos.

Nesses casos, é importante que eles tenham o mesmo estilo de decoração ou que sejam complementares, mantendo paletas de cores e tipos de móveis semelhantes, para criar harmonia.

Contrastantes muito grandes entre os estilos de dois ou mais ambientes integrados geram desconforto.

NATUREZA

Não importa o tamanho da residência, a natureza deve estar presente para trazer frescor e acolhimento.

Em apartamentos compactos, vasos pequenos em prateleiras ou suspensos e paredes verdes cumprem bem a função e não atrapalham a circulação.

Em locais mais amplos, essas opções também são possíveis, mas a metragem possibilita voos mais altos.

É possível escolher um ou mais espaços para a criação de um jardim interno, para dispor vasos de diferentes formatos e tamanhos ou até para montar uma horta.

A presença da natureza, no entanto, não está apenas ligada às plantas. Estampas e cores que remetem ao tema e tecidos naturais e rústicos também ajudam a compor os ambientes e proporcionam aconchego e tranquilidade.

CORES

Apartamentos amplos proporcionam mais liberdade à imaginação. Neles, cores fortes podem ser usadas na parede sem muita culpa, já que o efeito de tornar os ambientes menores não será tão grande.

Mas é preciso estar atento para não saturar demais os espaços. Harmonizar cores claras e escuras ajuda a criar um equilíbrio, principalmente para espaços com diferentes usos e funções.

Nos apartamentos compactos, no entanto, vale a regra de utilizar cores claras nas paredes e no teto para ganhar amplitude.

Mas isso não significa que a decoração tem de ser sem graça. Nesse caso, vale investir em cores fortes nos detalhes, como almofadas, mantas, objetos e quadros.

ESPELHOS

Um dos truques mais usados por decoradores para ganhar amplitude em apartamentos pequenos (podem, inclusive, revestir paredes ou portas de armários), os espelhos não precisam e nem devem ser abandonados em espaços maiores.

Mas nesse caso, entram na decoração como um item para causar impacto. No entanto, é preciso estar atento a alguns quesitos. Espelhos verticais ficam melhores em ambientes com pé direito alto e em hall de entrada. Os horizontais devem ser usados em cômodos de comprimento maior.

Seja qual for o tamanho do apartamento, é importante que os espelhos não reflitam lâmpadas que possam causar desconforto em quem estiver por perto e nem partes da casa que o morador não queira expor.

PISO

Assim como no caso das cores, o piso também pode ser mais explorado em apartamentos amplos. Revestimentos escuros ajudam a trazer elegância ao ambiente sem o temor de torná-lo menor.

O mesmo não acontece com os studios e as moradias mais compactas. A escolha de um piso mais claro ajuda a criar a ideia de amplitude. Nesses espaços, tapetes grandes também não são recomendados.

Já em apartamentos amplos, os tapetes podem trazer um toque de cor e estilo à decoração e também ajudam a delimitar os espaços, organizando o uso de cada ambiente.

Em busca da calma

Shutterstock

Hábitos saudáveis ajudam a conectar corpo e mente, além de combater o estresse

Os estímulos e a correria da vida moderna atrelados às dúvidas, aos medos e às dificuldades da pandemia criaram um cenário de estresse do qual tem sido difícil escapar.

O aumento do desgaste emocional tem sido apontado por profissionais da saúde como um dos principais males enfrentados atualmente.

É difícil eliminar as fontes de estresse, mas a busca por hábitos e práticas saudáveis podem ajudar a lidar com ele.

RESPIRAÇÃO

Uma das ações mais básicas do ser humano pode ser uma grande aliada nesses momentos de tensão: respirar.

Exercícios de respiração ajudam a relaxar, diminuir os batimentos cardíacos, focar e esvaziar a cabeça, ajudando a pessoa a relaxar o corpo e a mente, segundo estudo publicado na Frontiers of Human Neuroscience.

PRIORIDADES

É preciso resolver tudo aqui e agora? A ansiedade em ter que solucionar problemas e entregar trabalhos é uma das principais fontes de estresse da vida moderna.

Mas nem sempre as demandas que parecem urgentes de fato o são.

Especialistas indicam que diante de situações complicadas se avalie e classifique o que é necessário e o que é desejável.

Dessa forma é possível estabelecer prioridades, negociar prazos e até desistir de determinadas ações.

Nem todas as coisas têm o mesmo grau de importância e nem todas precisam ser resolvidas imediatamente.

ATIVIDADES FÍSICAS E ARTÍSTICAS

O corpo em movimento reduz a produção de hormônios causadores de estresse, como o cortisol, e ajuda a liberar endorfina, gerando bem-estar.

Não é necessário, no entanto, passar a frequentar a academia ou se matricular em uma aula de esportes.

Atividades físicas como caminhada, ioga, dança e circo, entre outras, já cumprem o papel de ajudar no combate ao estresse.

Atividades artísticas como desenho, pintura, cerâmica e outros trabalhos manuais também são boas aliadas para manter a mente mais tranquila.

MEDITAR

A meditação ajuda a reduzir os níveis de cortisol, a pressão arterial e a frequência cardíaca.

É possível tentar meditar sozinho. A técnica consiste em se sentar em um local calmo e prestar atenção à respiração, inspirando e expirando pelo nariz. Se surgirem pensamentos, volte a se concentrar na respiração, sem julgamentos.

Existem aplicativos que ajudam no processo de meditação para quem está buscando a prática sozinho como Headspace, Calm, Insight Timer e Buddhify.

ALIMENTAÇÃO

Os alimentos podem ser aliados importantes no combate ao estresse. Peixes ricos em ômega-3 como salmão, truta, anchova, sardinha e arenque devem fazer parte da dieta.

Frutas e vegetais fontes de vitamina C também têm efeitos positivos sobre o estresse. Pimentão, laranja e kiwi ajudam nessa tarefa e ainda reduzem a pressão arterial.

É importante, ainda, manter a ingestão de carboidratos, que estimulam o cérebro a produzir serotonina. Dietas muito restritivas não combinam com combate ao estresse.

CONFIRA ALGUNS EXEMPLOS DE EXERCÍCIOS DE RESPIRAÇÃO

Técnica para se autorregular

1 Inspire pelo nariz por 1s e pense na palavra um;

2 Expire pela boca por 5 segundos e pense na palavra relaxar;

3 Inspire pelo nariz por 1s e pense na palavra dois;

4 Expire pela boca por 5s e pense na palavra relaxar; Repita os movimentos de inspiração até chegar à palavra dez.

Para ajudar a dormir

1 Coloque uma mão no estômago e outra no peito;

2 Inspire contando até 4;

3 Prenda a respiração e conte até 7;

4 Expire contando até 8;

Repita por pelo menos 3 vezes ou até estar mais calmo

EstúdioFOLHA APRESENTA

Conexão casa

Shutterstock

Automação residencial é uma realidade que torna o cotidiano mais prático e seguro

A tecnologia invadiu as residências para transformar o dia a dia. O investimento em automação residencial se transformou em necessidade para quem busca praticidade e segurança. As casas inteligentes já são uma realidade à disponibilidade de todos.

O mercado dispõe de diversos tipos de itens de automação. Em geral, eles mantêm conexão com o wi-fi e são controlados via aplicativo instalado nos smartphones.

Uma opção para quem quer iniciar esse processo são os smart speakers, como o Google Home, que podem funcionar como um hub central dos dispositivos, mesmo de marcas diferentes. Eles também tocam música e respondem perguntas, entre outras funções.

A automação da residência proporciona diversas comodidades e facilidades. É possível, por exemplo, programar o ar-condicionado para ligar toda vez que o celular de um morador se aproximar do apartamento, mantendo o ambiente fresco para quem chega em casa; abrir e fechar persianas sem sair da cama, ou apagar as luzes de qualquer parte do mundo.

Na cozinha e na área de serviço, as opções são muitas.

Eletrodomésticos inteligentes conectados à internet deixam o cotidiano muito mais prático.

Fogões, por exemplo, podem ter o forno acionado à distância. Também enviam mensagem ao celular do morador que o esqueceu ligado. E basta um clique para resolver o problema.

Alguns modelos têm sensores que regulam a temperatura do forno e das bocas de forma mais precisa.

Micro-ondas também podem ser controlados de forma remota e acionados à distância. O mesmo acontece com as máquinas de lavar roupa na lavanderia.

Outro mecanismo capaz de transformar o dia a dia é o controle universal conectado, que permite comandar diversos aparelhos com apenas um dispositivo.

A automação também ajuda na economia e no impacto gerado no meio-ambiente. Em casas inteligentes é possível instalar dispositivos que detectam onde está havendo desperdício.

A instalação de sensores de presença e a possibilidade de apagar luzes e desligar dispositivos à distância também ajudam nesse propósito.

Os smart plugs são outro aliado. Por meio deles, o morador conecta o aparelho eletrônico na tomada, mas só libera a entrada de energia no aparelho quando quiser.

Fotos Fibra/Divulgação

Perspectiva ilustrada da piscina adulto do Hi Residence

São Paulo aos seus pés

Com vista privilegiada e opções para diferentes perfis, Hi View chega à região do Alto da Boa Vista

Diferentes perfis, interesses e necessidades acolhidos no mesmo espaço. O Hi View Alto da Boa Vista, da Fibra Experts, chega à região da Granja Julieta para oferecer alternativas de morar para os diversos públicos que habitam a maior metrópole do Brasil.

O novo empreendimento preza pelo alto padrão e pela ampla oferta de opções de plantas. Serão duas torres com acessos independentes, que atenderão a diferentes perfis em uma localização privilegiada.

Os edifícios estarão a cerca de cinco minutos da estação Adolfo Pinheiro e da estação Alto da Boa Vista (linha 5-lilás) e a poucos metros da avenida João Dias.

Na torre Hi Residence do Hi View Alto da Boa Vista, famílias em busca de mais conforto e espaço encontrarão apartamentos de 125 m², com três suítes e duas vagas de garagem. Outra opção é a planta de 95 m², com três dormitórios e uma vaga.

Além de uma área residencial inteligente e confortável, o morador também contará com uma vista incrível para a hípica, além das atrações de lazer e comodidades que agregam qualidade de vida.

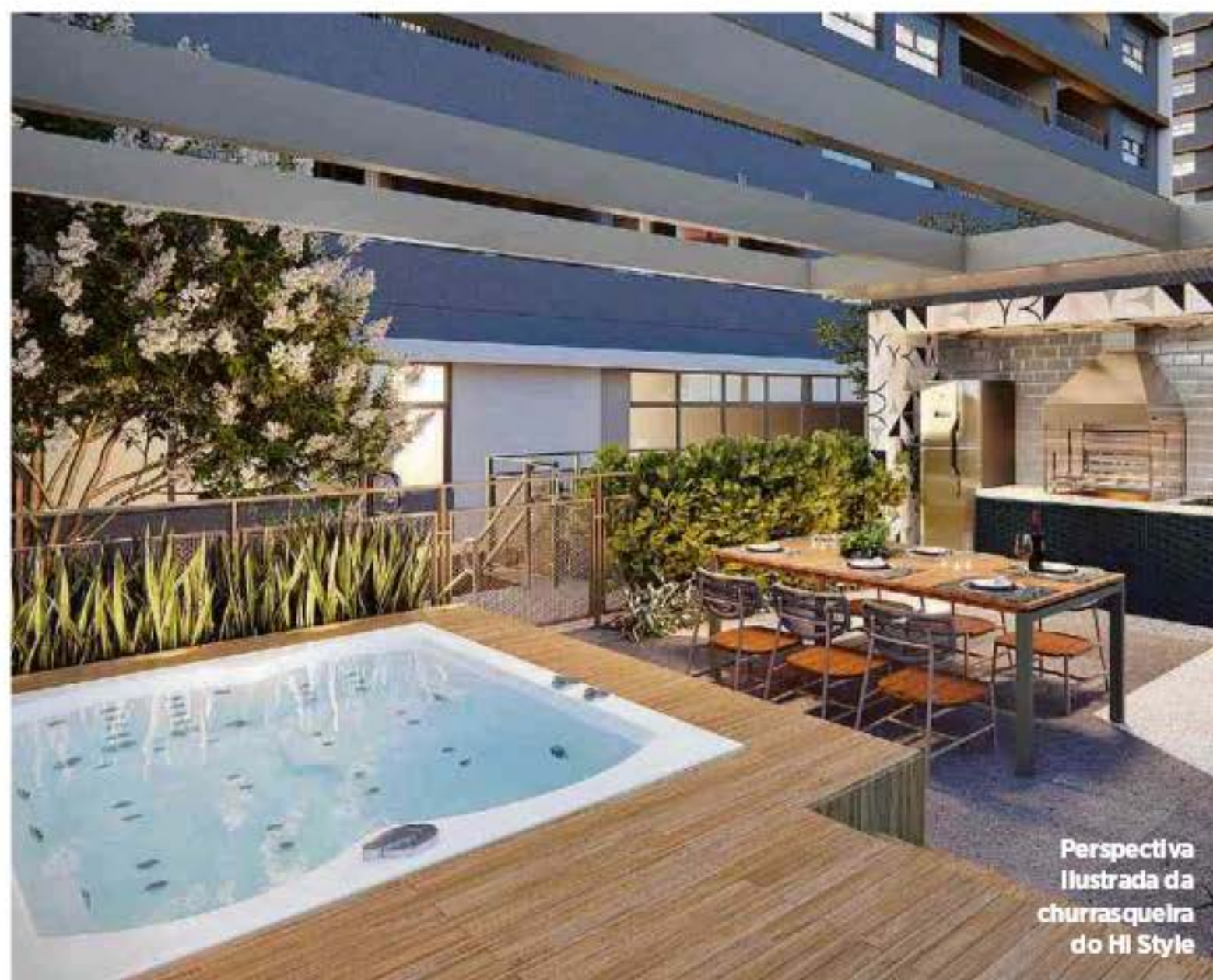
O empreendimento terá piscina adulto com deck molhado e piscina infantil, lounge, quadra, churrasqueira, playground, fitness externo e praça.

As áreas internas contarão com salão de festas, espaço gourmet, salão de jogos, fitness, brinquedoteca, bicicletário, coworking e beauty space.

A torre Hi Style será direcionada para pessoas solteiras ou casais em busca de praticidade, funcionalidade e modernidade, sem abrir mão do conforto.

Entre as plantas disponíveis para esse público há studios de 24m², 25m² e 33m² e apartamentos de um (52m²) ou dois dormitórios (49m², 54m², 55m² e 56m²).

As áreas comuns irão oferecer piscina, churrasqueira, praça, salão de festas, fitness e bicicletário. O coworking e a lavanderia acrescentam mais praticidade ao dia a dia.

Em comum, as duas torres terão uma localização privilegiada na cidade oferecendo a possibilidade de morar bem com São Paulo a seus pés.

Perspectiva ilustrada da churrasqueira do Hi Style

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS BROOKLIN

MORAR COM CLASSE

Vista aérea da Ponte Estaiada, no Brooklin

Shutterstock

Com ampla oferta de comércio e serviços, localização privilegiada e noite agradável, Brooklin é um dos melhores bairros para quem quer estar perto do burburinho dos negócios sem perder qualidade de vida

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Emiliano Capozoli/Estúdio Folha

COMPLETO

Ponte Estaiada

Brooklin se destaca como um dos melhores bairros para morar em São Paulo

Ao unir o dinamismo dos grandes centros de negócios, uma infraestrutura completa de comércio, transporte e serviços e a tranquilidade de ruas arborizadas e parques charmosos, o Brooklin se destaca como um dos melhores bairros para morar em São Paulo.

Localizada entre os distritos do Itaim Bibi e de Santo Amaro, a região é uma das mais valorizadas da cidade.

O Brooklin apresenta uma ótima mobilidade. A estação da linha 5-lilás do metrô tornou ainda mais fácil o deslocamento para outras regiões — permite conexão com as linhas 1-azul e 2-verde.

Ela está localizada na confluência entre a avenida Santo Amaro e a avenida Roque Petroni Júnior e atende os corredores de ônibus Santo Amaro-Nove de Julho-Centro e Diadema-Morumbi.

Ao lado da marginal Pinheiros, a região é servida por importantes avenidas como dos Bandeirantes, Roque Petroni Júnior, Professor Vicente Rao, Jornalista Roberto Marinho, Washington Luís e Santo Amaro, entre outras. O aeroporto de Congonhas está localizado a poucos quilômetros de distância.

No Brooklin também é possível resolver diversas tarefas do dia a dia sem tirar o carro da garagem, caminhando ou pedalando pelas ciclovias e ciclofaixas.

O bairro oferece uma ampla variedade de supermercados, padarias, pet shops, academias, lavanderias e cafés.

O Brooklin também é referência em educação e abriga escolas como Vértice, Anhembi-Morumbi, Adventista do Brooklin, Curumim, Aubrick e Criem.

Entre os hospitais da região estão São Luís, Santa Paula e Oswaldo Cruz, além de laboratórios como Fleury, A+ e Delboni Auriemo.

A qualidade de vida que o bairro oferece fica ainda mais evidente com sua oferta de lazer e cultura. Casas de shows como Tom Brasil, Credicard Hall e Teatro Alfa oferecem apresentações musicais, balés e espetáculos teatrais.

Apresentações mais intimistas podem ser apreciadas em salas como a do Teatro Vivo e a do shopping Morumbi.

SHOPPINGS DE LUXO SE DESTACAM NA REGIÃO

O Brooklin e seus arredores concentram alguns dos melhores e mais luxuosos centros de compras de São Paulo.

O shopping Morumbi se destaca pela variedade e pela qualidade de suas 483 lojas de marcas nacionais e internacionais. O local ainda possui teatro, salas de cinema, restaurantes e bares, como Saj, Zucco e boteco Pirajá.

O Morumbi ainda oferece área para recarga de carro híbrido, estacionamento com manobrista, espaço família e uma série de outros serviços.

Seu vizinho, o Market Place apresenta um bom mix de lojas e restaurantes, além de salas de cinema.

O D&D, por sua vez, é referência em itens de decoração.

A poucos minutos dali fica o shopping mais luxuoso de São Paulo. O JK possui 211 lojas, oito salas de cinema e teatro e um projeto arquitetônico que privilegia a entrada de luz natural, criando um ambiente vibrante e charmoso.

Mas não é preciso ir apenas a shoppings para fazer boas compras na região. Grandes lojas como Decathlon e Etna têm unidades nessa área da cidade.

Alberto Rocha/Estúdio Folha

Morumbi Shopping

EstúdioFOLHA APRESENTA

Verissimo/Divulgação

VERISSIMO

Homenageia o escritor Luis Fernando Verissimo e serve pratos e petiscos clássicos de boteco. Entre os pratos, destacam-se opções como o bacalhau sobre gratan de batatas infusionadas em ervas, com tomates confitados, azeitona azzapa e ovo cozido. A ótima carta de coquetéis foi reformulada recentemente e ganhou drinks como o moscow mule (vodca, limão, açúcar, angustura e espuma de gengibre). **R. Flórida, 1.488; tel.: 5506-5748**

TULSI

O restaurante é especializado em pratos da região norte da Índia, suavizados com a diminuição da pimenta e a adição de ingredientes como nata, creme fresco, castanha de caju, nozes e frutas secas. **R. Quintana, 1.012; tel.: 5508-5128**

SABOR A GOSTO

Região concentra bares e restaurantes de estilos variados que apresentam a culinária de diversas partes do mundo

KOBU

O restaurante apresenta pratos tradicionais da culinária japonesa e releituras do chef da casa. Para quem quer provar várias delícias, oferece duas opções de sequência: tradicional e premium. **R. Kansas, 1.595; tel.: 2306-6684**

SANTO GRÃO

Cafés de várias regiões do Brasil estão à disposição para quem quer aproveitar o ambiente aconchegante. Tem menus de café da manhã e almoço, além de salgados e doces para acompanhar a bebida que é o forte do local. **Av. Dr. Chucri Zaidan; 1.240; tel.: 3957 9592**

Portucho/Divulgação

VICOLO NOSTRO

Serve pratos com inspiração na culinária do norte da Itália. Entre as delícias estão as polentas moles e massas como o fettuccine fresco aromatizado com azeite de trufas brancas e fonduta de parmesão, servida com abobrinhas grelhadas. Produz os próprios pães e massas. **R. Jataituba, 29; tel.: 5561-5287**

PORTUCHO

Em ambiente rústico e aconchegante apresenta ótimos cortes de carnes argentinas e uruguaias assados em parrilla argentina. Sazonalmente recebe cortes de Wagyu, raça japonesa de onde é tirado o kobe beef. **R. Pássaro e Flores, 239; tel.: 5542-3139**

EstúdioFOLHA APRESENTA

Eztec/Divulgação

PRIMEIRA CLASSE

Perspectiva ilustrada da área da piscina do Arkadio Brooklin

Arkadio leva padrão internacional ao Brooklin, em localização privilegiada, com apartamentos aconchegantes, lazer luxuoso e vista estonteante com São Paulo a seus pés

Perspectiva ilustrada do terraço decorado do Arkadio Brooklin

Uma escultura urbana, um marco na paisagem, uma nova forma de morar. Com o residencial Arkadio, a EZTec leva à região do Brooklin um empreendimento único, de padrão internacional e em localização privilegiada.

Assinado por Carlos Ott, renomado designer internacional, estará localizado próximo ao eixo corporativo das avenidas Chucri Zaidan/Nações Unidas e Luís Carlos Berrini, a shoppings badalados, hotéis de luxo e empresas multinacionais.

A agitação, no entanto, ficará apenas ao redor. O empreendimento apresentará apartamentos aconchegantes, que valorizam a privacidade e a comodidade.

As plantas terão de 107 m² a 180 m², com de três dormitórios a quatro suítes e duas ou três vagas na garagem. Os apartamentos com 142 m² e 180 m² terão hall social exclusivo.

A CIDADE VISTA DE CIMA

O conceito 'touch the sky' foi incorporado ao projeto do residencial. O Arkadio terá um rooftop magnífico, a 100 m de altura, com piscina de 25 m com deck molhado e solarium.

Inspiradas nos mais prestigiados resorts, as áreas comuns terão quadra de tênis, piscinas cobertas, fitness com design da Cia Athletica, salão de jogos, brinquedoteca, playground e sala de massagem. Elegantes, os ambientes para receber incluem salão de festas com lounge e espaço de churrasqueira gourmet.

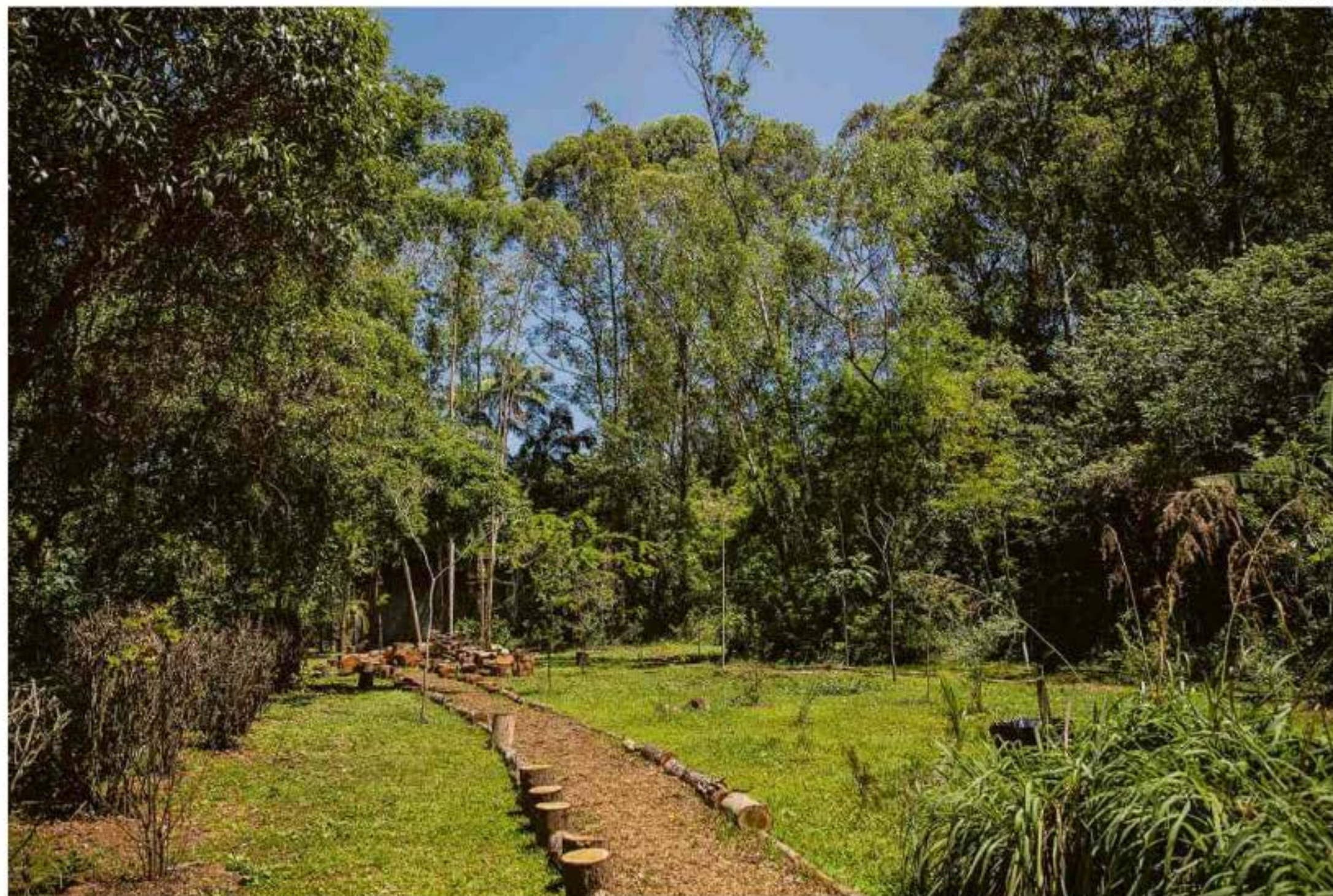
O projeto de decoração é de Priscilla Zarzur, e o paisagismo é assinado por Benedito Abbud.

O empreendimento oferecerá ainda serviços de hotel exclusivos como arrumação e limpeza, apoio para quando o morador estiver fora —regar plantas, reposição de comida e água ao pet etc.—, reparos e envio de roupa à lavandaria, manutenção de apartamento, compras de supermercado, café da manhã e wellness, entre outros.

Parceria com estabelecimentos próximos ao residencial também tornarão mais fácil o acesso a serviços como lavanderia, lava-rápido, farmácia, pet shop, salões de estética e padarias, entre outros. Também será possível conseguir indicação e reservas para bares, restaurantes, museus, cinema, teatro, parques e passeios turísticos.

Com estrutura de hotel cinco estrelas, o Arkadio proporcionará uma nova experiência de morar, com luxo, conforto, tranquilidade e São Paulo a seus pés.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Alberto Rocha/Estúdio Folha

SOMBRA E SOSSEGO

Um pequeno parque encravado no Brooklin proporciona um refúgio para os moradores da região. O bosque do Brooklin é uma agradável área verde com 7.600 m², com um circuito sob as árvores ideal para caminhadas, corridas e ou apenas para um passeio. O local também conta com um cercado para pets, onde é possível deixar os animais brincarem tranquilamente e com segurança. Outro parque agradável no Brooklin é o **Cordeiro - Martin Luther King**. Com pistas de caminhada e de ciclismo, aparelhos de ginástica, playground, paraciclos, quadra poliesportiva, palco e espelho d'água, é perfeito para a diversão de toda a família

CARTÃO-POSTAL

Com seus arranha-céus e edifícios modernos, o Brooklin se tornou um marco da arquitetura em São Paulo. Entre os edifícios mais marcantes estão o centro empresarial Nações Unidas e o World Trade Center. A região também abriga a ponte Octávio Frias de Oliveira, popularmente conhecida como estaiada, que se tornou um dos cartões postais da cidade. Essa área da cidade receberá um parque linear, que tem entrega prometida para 2022. Localizado à margem oeste do rio Pinheiros, terá 8,2 km de extensão do Projeto Pomar até a ponte Cidade Jardim, com ciclovia, pista de corrida e área verde

MUITO ALÉM DOS NEGÓCIOS

Região conhecida pelo burburinho de um dos principais centros financeiros de São Paulo guarda segredos para quem busca bem-estar, lazer e cultura

DELEITE PARA OS OLHOS

A Galeria L'oeil, da Aliança Francesa, é um agradável espaço para apreciação da arte no Brooklin. O local investe no diálogo e na sinergia entre as culturas francesa e brasileira e apresenta exposições de pinturas, esculturas, moda e design

SABORES COM SOTAQUE

A região do Brooklin recebe forte influência de descendentes de alemães, que marcam sua gastronomia. Restaurantes típicos como Zur Alten Muhle, **Bierquelle** e Die Meister Stube servem pratos tradicionais como eisbein (joelho de porco), salsichas, chucrute e paprika schnitzel, feito com carne de porco a milanesa. O bairro também recebe a Brooklinfest, evento multicultural que reúne música, danças folclóricas, feira de livros e gastronomia, entre outros

Bierquelle/Divulgação

Lucas Dias Pereira/Brique/Divulgação

Espaço Wood/Divulgação

SOFISTICAÇÃO PARA CELEBRAR

Com um espaço moderno, versátil e sofisticado, o **Espaço Wood** organiza festas e eventos com alta qualidade. O ambiente pode ser montado de diferentes formas, para acomodar comemorações mais formais ou mais despojadas, com a possibilidade de realização de cerimônias de casamento no local. A produção é comandada pela chef Manoela Zarzur. O Espaço Wood também é ideal para festas de debutantes, com detalhes personalizados e serviço com finger food, que permite aos jovens continuarem a se divertir enquanto saboreiam as delícias do cardápio. Marcas e empresas encontram ali um local versátil, adaptável às variadas demandas dos eventos corporativos, sejam palestras, lançamentos, treinamentos, confraternizações e happy hours, entre outros.

MOMENTOS DE RELAXAMENTO

O Brooklin guarda um verdadeiro oásis para quem quer fugir da agitação da cidade e se conectar a boas energias. O **Buddha Spa** oferece 25 terapias, como massagens, banhos e tratamentos estéticos, além de serviços especiais para homens, gestantes e pós-parto. A base do atendimento está na busca pela ativação dos cinco sentidos, com o uso de sons, aromas, chás e cremes, entre outros

ALÉM DA PADOCA

O empresário e chef Marcos Livi, responsável por casas como Quintana, Verissimo, Napoli e Distrito Urbano, levou ao Brooklin um novo espaço multifuncional, o **Brique**. O local é mais do que uma megapadaria. Além de servir ótimas opções para comer durante o dia todo, também é minimercado e empório, com delícias para todos os gostos. De sua cozinha saem itens como o pão de azeitona de fermentação natural, ovos nos mais variados preparos, cafés, sucos e drinques caprichados

Buddha Spa/Divulgação

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO

NOS BAIRROS
ALTO DA LAPA
VILA LEOPOLDINA
CITY AMÉRICA

VERDE E QUALIDADE DE VIDA

Parque Cidade de Toronto

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Proximidade a parques, como o Cidade de Toronto, no bairro City América, promove acesso à natureza, bem-estar e valorização dos imóveis

Oásis
Parque Cidade de Toronto tem estrutura de lazer para todas as idades Pág. 3

Sob medida
Bairros planejados oferecem infraestrutura urbana e comodidade aos moradores Pág. 4

Únicos
City América, Vila Leopoldina e Alto da Lapa unem localização e bons serviço Pág. 6

Este é um exemplar cortesia da Folha de S.Paulo – caderno especial Mercado Imobiliário. Distribuição autorizada pelo Artigo 26, parágrafo 2º da Lei 14.517/2007, com nova redação dada pela Lei nº 14.583/2007.
Projeto de Marketing realizado pelo Departamento Comercial da Folha de S.Paulo. Diagramação: Filipe Rocha. Jornalista responsável: Vaguinaldo Marinheiro.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Rua Cardel Motta

VIVA MELHOR

Morar próximo a parques proporciona contato com a natureza, acesso fácil à prática de esportes e ao lazer e valorização do imóvel

Ter uma área verde como vizinha pode ser a solução para quem procura uma vida mais saudável, agradável e divertida na cidade grande.

Ao escolher imóveis próximos a parques, os moradores conseguem acesso à prática de atividades físicas, ao lazer, ao entretenimento e ao descanso de forma fácil, tranquila e gratuita, cuidando da saúde física e mental. Além de poder usufruir de belas paisagens e de encontrar um refúgio para os momentos de descanso e contemplação.

Estudos mostram que a vida perto da natureza ajuda a reduzir problemas como ansiedade e depressão, além do risco de outras doenças cardiológicas, renais e respiratórias.

Estudos do Departamento de Saúde dos Estados Unidos mostraram que o índice de diabetes nas pessoas que moram próximo de áreas verdes é 14% mais baixo do que o da população em geral. A incidência de hipertensão é 13% menor.

Um levantamento da Escola de Saúde Pública de Harvard, nos Estados Unidos, por sua vez, revelou que morar perto de bosques, parques e jardins também está associado a uma longevidade maior.

Os parques ajudam a controlar a temperatura da região, já que as árvores e as plantas regulam a umidade, proporcionando sensação térmica mais agradável. A qualidade do ar também tende a ser melhor nessas localidades, ajudando no controle de problemas respiratórios.

Áreas verdes com boa infraestrutura são um convite a atividades físicas como caminhada, corrida, ciclismo, skate e patins, além da prática de esportes de quadra ou de campo.

A presença de playgrounds e outras estruturas planejadas para crianças também proporcionam uma alternativa saudável de lazer, ajudando no desenvolvimento físico e intelectual dos pequenos.

A proximidade de áreas verdes também é um fator importante na valorização dos imóveis. Dados do mercado imobiliário brasileiro mostram que, em média, empreendimentos localizados perto de parques podem sofrer uma valorização de até 20%. Em algumas regiões de São Paulo, o índice pode chegar a 60%.

Os parques são excelentes vizinhos e proporcionam benefícios para a saúde, para a convivência com quem mora no bairro e para quem quer investir.

EstúdioFOLHA APRESENTA

Fotos Keiny Andrade/Estúdio Folha

CHARME E LAZER NO PARQUE TORONTO

Parque Cidade de Toronto

Área verde foi criada em parceria com canadenses e apresenta estruturas para o lazer e para o descanso de toda a família

Uma das áreas verdes mais charmosas da zona norte de São Paulo, o parque Cidade de Toronto oferece belas paisagens e ótimas estruturas de lazer e esportes para os moradores da região.

Fruto de uma parceria entre as cidades de São Paulo e Toronto, esse oásis apresenta aparelhos de ginástica, pista para corrida e caminhada, quadras poliesportivas, paraciclo, churrasqueira, quiosques e mesas para piqueniques, entre outras atrações.

As crianças têm à disposição um playground com brinquedos canadenses, que proporcionam diferentes desafios e níveis de estímulos para as mais variadas idades.

O parque conta com trilhas em meio às árvores e um charmoso trapiche, que leva a um passeio sobre as áreas de brejo e de várzea e sobre o lago.

O local é repleto de plantas e animais típicos desse tipo de ecossistema. Há registro de 146 espécies, incluindo insetos, peixes, répteis (como os cágados), anfíbios e mamíferos (como preá e furão). Já foram identificados 112 tipos de aves no local, entre eles frangos-d'água, martins-pescadores e garças.

A vegetação do parque Cidade de Toronto mistura Brasil e Canadá. Ali são encontradas predominantemente as espécies de áreas de brejo, mas há também um bosque com árvores e plantas que caracterizam a paisagem canadense, áreas ajardinadas e um trecho de reflorestamento com espécies nativas de mata atlântica.

O parque possui um palco e recebe shows, eventos culturais, como contação de histórias, e disputas esportivas, como provas de circuitos de corrida.

Bastante visitado por quem procura tranquilidade e sossego, o Cidade de Toronto é um oásis para os moradores da região.

EstúdioFOLHA APRESENTA

PENSADO PARA VOCÊ

Bairros planejados oferecem infraestrutura urbana, segurança e acesso a serviços e lazer, proporcionando maior qualidade de vida

Bairros planejados oferecem a oportunidade única para o morador contar com infraestrutura urbana completa, comodidades, segurança e lazer diferenciado.

Poucos empreendimentos nas grandes cidades conseguem unir todas essas características, o que os tornam ainda mais valorizados e desejados.

Esses bairros são projetados para atender a todas as necessidades dos moradores. O objetivo é que as pessoas tenham à disposição serviços, comodidades e estruturas que lhes permitam se divertir e resolver questões do dia a dia sem precisar sair do bairro.

Uma das vantagens da vida em bairros planejados é a infraestrutura urbana completa que eles oferecem, com vias planejadas para dar vazão ao trânsito local e segurança aos pedestres, sistemas de esgoto e escoamento de água da chuva e iluminação, entre outros.

A segurança também é um item que recebe atenção especial. Bairros planejados costumam ser cercados, com entradas e saídas monitoradas, além de vigilância constante.

As áreas de lazer costumam se destacar, com estruturas pensadas para crianças, jovens e adultos, proporcionando mais qualidade de vida e opções de entretenimento para toda a família.

Por estarem inseridos em terrenos amplos, esses bairros proporcionam ainda contato com o verde, com paisagismo pensado para criar ambientes de tranquilidade e contemplação, além de melhorar a qualidade do ar.

Os bairros planejados oferecem acesso facilitado a serviços. Alguns deles incluem lojas, bancos, mercados e restaurantes, entre outros.

Por conta de todas essas estruturas e pela escassez da oferta de terrenos amplos bem localizados nas grandes cidades, os bairros planejados são bastante desejados.

Além de os imóveis desses empreendimentos serem mais valorizados, eles também impactam a região em que estão inseridos, provocando transformações e atraindo novos comércios, serviços e moradores em busca de mais qualidade de vida.

EstúdioFOLHA APRESENTA

City América, Vila Leopoldina e Alto da Lapa unem excelente localização, mobilidade, tranquilidade, áreas verdes e o burburinho do comércio e do lazer de qualidade

Eztec/Divulgação

Marginal Tietê

DESTAQUE

Rodovia dos Bandeiras

Keiny Andrade/Estúdio Folha

Próximos à confluência de duas grandes rodovias com uma das principais vias de São Paulo, os bairros de City América, Vila Leopoldina e Alto da Lapa não param de se desenvolver e proporcionam qualidade de vida e comodidade aos seus moradores.

City América se destaca por suas ruas arborizadas e tranquilas e pela vizinhança privilegiada, ao lado do parque Cidade de Toronto.

O local oferece bosques com espécies da vegetação canadense, da mata atlântica e dos brejos, além de estruturas de lazer e para a prática de esportes, sendo um oásis para os moradores.

O bairro também abriga o parque São Domingos, outra bela área verde da região noroeste de São Paulo.

City América está localizado ao lado da marginal Tietê, uma das principais vias da cidade, que permite acesso a diferentes áreas. É ladeado também pelas rodovias dos Bandeirantes e Anhanguera, vias de integração da capital com o interior do estado.

A região é servida ainda pela avenida do Anastácio, que oferece serviços e comércio, além de fácil acesso a outros bairros de São Paulo.

Também às margens da marginal Tietê, Vila Leopoldina e Alto da Lapa são alguns dos bairros mais desejados e valorizados da zona oeste e oferecem vastas opções de lojas, supermercados (como Extra, Sonda, Dia, Mambo e Pão de Açúcar), bancos, padarias, clubes, restaurantes etc.

Nos últimos anos, a Vila Leopoldina passou por uma grande transformação, deixando de lado sua vocação industrial para receber cada vez mais restaurantes, bares e atrações de lazer.

O bairro tem uma cena gastronômica em ascensão, com restaurantes como o japonês Huahine Sushi, a cantina Nello's e o Rinconcito Peruano.

A Vila Leopoldina concentra ainda atrações culturais como o teatro UMC, o Centro Cultural Sesi Vila Leopoldina e o Galpão VB, com obras de arte e restaurante.

Essa área da cidade também abriga o parque Villa-Lobos e o shopping que leva o mesmo nome e é uma das principais opções de compras da região.

O Alto da Lapa, por sua vez, é uma região que mescla ruas arborizadas e elegantes com o burburinho do comércio da região.

Nos bairros vizinhos, como Água Branca e Lapa de Baixo, é possível aproveitar atrações culturais, como o MIS Experience, espaço do Museu da Imagem e do Som que usa a tecnologia para criar experiências imersivas e que mexem com todos os sentidos, e o Museu da Imaginação, um dos programas mais interessantes para crianças na cidade.

Fotos EZTEC/Divulgação

Perspectiva ilustrada do Tourmaline

Perspectiva ilustrada do Emerald

TRANSFORMADOR

Bairro planejado e com lazer de clube chega à região do City América

A Eztec apresenta um empreendimento que promete transformar a região de City América, próximo à Vila Leopoldina e ao Alto da Lapa. Um bairro planejado que levará verde, lazer e qualidade de vida a essa área especial da cidade.

O empreendimento terá 12 torres dispostas em dois subcondomínios independentes, com acesso por rua privativa e infraestrutura completa.

O Unique Green concentra em um só lugar o residencial e um mall de conveniências, com cafés, lojas e serviços, além de áreas de lazer e convivência únicas.

Localizado próximo a importantes vias como rodovias Anhanguera e Bandeirantes com a marginal Tietê, permitindo deslocamento fácil para diversas áreas da cidade, o bairro planejado terá como vizinho o parque Cidade de Toronto, promovendo contato com a natureza a poucos metros de casa.

Dois lançamentos residenciais são destaque no bairro: o Emerald e o Tourmaline.

O Tourmaline tem apartamentos com plantas projetadas para promover o maior aproveitamento dos espaços com conforto e comodidade. Ele apresenta residências com de dois a quatro dormitórios, 69 m² a 106 m², churrasqueira na varanda e uma ou duas vagas de garagem.

As áreas comuns terão estrutura de lazer completa, como a de um clube, além de espaços para cuidados com a saúde e o bem-estar.

Entre as comodidades à disposição dos moradores estão salão de festas adulto e infantil, espaço de coworking, salão de jogos, sala de projeção de filmes, sala de lazer, ateliê para arte e trabalhos manuais, espaço mulher, espaço beleza, spa, fitness aeróbico e de musculação, playground, brinquedoteca, quadra recreativa e campo gramado.

O Tourmaline também contará com piscina com raia, piscina infantil e um bar para quem quiser relaxar à beira da água.

O Emerald, por sua vez, apresenta residências mais amplas, com quatro dormitórios, de 112 m² a 152 m², churrasqueira na varanda e duas ou três vagas de garagem.

Além das plantas confortáveis e convidativas, o residencial também oferecerá comodidades e áreas de lazer completas.

O Emerald terá espaços especiais para festas: salão de festas lounge, salão de festas gourmet e churrasqueira.

Quem gosta de se exercitar terá à disposição fitness, sala de ginástica, praça fitness e quadra de tênis.

As crianças poderão se divertir no salão de jogos, na brinquedoteca e no playground.

As atrações aquáticas incluem piscina adulto coberta e descoberta e infantil.

Os moradores contarão ainda com espaço beleza, spa descanso e pet place. Um conjunto de atrações e facilidades que irão transformar a forma de morar na região.